

Em terras de Gaza.

Cruz, Daniel da, b. 1880.

Porto, Gazeta das Aldeias, 1910.

[http://hdl.handle.net/2027/uc1.\\$b577916](http://hdl.handle.net/2027/uc1.$b577916)

HathiTrust



www.hathitrust.org

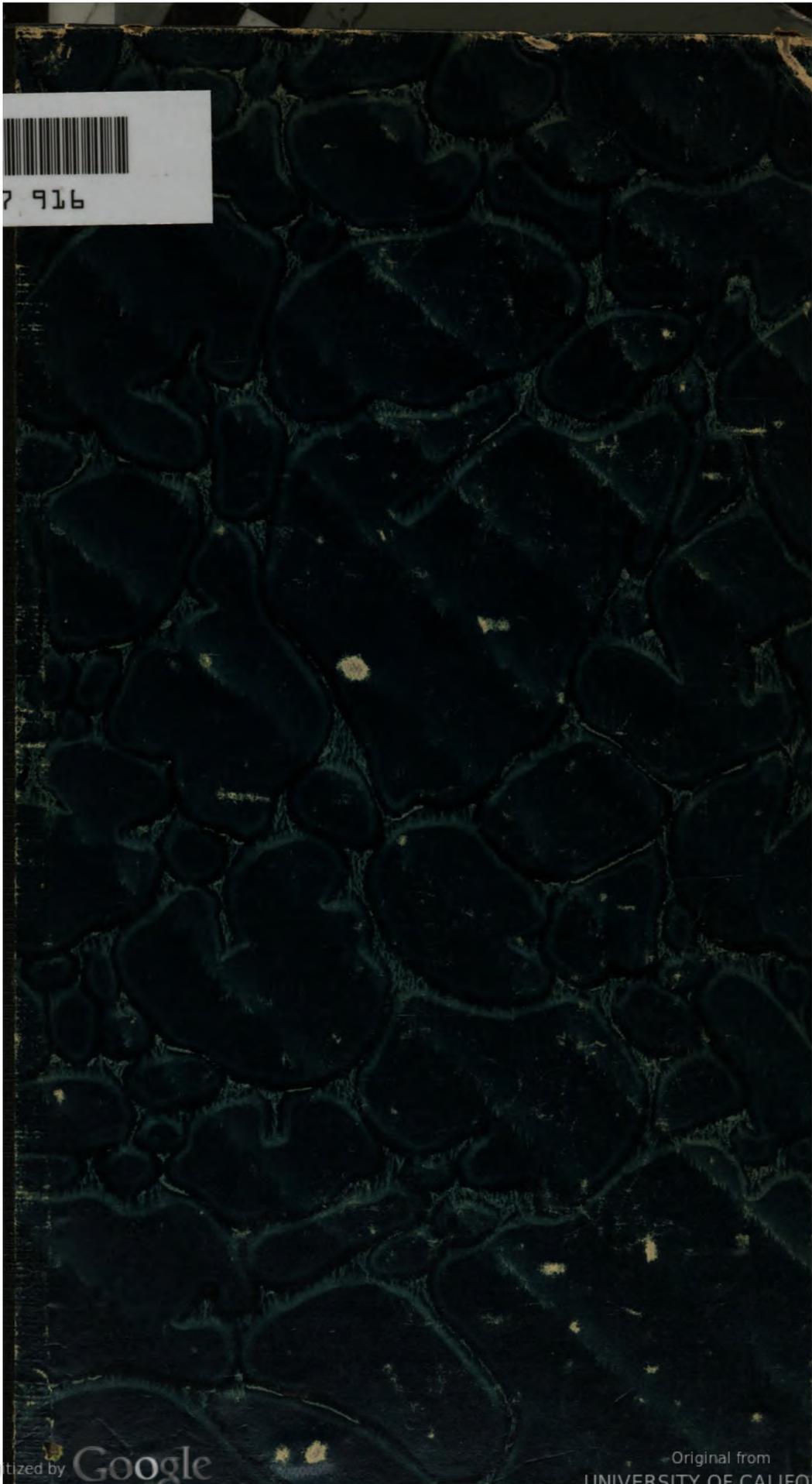
**Public Domain in the United States,
Google-digitized**

http://www.hathitrust.org/access_use#pd-us-google

We have determined this work to be in the public domain in the United States of America. It may not be in the public domain in other countries. Copies are provided as a preservation service. Particularly outside of the United States, persons receiving copies should make appropriate efforts to determine the copyright status of the work in their country and use the work accordingly. It is possible that current copyright holders, heirs or the estate of the authors of individual portions of the work, such as illustrations or photographs, assert copyrights over these portions. Depending on the nature of subsequent use that is made, additional rights may need to be obtained independently of anything we can address. The digital images and OCR of this work were produced by Google, Inc. (indicated by a watermark on each page in the PageTurner). Google requests that the images and OCR not be re-hosted, redistributed or used commercially. The images are provided for educational, scholarly, non-commercial purposes.



7 916

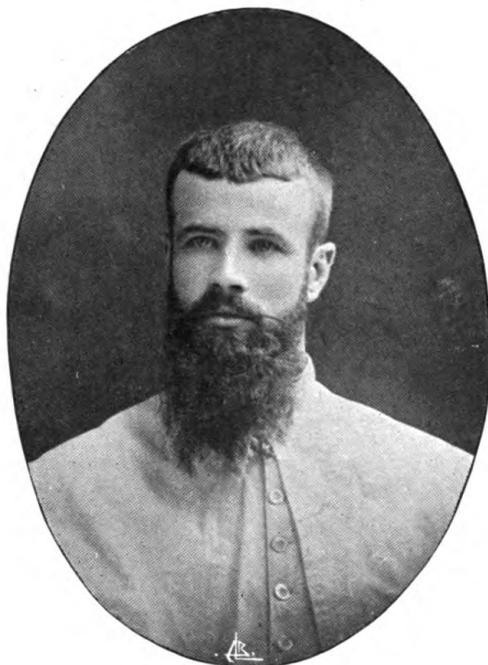




Emmanuel de Souza

Em terras de Gaza

Reservados os direitos de reprodução no Brazil conforme preceitua a Lei 496 de 1 de Agosto de 1898. Registrado na Bibliotheca Nacional de Lisboa, Porto e Universidade de Coimbra, em harmonia com a *Lei de Imprensa* em vigor, segundo o art. 604 do Codigo Civil.



P.º DANIEL DA CRUZ

Da Associação Missionaria Portuguesa e ex-missionario no Chai-Chai

BIBLIOTHECA GEOGRAPHICA E COLONIAL

Em terras de Gaza

PELO

P.^E DANIEL DA CRUZ
II

Da Associação Missionaria Portuguesa
e ex-missionario do Chai-Chai



PORTO

GAZETA DAS ALDEIAS

Rua do Sá da Bandeira, 257-1.º

1910

~~XA512~~

Composto e impresso na Typographia Santos
62, Rua das Flores, 64 — Porto

DT465
G2C7

PROLOGO

No empenho eminentemente patriótico e humanitário de difundir entre os povos selvagens da nossa Africa Oriental as luzes do Evangelho e os progressos da civilização, foi em 1898 fundada uma missão na cidade da Beira, capital dos territorios da *Companhia de Moçambique*, pelos padres da ASSOCIAÇÃO MISSIONARIA PORTUGUEZA, que para esse fim enviara tres padres e outros tantos auxiliares.

Faltos de tudo o que é necessario á vida e funcionamento duma missão, salva a valiosa coadjuvação e boa vontade das auctoridades e povo da Beira, tiveram a principio de lutar com grandes difficuldades.

Tomando conta da parochia, capellania do hospital e escola primaria, tinham já aberto um grande campo de acção, que elles por sua iniciativa foram augmentando com outros encargos proprios do seu ministerio. Como, porém, os seus esforços se deviam dirigir dum modo especial a favor dos indigenas, pois este era o fim principal da missão, lembraram-se de Mutundo, povoação indigena a dois kilometros da Beira, e centro de outras aldeias bastante populosas.



1—Aldeia do Mutundo

Não foi intento dos missionarios fundar ali uma missão em forma, não só pelos diminutos resultados praticos que dessa empreza se podiam esperar, por causas que não são para aqui expôr, mas tambem pela insalubridade do local muito pantanoso e miasmatico. Apezar disso, edificaram ahi uma pequena capella e escola, de madeira e zinco, tudo abrigado por alguns velhos e frondosos cajueiros que lhe davam sombra e frescura. Era pois esta estação de character provisorio, e devia ceder o logar, como de facto cedeu, a novas emprezas que mais tarde se deviam iniciar, sendo entretanto envidados pelos missionarios todos os esforços possiveis para a regeneração intellectual e moral daquelles povos que ali se agglomeravam em volta da modesta capellinha.

Na Beira lançaram logo os fundamentos dum sumptuoso templo, cuja fabrica, por extrema falta de recursos, só pôde continuar em 1908, patrocinada pelo governador dos territorios da *Companhia*, o snr. Alberto Celestino Ferreira Pinto Bastos. Entretanto foram pedidas duas novas missões aos padres da Associação Missionaria Portugueza—uma em Amatongas e outra no Mussurize—mas que não foi possivel levar a effeito por motivos justificados.

Foi então, e em consequencia disso, que tomaram conta da missão de S. José de Mongué, junto de Inhambane, para onde enviaram dois padres e dois auxiliares. Por essa mesma occasião iniciavam os missionarios da Beira uma obra de grande alcance social, dum futuro altamente promettedor, e certamente a mais fecunda instituição a que se podem dedicar as nossas missões no Ultramar. Refiro-me á Escola d'Artes e Officios.

Até ali tinham trabalhado muito, é verdade, empregando grandes esforços na regeneração intellectual e moral dos indigenas, já na escola, já no hospital, e em toda a parte onde podia chegar o seu zelo e boa vontade; mas este trabalho, diga-se a verdade, era em regra um trabalho esteril, sem estabilidade, sem garantias nenhuma para o futuro. O preto, por mais amigo que seja do torrão que o viu nascer, tem uma *patria* muito mais dilatada que a nossa, muda com a maior facilidade duma terra para a outra, principalmente no litoral, para se livrar do trabalho a que o branco o obriga. Alem

disso, é um facto bem notorio que os pretos, por mais civilizados que pareçam, voltando para o mato voltam igualmente ao seu selvagismo primitivo, aos mesmissimos habitos e costumes em que sempre viveram, e nesse estado se consideram mais felizes que no meio civilizado onde sempre estão contrafeitos.

Para fazer, pois, alguma coisa de solido entre os pretos, com respeito á civilização, é preciso começar pela gente miuda, e formar desde os alicerces uma nova geração, pois dos adultos nada ha a esperar, que delles reza o adagio: *preto velho não aprende linguas*; e certamente não haverá esforço humano que lhes faça mudar radicalmente sua vida selvagem e seus habitos grosseiros! Eterna creança, elle assente a todas as propostas, jamais nos contraria, mas por commodidade, por uma certa *delicadeza*, permitta-se-me a expressão, para com o estrangeiro; pois nunca se convencerão de que possa haver para elles outra felicidade que o *batuque*, a *bebe-deira* e a *mandriice*.

Da juventude, pelo contrario, ha tudo a esperar, desde o momento que se lhe subministre uma educação apropriada, solida, completa quanto possivel e bem dirigida, que os vá modificando, fazendo primeiro homens, depois cidadãos, e christãos emfim, uteis a si e á sociedade. Só com taes fundamentos, depois dum certo desenvolvimento da intelligencia e das faculdades, é que elles podem vir a comprehender a moral e a religião; começar pelo opposto é trabalhar inutilmente, é perder todas as inergias, é nunca chegar a fazer nada.

Foi na comprehensão destas verdades, e depois d'alguns annos quasi estereis para a religião e para a sociedade, que os missionarios resolveram dar aos trabalhos da missão outra orientação que a experiencia lhes estava indicando. Nas precarias circumstancias em que se encontravam, o projecto era arrojado, mas a Providencia, e a boa vontade dos habitantes da Beira muito coadjuvaram seus esforços.

A 5 de maio de 1905 abriu-se pela primeira vez a Escola d'Artes e Officios nas acanhadas dependencias da missão, sendo admittidos apenas cinco alumnos a titulo de experiencia. Foi logo contractado um mestre de sapataria e começaram alguns dos rapazes a aprender o officio muito regularmente. Como se iam assim realisan-

do as esperanças dos missionarios, foram admitidos mais alguns rapazes e contractados mestres para as officinas de alfaiataria e carpintaria.



2 — Escola d'Artes e Officios

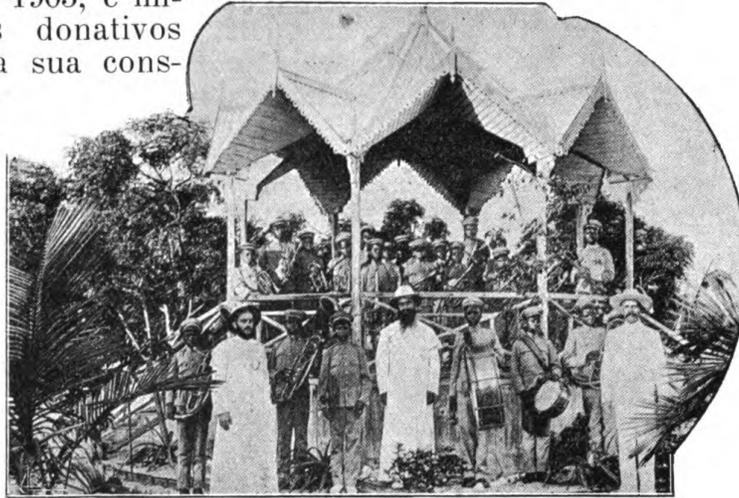
Hoje conta a escola para cima de 50 alumnos e são verdadeiramente consoladores os progressos que se teem realizado, havendo grande movimento de trabalho sobretudo nas officinas de sapataria e alfaiataria, para que todos mais ou menos mostram invejaveis aptidões. Conjunctamente são-lhes subministradas aulas de ler, escrever e catecismo, cuidando-se actualmente de levantar duas novas officinas, de typographia e encadernação, para as quaes já ha machinas e os materiaes mais indispensaveis. Confesso francamente que me encantaram os progressos feitos pela Escola d'Artes e Officios da Beira, os quaes cada dia se vão accentuando mais e mais.

Era realmente prometedora esta benemerita instituição, mas a falta de installações apropriadas paralysoou a principio os seus progressos. Com grande sacrificio levantaram-se novas installações provisórias, mas bastante confortaveis, até que fosse possivel realizar o sonho duma casa modelo, reunindo todas as condições de hygiene, salubridade e commodidade, abrangendo em seu

ambito tudo o que fosse necessario á montagem das officinas projectadas.

Esse sonho é hoje uma consoladora realidade. Foi lançada a primeira pedra desse magnifico edificio a 8 de outubro de 1905, e im-

mensos os donativos que para a sua construção offereceram os generosos habitantes da Beira, sem distincção de nacionalidade ou religião. E' effectivamente á sua grande benemerencia e gene-



3 — Banda da Missão da Beira

rosidade que se deve a rapidez com que foi levantado esse magnifico edificio, um dos melhores da Beira. Está situado na avenida D. Amelia, com a frente para o mar. E' grande, espaçoso, de primeiro andar, com duas magnificas varandas sobrepostas em toda a volta do edificio, offerecendo todas as commodidades que se requerem para uma obra de tal natureza. E' todo de pedra e tijolo, com tecto de zinco.

A sua inauguração foi feita pelo malogrado principe D. Luiz Philippe, por occasião da sua viagem ás nossas colonias africanas.

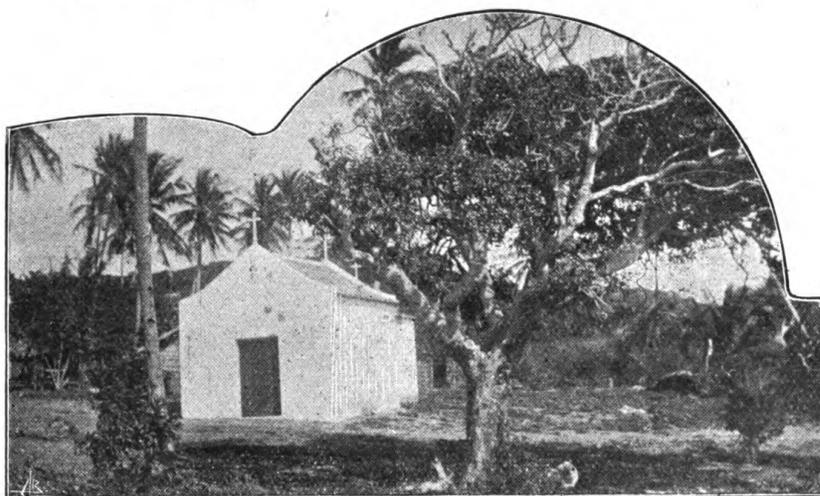
Os progressos dessa instituição e os benemeritos serviços que da mesma tem resultado a favor dos indigenas, que o digam os illustres beirenses, por cujo favor e dedicação ella tem progredido tanto.

Na missão de S. José do Mongué foi igualmente instituido um internato de character particularmente agricola, sendo-lhe ao mesmo tempo subministrados os conhecimentos intellectuaes e moraes indispensaveis a qualquer cidadão. Os seus progressos, porém, não tem podido ser tão avantajados como os da Escola da Beira,

porque são também muito inferiores aos daquela os recursos de que dispõe.

Entretanto offereciam-nos um novo campo de explorações em terras de Gaza, junto ao Limpopo — o Chai-Chai.

Acceite o convite, os missionarios partiram do reino, no dia 1 de outubro de 1906, levando o rumo da Beira, onde chegaram a 4 de novembro. Dois mezes depois seguiam para a missão que ficara creada a 8 de novembro do mesmo anno.



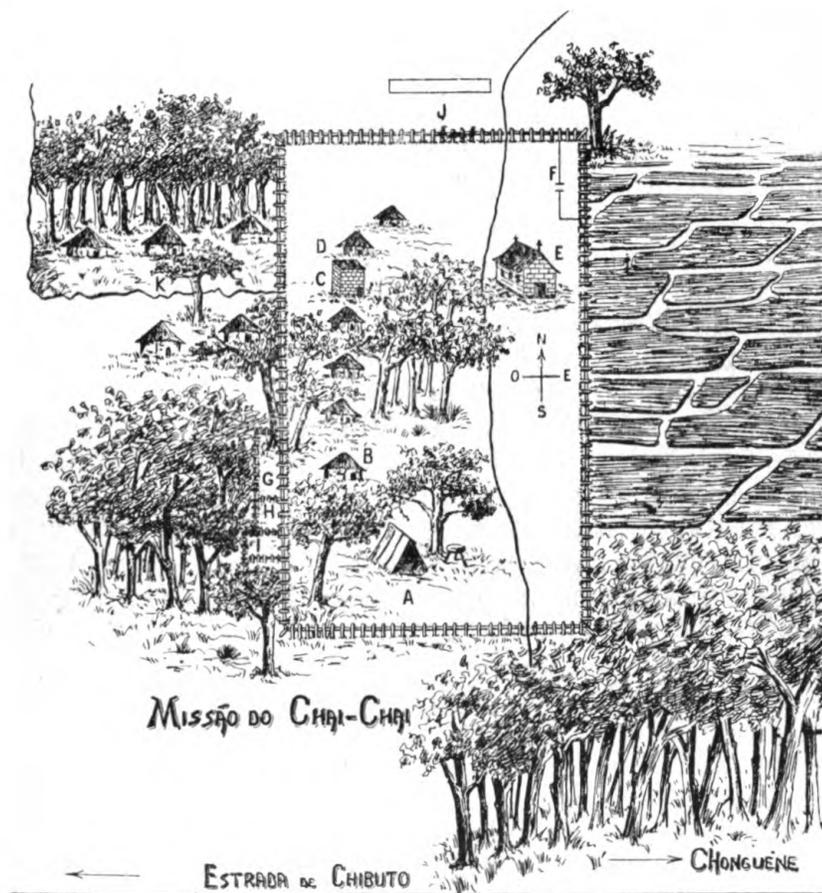
4 — Capella da missão de S. José de Mongué

Com esses missionarios partira eu também, cheio de entusiasmo, embora mais ou menos affectado já de antigo impaludismo que, junto com os trabalhosos inicios da missão e o impaludismo pavoroso da terra — um dos maiores focos da Africa Oriental — me obrigou a retirar um anno após.

Tinha visto succumbir aos rigores do clima um dos nossos mais prestimosos auxiliares e, dia a dia, verificava os estragos que elle causava em todos os meus collegas, em mim, sobretudo, porque, apoderando-se-me dos nervos, m'os refinava, e enchendo-me a alma de fel, malhumorava-me a ponto de me inutilizar completamente, se não tomasse a resolução de voltar aos ares da Patria.

Ainda lá, porém, em virtude de um compromisso, tão honroso da parte da illustre direcção da *Gazeta das*

Aldeias, com quem o eu tomára, quanto da minha era audacioso, por varios motivos, entre os quaes não seria o menor a minha saúde precaria, fui colhendo impressões e noticias e archivando as observações mais completas e serenas que pude fazer da vida e costumes dos pretos.



5 — Plano da missão: A — 1.º edificio; B — Habitações; C — Cozinha; D — Sala de jantar; E — Capella-escola; F — Deposito de madeiras; G, H, I — Estabulos; J — Futura residencia; K — Bairro dos moleques.

Claro que o campo de investigações era vastissimo e prestava-se sobretudo a devaneios mais ou menos rethoricos, mais ou menos philosophicos, transcendentaes e... aereos.

Nada disto fiz ou pretendi sequer, porque nem o tempo me sobejava para tal.

Limitei-me, pois, a apontar as minhas observações tão reaes quanto me foi possível despir-me de mim proprio, resumindo-as num quadro a que simplesmente procurei dar alguma logica e cohesão.

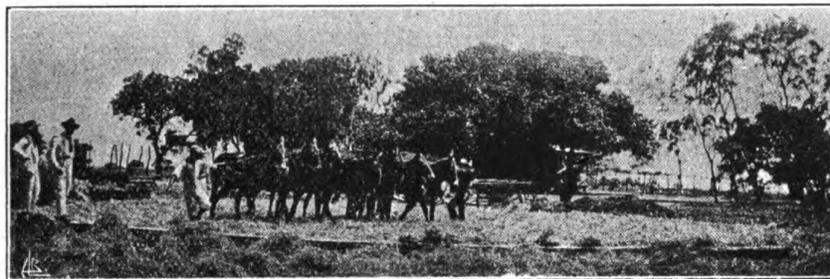
Impunha-se, conseguintemente, o estudo das raças indigenas, em primeiro lugar, como surgente primaria e fundamental, muito embora occulta e, por vezes, indirecta, dos caracteres do povo, das suas instituições sociaes, do seu modo de vida habitual, das fontes de receita:—agricultura, pastoreação e industria.

Mas como quem desconfia da realidade e sobretudo da utilidade das suas observações, as minhas notas, ordenadas como simples artigos avulsos, foram enviadas para a redacção da *Gazeta das Aldeias* que, assim mesmo, os publicou com gentileza tal da parte dos seus directores que não podia deixar de animar o obscuro missionario das *Terras de Gaza*.

Isto, porém, não obstou a que ficasse surpreendido quando o illustre director-proprietario da *Gazeta das Aldeias*, snr. Julio Gama e o seu distincto collega de redacção snr. Eduardo Sequeira me pediram que coordenasse esses artigos afim de os publicar em livro.

E foi tal a intimativa e a lisongeira attitude com-migo observada, que eu devi aceder, retocando artigos e accrescentando-os novos, sem que, por isso, a iniciativa e, consequentemente, a responsabilidade da presente publicação—de modo nenhum ousadia minha—recáia toda nos dois illustres cavalheiros, redactores benemeritos da *Gazeta das Aldeias*.

Mas, a par da responsabilidade, vá tambem a honra.—Que a não é pequena, nem menor é a minha gratidão, para quem soube e quiz valorizar, com sacrificios talvez, mas incontestavelmente com uma boa vontade esclarecida por não menos valioso criterio, o trabalho de um obscuro e ignoto apaixonado pelo genero de estudos que, neste volume archivou, para o depôr nas mãos de um publico que o honrará muito, se o lér com imparcial serenidade e attenção.



PROPRIEDADE AGRICOLA DE DAVID CAGI

I

EM VOLTA DO CHAI-CHAI

1—Aspecto da região

Não vou fazer um estudo da geographia phisica das terras de Gaza, como era para desejar antes de falar das instituições, usos e costumes de seus habitantes. Conheço apenas, e muito superficialmente, a região do Chai-Chai, e do interior só o que pude obter por informações de colonos que já ahi vivem ha muitos annos e o tem percorrido em todos os sentidos. Em conformidade com essas poucas noticias vou dar uma ideia muito por alto dessa parte dos nossos territorios da costa oriental africana, ainda hoje tão pouco conhecida e involta em misterio, sobretudo depois das campanhas dos vatuas.

As terras de Gaza formavam desde 7 de dezembro de 1895 um districto militar, creado por portaria do commissario regio Antonio Ennes, e entregue a sua administração ao valoroso Mousinho d'Albuquerque. Era constituido pelos territorios ao sul do Save, submetidos ao Gungunhana, ficando intercalados nos districtos d'Inhambane, Lourenço Marques, territorios da Companhia de Moçambique e Transwaal. A criação deste districto tinha por fim facilitar a administração

dos negocios dessa grande região, então muito perturbada pelas continuas invasões e correrias de Gungunhana e seus sequazes, que, não obstante os grandes desastres de que fora victima até Coellela, não deixava de nos incomodar seriamente, sendo uma ameaça constante aos nossos interesses e soberania, e um obstaculo permanente a toda a tentativa de penetração e exploração regulares.

Não tardou a prisão de Gungunhana. Passados apenas 21 dias depois da criação do districto era desfeito todo o poderio vatua com o glorioso feito de Chaimite, que tanto brilho deu ás armas portuguezas, immortalizando o nome de Mousinho d'Albuquerque. O districto de Gaza perdia assim a sua razão de ser, se á conquista se seguisse logo uma occupação regular e boa administração. Infelizmente não succedeu assim, antes, á sombra dos louros da victoria, se commetteram grandes estorções e arbitrariedades, que deram em resultado um novo levantamento, um protesto armado da parte dos pretos offendidos, a cuja frente ia o famoso regulo Maghiguane, um dos mais terriveis generaes de Gungunhana, que nos deu ainda não pouco que fazer. Mas finalmente caiu tambem, sendo vencido e morto em 1897, luctando até ao ultimo momento como um heroe! Com elle e com a prisão de varios membros da familia e sequazes de Gungunhana acabou definitivamente o poderio vatua.

O districto de Gaza, porém, continuou a subsistir, porque era um bello quinhão sempre a geito para contentar afilhados e saciar a ambição de muitos protegidos subalternos. E' assim a nossa administração, e principalmente a do Ultramar, onde só vão ensaiar ambições, todos aquelles que se destinam ao lauto banquete da meza de orçamento, com grave detrimento do prestigio nacional e dos interesses publicos. Teve elle onze annos de vida, até que em maio de 1907 foi extincto e dividido em cinco circumscripções, sendo a sua administração adstricta a Lourenço Marques. Estas circumscripções, governadas e administradas por outros tantos funcionarios com o titulo de administrador, teem as suas sédes respectivas em Bilene, Chai-Chai, Chibuto, Guijá e M'Chopes.

A região é atravessada pelo rio Limpopo, que segue uma curva cheia de sinuosidades consecutivas, num desenvolvimento de mais de 500 kilometros, desde o Pa-

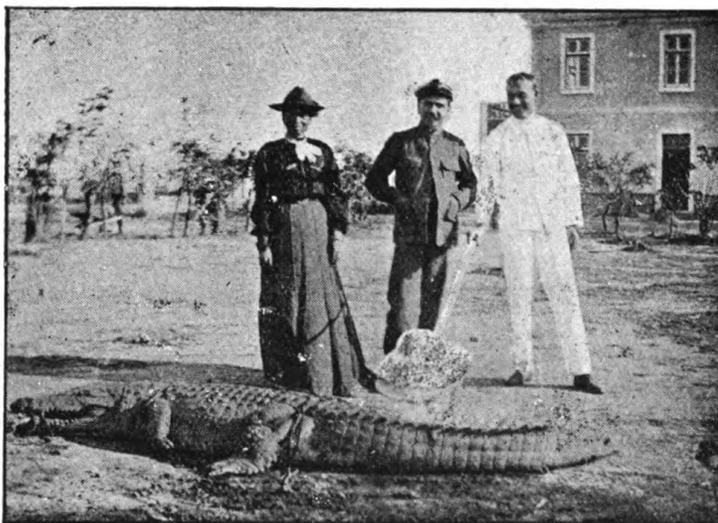
furi á foz, recebendo as aguas do Pafuri, Lipaluli ou rio dos Elephantes e as do Xangane, junto a Chibuto.

O valle do Limpopo é uma perfeita *lândia* em toda a sua extensão, plano e muito alagadiço pelo seu baixo nivel. A luxuriante vegetação expontanea que o cobre todo, atinge proporções desconhecidas nas nossas terras cançadas e pobres, e as palhotas e povoações indigenas, que por ahi estão espalhadas ao acaso, apenas nos mostram suas cupulas esguias levantadas para o ceu. Essa successão de quadros grandiosos, monotonos, duma belleza *sui generis*, dá-nos a impressão das extensas lezirias do Tejo, mas de proporções incomparavelmente maiores, de horisontes mais dilatados, de trechos novos duma paisagem immensa que se vai desenrolando vagorosamente ante a nossa curiosidade insaciavel. Aqui é uma lagôa enorme coalhada de crocodilos e hyppopotamos; mais alem um pantano sem limites, de aguas estagnadas e infectas, onde se desenvolvem os juncos e outras plantas gigantescas, viveiros de mosquitos e cevandijas sem conta, e donde se exhalam pestilencias e morte! Areas immensas cobertas de capim e outras gramineas mais altas que um homem, abrem-se de longe em longe em pequeninos oasis, onde, em volta das palhotas, crescem e se propagam quasi expontaneamente os cajueiros, bananeiras, mandioca, ananaz, e outras muitas producções indigenas. O amendoim, o feijão, a batata doce, o inhame, as cucurbitaceas, basta lançar-lhes as sementes á terra e depois colher-lhes os fructos.

Ao longe, muito ao longe, circundam o horizonte extensas collinas a perder de vista, sempre de pouca altura e cobertas de vegetação expontanea até suas cumiadas. Arvores gigantescas, de copa alta e redonda, outras perfeitamente fechadas e arrastando seus ramos pelo chão, dão ideia, quando navegamos pelo rio acima, das amendoeiras e figueiraes do Algarve, cheio de viço e frescura, ou dalgumas collinas das provincias do norte, coroadas de plantas seculares proprias desse clima pictoresco e ameno.

A natureza manifesta-se em toda a parte grandiosa e gigantesca: Nos pantanos a perder de vista, inçados de juncos e plantas aquaticas de desmesurada grandeza, na riqueza, grandiosidade e variedade das plantas, nos tojos arboreos, na profusão de plantas herbaceas de prodigiosa

altura, na vegetação espontânea exuberantíssima, nas pastagens sem limites, nos innumeráveis crocodilos e hyppopotamos de dimensões colossais, peçando as águas do Limpopo e de suas extensas lagoas, nos maciços impenetráveis das florestas, cingidos de liames gigantescos, povoados de legiões de macacos, e em todas as manifestações, em fim, d'uma natureza virgem prodigiosamente fecunda e rica!



6 — Curiosos examinando um crocodillo apanhado no rio Limpopo.

Eis a impressão que sentimos ao caminhar lentamente nas águas do Limpopo, alongando os olhos por planícies sem limites, por horizontes a perder de vista! E' esse o aspecto geral da região.

O solo do valle do Limpopo é d'alluvião até uma grande profundidade, e as camadas de nateiro sobrepõem-se umas ás outras em numero incalculavel. E' terreno fertilissimo, e para assim dizer inexgotavel. A agricultura e quaesquer explorações do solo encontram ahí grandes dificuldades, devido não só á sua muita plasticidade e tenacidade, mas ainda a muitos outros obstaculos que só poderiam ser removidos por grossos capitaes. Contudo, se os governos cuidassem a serio do desenvolvimento das nossas colonias e quizessem explorar a preceito as grandes fontes de riqueza nacional que por lá se encontram a cada passo, nada mais tinham a fazer que

favorecer as iniciativas particulares, e, por todos os meios, estimular os que se quizessem abalançar a tão uteis empregos. Então, só o valle do Limpopo bastava para pejar os celleiros da metropole, e ainda podia exportar muito pão para outras nações. Mas infelizmente essas fontes não só estão por explorar, senão que é impossível qualquer tentativa nesse sentido, visto não haver a mais pequena protecção, o mais insignificante encitamento para essas emprezas de tanto interesse publico. Nessas terras só é possível a cultura por meio de machinas aperfeiçoadas, o que exige grandes capitaes; só são possíveis as explorações em grande escala, para não serem aniquilados por mil inimigos que logo apparecem; e para darem lucro taes explorações precisam ter collocação no mercado, o que é impossível sem vias de comunicação entre os sertões e a costa, e uma certa equidade nas tarifas e outras leis fiscaes. Eis o que de facto não existe, e é por isso que nesse feracissimo valle só vegetam luxuriantes o capim e mil plantas selvagens, fornecendo um celleiro permanente e abundante a toda a casta de herbivoros montezes, que por sua vez são o lauto banquete de infinitos carnivoros que abundam nessas paragens.

As encostas e planaltos que insensivelmente se levantam aos lados são geralmente de terreno silicioso, um pouco avermelhado, pobre em argila e cal e não muito fertil. Alguns annos de cultura esgotam-no consideravelmente. Assim na região que vai do Chai-Chai até Chibuto, as pequenas florestas e macissos de arvoredo secular, alguns ainda impenetraveis, estão inteiramente salpicados de clareiras mais ou menos extensas, que successivamente teem sido campos de cultura indigena, onde vegeta rapidamente toda a casta de plantas expontaneas, juntamente com as suas miseraveis culturas, cada vez mais fracas e pobres.

Por toda esta região não se encontra uma unica pedra nem o mais insignificante cascalho; é tudo areia finissima ou nateiro até ás maiores profundidades, conforme se caminha das colinas para o valle! De agua tambem é muito escassa. Afora os pantanos, não ha mais gota d'agua em extensões consideraveis. Entretanto as chuvas torrenciales e os densos vapores que constantemente se levantam de lagôas e pantanos, resolvendo-

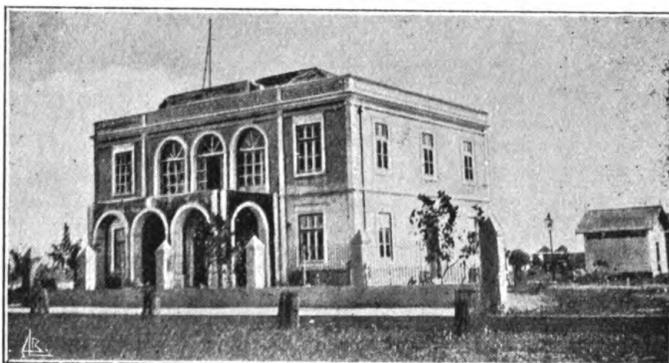
se de noite em pesadas *cacimbas*, é quanto basta para a sustentação e desenvolvimento das florestas e duma exuberante vegetação espontanea.

Mas são também esses mananciaes d'agua infecta a causa de sua extrema insalubridade, no que a região do Limpopo não tem talvez rival em toda a provincia, se exceptuarmos os brejos pestilenciaes do Zambeze. O seu ambiente é o sopro da morte, e as legiões de mosquitos que a todo o instante se levantam de suas aguas infectas pairam numa atmospheria de exhalações pestilenciaes. Eis o maior, o verdadeiro obstaculo a uma regular e intensa colonisação. O preto, pelo contrario, nascido, e creado nesse meio, não é tão sensivel aos terriveis effectos do impudismo, e assim, longe de fugir de seus maiores focos—os pantanos—antes se agglomeram mais junto delles, não só para terem agua mais perto, que lhes falta noutras paragens, mas porque ahi são mais ferteis e productivos os terrenos e mais abundantes as pastagens para seus gados. A população indigena é assim relativamente muito densa nestas paragens, e em geral em toda a região de Gaza.

A população europeia é muito diminuta, como não podia deixar de ser, e essa mesma acha-se espalhada nas mais remotas paragens. Junto da missão ha uma povoação commercial composta ao todo d'uns quatro portuguezes e alguns asiaticos. A outra mais proxima é o Chai-Chai, a cerca de vinte kilometros de distancia, e que, entre portuguezes e doutras nacionalidades europeias, contará uns cincoenta habitantes e igual numero d'asiaticos. E comtudo o Chai-Chai é a mais consideravel povoação commercial do antigo districto de Gaza. Merece-nos por conseguinte uma referencia especial.

O Chai-Chai, cuja existencia como povoação europeia começou depois das campanhas dos vatuas, assenta na margem esquerda do Limpopo, a tres horas de navegação desde a sua foz. Levanta-se pois no meio do pantano, e seu nivel sobre as aguas do rio não vai alem duns cinco metros o suficiente para suas aguas o invadirem nas grandes cheias. Suas construcções são quasi todas de madeira e zinco, não havendo mais de meia duzia de casas de tijolo e cimento. Deste numero é a casa da camara, um edificio esplendido e grandioso, uma verdadeira perola perdida no meio dum charco.

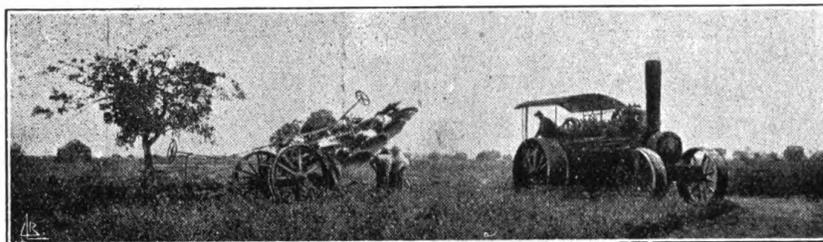
A unica vida do Chai-Chai é o commercio com o interior, sobretudo de *vinho para pretos*, pannos e outras bugiarias de facil consumo entre os indigenas. A unica porta de entrada para as terras de Gaza é a barra do Limpopo, e por isso della depende o relativo desafogo do Chai-Chai que é sua primeira estação commercial. Ella, porém, não offerece bastantes garantias de vida, pois é de difficilimo accesso pela grande instabilidade de seus canaes de entrada, tão movediços como suas areias e as correntes aereas que a cruzam em todas as direcções. A mais leve aragem do sul, determinando uma lucta feroz entre as aguas do rio e as vagas do mar, impedem a entrada a qualquer embarcação, e alguns vapores se teem ai perdido por não encontrarem os canaes que buscavam.



7 — Edifício da camara municipal de Gaza (Chai-Chai)

O Chai-Chai podia, não obstante, vir a ter ainda um grande futuro. Era pela agricultura. Uma vez que os governos se determinassem a valorisar devidamente as nossas colonias por uma boa e patriotica administração, favorecendo todas as arrojadas iniciativas no sentido do progresso, abrindo por sua conta vias de comunicação que pozessem em rapido contacto com os nossos bellos portos da provincia as suas regiões mais distantes, facilitando os meios de transporte no interior dos sertões, e aproveitando todos os grandes recursos de que dispomos, o Chai-Chai podia então ser um emporio das maiores e mais avultadas producções da provincia de Moçambique. Mais e melhores terrenos dos que elle possui não se podem desejar. A prova temo-la bem clara nas variadas

explorações feitas pelo snr. Cagi, que, se não teem dado todos os resultados que se podiam esperar, é exclusivamente devido ás contrariedades que vimos apontando— falta de capitaes, falta de meios adequados de transporte, e sobretudo sua collocação no mercado dos generos explorados, pelas excessivas contribuições que pesam sobre tudo. Oxalá que tomemos outro rumo para interesse



8—Trabalhos agricolas no Chai-Chai

das colonias e da patria. Ultimamente parece que alguma coisa se vai fazendo neste sentido, não sendo inteiramente estereis os justos clamores dos illustres chai-chaienses, que já conseguiram começar a construcção dum caminho de ferro que ligue o Chai-Chai com o interior, e, mais tarde, talvez com Lourenço Marques ou Inhambane, bem como a aquisição de machinas agricolas aperfeiçoadas para a cultura de seus terrenos fertilissimos. Permitta Deus que a sorte os favoreça, que bem o merece a tenacidade com que teem trabalhado para bem da colonia e da patria.

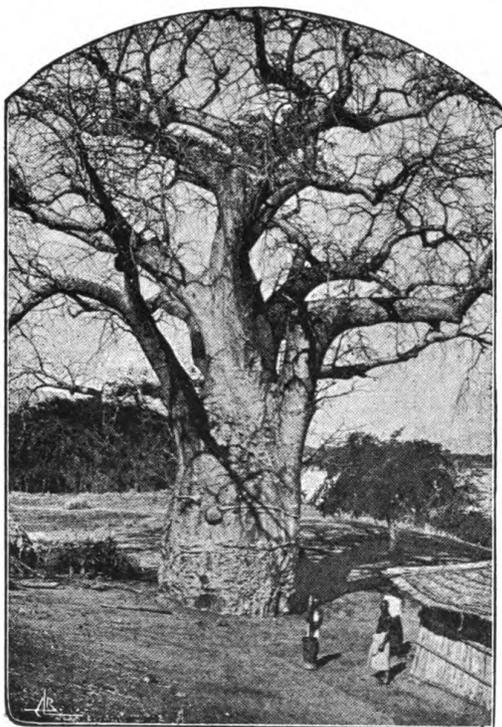
2—Flora e fauna

Não pretendo fazer um estudo científico da flora e fauna da região de Gaza, como o não fiz da geographia, nem farei da meteorologia local. Nem m'ò permitem os limitados recursos scientificos de que disponho, nem menos ainda a exiguidade do tempo que ahí estive. Uma só coisa tenho em vista neste primeiro capitulo — é quanto possivel transportar os leitores ao *meio* em que vivi, pondo-os em contacto com a natureza onde se desenrolam os quadros que compõem este livro.

O aspecto geral da flora é soberbo e magnifico, e tanto mais variado e pujante quanto mais se caminha para o interior, dando guarida a uma fauna riquissima de herbivoros de desmesurada grandeza, de carniceiros dos mais corpalentos e ferozes e duma extrema variedade de animaes de todas as especies. Em volta do Chai-Chai, porém, nem sempre se encontra essa feracidade e pujança de florestas colossaes que se descobrem no interior, nem por consequencia grande abundancia de feras e corpolentos animaes proprios desses climas. O que mais se vê são pequenos macissos de arvoredos secular, pedaços de floresta que foram grandes em épocas mais remotas, salpicados d'infinitas clareiras que são outros tantos campos de cultura indigena.

A causa principal da pouca extensão das suas florestas, é com certeza a densidade da população, relativa-

mente numerosa, e os seus processos de cultura, inteiramente contrarios á sua conservação. Os pretos, como depois veremos, não exploram indefinidamente o mesmo campo, porque o não cultivam nem lhe restituem nunca o que lhes é subtrahido pelas culturas. Donde se segue que os terrenos, geralmente pouco fertéis, além do valle propriamente dito, esgotam-se em poucos annos, sendo logo substituidos



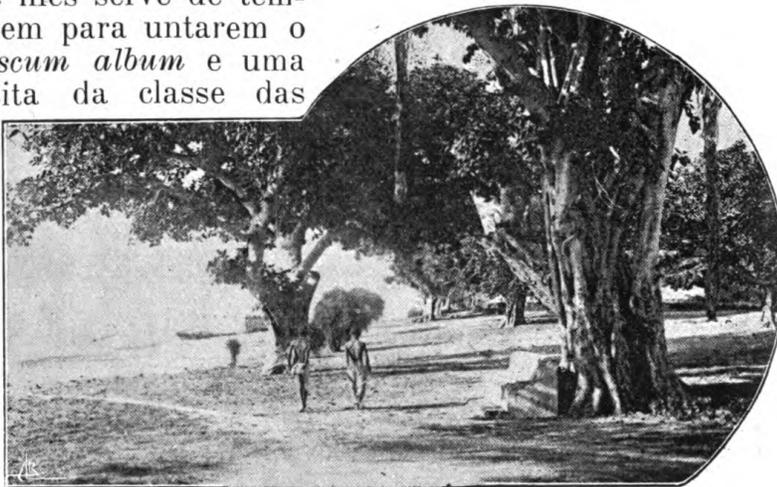
9— Exemplar da flora

por outros, ordinariamente conquistados ás florestas, enquanto os precedentes por sua vez se cobrem de vegetação expontanea. Eis porque em toda a região se vêem apenas, espalhadas pelos campos, as arvores gigantescas que poderiam resistir ao machado do indigena, pequenos macissos de floresta inacessivel intermeados de infinitas clareiras, sem ordem, escondidos no meio das matas, trepando pelas colinas ou estendendo-se pelos valles até aos pantanos, tudo

coberto de capim onde varias culturas indigenas, umas vezes pouco desenvolvidas pela pobreza dos terrenos e falta de cuidados culturaes, mas quasi sempre podendo occultar perfeitamente em seu seio infinitas manadas de bufalos e d'hyppopotamos.

Nas matas encontram-se expontaneas a *landolphia* em grande abundancia, de que os indigenas não fazem caso algum, aproveitando-a apenas como liame para atar as palhotas; a *milletia cafra*, denominada *pau ferro*, o *ebano da Cafraria* (*royenia pseudebenus*), madeiras optimas para obras de torno e mobiliario. Tam-

bem se encontra o sandalo que os pretos destroem para substituir por milho. A mafurreira (*trichilia emetica* ou *mafurreira oleifera*), infesta para assim dizer toda esta grande região, e é muito estimada dos indigenas, que de suas abundantissimas sementes fabricam um oleo que lhes serve de tempero e tambem para untarem o corpo. O *viscum album* e uma outra parasita da classe das phanero-gamas, que não pude classificar, propagam-se em tanta abundancia na mafurreira, que ás vezes lhes substituem para assim dizer todos



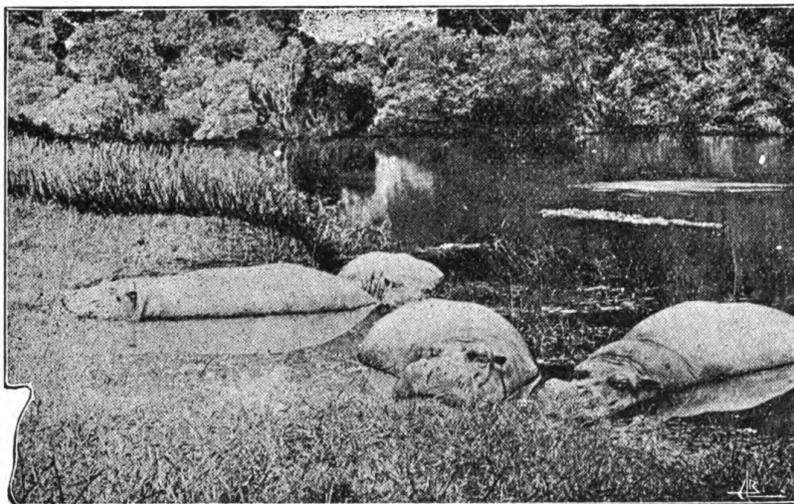
10— Floresta devastada

os seus ramos, dando origem a exemplares deveras phantasticos e curiosos.

Em geral são muito communs e contam muitas especies as *leguminosas* e *gramineas*, encontrando-se tambem o café no estado selvagem e grande variedade de plantas productoras de gomma, de oleos e varias essencias, o tabaco quasi expontaneo, e infinitas producções selvagens de cujos fructos os naturaes se sustentam em parte e de que fabricam muita variedade de bebidas.

As plantas arboreas mais cultivadas por colonos e indigenas, são: lorangeira, limoeiro, mangueira, cajueiro, ateira, amoreira, papayeira, bananeira, palmeira, tamarreira e outras. As arbustaes e herbaceas, são: mandioca, canna doce, batata doce, inhame, ricino, amendoim, gergelim, mapira (*sorgho*), milho, arroz, canhamo, varias castas de feijão, pimentos, cebolas, tomates, varias cucurbitaceas, e o delicioso ananaz, que já ninguém planta senão em renques em volta das *machambas* para as defender dos gados. E' escusado ponderar o

esquisito aroma de que está impregnado o ambiente durante os mezes de janeiro e fevereiro, época de sua maturação, e a fartura desta deliciosa produção de que a natureza é tão prodiga nestas terras da Cafraria, e que é um fructo verdadeiramente providencial para quantos ahi vivem— colonos e indigenas.



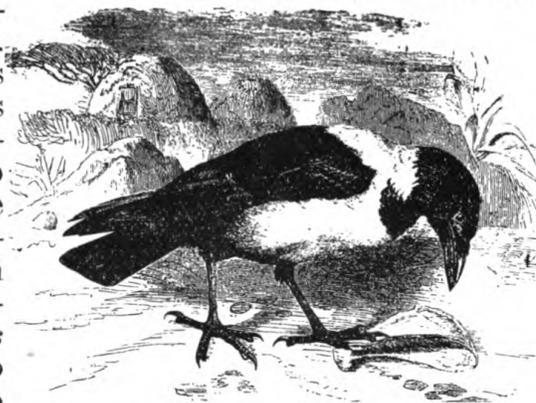
11—Hyppopotamos

De animaes ha uma extrema variedade e riqueza em todas as margens do Limpopo, principalmente caminhando para o interior. Percorrem suas margens o elephante de desmesurada grandeza, infinitos hyppopotamos e crocodillos gigantescos, povoando todas as aguas do Limpopo e de suas extensissimas lagôas e pantanos. Mais para o interior abundam os leões, leopardos, hyenas, chacaes, bufalos em grandes manadas e muitos outros ruminantes, zebras, avestruzes, cegonhas brancas, porcos montezes, lebres e muita variedade de outras feras e animaes bravios, e muitos macacos. Os elephantes e avestruzes teem soffrido grande perseguição por causa do seu marfim e plumas de grande valor, mas a sua caça está hoje mais ou menos regulada com leis de protecção. A hyena é uma fera quasi inoffensiva. Sustenta-se de immundicies e raras vezes se atreve a assaltar um curral para roubar algum cabrito. Só ataca o homem quando o encontra dormin-

do nalgum descampado, e isso atiçada pela fome, fugindo logo ao mais leve rumor.

Nos arredores do Chai-Chai e por mais dez ou quinze leguas para o interior, apenas se encontram as hyenas, muitos macacos, e infinito numero de crocodillos e hyppopotamos nos rios e lagôas.

Em compensação ha muita caça miuda. Alem dos porcos montezez, gazelas, lebres e patos, ha grandes bandos de perdizes de duas variedades e um pouco maiores que as do reino, codornizes e rolas um pouco maiores que as nossas, em bandos muito numerosos. As *pintadas* ou *gallinhas do mato* tambem são muito abundantes. Aparecem, sobretudo em certas épocas do anno, milhafres e muitas outras aves de rapina, que, com o corvo de papo e gravata branca, (*Pterocorax scapulatus*) que habita todo o anno nesta região em grande quantidade, são das aves mais prestimosas, pela missão muito util que exercem nos campos e junto das povoações indigenas, eliminando todas as immundicies, sendo assim quasi os unicos salvaguardas da hygiene indigena. Ha muita variedade de corujas, mochos, milhafres, açores, passaros republicanos, andorinhas todo o anno, e infinitas outras especies, principalmente da classe das trepadoras, de tamanhos e côres variadissimas, de matizes encantadores e surprehendentes, de viveza e brilho incomparaveis.



12—Corvo malhado de branco

De aves canoras ha apenas o *cherico*, do tamanho duma milheira, mas de côres mais vivas e variadas. Canta quasi como o canario, mas raro se ouve fora da gaiola. O canto de todas as outras mais parece pedaços de som escapados dalgum *batuque* longinquo e horrivelmente desafinado, que o canto de innocentes avesinhas.

Cobras ha poucas e não me constou que as haja venenosas e mortíferas, salvo mais para o interior onde parece existir uma especie de naja muito mortífera. Ha muitos cameleões e grande numero de pequenos saurios gordos e disformes, e infinito numero de sapos e rãs e muitos outros reptis e batrachios bem diferentes dos nossos pelo tamanho e formas ás vezes monstruosas.



13—Ninho de tecelão

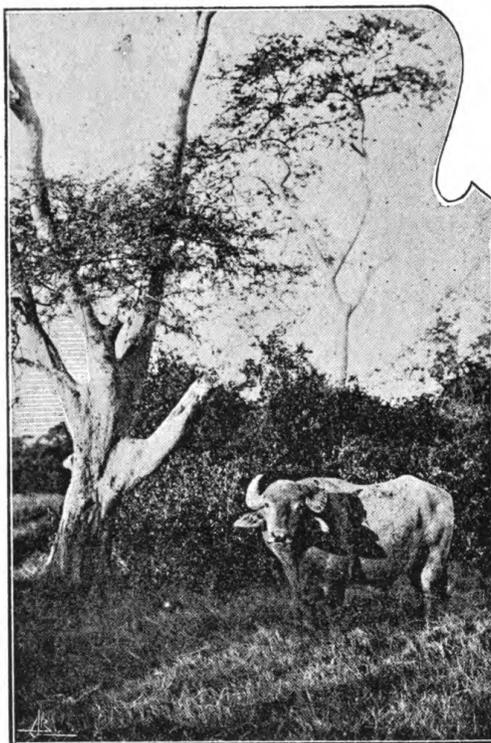
Encontra-se bastante variedade de molluscos de casca e sem ella, uns lacustres outros terrestres. Destes ha exemplares gigantescos de doze e quinze centímetros de comprimento e oito a dez de diametro. São muito abundantes e pouco nocivos ás culturas. Desprovidos de casca encontram-se tambem exemplares gigantescos e muito variados. Alguns quasi se confundem com as folhas e rebentos das plantas em que vivem.

Das lulas ha uma especie que sobressae a todas as outras por sua desmesurada grandeza. Chega a attingir quinze centímetros e grossura proporcionada. E' negra d'azeviche e deita um fedor tão detestavel, enchendo todo o ambiente, que se tornam muito incommodas ainda a grande distancia.

Os arachnideos tambem contam infinitas especies por todos estes bosques onde fazem grande preza nos insectos. Ha especies muito raras e desconhecidas na fauna europeia, não faltando o sinistro escorpião, que em todo o caso não é tão frequente como se podia suppôr.

Dentre todas as especies ha uma interessantissima pelas suas teias, pela finura e belleza da seda que produz. Encontram-se frequentemente nos matos em verdadeiras e numerosas colonias, suspensas de suas redes, á caça dos insectos voadores. Estas aranhas são mais volumosas que as dos nossos climas, teem o abdomen muito extenso e conico, pintado de amarello e encarnado.

As suas teias, chegam a ter mais de um metro de diametro, e estão ordinariamente suspensas das grandes arvores, amarradas aos troncos e á terra por cabos muito fortes, da grossura d'alfinetes, de quatro e cinco metros e mais de extensão. Encontram-se essas redes a cada passo e aos milhares nas florestas mais povoadas e silenciosas. Parecem ser mais sociaes que as dos nossos climas. Miriades de insectos caem constantemente no laço, os quaes são logo devorados ou postos em reserva amortalhados em fina seda, sendo desta forma essas aranhas muito uteis e dignas da protecção. A seda que fabricam é finissima, e é com milhares de fiosinhos que tecem as grossas amarras com que prendem as teas a certa distancia. E' dum amarello córado muito vivo e deslumbrante, de finura e rigeza extremas.



14 — Um bufalo

Esta região do Limpopo tão favoravel á vida e desenvolvimento dos insectos, sobretudo na classe dos lepidopteros e colepteros possui collecções riquissimas.

Entre tantos primores, alguns de tanta utilidade para o homem, como é a abelha, vivem tambem seus maiores inimigos, o unico inimigo para temer nessas regiões inhospitas: o *pulex penetrans*, a *formiga branca*, e, mais que todos, o terrivel mosquito. Ha uma especie de bezouro de desmesurada grandeza, dum verde vivissimo no costado, com as bordas das azas anteriores brancas como cal, e duas malhas da mesma côr no corselete;

por baixo são dum roxo metálico muito vivo. O macho diferencia-se da fêmea por uma espécie de tromba cornea em forma de T. É dos coleopteros mais bizarros que tenho visto. Ha-os também de formas gigantescas, mais volumosos e fortes que o *lucanus*, muito parecidos com as folhas de certas plantas. É uma das classes mais numerosas e conta os mais bellos e característicos exemplares, totalmente encarnados, verdes, amarelos, ou de todas as côres ao mesmo tempo, com uma profusão extraordinária de cambiantes deslumbradores.



15 — Fauna — Uma caçada aos crocodilos

Os orthopteros estão igualmente bem representados, São sobretudo notáveis umas *baratas* inteiramente semelhantes a uma *caveira* pintada em fundo escuro; uma espécie de *rallo* duas ou tres vezes mais corpulento que o dos nossos climas, de pernas fortísimas, de cabeça desmesurada e terrivelmente armada. Cavam estes insectos, profundos subterrâneos, junctando em cada noite fora da toca tanta terra como se fossem toupeiras, e levando para o interior grande quantidade de lixo, trapos e palha como fazem os ratos.

Os gafanhotos são inumeráveis e alguns lindos de formas e côr. Em dezembro e janeiro levantam-se periodicamente em nuvens tão compactas durante muitos

dias seguidos que chegam a interceptar parte da luz do sol. São então um flagello dos campos semeados, e nada escapa á sua extraordinaria voracidade. Arrasam tudo como se um fogo por ali passasse. Na ultima temporada que estive em Chai-Chai passou ahi uma destas pragas durante dois dias, tão compacta que de certa distancia parecia uma grossa nuvem arrastando-se pelo solo.

Encontram-se muitas especies de vespas cavadoras que de verão andam minando as bordas dos caminhos, dos carreiros e pavimentos das palhotas, para ahi depositarem a prole, tendo primeiro o cuidado de prover as tocas de bom numero de lagartas para o sustento das larvas. Algumas especies em vez de lagartas fornecem as tocas exclusivamente de aranhas, outras de diferentes especies d'insectos, tendo o cuidado de renovar a pitaça antes que se realice a ultima metamorphose. Algumas destas vespas em vez de toca na terra, constroem uns ninhos de barro muito bem feitos, como pequenissimos pucaros e é ahi que depositam os ovos. Pelos matos ha ainda infinito numero de outras vespas muito bravias e perigosas.

Em novembro e dezembro apparecem infinitas moscas mais volumosas que os tavões, cavando a terra e fazendo infinito numero de galerias para depositarem os ovos. Não parecem nocivas. Não succede o mesmo com a *mosca de cavallo marinho*, tão volumosa como a precedente, mas distinguindo-se della, principalmente pelo zumbido estridente que produz e que a denuncia a grande distancia. Esta mosca é muito temida de toda a gente, e com razão, pois é tão ligeira nos seus assaltos que ainda bem não chegou a pousar quando já cravou o dardo fazendo espirrar logo um jacto de sangue. Algumas vezes deixa um virus na ferida que pode ser causa de graves accidentes, como em certa occasião succedeu a um dos auxiliares da nossa missão d'Inhambane, que esteve muitos dias no hospital em estado grave. No Chai-Chai caem em bandos enormes com os ventos do norte.

A classe das borboletas é a mais rica e variada. Bandos infinitos povõam todos os campos e valseiras assim de dia como de noite.

As formigas tambem tem ahi exemplares dignos de

nota. Seja a primeira uma formiga gigantesca, de vinte e dois a vinte e cinco millímetros de comprido, muito grossa e robusta, negra d'azeviche, pouco activa, muito espalhada nesta região mas de colonias pouco numerosas. Creio que vive exclusivamente nas imediações do Limpopo, pois não pude ter della noticia em mais parte alguma da provincia. O que a torna mais notavel é o fetido extremamente nauseabundo que despede em todo o tempo, mas principalmente nas occasiões de chuva, na época de enxamearem ou quando as fazem irritar. O fedôr que deitam é tão insuportavel como o de um cadaver em putrefacção, e assim o julguei a primeira vez que viajei do Chai-Chai para o interior, crendo que havia á borda do caminho, em todo o seu percurso, infinitos animaes mortos em putrefacção. Ha dias em que se não pode supportar o fetido maligno de que saturam o ambiente, e muitas vezes me vi obrigado a saír da palhota por não poder supporta-lo.

Ha uma outra especie muito interessante que só habita nas arvores. E' grande, amarella e de abdomen transparente. Suas colonias são numerosissimas e muito activas. Os seus ninhos parecem-se muito, a certa distancia, com os das lagartas dos pinheiros, e ha grande numero delles nas pontas dos ramos das arvores mais altas e copadas. Constroem os ninhos junctando as folhas, ás vezes de varios ramos ao mesmo tempo, ligando-as com seda que ellas fabricam, muito fina, pergamínosa, impermeavel á agua, rija e perfeitamente branca. Dentro do ninho cada folha é o tecto duma camara e pavimento doutra, ás vezes divididas ao meio por uma especie de cortina de seda. Exteriormente todas as pontas que não são defendidas naturalmente pelas folhas são cobertas de seda, com muitas entradas construidas de maneira que deem acesso ás formigas não deixando que a chuva penetre no ninho. Um destes que examinei, pesava para cima dum kilo e não tinha menos de cem mil individuos com ovos e nimphas. Não acarretam coisa alguma para o ninho, e parece sustentarem-se de mel, do mesmo modo que as *formigas melíferas* do Mexico.

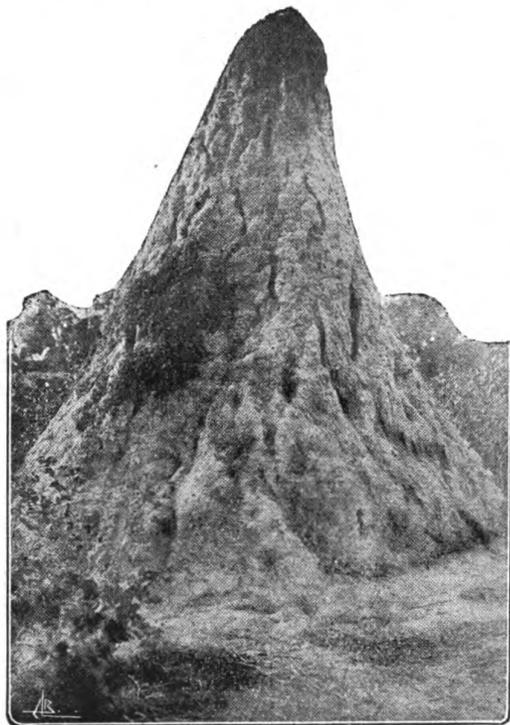
Dos insectos uteis só mencionarei a abelha, sobretudo a *apis cafra*, de que ha infinitos enxames por

toda a parte, principalmente nas cavidades dos troncos, os quaes são muito procurados pelos naturaes para lhes levar o mel e a cera, que ellas produzem regularmente. Durante uns quatro mezes, de dezembro a março, é infinito o numero d' enxames que se cruzam em todas as direcções, espantados uns pelos pretos, que para lhes tirar o mel lhes deitam fogo, e levados outros pela necessidade de fundar novas colonias.

Dos insectos nocivos tem o primeiro lugar o sinistro mosquito. Não tem o homem inimigo mais terrivel nestas paragens e em geral em todos os climas quentes. E' elle o transmissor do *hematozoario* de Lavera, o microbio que produz as febres palustres e que tão inumeraveis victimas causa nestes climas. Se não fossem as febres, a permanencia em taes paragens não offerceria difficuldades serias. O *anopheles* é o mais prejudicial e tambem o mais incommodo. Os seus ovos são depositados pelas femeas nas aguas estagnadas e infectas dos pantanos, onde se realisam suas metamorphoses até ao estado d'insecto perfeito. Sob uma temperatura elevada é rapido o seu desenvolvimento. Ora numa região onde os pantanos e lagôas infectas occupam extensões incalculaveis e onde o calor ambiente é sempre tão activo, é rapido o desenvolvimento dessas pragas infinitas, e inumeraveis as legiões que todos os dias se levantam desses charcos para levarem a morte, depois do mais horrivel martyrio, ao pobre colono que moireja nessas paragens. As margens do Limpopo e seus pantanos sem limites, teem neste particular, creio, a primazia entre todas as regiões dessa nossa provincia.

Não havendo as mais extremas precauções, nem os *mosquiteiros* nos livrarão durante a noite de suas ferozes investidas, e de manhã, depois duma lucta titanica, sentimo-nos desfalecidos, fatigados e com o coração cheio de fel. Luctar com as feras do bosque, é possível; são vulneraveis, e, se caímos na lucta, morremos com a consciencia de que venceu a força bruta. Com o mosquito não se pode luctar, porque o mosquito escapa-se aos nossos golpes, e se destruimos uma legião, é logo substituida por mil. A lucta com taes inimigos é então uma agonia horrorosa, uma tortura infernal onde não pode haver reacção, onde não será ouvido um protesto.

De dia não apparecem, são lucifugos. Mas logo que se põe o sol caem sobre nós como uma inundação, causando-nos quasi igual tormento o seu zumbido infernal, como as picadas envenenadas de seu acerrado aguilhão.



16 — Môrro construido pela salalé (formiga branca)

Para cear ou descansar um pouco das lides diurnas, quem não tem outros confortos, como nós que viviamos no meio do mato, tem de saturar de fumo o ambiente das palhotas, onde, para asphixiar os mosquitos, quasi nos asphixiamos a nós mesmos.

Depois do mosquito, o inimigo mais prejudicial ao homem é sem duvida a *formiga branca*, que nestes climas se desenvolve e multiplica prodigiosamente.

Duma fecundidade assombrosa estes insectos cobrem todas estas regiões e formam colonias tão povoadas que se contam por milhões de milhões d'individuos.

De mandibulas fortissimas, e com uma saliva corrosiva capaz de diluir metaes, e sempre promptos para a destruição, é incalculavel o estrago que fazem em tudo. As madeiras das habitações e dos moveis onde ellas chegarem a penetrar, são minadas em pouco tempo, convertidas em serradura miuda, e desfeitas totalmente com a maior rapidez. As mesmas arvores dos bosques, cheias de seiva e vida, são muitas vezes completamente minadas e destruidas até cairem por terra aos pedaços. Um tronco qualquer que se deite por terra é logo invadido por milhares de termitas que o desfazem em poeira.

O pau ferro ou ebano é o unico que resiste vantajosamente aos seus ataques.

Deixando as suas evoluções e outras particularidades aliás interessantes, direi apenas alguma cousa de suas maravilhosas construcções. São bem conhecidas de todos os que teem viajado nestas paragens os *morros da salalé*, ou formiga branca, alguns dos quaes chegam a attingir seis metros d'altura, com outro tanto de diametro na base, formando uma enorme piramide de terra amassada com a propria saliva, e tão rija e solida, apesar de interiormente ser um labyrintho de infinitas camaras e galerias, que por ellas podem subir os homens e os animaes sem que se desmorerem. Nas margens do Pungué viu um meu collega muitas destas habitações das termitas de mais de cinco metros d'altura, e em tanta quantidade e tão juntas que de longe pareciam immensas povoações indigenas. Em Gaza não as vi tão grandes, apesar de haver infinita formiga branca, talvez por causa da terra ser muito solta e areienta. Um desses morros, attendendo á pequenez e prodigioso numero das galerias, pode conter mais de dez ou quinze milhões d'individuos, numa faina constante de destruição.

A *pulex penetrans* ou *sarcopsylla penetrans*, conhecida em toda a provincia de Moçambique pelo nome de *matacanha*, é outro inimigo do homem e dos animaes, em muitos casos tão nocivo como os precedentes. É uma pulga quasi microscopica, raras vezes attingindo 1 millimetro, mas na figura e forma confunde-se com as dos nossos climas. São de côr arruivada, o macho é mais pequeno que a femea e saltam tão alto e longe como as pulgas communs. Os machos e femeas não fecundadas atacam o homem como aquellas. As fecundadas é que são o inimigo mais para temer. Quando chega a epoca da postura *penetram* pouco a pouco e sem se sentirem por entre os calcanhares e solas dos pés e algumas vezes tambem nas unhas das mãos, e começa a inchar ahi debaixo da pelle até adquirir as dimensões duma ervilha. Este crescimento tem origem numa pelicula membranosa que ella possui debaixo do abdomen, onde guarda os ovos, e que se estende á medida que estes se vão desenvolvendo, dando assim origem a uma grande colonia destes insectos perigosos.

Terminado o periodo desta especie de gestação, rompe-se-lhe naturalmente o abdomen, deixando os ovos em liberdade, e as larvas não tardam a nascer. Estas são em grande numero, pequenissimas, redondas, de côr branca e com um pontinho negro que é a cabeça. Estas desenvolvem-se rapidamente, propagando-se duma maneira assombrosa, e dando origem a tumores de muita gravidade, produzindo ás vezes uma infecção geral do sangue que pode causar a morte. Chegam-se a perder os dedos dos pés, e eu vi pretos em tão miseravel estado, devido á sua incuria e falta de limpeza, que aos pedaços lhes chegava a cair a maior parte do pé. 'O mesmo individuo pode ás vezes ser atacado ao mesmo tempo por centenaes desses insectos perigosos, principalmente no outomno. Durante os mezes mais frios a *matacanha* não apparece tanto, e é tambem mais rara no periodo do maior calôr.

A *matacanha* não ataca só o homem. Desenvolve-se com a mesma facilidade nos macacos, nos carneiros, cabras, cães, aves e dum modo especial nos porcos, onde faz grande numero de victimas. São tambem esses animaes sem duvida o seu melhor meio de propagação em todas as povoações e nos campos, onde pascem.

Este parasita não é originario da África. Veio da America, e logo no tempo da sua conquista muito deram que fazer aos hespanhoes. Não é facil saber em que época foi levada para a Africa, nem se o foi só para um ponto, propagando-se d'ahi para as diversas regiões da costa, ou se entraram simultaneamente em varias partes. O mais possivel é que entrasse pela primeira vez em Ambriz em 1872 trazida num navio inglez carregado d'areia. Daqui propagou-se pelo interior, por meio dos mercadores que vinham das mais remotas paragens até á costa, e por varios pontos da costa por via maritima. Em 1885 foi encontrada por Baumann em Stanley Pool, e passados poucos annos já estava em Stanley Falls, chegando logo ás margens de Tanganika, sendo Oujiji o mais bem povoado viveiro desse terrivel parasita. Daqui á costa oriental vão só dois passos, mas parece que não foi por aqui que ella se propagou em Moçambique.

Quem pelo menos a trouxe com certeza para a provincia foram os indigenas da costa occidental quando vieram como auxiliares na guerra de Gungunhana, pois

até 1895 não tinha sido vista nesse territorio. Foi durante as guerras e logo depois dellas que a *matacanha* se propagou em Moçambique, sendo as terras de Gaza, principal theatro da guerra, onde ellas hoje pullulam em maior numero.

A respeito dos seus estragos ouçamos Henri Dehérain: «Em Bukoba a terça parte dos soldados de guarnição estavam impossibilitados, e já não podiam marchar. Até se chegou a pensar em abandonar a localidade, transportando para outro lado o posto allemão. O explorador austriaco Oscar Baumann encontrou no Karangué, a oeste do lago Victoria, um egypcio que a oução (*matacanha*) perseguia e havia para assim dizer anniquilado... Foi um dos retardatarios que Stanley foi semeando pelo caminho, durante a sua rapida marcha do lago Alberto a Bagamoyo. Em consecuencia dos soffrimentos phisicos causados sobretudo pela oução, este desgraçado tinha perdido o juizo... E' no momento em que invadem um paiz que as pulgas penetrantes causam maior damno; as populações surprehendidas não sabem a que attribuir as dôres desconhecidas que os acommetem e quando vêem a descobrir a origem desse soffrimento já os estragos são grandes. Era na verdade lamentavel o espectaculo que Baumann presencou enquanto atravessava as regiões entre os lagos Victoria e Tanganika, regiões denominadas Usindja e Urundi. Aldeias inteiras estavam despovoadas, e noutras as pernas de certos individuos atacados pela pulga, caiam literalmente aos bocados, tal era o estado de podridão a que chegavam.» ⁽¹⁾

E' necessario pois um grande cuidado para escapar aos ataques deste parasita nocivo. Em paizes onde elle exista não se deve passar um só dia sem examinar bem todas as partes do corpo, onde se costumam introduzir, sobretudo debaixo das unhas, calcanhares e planta dos pés. A principio é facil não dar pela sua presença, mas depois dalguma experiencia, a sensação que se experimenta e a vista, nol-os denunciam logo apoz a sua entrada, e é facil extrail-as com a ponta dum alfinete.

(1) *Portugal em Africa*, vol. 2 — 1905.

3—Meteorologia

Aqui, como em quasi todas as regiões dos tropicos, ha duas estações: a das chuvas que é tambem a dos grandes calores, e a sêcca e de temperatura relativamente baixa. A transição duma estação para a outra é ás vezes brusca, mas quasi sempre se faz lentamente.

A maior força do verão, isto é, do calôr e das chuvas, é em dezembro, janeiro e fevereiro, seguindo-se gradualmente o levantar das chuvas e baixar da temperatura até fins d'abril. Maio, junho e julho são os mezes sêccos, mais frios e sadios. De noite a temperatura chega, ainda que raras vezes, a zero, e de dia não passará de 25° nos mais quentes. A temperatura media andarâ talvez entre 10° e 15°. São estes os mezes d'inverno em que a natureza fica estacionaria, em que os mosquitos mal apparecem. E' o melhor periodo para nos adaptarmos ao meio, e nos acostumarmos a viver neste clima pestilencial. Quando chegamos a essa época parece que fazemos treguas com os elementos, que respiramos das luctas ingentes do clima tiranico, do incansavel e atroz mosquito, das febres que nos devoram, e da morte que ahi ludibria a humanidade com requintes de extranha crueldade. Que prazer nos dão essas tardes tão meigas e brandas, tão parecidas com as mais amenas tardes de abril e maio das nossas

terras, que nos apparecem ao longe como uma esperançosa visão!

Os mezes seguintes são ordinariamente outro periodo de transição, e em que de novo começa a vida da natureza. Os bosques e os prados revestem-se de galas, todo o ser vivente se alegra e canta, e toda a natureza se multiplica e vive.

As chuvas são a maior parte das vezes torrencias, caindo em verdadeiras catadupas e alagando tudo num momento. Outras vezes são serrações immensas da chuva miudinha, já fresca e desagradavel, já envolvendo uma atmospherica quente, abafada e insuportavel. Todos estes estados da atmospherica se succedem com rapidez. Agora está o ceu carregado, ameaçando diluvios e formidaveis tempestades, e de repente tudo espalha, desfazem-se as nuvens, e lá temos de novo um dia esplendido, de verão tropical, que num momento se pode converter em medonha tormenta.

Granizo raras vezes cae, mas quando succede por qualquer alteração brusca da atmospherica, é grosso como azeitonas. Apenas o observei uma vez como preludio duma formidavel trovoadas que durou nove horas com uma intensidade incrível.

As correntes aereas são a cousa mais variavel que se pode imaginar. Tão depressa está a atmospherica no mais absoluto repouso, como começa sem se esperar a correr uma briza agradabilissima. No primeiro caso o calor é insuportavel, ou antes, é insuportavel o incommodo peculiar causado, creio, pelo calor juntamente com a levissima pressão atmospherica que reina nesses climas a maior parte do anno, pois o calor máximo mais ordinario não passa de 36° a 38°. A mais elevada temperatura que ahi experimentei foi de 43°, inferior á que experimentei noutra occasião em Andaluza durante mais de mez e meio, onde ella regularmente chegou nesse anno de 44° a 46°. Nos tropicos é muito mais abundante o suor ainda sob uma temperatura que nos nossos climas nunca nos faria suar. Lá o suor é copioso e constante, tanto de dia como de noite, e o ar que respiramos é quasi asphixiante, ainda que a temperatura não passe de 30° a 35°.

Vem, porém, a briza e o espirito parece que experimenta uma nova vida. Mas é breve. Novas mudanças,

mudanças continuas se succedem sem interrupção. Ora um calôr calmo e suffocante, ora uma briza agradável; ora chuva, ora repouso absoluto, vento, todos os phenomenos juntos, e isto a cada instante.

Trovoadas tambem as ha, e ás vezes formidaveis e inesperadas.

Em certa occasião fui com o meu collega Padre Camillo para uma das palhotas, já noite escura. O ceu estava limpido, as estrellas oscilavam silenciosamente na abobada do firmamento. Passada apenas uma meia hora, um clarão deslumbrador coava-se por todas as frinchas da palhota. Simultaneamente um estrondo formidavel retumbava ali mesmo por cima da cupula e o ecco repercutia com fragor em todas as collinas e nos concavos do ceu por grande espaço! No mesmo instante tudo emudeceu. Sahimos e apenas algumas nuvens esfarrapadas se escoavam ao longe.

Noutra occasião, após uma forte ventania acompanhada de demorada serração, desenvolveu-se tão extraordinaria tempestade por sobre as nossas palhotas, que os relampagos e os raios succediam-se com vertiginosa rapidez, illuminando o ar com seus reverberos gigantescos de todos os lados do horizonte, produzindo na cavidade dos ceus e no fundo das florestas um ruidoso fragor, constante e indiscriptivel, durante toda uma tarde e a noite seguinte. Entretanto a chuva cahia por diferentes intervallos em verdadeiros diluvios, que nem as cupulas das palhotas resistiam a tanto peso.

O vento dominante, o vento fresco e sadio, é o vento sul ou antes E. S. E. E' elle que nos traz o bom tempo, o tempo delicioso e ameno de maio, junho e julho, e tambem as chuvas dos mezes de maior calôr, bem como as brizas que moderam os ardores do sol tropical.

O norte, pelo contrario, é o vento doentio, quente, asphixiante, que rouba a vida a toda a natureza, mas que felizmente não é muito frequente. Faz lá o mesmo effeito que o *suão* cá nas nossas terras. Ainda que todas as regiões proximas do Equador são sempre muito expostas aos grandes desiquilibrios atmosfericos, nesta região parece não ter havido phenomenos muito notaveis dessa classe. As grandes arvores isoladas por essas immensas planices encontram-se direitas e desafrontadas. Apenas numa linha relativamente estreita do sul a norte

entre Chai-Chai e a nossa missão ha alguns vestigios de temporaes mais ou menos violentos e ao parecer periodicos. Entretanto lá tivemos por mais de meia duzia de vezes durante o anno, temporaes respeitaveis, que nunca duravam mais de tres dias, carregando com tanta violencia que chegavam a levar pelos ares a cobertura das palhotas, cavando em volta dellas, na areia, grandes fossos, sulcando a terra como as vagas dum mar revolto. Algumas vezes pensamos muito a serio de passar a noite ao sereno, agarrados ao tronco de qualquer arvore, depois das nossas palhotas terem voado com o temporal. Felizmente eram mais valentes do que suppunhamos.

O estado hygrometrico da atmosphaera é ordinariamente muito humido, não só devido á proximidade do mar e das correntes atmosfericas que são constantes dessa direcção, mas principalmente á exaggerada evaporação dos extensissimos pantanos e da vegetação que nos rodeia.

A differença de temperatura entre o dia e a noite é muito notavel, donde vem uma radiação nocturna muito exaggerada e por consequencia as grandes *cacimbas*, tão pesadas que chegam a correr na terra, molhando totalmente toda a vegetação, e repassando os tectos de zinco até correr no interior dos edificios. Regularmente começa a sentir-se logo que se põe o sol, e d'ahi a menos duma hora já estão inteiramente encharcados todos os objectos melhor conductores do calor.

As *cacimbas* são ordinariamente muito temidas dos hygienistas por serem perniciosissimas e de pessima influencia para os organismos. Os mesmos pretos temem-na muito e não se expõem facilmente a ella sem serem obrigados.

As nevoas também são frequentes sobretudo de março em deante, pairando por cima dos pantanos e lagôas, nos valles e florestas mais densas. Dão assim em certas manhãs a estes sitios o aspecto do Minho, o qual ordinariamente desaparece logo que a nevoa se desfaz aos primeiros raios do sol.

A aurora e crepusculo são muito curtos, o que afinal é commum aos paizes mais proximos do Equador. Quando a aurora começa a extender seus braços de meiga luz em torno do horizonte, o sol não tarda meia hora; e quando este se occulta no lado opposto é noite escura.

A lua parece possuir aqui mais doces fulgores, mais poesia e encanto. E' talvez porque sua palida e meiga luz, contrastando com o sol calido e abrazador do meio dia, nos põe deante dos olhos o contraste da vida agitada da realidade, com o doce viver d'illusões duma vida que já passou e não volta mais! O que é certo é que ficamos a scismar profundamente, sempre que a meiga lua nesses sertões longinquos nos cobre com seu manto de mysterio!

D'ahi se avistam durante quasi todo o anno as mais bellas constellações do emispherio norte: O Orion, o Tauro, o Grande e o Pequeno Cão. A Ursa Maior quando dá a volta por cima do horizonte tambem se avista das mais altas collinas. A estrella polar fica-nos muito abaixo do horizonte. Em compensação temos sempre á vista o bello Cruzeiro do sul. E' só nas alturas de Monbaça que avistamos simultaneamente as duas constellações que nos apontam os dois polos do mundo.

II

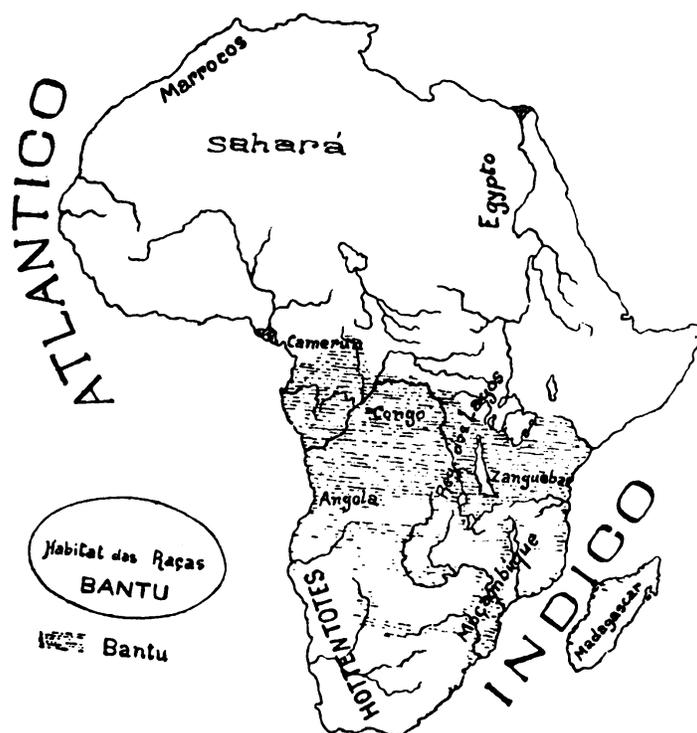
OS POVOS DE GAZA

1 – Esboço historico dos povos bantu

Traçar o quadro da vida e evolução dum povo culto, em que abundam os monumentos historicos, é relativamente facil; fazer a historia de povos barbaros, que nenhuns, absolutamente nenhuns documentos autenticos nos deixaram, é inteiramente impossivel. Os povos *bantu*, que povôam toda a Africa Austral, não conheceram nunca a escripta, não erigiram sequer um tosco monumento aos feitos de seus antepassados. Algumas tradições oraes inteiramente desfiguradas por mil chimericas phantasias, as genealogias ainda mais confusas e a sua lingua, são os unicos elementos que nos restam para a reconstituição de seu passado. Existem, é verdade, alguns documentos dos primeiros descobridores, principalmente dos portuguezes, que ahi chegaram no xv seculo, mas esses apenas nos darão uma luz muito escassa no meio de tão confuso labyrintho. Assim, para fazer sequer uma syntese da evolução desses povos, temos a maior parte das vezes de lançar mão das conjecturas, e das hypoteses historicas

Para que se veja quão pouco nos podem elucidar as *genealogias*, basta saber que nenhuma passa do numero 10, como adverte Henri A. Junod, na enumeração de seus monarchas, desde o fundador, não obstante haver

grande distancia entre a fundação de varias monarchias que em differentes épocas dominaram nestes paizes. Entretanto o nome do primeiro rei figura sempre no principio da escala genealogica, e dá ordinariamente o nome á terra ou região, ou ainda á capital que depois se estende a todo o paiz. Assim Tembe, Maputo, Koça, Matola, Lebombo, Chai-Chai, etc., são homens que existiram, antepassados de muitos régulos actuaes e talvez de suas tribus.



17 — Carta da grande região onde se espalham as raças bantu

As *tradições oraes*, transformadas muitas vezes em lendas até bastante curiosas, deturpadas por um povo rude e inculto, não nos dão, a maior parte das vezes, senão uma escassa idéa da realidade. Os documentos dos portuguezes, áparte alguns pouquissimos estudos particulares ou monographias, só tocam na historia destes povos accidentalmente, e com grande obscuridade, como não podia deixar de ser.

Em face destes monumentos é absolutamente impossivel reconstruir a historia do passado destes povos; ha,

comtudo, dados de grande valor, sobretudo tirados do estudo comparado das linguas *bantu*, ou antes, *quibunda*, que permitem fazer um esboço rapido de sua origem e historia.

Em primeiro lugar, qual seria a distribuição dos primitivos habitantes d'África, antes da apparição dos *bantu*? Eis como responde o sr. conselheiro Ayres d'Ornellas:

«Do Equador, ou pouco acima, até ao Cabo da Boa Esperança, espalhava-se dispersa uma população negroides, de typo inferior, de que os Bushmen e os Hottentotes são os representantes na Africa Austral. O Norte oriental africano, desde Marrocos ao Egypto e á actual costa dos Somalis era habitado pelos Hamitas, raça afin na origem e na lingua do typo semita, mas que se pode considerar originada numa variedade superior das especies negriticas, de cujo typo fundamental se tinha já muito antes separado o grupo bushmen-hottentote.

«Nas linguas deste grupo, especialmente no ramo hottentote, tem os philologos encontrado afinidades, ainda que remotas com a estrutura das linguas hamitas.

«A occidente destes, entre o Sahará, o Atlantico, as florestas do Congo e talvez e valle do Nilo habitava uma raça de negros (pretos) verdadeiros, mais perto na origem dos bushmen do que dos hamitas, isto é, mais cedo diferenciada do typo negritico.

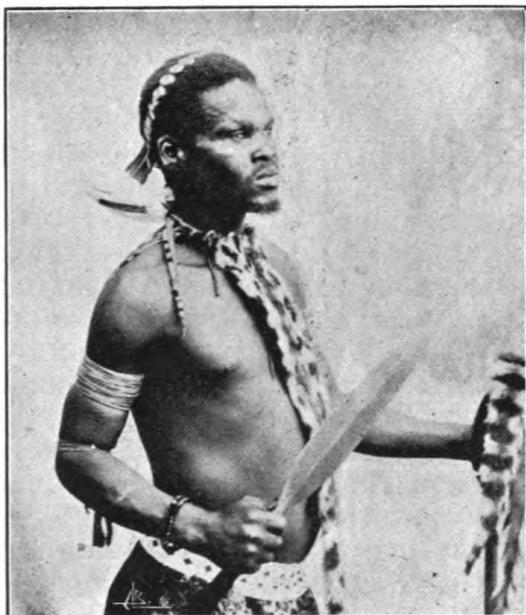
«Aqui e acolá estas diversas variedades misturam-se produzindo raças superiores ao negro puro, como os Nubios, os Somalis, os Falba, que estabelecem para assim dizer o limite entre o hamita e o negro. E quando estes invadiram a parte sul do continente africano, levaram comsigo a cultura, os animaes e plantas domesticos que tinham indirectamente derivado do Egypto.

«Estes negros invasores parece terem sahido do proprio coração, ao norte da Bacia de Congo, ao sul do Shari, a oeste do Nilo e a leste do Benué. Falavam uma lingua notavel pela importancia dos seus prefixos na construcção grammatical e na classificação das palavras. Esta archaica lingua bantu ⁽¹⁾ devia ter estreito paren-

(1) *Bantu* é o nome dado a este grupo de linguas pelo 1.º philologo que as estudou, Bleek.

tesco com a dos Fulahs, com as linguas de Darfur, e até com o Hansa, que é a lingua união entre os hamitas e as dos negros. Esta lingua é tambem symptoma da sua civilisação bem superior á das limitrophes especies negras, e explica como rapidamente se espalhou por toda a Africa Austral, absorvendo ou exterminando as das populações antecedentes.

«A data da invasão, ou melhor da sua apparição na Africa ao sul do Congo, pode ser proximamente fixada:



18 -- Guerreiro zulo

quasi todos senão todos os povos bantu tem a mesma radical exprimindo a palavra—galinha—ora, observa sir Harry Johnstone, ⁽¹⁾ para que uma palavra tenha a mesma significação desde a Zululandia, ao Congo, aos Camarões, aos Niansa, é preciso que essa palavra existisse na lingua commum antes da dispersão ou separação das tribus. Mas a gallinha entrou no Egypto sob o dominio Persa,

400 annos antes da era christan; os *bantu* devem pois ter começado a sua migração ha cerca de 2:000 annos» ⁽²⁾.

Haverá, pois, vinte seculos aproximadamente que os *bantu* (*a gente*) começaram esse grande movimento migratorio desde as florestas do Congo e da região central até aos Lagos, em direcção ao Cabo de Boa Esperança, levando deante de si os aborigenes—Bushmen-

(1) *British Central Africa*, pag. 480.

(2) Ayres d'Ornellas. *Raças e linguas indigenas em Moçambique*.

Ottentotes—suplantando-os inteiramente e encurralando suas ultimas reliquias na actual Ottentotia e Ovampia. Isso porém custou muitos seculos a realizar-se, e ainda no fim do seculo XVI os vemos irromper do coração da Africa para o littoral em vagas successivas, uma das quaes foi a dos Zimbas, de que Fr. João dos Santos nos deixou tão pormenorizada descripção na sua *Etiopia Oriental*. Estes invadiram a Zambezia, destruindo muitas cidades e fortalezas de mouros, como foram Quiloa e Mombaça, talando os campos, levando tudo a ferro e fogo e comendo até ao ultimo todos os vencidos que lhes cahiam nas mãos. Depois vieram seguindo para o sul até ao Cabo, assenhoreando-se de todo o paiz, submettendo as sociedades constituídas, absorvendo os povos e identificando-se talvez com elles, depois de introduzirem sua lingua, leis e costumes, tomando igualmente parte das instituições e costumes dos vencidos, e substituindo enfim por uma civilização mais culta o selvagismo primitivo dos povos vencidos. Em ultima analyse devem ser elles os ascendentes quasi immediatos dos zulos, que, num bello movimento de retrocesso, começaram de novo a estender o seu poderoso dominio desde o Natal aos Lagos, subvertendo tudo no principio do seculo XIX, com o aparecimento de um grande guerreiro, o famoso Xaka, o Napoleão africano, como alguns lhe chamaram.

A invasão dos zimbas, e as mil luctas successivas, tanto em direcção ao Cabo como em sentido contrario, entre as differentes tribus e povos já estabelecidos e que se iam estabelecendo, mais e mais foram retalhando essa raça.

«Como dos caracteres quasi geraes das conquistas das tribus africanas e da formação dos imperios é a absorpção e incorporação das tribus conquistadas nas tribus conquistadoras, d'ahi resulta a misturados caracteres physicos a ponto de tornar difficil a discriminação das feições typicas das raças. Se juntarmos a isto, que os povos selvagens d'Africa estão num periodo de evolução accessivel a todas as influencias... Se notarmos que não ha historia que nos esclareça e apenas se encontram tradições confusas... facil é comprehender as difficuldades que se oppõem á reconstrução, mesmo *mal definida*, da historia das emigrações,

das conquistas, dos imperios, que teem agitado a existencia rude, singela e feroz do grande continente.» ⁽¹⁾

Assim deitando uma vista d'olhos pelas grandes convulsões sociaes por que passaram os povos d'Africa Austral desde seus primeiros habitantes até hoje, encontramos primeiro os *Bushmen-Ottentotes*, que serão os aborígenes da grande região sul africana. Sobre esta primeira camada desdobram-se, por espaço de seculos, os povos *bantu*, num grande movimento de expansão natural, tanto mais vagarosamente quanto mais grossas são as fileiras dos primitivos habitantes, que, cedendo o passo a sociedades mais cultas e valentes, se vão agglomerando nas regiões do sul. Aquelles são encurralados na extremidade austral do continente negro, e as ultimas vagas da grande invasão *bantu* apoderam-se definitivamente de toda a Africa do sul. Este trabalho, que durou seculos, era acompanhado de outro não menos vigoroso de fermentação interna, que os dividia e fraccionava em numerosas tribus mais ou menos fortes, de vida mais ou menos longa, as quaes naturalmente se iam diferenciando umas das outras, adquirindo novos caracteres, habitos e costumes novos.

Assim se iriam estabelecendo, podemos dizer, grandes nacionalidades, fraccionadas desse povo immenso, como por exemplo as que no imperio romano se formaram dos povos barbaros, havendo tambem ahi contra-revoluções e invasões parciaes de tribu para tribu até á grande contra-revolução de Xaka, que num audacioso movimento de retrocesso tentou impôr o jugo a todos os povos que lhe deram origem.

Tinham-se passado perto de tres seculos depois da invasão dos Zimbabue, quando a ambição de Xaka se fez annunciar por famosas expedições militares.

Esse valente e temerario guerreiro pretendia reunir num grande imperio todos os povos da Africa Austral, desde o Cabo ao Congo e aos Lagos, mas foram-lhe frustrados os seus planos pela ambição de dois de seus maiores generaes—Mosilékatsé e Manukose.

O primeiro, arrastando consigo numerosas hostes

(1) Andrade Corvo, cit. na mem. d'Ayres d'Ornellas sobre as *Raças e linguas indigenas em Moçambique*.

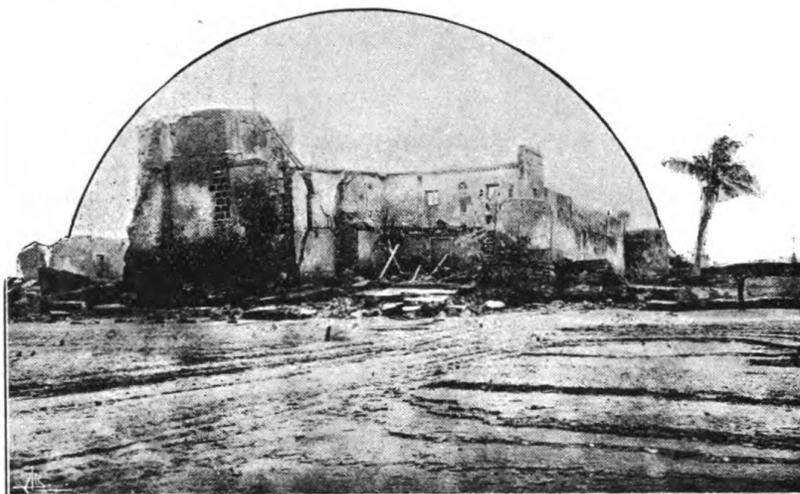
foi estabelecer-se nos paizes dos Nyai e dos Maxona, diminuindo assim o poder do grande guerreiro. Por sua parte Manukose seguiu para os lados de Lourenço Marques ahi pelo anno de 1819, arrastando mais de 3:000 familias *munguno*. Submetteu toda a região do Tembe ao Kosene, subiu os Lebombos e veio estabelecer-se no Biline, isto é, no valle do Limpopo, que foi sempre a attracção dos povos invasores. Alliou-se então com seu rival Songandaba, para combater outro guerreiro zulo chamado Nkaba, que os vinha perseguindo e que foi batido e rechaçado lá para os sertões do norte; e continuando sua marcha assoladora, conquistou muitas terras ao norte do Limpopo. Em 1830, segundo se crê, já dominava todo o extenso territorio que vai de Lourenço Marques até ao Save.

Livre Manukose deste rival, voltou as armas contra Songandaba, seu alliado, bateu-o e continuou suas correrias até ao Zambeze e talvez até ao Nyassa, ficando em 1855 senhor absoluto de todo o paiz denominado dos *tongas* (*vencidos, vassallos*) com que os zulos denominavam os povos conquistados do littoral, desde a Zululandia até ao Zambeze e Nyassa. Manukose estabeleceu-se depois na Mussapa, ao norte do Save, onde alguns autores pretendem ter sido o throno da rainha de Saba, e um dos portos onde as naus de Salomão vinham buscar o ouro de Ophir. Ahi firmou o seu poder sobre as tribus do N'djau e o seu reino foi de longa duração.

Ao dominio de Portugal ficavam apenas Lourenço Marques, Sofala, Sena, as ilhas de Bazaruto e pouco mais, sem influencia alguma no grande regulo.

Manukose morreu em 1859. Seu filho Mauena pretendeu arrebatrar o poder matando a todos os seus irmãos. Mozila, porém, refugiou-se no Transwaal, entrando dois annos depois em Gaza á frente de 6.000 de seus partidarios *kossos* e *mabuindjela*. Ahi deu batalha a Mauena desbarantando-lhe o seu exercito que contava 12:000 guerreiros. Apesar disso Mozila viu que não era capaz de proseguir seus planos de conquista contra forças muito superiores. Em vista disso pede em 1861 o auxilio dos portuguezes, que lhe foi concedido com a condição de se reconhecer vassallo de Portugal. Mozila pôde então organizar um exercito de 14:000 homens, quanto bastou para no anno seguinte, nas planicies de Nuamba

junto ás margens do Limpopo, desbaratar inteiramente as forças do usurpador, que passavam de 50:000 guerreiros. Mauena não se deu por vencido. Com inaudito trabalho pôde ainda juntar 35:000 homens de guerra, e entrando em Gaza como um incendio devastador pôr tudo a ferro e fogo, obrigando o seu rival a fugir em direção ao Buzi. Mozila, porém, antes de passar o Save, voltou á offensiva, bateu o atrevido guerreiro e lançou-o fóra do paiz.



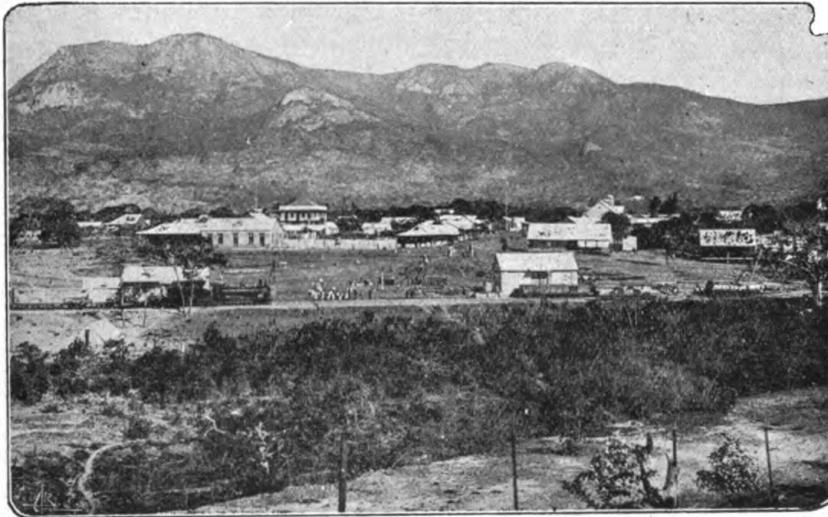
19—Fortaleza de S. Caetano de Sofala

Seguiram-se ainda tres annos de guerra fratricida que só terminou pela intervenção de Diocleciano das Neves que assistiu a toda esta grande campanha de dois enormes potentados indigenas.

Mozila prestou vassalagem ao governo de Lourenço Marques, mas longe de se mostrar submisso foi antes um perpetuo e infatigavel inimigo dos nossos dominios de Sofala e Zambezia, tyranisando despoticamente todas as terras que lhe deixara seu pai Manukose, e os regulos ou se curvavam submissos a seu jugo de ferro ou eram exterminados e substituidos por outros da confiança do despota.

Em 1884 morre Mozila e succede-lhe seu filho *Mon-dugaz*, que depois se chamou Gungunhana, fazendo a sua sagração com o sangue do seu irmão Mafemane. O governo da provincia ficou justamente inquieto com este

novo potentado manifestamente hostil ás poucas feitorias sobre que tinhamos jurisdicção, e contra o qual não havia meios de resistencia. Foi-lhe então enviado Alegria Cazaleiro, conseguindo que Gungunhana mandasse a Lisboa dois *indunas* a comprimentar el-rei, sendo por essa occasião firmado em nome do potentado negro um auto de vassalagem a 30 de outubro de 1885. Mas Gungunhana nada entendia de autos de vassalagem, e não estava disposto a cumprir as suas estipulações. Reclamou a Gorongosa, invadiu o districto d'Inhambane e hostilizou-nos quanto pôde em todo o territorio.



20 — Macequece

Em 1889 resolveu Gungunhana transferir-se para o sul, estabelecendo o seu famoso Kraal em Manjakase. Talvez o attrahissem as magnificas pastagens do Bilene, onde, á farta podia multiplicar e cevar os seus numerosos rebanhos, mas é mais provavel que a sua transferencia obedecesse a mais vastos planos de conquista e emancipação. Vindo para o sul approximava-se d'um grande rival, o regulo chope Binguana de Kambane, e concentrava mais as forças com que o havia de combater. Por outra parte punha-se em contacto mais directo com numerosos chefes seus partidarios e com os quaes contava para mais facilmente repellir as pretenções dos portuguezes.

N'esta emigração acompanharam-no grande numero de familias dos *banyai*, dos *mindonghe* dos *mungunu* e doutras tribus, que soffreram immenso na travessia de paizes inhospitos como os de Maxengua e Xikuala-Kuala, fazendo uma devastadora razzia nas terras que iam atravessando. Estas correrias equivaliam a um reconhecimento de seus vastos dominios, e á reconquista de todos os pequenos estados que, pela distancia, ludibriavam a vontade despotica de Gungunhana. Não havia perdão para os rebeldes, eram trucidados sem piedade todos os que lhe offereciam resistencia. E esses pequenos estados sem cohesão, sem laços de união, vivendo cada um no mais completo isolamento, sem forças para se oppõem á devastadora corrente que os esmagava, proclamavam o grande chefe ou succumbiam depois de luctas renhidas e mortíferas.

Os m'chopes, que habitam a costa do mar, desde o Inharrime até quasi á foz do Limpopo, foram dos que mais resistencia fizeram ao poderio de Gungunhana e jamais foram subjugados por suas hostes indomaveis. Defendidos pelo lado do sertão por immensas lagôas, que eram para elles outras tantas barreiras naturaes que obstavam á entrada dessas vagas de infinitos selvagens, poderam até ao fim impedir a entrada do inimigo e livrar as suas terras do saque e da completa destruição. Os m'chopes eram grandes atiradores de settas, e protegidos pelas suas lagôas, poderam a seu salvo desbaratar por mais duma vez os destemidos guerreiros do grande potentado de Gaza, obrigando-o a abandonar definitivamente uma empreza tão arriscada. Desse facto dizem que veio a esses povos da costa o nome de *m'chopes* — *os que atiram settas* — pelo que são conhecidos nas outras tribus.

Entretanto Gungunhana continuava a dominar despoticamente nas terras de Gaza, não cessando de hostilizar-nos, prestando occultamente o seu auxilio aos regulos revoltados da Magaia, de Zihlahla, e logo de toda a região do Incomati, na qual rebellião elle não tardou a tomar parte abertamente.

Portugal oppoz-lhes então a maxima resistencia, cujas principaes consequencias foram os gloriosos feitos de Coellela e Xaimite que assombraram as primeiras nações da Europa, illustrando o valor das armas portuguezas

e terminando assim em 28 de dezembro de 1895, com a prisão de Gungunhana, o grande pleito entre Portugal e o imperio vatua.

Gungunhana, cujas façanhas ainda o nosso povo se regala de ouvir contar, ficou igualmente lendario entre os povos de Gaza, que tão despoticamente dominava, e ainda hoje sentem por elle um terror supersticioso. Sendo para elles um chefe invencivel, um quasi semideus, os portuguezes pareceram-lhes nesse momento divindades de mais elevada cathegoria, e muitas vezes lhes ouvi dizer referindo-se aos portuguezes: *Branco é nosso pai, Gungunhana matava gente e o branco prendeu Gungunhana! Branco é nosso pai.*

*
* *
*

Hoje o viver desses povos é muito outro do que fôra em passadas eras. As suas condições sociaes nada teem de commum com o que acabamos de ver neste rapido bosquejo de suas convulsões, do seu estabelecimento nestas paragens, que levou seculos. A sua autonomia acabou.

O que, pois, ainda hoje se pensa entre o povo menos culto a respeito destas cafres, e em geral a respeito de *todos os pretos*, é o que ha de mais contrario á realidade, e que só pode ser justificado pela memoria mais ou menos exaggerada dessas extraordinarias façanhas de destruição e sangue, e ainda mais, segundo me parece, pela instrucção peculiar da maior parte delle, que consiste nessas interminaveis narrações contadas á lareira e ouvidas com religioso terror pelas creanças boquiabertas. Esses contos phantasticos e cheios de peripecias tão inverosimeis, são certamente o germen dos mais variados perconceitos, mas para a maior parte o primeiro credo e o mais infallivel.

Julgam muitos que a Africa é particularmente um paiz de feras e canibaes, e que não se pode dar um passo sem encontrar logo um inimigo formidavel, ou a morte com quem se tenha de lutar frente a frente. Muitas destas estravagancias não teem outra origem que a imaginação estragada de colonos ignorantes e charla-

tães que só procuram a admiração e o applauso dos ingenuos.

Dos *cafres* julga-se ordinariamente serem de uma indole feroz, sanguinaria, perigosos, intractaveis, e sempre promptos a tomar as mais sinistras resoluções a respeito dos brancos. E' um prejuizo como tantos outros.

Arrastados por chefes intelligentes, temerarios e cruéis, esses povos em luctas de morte, no tempo do nosso passageiro dominio nessas regiões immensas, cometeram a respeito dos brancos façanhas monstruosas, talvez porque viam, no meio dessas convulsões sociaes, novos e mais poderosos inimigos, de que se procuravam livrar de qualquer modo que podessem, adquirindo dessa forma tão sinistra e desfavoravel celebridade. Mas esse tempo já lá vae. Não ha um unico chefe com o prestigio necessario para levantar essas massas tão inconscientes, como naturalmente timidias e pacificas, quando as não illude o respeito supersticioso por um chefe que se lhes sabe impôr, por suas crueldades.

No tempo de Xaka, Manukose, Mazila e Guñgunhana a auctoridade portugueza não era reconhecida alem da ilha de Moçambique, da fortaleza de Sofala e em Lourenço Marques, e o prestigio de taes chefes era bastante para arrastar essas grandes massas inconscientes e supersticiosas. Esses chefes desapareceram, a auctoridade portugueza estende-se por toda a provincia e os régulos que representam a auctoridade local, alem de não estarem ligados entre si por laço algum social ou de familia, são todos á feição das auctoridades portuguezas, uns criados ao seu dispor e executores de suas ordens.

Assim, o preto, que é naturalmente amigo da paz e quietação, entrega-se de alma e coração a esse *dolce far niente*, que é a sua suprema bemaventurança. Não é elle, não, quem procura perturbar a paz e o socego em que se encontra, nem pedir contas sequer das vexações e injustiças que tantas vezes lhes infligem, abusando assim de sua condição humilde, pacifica e indefesa. A fama, pois, das crueldades e selvagismo dos *cafres* é unicamente devida a régulos excepcionalmente guerreiros e intelligentes, que, aos bandos, os sabiam conduzir á guerra, ao sangue e á rapinagem.

Hoje são mansos cordeiros, inoffensivos e indefesos, e com mais segurança percorre um homem sósinho as suas florestas e povoações, que a maior parte das nossas estradas da metropole. E não pareça arrojada esta afirmação, pois qualquer colono tem cada dia ocasião de o experimentar. O que realmente se nota é o grande respeito do preto para com o branco, que ao passar junto de grandes bandos de selvagens, estes lhe abrem passagem pelo meio, e, levantando a mão ou as azagaias em signal de respeito o aclamam estrondosamente: «*Xáuâne ho-si!!... Deus te salve, rei!*»

2—Raças e caracteres

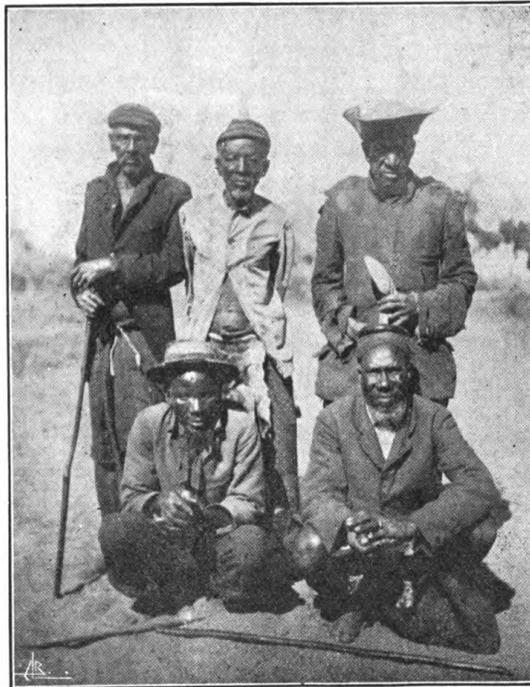
Já vimos, muito summariamente, a origem das principaes raças ou tribus que povoam a região de Gaza. Seguir todos os seus passos, os seus movimentos migratorios em todos os sentidos, o fraccionamento e mistura constante de raças e tribus tão diversas e inquietas, é impossivel. No meio deste confuso labyrintho de povos apparecem recentemente os *vatuas*, tornando mais obscura a confusão. Provenientes todos da mesma origem *bantu*, mas constituindo já tribus bem caracterizadas, os *mungunu*, de Manukose, os *mabuindjela* e *kossos* de Mozila, e ainda outras tribus bem diferenciadas vêem estabelecer-se no meio dos *valenghe*, dos *mindonghe* ou *m'chope*, assimilando tudo, vaturalizando rapidamente as tribus vencidas. Estas raças eram especialmente pacificas e agricolas, mas os *mungunu* souberam exercer sobre elles tal influencia que não tardaram a convertê-los em guerreiros tão valentes e audazes como elles proprios.

«O costume seguido tanto pelo Mozila como pelo Gungunhana de transportar os habitantes de um paiz para o outro, deu tambem em resultado formar colonias de gente fallando um dialecto, na area de outro dialecto muito differente; tal era o caso dos *mujau* ou *ndjau* da Musapa, transportados para entre Manguanhana e Chicombo. O primitivo dialecto do bilene quasi desapare-

ceu diante da influencia angune, tão forte nessa região, enquanto o ronga de Lourenço Marques se conservou.

«Assim podemos concluir que os efeitos da invasão actual foram bem mais fortes que os das invasões anteriores.

«Solida fôra a organização dada á raça zulu pelo genio de Xaka, invencível o orgulho que a animava, e assim poderam matabeles e angoni correr a Africa desde a Zululandia á Machona, desde Lourenço Marques ao Zambeze e ao Nyassa, imprimindo nas raças avasaladas um cunho tão fundo que não só as incorporaram em si como elementos dos novos imperios, mas as fundiram numa nova raça que subsistiu até á queda dos seus dominadores, ao desaparecimento de Lobengula e Gungunhana. Bastaram duas ou tres gerações ⁽¹⁾ para confundir em usos, costumes e linguas, vatuas e vatualizados, transformados estes de pacificos agricultores em guerreiros selvagens, que do Incomati ao Luabo tantas vezes fizeram ouvir o seu canto de guerra:



21 — Vatuas. Antigos soldados do exercito colonial

Uimeban, uimeban!
Uime a parese come jab!

E a dureza das luctas que inglezes e portuguezes

(1) Nos Matabele, Mosilékatsé e Lobengula. Nos vatuas, Manukose, Mozila e Gungunhana.

tiveram que supportar para expulsar de Buluvayo e de Manjakase os grandes chefes da raça zulu e de Ulundi e Katchivaio, a aspereza das revoltas acabadas nos Matoppos e em Mepulangüene, mostram a tenacidade e resistencia de uma raça que, fundando taes imperios na Africa Austral, soube assim dar a mais elevada prova de capacidade que conhecemos á raça negra.» ⁽¹⁾

O imperio de Manukose e Mozila ficou solidamente firmado, succedendo-lhes Gungunhana. Este não permaneceu muito tempo na Musapa. Vindo estabelecer-se no Bilene, arrastou de novo os *mungunu*, *mabuindjela*, *banyai*, *mundau* e *bitonga* das margens do Pungüe, Buzio e Save, misturando-os com os *m'chope*, *maxengua* e com as varias tribus mais ou menos characteristics que já existiam em Gaza. Assim todas estas tribus se encontram hoje confundidas, quasi identificadas por uma fusão radical, que tende a accentuar-se cada vez mais pelas actuaes condições sociaes em que se encontram sob o governo europeu, em paz e harmonia entre si. Comtudo predominam os *m'chopes* nas margens do Inharrime e na região que fica entre este rio, a costa maritima e as terras de Chipala. Do sul de Inhambane ao Pafuri e ao valle esquerdo do Limpopo acima do Chitanguli espalham-se as tribus *maxengua*. Os *mungunu* (vatuas) habitavam misturados com as outras tribus: *mabuindjela*, *maxengua*, *makuakua*, *mundau*, *banyai*, *bitonga*, etc., todas as margens do Limpopo, Changane, e ainda parte do Inharrime. Os *machanganana* não são uma raça propriamente dita, mas todos aquelles que receberam os usos e costumes dos *mungunu*, sendo por isso um termo depreciativo para aquelles que os não receberam.

Seus costumes e instituições, suas crenças, superstições e lingua, e todas as suas manifestações de vida, quasi se confundem tambem, e apenas se notam diferenças minimas que tendem a desaparecer rapidamente á sombra de uma paz e quietação que elles nunca disfructaram tão duradoira.

Na impossibilidade de precisar os caracteres de cada tribu em especial, darei apenas uma ideia geral de seus

(1) Ayres de Ornellas— *Raças e linguas indig. em Moçambique.*

caracteres mais apparentes, segundo o que pude observar no pouco tempo que vivi entre elles.

Em geral, quando ouvimos fallar de negros, a nossa imaginação pinta logo os entes mais extravagantes e monstruosos e de caracteres os mais repugnantes e hediondos.

Labios muito grossos e encarnados, olhos vivos e chammejantes, um prognatismo exaggerado, constituição herculea, seios demasiadamente desenvolvidos nas mulheres, ferocidade, braveza, canibalismo, e não sei quantas mais phantasticas monstruosidades, eis o que geralmente se pensa dos pretos entre o povo.

Foi o que tambem aprendi em pequeno e, comtudo, quasi posso dizer que nenhum desses exaggeros vi nas terras por onde passei. Se seus olhos e dentes alvejam tanto, não é senão pelo fundo negro em que os vemos, pois em realidade nem teem estes mais brancos que os nossos, e aquelles são até de um branco sujo mais ou menos pronunciado, semelhantes aos olhos de um bilioso; em todo o caso menos brancos que os da raça europeia.

Ha pretas que teem seios demasiadamente desenvolvidos, mas tambem ha outras que quasi os não teem, e a generalidade está dentro da regra que podemos applicar ás nossas bellas patricias. Uma ou outra tribu que excepcionalmente foge desta regra é para compensar não poucas excepções que tambem se dão entre nós.

Emfim, muitos exaggeros que se contam desses povos não são, a maior parte das vezes, senão factos particulares, muitos de pura phantasia, e outros ainda da mera illusão facil de explicar.

A hediondez repugnante e extraordinaria fealdade que nos revelam os pretos no seu todo, tem a sua justificação para a maioria dos que os observam, porque esta observação é quasi sempre superficial. A impressão demasiadamente desagradavel que se experimenta quando se vêem a primeira vez aos rebanhos, como escravos, como gado immundo e desprezivel, nos portos e caes, para o serviço de carga e descarga dos navios, onde quasi sempre os vemos a primeira vez, é certamente a causa principal da opinião desfavoravel que temos a respeito delles. E é tambem ahi á vista de um tão profundo contraste entre elles e numerosos cava-

lheiros e senhoras europeias, luzindo nas suas mais garridas e luxuosas *toilettes*, que se nos accentua de uma maneira quasi indelevel a repugnancia por estas raças menos favorecidas da sorte.

Nelles apparece só a natureza em toda a sua nudez e descuidado abandono, que lhes é peculiar, emquanto nos observadores ha não poucas vezes só a arte e o enfeite, occultando não raro perfis bem mais repugnantes que os dos mesmos cafres. Alem d'isso temos geralmente contra elles a systematica preocupação de os considerar em tudo muito inferiores aos outros homens, só raras vezes examinando-os com um pouco de interesse e boa-fé a vêr se n'elles encontramos alguma coisa de formoso e bello.

Em pleno matto e entre esses numerosos bandos de pretos que o povoam, e que, como as vagas, andam num continuo fluxo e refluxo do interior para o litoral e daqui outra vez para a profundeza das selvas, sem termo de comparação de bellezas mais ou menos convencionaes, é que se póde avaliar bem o perfil destas raças, em geral muito mais esbeltas, nobres e bellas, que a de tanta humanidade asiatica que com elles vivem á mistura desde ha muitos seculos.

Basta a convivencia de alguns mezes com elles, sem preconceitos de côr ou de raça, para começarmos a modificar, sem dar por isso, o conceito demasiadamente desfavoravel que d'elles faziamos. Habitamo-nos insensivelmente a esse novo meio, e não tarda que nos esqueçamos de que vivemos entre pretos, para só julgarmos que estamos entre os nossos aldeãos, ainda que dos mais broncos e refractarios a tudo o que é progresso. E esse conceito é tanto mais natural e espontaneo quanto entre ambos ha a maior approximação no que diz respeito ao modo de vêr e apreciar as coisas, na admiração que tudo lhes causa, na sua lhaneza e ingenuidade, numa tal ou qual esperteza de camponio que sempre manifestam nas suas criticas e palestras, nas suas superstições e numa boa dóse de seus usos e costumes.

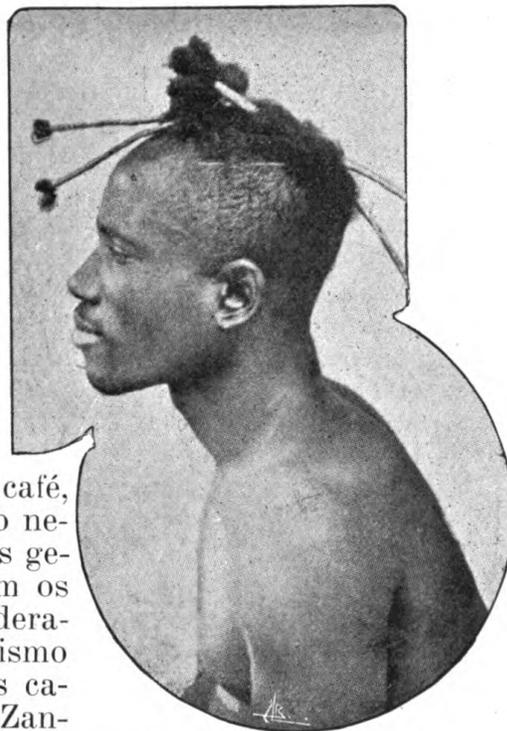
Começamos a distingui-los perfeitamente pela sua physionomia, pelos seus modos, pela voz, pelo andar, por todas as suas manifestações de vida. Encontramos então typos a quem instinctivamente chamamos bellos,

de traços correctísimos, de esculptura desempenada, de prognatismo quasi nullo, de tez fina e delicada, de uma grande harmonia em todas as suas partes, o que tudo sobresaie muitas vezes por um certo desenvolvimento natural de espirito e bom gosto que revelam em muitas coisas. E' certo que um typo d'estes póde chamar-se uma excepção, em todo o caso muitos e muitos se lhe approximam vantajosamente. Tambem os ha de metter medo, lá isso é verdade, mas é o que se dá em toda a parte.

O typo superior da raça negra é incontestavel o *bantu*, de que os cafres (*Kafir*, do arabe, quer dizer *infiel*, para os distinguir dos mouros que são *crentes*), são apenas diversos ramos.

São de estatura elevada (1^m,72 em média), bem proporcionados, de testa arqueada, craneo estreito, côr negra geralmente, ou antes um mixto de negro e côr de café, indo progressivamente até ao negro retinto, que não é o mais geral na região de Gaza. Tem os cabellos negros, beiços moderadamente salientes e prognatismo não muito pronunciado. Os cafres do Congo, os *suaili* do Zanguebar, os *bechuana* e os *zulos* são todos do ramo *bantu*. São considerados dos povos negros os mais inteligentes, laboriosos e valentes.

Os povos de Gaza são todos da mesma origem, ou elles procedam da primeira invasão *bantu*, ou dos *zimbabás*, ou de outras invasões que houve mais tarde em differentes direcções, depois daquellas se constituirem em differentes tribus e nacionalidades. Possuem, portanto, os mesmos caracteres physicos e anthropologicos mais geraes, e ainda os communs a todos os negros. Tem o craneo alongado, cabello encarapinhado, nariz



22 — Typo da Africa Central

largo e chato, beiços grossos e revirados, mas sem exaggero. Quanto ao moral todos são preguiçosos, imprevidentes, levianos, pueris e muito falladores, empregando em seus longos discursos infinitos rodeios, repetindo muitas vezes as mesmas ideias, gesticulando de todos os modos possiveis, esgotando para assim dizer, todo o seu vocabulario immenso nas mais afastadas digressões, manifestando em suas interminaveis parlendas não só uma verbosidade inexgotavel, mas uma eloquencia muito acima do vulgar. Isto é-lhes natural e commum a todos os sexos e idades.

Encravados no meio destes povos estão os hottentotes e bushmans.

Os hottentotes quasi não possuem o lóbulo da orelha e outros teem-no apenas rudimentar e imperfeito. As mulheres são muito affectadas de steatopygia, chegando a poder sentar os filhos nas nadegas extraordinariamente desenvolvidas. Tem as mãos e pés chatos, são preguiçosos e immundos, e vivem da pastoreação.

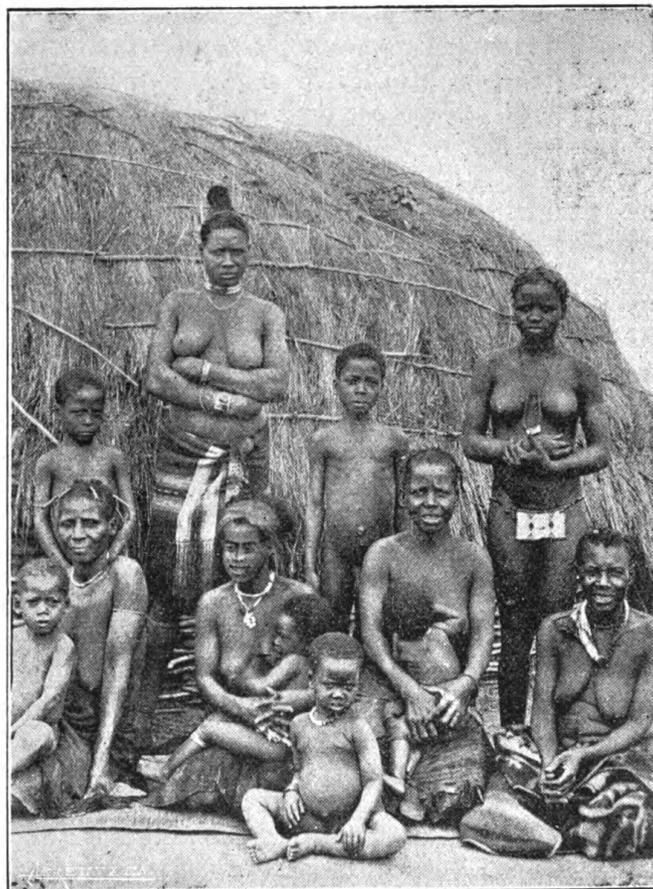
O sr. Ayres de Ornellas dá-lhes os seguintes caracteristicos:

« Mesocephalia; capacidade craneana entre 1:350 e 1:450 centimetros cubicos; côr variando desde o amarello á côr de azeitona; esqueleto franzino, mas mais alto que o bushman; carapinha salpicada aos tufos; nariz achatado; olhos obliquos e affastados. Pastores, menos selvagens que os bushmen, conhecendo a metallurgia, usando a azagaia, rodella e móca; arcos e settas hervadas; laços de governos de chefes de clans (aggremações de familias); animaes domésticos; o boi, o carneiro, o cão; linguagem menos abundante em estalidos, sem soluços; inflectindo-se por meio de affixos, com tres numeros e systema de numeração decimal». ⁽¹⁾

Os bushmen são ainda inferiores aos hottentotes. Não teem mais de 1^m,40 de estatura, teem pernas curtas e braços compridos como os macacos anthropomorphos, possuindo igualmente o seu tremor caracteristico dos labios, movimentos bruscos e caprichosos, orelhas pequenas e sem lóbulos e craneo muito alongado. São os

(1) Ayres de Ornellas — *Raças e linguas indigenas em Moçambique*.

homens mais imperfeitos e atrasados e de physionomia mais bestial. Vivem no estado nómada e quasi sempre em cavernas. As mulheres são todas affectadas de steatopygia.



23—Typos da raça bantu, pertencendo particularmente á familia vatua

Accrescentemos os caracteristicos que lhes assignala o sr. Ayres de Ornellas na obra citada:

« Microcephalia; capacidade craneana comprehendida entre 1:195 e 1:288 centimetros cubicos; côr amarello-pardo baços; esqueleto de anões; cabelo salpicado em tufos de carapinha; olhos pequenos e muito encovados; pavilhão auricular sem lóbulos, ventre saliente; dorso encovado; pernas delgadas. Selvagens caçadores, habi-

tando cavernas, usando arco e settas hervadas; laços de governo apenas os de parentesco; animal só o cão; linguagm abundante em estalidos e sons guturaes (soluços). »

E accrescenta em nota:

«A lingua bushman é dos infimos meios de exprimir ainda as ideas mais simples; o plural é formado pela reduplicação; a sua numeração não vae além de tres; apenas é susceptivel de reduzir a escripta.»

O seu nivel anthropológico é, pois, o mais inferior que se conhece. Não dista quasi nada do macaco. Sem expansão nenhuma, apertados de todos os laços pelos povos *bantu*, de inferioridade incontestável em tudo, esses povos tendem a desaparecer, pois não são capazes de enveredar no caminho do progresso adaptando-se ao meio social que os rodeia.

Os *bantu*, em geral apresentam os seguintes caracteristicos:

«Megacephalia; capacidade craneana inferior a 1:485 centímetros cubicos; esqueleto tão bem formado como o do europeu; cabeça coberta de carapinha; côr pardo-escuro a preto; nariz achatado, mas ás vezes proeminente; pastores e agricultores, conhecendo a metallurgia, usando azagaia, machadinha, móca e rodella; alguns, arco e settas; governo regularmente constituido com um systema completo de leis; animaes domésticos: o boi, o carneiro, a cabra, o cão, a gallinha; linguagem musical, euphónica; palavras abundantes em vogaes, inflectindo-se para produzir harmonia nos sons.» ⁽¹⁾

Na sua linguagem teem-se introduzido alguns *estalidos* caracteristicos das duas precedentes raças inferiores, mas esses são de importação *zulu* ou *vátua*, que viviam em contacto mais intimo com os ditos povos. Essa importação obedece pouco mais ou menos ao mesmo critério, que entre nós a dos termos e expressões inuteis de francez ou inglez, para mostrarmos erudição ou uma polidez mal entendida.

Mas voltemos aos povos de Gaza, de quem temos de dizer algumas particularidades.

(1) Ayres de Ornellas — *Raças e linguas indigenas em Moçambique*.

A sua estatura média é a regular, sendo geralmente mais desenvolvida nos *m'chopes* e mais franzina nos *mungunu*. Encontram-se também os extremos: homens agigantados, e anões. Destes observei dois ou tres homens e uma mulher. O tronco é quasi sempre proporcionado á altura, possuindo em geral forte musculatura.

Estes pretos, ordinariamente, são magros e seccos, devido talvez á má alimentação, cereaes, hervas e fructas silvestres, e nem sempre em abundancia, o que é natural, visto a sua indolencia e aversão ao trabalho, e a grande carestia das mulheres, que são a sua força viva e a quasi exclusiva fonte de receita. Antigamente possuíam grandes e bem nutridos rebanhos que lhes davam muita carne, de que são avidos em extremo, e assim, além de uma alimentação muito do seu gôsto, tinham com que comprar muitas mulheres que mais lhes augmentavam a riqueza.

Hoje não possuem rebanhos, porque lhos dizimaram as epidemias, tendo assim mais fraca alimentação e menos facilidade de comprar mulheres, que são quem lha proporciona. Por isso dispõem geralmente de pouca força, muito ao contrario do que ordinariamente se julga, e um europeu, de forças medianas, dispõe de mais energia que qualquer preto. Ha excepções, mas aquella é a regra. Daqui se pode calcular o valor do seu trabalho, principalmente se tivermos em conta a falta de exercicio e de vontade, e a sua grande volubilidade em tudo.

Todos apresentam o frontal mais ou menos deprimido, prognatismo mais ou menos pronunciado, com raras excepções, nariz largo e chato, ventas muito largas e volumosas, sumindo-se quasi inteiramente a cana do nariz junto dos olhos.

Nas orelhas o lóbulo é muito reduzido, ás vezes apenas rudimentar. Quasi todos o trazem furado com grandes golpes de navalha, ornando-os com varios objectos, alguns de mais de um centimetro de diametro.

Os *m'chopes* antigos e conservadores de suas tradições são os unicos que não usam essa mutilação, distintivo dos sequazes do Gungunhana e dos povos que a elle se sujeitavam; e como os *m'chopes* defendidos pelas suas lagôas e pela boa pontaria de suas azagaias, se poderam subtrahir ao jugo do invasôr, conservaram igual-

mente a integridade de suas orelhas, reputando esse signal como ignominioso, assim como os outros o teem em muita estimação e apreço. Em consequencia dessa mutilação alguns trazem o lóbulo muito distendido e desfigurado, e a outros falta-lhes inteiramente por defeito da operação.

Geralmente teem os labios grossos, sendo o inferior um pouco mais que o superior, e ordinariamente um tanto pendido, deixando ver os dentes. São da mesma côr da pelle, mas não tão carregada.

Os dentes são brancos, fortes e dispostos obliquamente. Muitos teem-nos estragados, pôdres, cariadados ou faltam-lhes inteiramente.

Nalgumas regiões limam-nos, para ornato, e essa operação faz-se nivelando-os todos igualmente na base e aguçando os de diante ao modo de machado ou aguçando cada um em forma de dente de serra. Tem os olhos regulares, em apparencia muito vivos por causa do fundo negro em que apparecem. O iris é totalmente negro. A esclerotica não o é tanto como nos de um europeu. E' antes um composto de branco e amarello sujo. As sobranceilhas faltam-lhes quasi inteiramente, tendo-as separadas uma da outra mais de dois centimetros. As pestanas são tambem muito espaçadas, curtas, sedosas e feias.

Para as indigenas, as pestanas, longe de aformosearem, antes diminuem a belleza do rosto, e por isso não só as arrancam muitas vezes a si proprias senão tambem aos maridos, o que em geral fazem violentamente, mas que no fim de contas elles não levam a mal. Entre nós são muito apreciadas, sobretudo no bello sexo, bem povoadas pestanas e fartas sobranceilhas; entre estes cafres dá-se o contrario.

De barba são tambem muito pobres. Geralmente possuem apenas alguns pellos no bigode e pera, quasi sempre tão encarapinhados como os da cabeça (V. fig. 21). Uma pequena percentagem apresenta, não obstante, bons exemplares de peras fartas e compridas, e apenas uns dois ou tres pretos vi com barba completa, muito desenvolvida; bem disposta e bonita, coisa que elles apreciam immenso, cultivando com o maior esmero qualquer pouca barba que possuam.

O cabello da cabeça é sempre muito curto e encara-

colado, tanto nos homens como nas mulheres. Entre elles é muito rara a calvicie, talvez por andarem sempre com a cabeça descoberta ao ar e á luz. Vi apenas um ou dois calvos, alguns com poucos principios de calvicie, e não mais de meia duzia de cabellos brancos. São todos accentuadamente dolichocephalos.

Os hombros são geralmente levantados e fortes, espaduas musculosas e salientes, o que talvez chame mais a attenção por estarem sempre á vista. Teem os braços regulares e bem feitos, mãos compridas e um tanto estreitas, dedos compridos e delgados, unhas compridas, estreitas, bem feitas e rosadas. A palma da mão não é branca, como geralmente se crê, mas da côr de pergaminho velho e sujo, com uns prolongamentos de côr negra desbotada, a modo de veios. Com os pés dá-se outro tanto.

A arca do peito é geralmente bastante sahida, larga e volumosa. Os homens teem muitas vezes os seios quasi tão desenvolvidos como as raparigas quando entram na idade da puberdade.

As mulheres teem-nos regulares, bem feitos e bem torneados quando jovens, e não com um desenvolvimento tão exaggerado, como geralmente se crê, apresentando todos os typos de formas diversas de seios. As que sahem desta norma devem apontar-se como excepções. Depois que chegam a amamentar os filhos um dos seios desenvolve-se mais que o outro, por via de regra, e um delles fica mais pendido e disforme, o que succede não só por trazerem geralmente um delles sempre ligado e apertado com o panno ou pelle em que trazem os filhos atados atraz das costas, senão que por este mesmo motivo a maior parte das vezes só lhes dão de mamar no outro, puxando os filhos por baixo do braço e pondolhes assim a teta na bocca, que elles por sua vez puxam e distendem sofregamente á medida que lhes vão chupando o alimento. Por isso é natural que o leite afflua mais a este peito, desenvolvendo-o mais consideravelmente, ficando o outro por sua vez mais atrophiado e mirrado.

Quasi todos teem o ventre volumoso e um pouco pendido, o que é devido certamente a andarem constantemente desligados e desprotegidos e sem vestidos que os amparem. Uma coisa notavel muito frequente entre elles

é a exemphalia, ainda mais commum nas crianças que nos adultos, o que me fez suppôr que ella tende a desaparecer com os annos. Neste particular encontram-se verdadeiras monstruosidades, apparecendo alguns com o umbigo tão saliente e volumoso como uma pera regular, havendo uma grande percentagem mais ou menos affectada deste accidente.

Em geral tem as nadegas mais salientes e volumosas que os europeus, o que nas mulheres attinge proporções mais avantajadas, sem comtudo se poderem talvez dizer affectadas de verdadeira steatopygia. Em toda esta região vi apenas uma que talvez se podesse collocar nesse numero.

O costado correspondente á amplidão do peito e ventre, é espaçoso e desempenado. As pernas teem-nas ordinariamente compridas, delgadas e bem feitas. As das mulheres são mais curtas, grossas, pesadas, feias e repellentes, o que ellas ainda exaggeram mais enchendo-as de manilhas de cobre ou ferro, em numero de quarenta e mais em cada perna, com um peso total de dois kilos. Os homens tambem usam ás vezes deste adorno, mas nunca em tanta profusão, o que todos applicam igualmente aos braços, para se tornarem mais elegantes e bellos, como elles julgam.

O pé é geralmente bastante comprido, calcanhar muito saliente e volumoso, e a sola do pé muito plana, de modo que a assentam inteiramente no solo como os plantigrados. Em muitissimos casos, e principalmente na confeição de varios tecidos, como esteiras e palhoças, servem-se dos dedos dos pés como se fossem mãos, mas isso deve-se attribuir antes ao exercicio e á necessidade que assim os obriga a servirem-se delles nestes misteres. Quando um preto ou preta leva alguma coisa ás costas ou á cabeça e se lhe offerece apanhar uma outra do chão, nunca se abaixa para isso, mas apanha-a com os dedos do pé e com elle leva o objecto á mão.

Estes cafres, além de não usarem vestidos, mais que um panno muito estreito em volta dos rins, são igualmente desprovidos de pello no corpo. Apenas possuem alguns pequenos tufos na cova dos braços, pouquissimos no peito e no pubis e ás vezes tambem no baixo ventre, os quaes sempre crescem pouco e são geralmente carapinhos, como os da cabeça.

Uma das coisas que mais se nota logo nos pretos é essa constante secreção cutanea (*catinga*), que geralmente não apparece á vista, mas que lhes deixa em toda a superficie da pelle uma camada fina e pegajosa de um fetido insupportavel. Não é isso devido, como se podia julgar, ao seu grande descuido em se lavarem, pois antes teem nisso um cuidado particular e extremo, o qual não impede que poucas horas depois estejam no mesmo estado exhalando um fedor nauseabundo e penetrante. Isto, que a elles mesmo tanto incommoda, é a causa do seu maximo cuidado em correrem todos os dias duas vezes e mais, sempre que lhes é possivel, a todos os regatos, lagôas e ainda a qualquer charco imundo onde se possam banhar e lavar á vontade.

Este excessivo cuidado de limpeza que elles teem, em geral, onde ha abundancia de agua, minora muito, é verdade, esse fartum insupportavel que continuamente exsudam por todos os poros, especialmente durante e apoz um trabalho fatigante, mas não é sufficiente para lho eliminar de todo. Onde se pode avaliar toda a intensidade deste fartum caracteristico é nos navios costeiros, onde, durante muitos dias, ali vão amontoados aos centos, ou quando, em grande numero, transportam mercadorias do litoral para o interior. Essas emanações são então insupportaveis e quasi asphyxiantes.

Todos estes caracteres são communs a homens e mulheres, áparte os caracteres peculiares do seu sexo.

Além disso as mulheres são geralmente mais baixas que os homens, de rosto mais delicado, de feições mais feminis. Quando chegam á idade adulta affiguram-se nos mais feias e repellentes que os homens tambem adultos. A tatuagem exaggerada que usam, e de que fallarei mais adiante, convertem-nas a nossos olhos nuns entes verdadeiramente hediondos e disformes, antipathicos e repugnantes, e é comtudo um ornato elegante, um requinte de belleza para os naturaes. A belleza em concreto é assim uma coisa muito relativa.

3—Accidentes da vida indigena

Um preto nunca sabe a idade que tem, nem para elle ha um momento fixo para a contagem do tempo. Pode fixar um certo numero de *luas* (lunações) na contagem da idade dos filhos, ou dum certo periodo da propria, mas não tarda a esquecer-se totalmente das relações do tempo, e nem elle se preocupa com isso. Sobre a sua idade sómente em presença dos individuos se pode fazer um calculo mais ou menos approximado depois dalguma experiencia.

O seu desenvolvimento é rapido e assim os jovens são ordinariamente mais novos do que apparentam, dois, tres e mais annos. Os rapazes entram na edade da puberdade dos dez aos doze e as raparigas muito mais cedo ainda.

Nisto influe o clima, o meio e ainda os habitos e costumes sociaes, muito mais livres, muito menos ligados a certos convencionalismos que entre os povos cultos. Assim como se desenvolvem, devem tambem fenecer mais rapidamente.

Muitos querem que elles cheguem a uma idade muito avançada, mas nisto, como em muitas outras cousas que delles se diz geralmente, deve haver exaggero, e creio que não ha razões sérias para lhes attribuirmos maior longevidade que aquella a que regularmente nós chegamos.

O que difficilmente encontramos nos pretos são os

documentos que entre nós accusam as idades avançadas. Cabellos brancos e calvieie são muito raros. A falta de dentes e a seccura dos membros, isso é muito mais commum; esta sobretudo.

A mortalidade, muito mais crescida nas creanças que nos adultos, creio estar na mesma relação dos nascimentos, que entre nós.

A percentagem da população feminina sobre a masculina pode comparar-se á das provincias do norte, principalmente do Minho. As causas parece serem as mesmas. As mulheres é que trabalham e se exercitam em todos os misteres, sendo por isso mais robustas e vigorosas que os homens; estes emigram em grande numero para as povoações europeias do litoral e sobretudo para o Transwaal, e lá ficam muitos naturalizados, mortos nos hospitaes ou soterrados em massa debaixo das minas; o homem é sempre o que está mais exposto aos perigos e á morte, e antigamente, nas guerras indigenas, eram elles que pagavam ao vencedor o tributo de sangue, sendo as mulheres reservadas como o mais rico despojo. Alem disso as meninas são sempre a prenda mais cara do lar domestico, porque são um capital seguro e que quasi sempre começa a render desde os primeiros annos, como depois veremos, e assim todos os cuidados lhes são dispensados, emquanto que os rapazes não raro vivem ao abandono logo desde a primeira infancia, o que tudo concorre para a grande desigualdade numerica nos dois sexos.

Isto nenhum inconveniente teria para elles visto a polygamia lhes ser permittida sem limites, mas como actualmente, por causas que depois veremos, poucos são os que podem comprar mais de uma ou duas mulheres, ficam muitas por casar, entregando-se por isso nalgumas partes á mais desenfreada devassidão. O que é para admirar é que nestas circumstancias não baixe o preço por que as comprem, o qual nesta região é inalteravelmente de 20 a 25 libras. Mas na esperança de maiores lucros nenhum se atreve a vendê-las por menos.

A grande mortandade das creanças é devida em parte aos muitos maus tratos a que estão expostas, pela incuria, ignorancia ou pouca sensibilidade das mães, e por outras causas.

O sol abraçador a que logo nos primeiros mezes andam expostas ás costas da mãe, como adeante veremos, deve-lhes ser fatal em muitos casos. Comtudo o frio é o seu maior tormento e é elle que faz mais victimas ainda mesmo nos adultos. Uma temperatura inferior a 5° c. já é insupportavel aos organismos dos pretos, cuja vida, quasi como succede aos animaes de sangue frio, é o calor abraçador dos tropicos. Ora não obstante estas regiões serem tão adustas durante quasi todo o anno, nem por isso deixam de correr por ellas grandes frios.

Em maio começa a temperatura geral do ambiente a baixar, descendo successivamente até meiado de julho, e d'aqui tornando a subir gradualmente até meiodos d'agosto, em que attinge a sua intensidade normal. De maio a julho a temperatura chega algumas vezes a 0°, e pelo menos não passa de + 2°, 3°, a 5° c. desde o occaso ao nascer do sol. Então as cacimbas são abundantes e insupportaveis, e os mesmos europeus aconchegam-se bem nos seus agazalhos. Ora o preto, afeito até ali ao calor de que tanto gosta, sem roupas para se cobrir, nem animo para juntar um bom deposito de lenha que lhe sustente as fogueiras durante toda a noite, soffre todo o rigor dum frio para elle insupportavel, soffre horrivelmente e contrae doenças que lhe levam a vida.

Um meio de que elles usam, e dos mais valiosos, segundo dizem, contra o frio, são gorduras e azeites diversos com que se untam da cabeça até aos pés. O azeite mais usado nesta operação é o de ricino, que fabricam de proposito para esse fim. E' pena que sejam tão preguiçosos, pois sendo essa planta quasi expontanea e creando-se tão facilmente em todas estas terras, podiam dispôr de grande quantidade d'oleo no inverno, se se dessem ao trabalho de o cultivar e extrahir. Os membros por onde começam a operação é a cabeça e a cara, depois os braços, as pernas e emfim o tronco, se para tanto chega o remedio, servindo-se para o mesmo fim de toda a casta de gorduras, o que em muitos casos tambem fazem por luxo, pois ficam assim mais luzidios, com a pelle mais mimosa e mais bonitos, segundo elles pensam. Ha umas plantas de cujas raizes, brancas, muito tenras e aquosas, fazem igual uso, untando com ellas o corpo como se fossem vellas de cebo.

Estes meios, porém, não são sufficientes nem efficazes

e assim são muito atacados de catarrhos, constipações e todas as suas consequências, que para muitos é a morte, principalmente para as creanças.

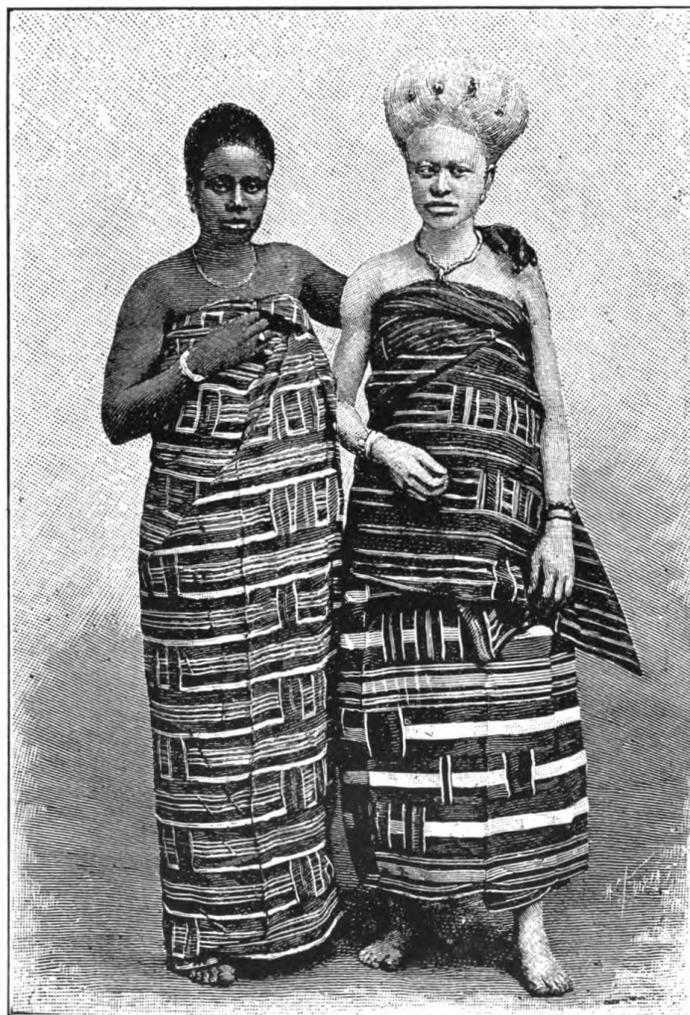
O impaludismo, que é o inimigo mais encarniçado do europeu e o maior obstaculo á sua permanencia nessas regiões inhospitas, faz tambem entre os pretos alguma mortandade, como não podia deixar de ser vivendo num meio tão infecto, sem precauções nenhuma, expostos ás constantes investidas do furioso mosquito e ao mais completo abandono.

A variola é muito frequente entre elles e faz bastantes victimas. Para a combater praticam nalgumas partes a vacinação, certamente ensinados por alguns europeus que vivem no meio delles. Em certa occasião que este contagio ahi começou a fazer seus estragos, muitos indigenas correram á nossa missão em busca de remedio, levando seus filhos ainda pequenos, e todos recebiam a vaccina com muita confiança.

Ainda que conhecem muito bem a lepra, que nestes ultimos tempos tem alastrado extraordinariamente na região, nunca vi leproso algum entre elles, nem della tive noticia nestes territorios.

Estes pretos são em geral de muito muito má carnadura, e assim qualquer pequena ferida se transforma facilmente numa ulcera do mais feio aspecto. O seu desmaselo inato e um grande receio do avivar a dôr mais insignificante faz que não cuidem do aceio e limpeza das feridas, donde resulta aggravarem-se continuamente, tornando-se ás vezes muito perigosas. Os seus remedios favoritos, invenções absurdas de seus feiticeiros, além de ineffazes quasi sempre, tambem concorrem não poucas vezes para agravar o mal. Felizmente depois que na missão estabelecemos uma especie de sanatorio publico, era grande a concorrencia de chagados e outros doentes que ahi iam todos os dias receber curativo, que por experiencia achavam preferivel ás mesinhas de seus curandeiros, mas ha por esse mato dentro muito desgraçado, muito chagado e abandonado de todo o conforto humano, que ainda não se atrevem a vir pedir ao missionario o remedio que precisam, ou uma consolação que lhes ficaria tão barata e de cuja dadiva o missionario já se teria por bem pago; o que fazem não só por desconfiança, senão tambem seduzidos pelos espalhafa-

tosos embustes de seus feiticeiros que tão bem sabem explorar a sua ingenua credulidade e invencível ignorância!



24 — Uma preta branca

Uma praga que muito os incommoda e donde muitas vezes chegam a resultar accidentes mortaes, pelas complicações gravissimas que se podem dar, é a *mata-canha*, de que atraz fallei mais detidamente.

Tambem se deve considerar como uma doença, e

não das mais raras, o *albinismo*, que consiste na falta de materia corante ou *pigmentum* nos órgãos affectados. Esta affecção é commum a todas as raças humanas e aos mesmos animaes. Assim os pretos albinos teem a côr da pelle perfeitamente branca, mais ainda que a côr natural dos europeus, conservando todavia os outros caracteristicos da sua raça.

Em volta da nossa missão tive occasião de ver uns quatro rapazes albinos, uma rapariga e uma mulher adulta. Por informações seguras soube que existiam numa area bem pequena em volta da missão, uns doze albinos. Estas creaturas, assim defeituosas são muito sensiveis á luz que os faz soffrer bastante quando muito brilhante. O excesso de luz quasi os cega e deslumbra, e quando alguém se lhes approxima parece receberem um choque, como succede ás aves nocturnas á luz do dia, que só dão pela nossa presença depois dum certo exforço da vista, parecendo-lhes então ver um phantasma. São além disso mais debeis, timidos, desconfiados e covardes.

O sol tambem os incommoda grandemente, chegando-lhes a gretar a pelle, fazendo-os soffrer muito. Os mesmos pretos, que tudo dariam para ser brancos, olham com um certo horror os albinos e teem-nos como defeituosos. As mulheres temem vê-los quando estão no periodo da gestação, porque dizem que seus filhos hão de nascer tambem albinos. O que é certo é que só numa familia conheci eu tres albinos.

Outras doenças se acham hoje muito espalhadas entre elles, como as venereas por exemplo, noutro tempo desconhecidas, e cuja introdução elles attribuem ao contacto com os europeus.

Os meios de combate de que dispõem para todos os seus males. se não são inteiramente nullos, não é grande tambem a sua efficacia na maioria dos casos. Os seus feiticeiros não passam geralmente duns refinados mistificadores, e se alguns teem uns restrictos conhecimentos das virtudes de certas hervas e outras drogas medicinaes, nem estas são remedio para todas as enfermidades, nem elles deixam de lhes misturar as praticas mais extravagantes e até muitos ingredientes que antes são prejudiciaes que salutaes.

O grande temor que os pretos teem da morte é causa

de muitas superstições e até de casos horríveis praticados com seus próprios concidadãos. Contou-me um missionario, que anda ha muitos annos entre elles, uma pratica muito usada pelos cafres, a qual consiste em afastar e isolar completamente em certos casos os pobres desgraçados affectados de doenças mais perigosas e refractarias aos seus medicamentos, levando-os para longe do povoado, e finalmente lhes propinam drogas venenosas para os acabar de matar e afastar assim, para longe do povoado, a morte, que desde alli os estava espreitando com olhos cubiçosos. Um facto succedido bem perto da nossa missão parece vir confirmar a asserção do missionario.

Adoeceu gravemente um rapaz dos seus dezoito ou vinte annos que frequentava a escola da missão. A familia, talvez para se livrar dos murmurios dos visinhos, levou-o para o meio do mato, longe do povoado, e ahi o pozeram simplesmente debaixo da cupula duma palhota, levantada um pouco num dos lados para poderem entrar e sahir. Estavam as cousas neste estado quando soubemos do caso. Fomos então visital-o, e só com difficuldade o reconhecemos, tão mirrado e desfigurado estava. Mal articulava palavra, e apenas nos pode dizer que lhe *deram remedio*, (o feiticeiro), e que agora sentia grandes dôres no estomago e nas visceras. Demos-lhe alguns soccorros que nada aproveitaram e por estas declarações e pelo mysterio que os demais pretos faziam do caso calculamos que o tivessem acabado com veneno, pois elle morreu logo passados dois dias, ao abandono, estorcendo-se com dôres. Estes casos são bastante frequentes entre elles e muito difficeis de eliminar, não só porque suas palhotas são quasi sempre isoladas umas das outras, mas principalmente pelo mysterioso segredo que envolve sempre qualquer caso anormal e pela experiencia que já teem do castigo por *delictos desta ordem*.

4—Lingua, numeração, moeda e chronologia

LINGUA.—A maior prova da unidade de raça de toda a população de Moçambique, e ainda de todos os povos sul-africanos habitantes da immensa região que vai «desde os Camarões na costa Occidental, passando ao norte do Lago Victoria, até Lamue no Oceano Indico, até ao Kunene, ao Ngami e ao Kei» ⁽¹⁾, é fallarem todos a mesma lingua, se exceptuarmos apenas o grupo hot-tentote-bushmen, que, como já vimos, é uma raça diferente e anterior aos *bantu*. Este nome—*bantu*—, proposto a primeira vez á sciencia por Bleek na sua *Comparative grammar of south African Languages*, significa *gente*, e é o plural de *muntu*, que significa *pessoa*, empregado em quasi todos os seus dialectos referindo-se a si proprios por opposição aos brancos. A todos estes povos, pois, irmãos pela raça e pela lingua, designamos pelo nome que elles se dão a si proprios—os *bantu*, a *gente*—e á sua lingua, que se subdivide em infinitos dialectos, mas cujas differenças, segundo Torrend, não são maiores que as que separam o Francez do Italiano, chamamos *linguas bantu*.

Estas linguas ou dialectos da *lingua bantu* ainda não estão devidamente classificados, apesar de haver já al-

(1) Ayres d'Ornellas, *Raças e linguas indigenas de Moçambique*.

guns estudos importantes a respeito della. O sr. Con-
selleiro Ayres d'Ornellas, seguindo Cust e Torrend, clas-
sifica assim os dialectos fallados na provincia de Moçam-
bique:



25 — Principaes dialectos da lingua *bantu*

- | | | |
|----------|---|-------------------------------|
| Cafre | } | Massuate. |
| | | Tavalla ou tebele (matabele). |
| | | Nguni ou vatua. |
| Karanga | } | Karanga propriamente dito. |
| | | Vumbe ou ma-Kalaka. |
| | | Shona e nica (de Manica). |
| Sena | } | Cafreal de Sena. |
| | | » » Tete. |
| | | » » Zumbo. |
| | | » » Nyassa. |
| Suahili. | | |
| Ibo. | | |
| Ajau. | | |

Temos pois seis grupos ou dialectos bem distinctos, divididos os tres primeiros em varios subdialectos, que por sua vez se vão diferenciando e fraccionando á medida que a população se vai agrupando em estados inde-

pendentes. Assim nesta região de Gaza fallam-se o *xichope*, *xilenghe*, *xibila*, e *xihlenguè*, dialectos muito semelhantes, se exceptuarmos o *xichope* que é bastante distincto de todos os outros, por sua maior antiguidade com respeito a elles.

Essas diferenças, porém, nunca são radicaes e a estrutura grammatical é a mesma em todos os dialectos e sub-dialectos *bantu*.

As linguagens, segundo Bleek, podem dividir-se em dois grandes grupos: de classificação sexual e não sexual. As primeiras classificam todos os seres applicando-lhe a noção do sexo — masculino, feminino ou neutro —, concepção muito poetica sem duvida, como diz H. Junod na sua *Grammaire Konga*, mas essencialmente subjectiva. Este principio de classificação que parece tão natural ao espirito europeu, enche de espanto e admiração a um preto intelligente. Nos idiomas *bantu* não apparece jámais este caracter sexual que damos ás palavras. Os seres são todos divididos em oito *classes*, distinguindo-se cada uma por prefixos caracteristicos do singular e do plural.

São os seguintes os caracteristicos de cada classe:

1.^a *Mu* (sing.)—*va* (plur.); comprehende os nomes de pessoas e nacionalidades. Ex.: *mulungo*, *valungo*, brancos; *muthua*, *vathua*, zulos; donde fizemos *vatuas*, applicado aos povos da região.

2.^a *Mu* (sing.)—*mi* (plur.); comprehende os nomes de arvores e dalguns seres que não entram noutras classes. Ex.: *muri*, *miri*, arvores; *muhimbe*, *mihimbe*, aberia cafra (plantas); *mubango*, *mibango*, guerra.

3.^a *Yi* (sing.)—*ti* (plur.); comprehende os nomes dos animaes. Ex.: *homo*, *hihomo*, bois; *mbuti*, *timbuti*, cabras; *yinguana*, *tinguana*, cães; *mpfunhla*, *timpfunhla*, lebres.

4.^a *Li* (sing.)—*ti* (plur.); comprehende os nomes de órgãos. Ex.: *limpapa*, *timpapa*, azas; *litiho*, *titiho*, dedos; *likambu*, *tikambu*, ramos.

5.^a *Di* (sing.)—*ma* (plur.); comprehende os nomes de fructos, dalguns órgãos e doutros seres que não teem logar nas outras classes. Ex.: *boma*, *maboma*, limão; *dirua*, *marua*, flores; *khuri*, *makhuri*, estomago; *siku*, *masiku*, dia.

6.^a *Bu* (sing.)—*ma* (plur.); comprehende os nomes de

noções abstractas. Ex.: *ntende*, *mantende*, riquezas; *bu-nene*, *manene*, bondade; *buhosi*, *mahosi*, realeza.

chi 7.^a *Xi* (sing.) — *psi* (plur.); comprehende o nome de instrumentos. Ex.: *xifambu*, *psifambu*, sapatos; *xivumbeku*, *psivumbeku*, fôrma.

8.^a *Ku*; classe verbal ou das acções. Ex.: *kufamba*, andar; *kuhla*, comer; *kutira*, trabalhar; *kubula-bula*, falar; *kupusa*, beber, etc.

Nestes prefixos que formam as classes ha a notar as suas letras características, as que teem toda a importancia, por entrarem ellas igualmente na composição de todas as particulas que dependem do substantivo, estabelecendo assim uma relação intima, uma unidade perfeitamente visivel entre essa palavra e os seus acolitos, realizando assim um systema de concordancia perfeitissima. (1) Ponhamos um exemplo: *Tihomo tikulu tikui? Tixibalene. Os bois grandes onde estão? No curral.* Com este systema não pode haver equivoco algum, graças ao prefixo do substantivo; e por aqui se vê como elles são para assim dizer a chave e o segredo da conversação em todos os dialectos *bantu* principalmente se nos não esquecermos da grande variedade desses prefixos, a grande complicação que podem revestir certas phrases, onde o substantivo leve grande numero de accessorios, em que haja de entrar a letra carecteristica do seu prefixo.

Pelo facto destas linguas não se comprehenderem na classificação sexual, não se segue que não tenham um modo especial de indicar os sexos. Dizem por ex.: *bongolo ia ntune*, burro macho; *bongolo ia ntezele* burro femea. Em muitas palavras empregam a particula *ati* para indicar o sexo feminino; assim no dialecto ronga dizem *rara*, pai, *rarakati*, o pai femea (irmã do pai). De *antu*, homem, fazem *uansati* mulher, *nsati* esposa. E assim dizem muitas vezes *mbuti antu* (*nuna* em *xilenghe*), o cabrito homem; *mbuti nsati* o cabrito mulher ou esposa.

Com respeito aos prefixos devemos notar que não são os mesmos em todos os dialectos. Torrend enumera treze classes na lingua da Zambezia, e a de Tete tem só sete, segundo o sr. conselheiro Ayres d'Ornellas. Comparando os prefixos dos diversos dialectos vemos que

(1) H. Junod, *Grammatica Ronga*.

alguns se fundem nos de outras classes, tendendo o seu numero a diminuir, o que succede, segundo Junod, pela *lei de simplificação* das linguas *bantu*. Assim nas linguas do norte são mais abundantes os prefixos, talvez por se approximarem mais do typo primitivo onde as linguas melhor conservaram o seu character archaico; donde se «conclue grammaticalmente que as linguas quanto mais para o sul mais modernas são; o que coincide perfeitamente com a nossa historia das migrações successivas das tribus bantu e da sua origem do norte central africano.» (1)

Não estamos fazendo um estudo, nem sequer muito por alto, das linguas bantu; não temos competencia alguma para o fazer. Apresentamos apenas as bases principaes da sua estructura grammatical, para que se faça uma pequena idéa da indole dessa lingua, que está muito longe de ser a *lingua cafre*, a *lingua dos pretos*, de quem a desconhece inteiramente. Antes é uma lingua muito rica, flexivel, perfeitamente ajustada a regras e principios grammaticaes, conforme o testemunho de sabios que a teem estudado.

Se nas formas substantivas e pronominaes as linguas bantu não forem mais ricas que as linguas indogermanicas, é certo que lhes levam muita vantagem em exprimir as mais pequenas *nuances* de tempo e d'acção. «Tomemos a palavra *ku bona*, ver, diz Junod, que melhor que outras se presta ás multiplas combinações inventadas pelo espirito bantu para dar as variedades infinitas de que esta noção é susceptivel: um grammatico zulo contou muitos milhares de formas verbaes relativas a esta raiz.» Não são muito numerosas as formas da conjugação, nem soffre muitas inflexões a radical do verbo, e a terminação transforma-se apenas em tres casos, conforme a phrase está no *passado*, ou se toma no sentido *negativo* ou *relativo*, e d'ahi as doze unicas formas terminaes do verbo *bona*: *bona*, *bonan*, *bonile* ou *boni*, *bone*, *boneka*, *boniki* para o negativo; e *boni*, *bonanga*, *boniki*, *bonangakiki* para o positivo.

A grande variedade de formas verbaes que exprimem essas infinitas *nuances* de tempo obteem-se pelo uso dos

(1) Ayres d'Ornellas. *Linguas e Raças indigenas de Moçambique*.

auxiliares e derivados. Vejamos um exemplo relativo aos *derivados*: *Boniva*, ser visto; *Bonela*, ver em favor de, ou em relação com; *Bonisa*, fazer ver; *Boneka*, ser visível; *Bonisisa*, ver perfeitamente; *Bonana*, ver-se um ao outro; *Tibona*, ver-se a si mesmo, etc. Impossível seria dar uma taboa completa de todas as formas dum unico verbo *bantu* com todos os seus auxiliares e derivados. Mas notarei ainda que só o indicativo presente, forma activa, do verbo *ver* que nós exprimimos de seis modos para indicar o singular e o plural das tres pessoas, elles exprimem de *cincoenta e sete* maneiras, conforme querem significar *presente indefinido*, *presente presente* ou *presente descriptivo* e segundo a classe a que se refere. Com todas estas combinações que se multiplicam até ao infinito, e que são um testemunho da grande riqueza da lingua, porque a idéa que se exprime dum modo não se pode traduzir perfeitamente por outro differente, as linguas *bantu* tornam-se realmente difficeis para os profanos principalmente quanto ao emprego do verbo.

Citarei outro exemplo onde se póde ver bem a maleabilidade de suas palavras para exprimir as mais pequenas differenças das coisas. Seja a palavra *nonga* que significa *bengala*, *bastão*. Os seus diminutivos expressam-se de quatro maneiras segundo o seu tamanho relativo a um typo conhecido. Um pouco mais pequena que esse typo, diz-se *nongana* ou *xinonga*; ainda mais pequena é *xinongana*; mais reduzida ainda, *xinonganynana*, e se fôr apenas uma miniatura de bengala dir-se-á *xinonganyanyana*! Quanto mais diminue o objecto mais cresce o termo pela aglutinação de prefixos.

Um europeu que não tem tempo nem mesmo se importa a maior parte das vezes de aprender todas essas particularidades indispensaveis para fallar bem a lingua, ha de forçosamente estropear tudo; ao contrario dos naturaes, que, sem dar por isso, ajustam-se perfeitamente a todas as regras da sua grammatica, e só faltam a ellas quando se querem exprimir numa lingua europeia, ou fallando a sua ao nosso modo para que os entendamos. Afinal somos nós que fallamos e os obrigamos a fallar *lingua de preto* emquanto isto é synonymo de fallar *sem grammatica*.

NUMERAÇÃO.—A titulo de curiosidade vou apresentar o seu systema de numeração, as suas principaes moedas e chronologia.

O seu systema de numeração é rigorosamente decimal, ainda que só tem nomes proprios para os cinco primeiros e para alguns grupos de dez, construindo toda a taboa de numeração pela combinação e repetição daquelles.

Na Zambezia, pelo contrario, tem nomes proprios para cada um dos dez primeiros numeros, segundo me affirmou um missionario, de onde, por combinação, derivam todos os restantes como nas nossas linguas.

Como lhes é tão difficil reter qualquer idéa abstracta, por mais simples que ella seja, até para contar o mais limitado numero de unidades, precisam de recorrer a algum signal material que as represente, sob pena de se perderem logo em tão confuso labyrintho. Desta sorte a numeração concreta precede sempre a abstracta, se assim se pôde chamar á idéa que elles formam dos numeros. Ora nada mais a proposito para tal fim que os dedos das mãos e depois os dos pés, que para elles é a mais natural linguagem representativa. E foram certamente estas unidades digitaes, ou outras de igual valor relativo, que lhes suggeriram a primeira idéa de numero, o que mais facilmente apparece pela maneira que elles teem de contar.

E' este com certeza o ponto mais interessante e caracteristico de sua arithmetica rudimentar.

Começam por indicar cada um dos dedos da mão esquerda a principiari pelo dedo minimo; em seguida contam os da mão direita pela mesma ordem, dizendo: cinco e um, cinco e dois, etc. Chegando ao ultimo unem os dedos de ambas as mãos e juntam-nas dando uma palmada, dizendo: *dez*. Depois continuam: dez e um, dez e dois. . . , dez e cinco e um, dez e cinco e dois, etc., até vinte, que indicam juntando as mãos aos pés, dizendo: *duas vezes dez*.

Tratando-se de ennumeração mais extensa, proseguem contando aos cinco e aos dez, da mesma maneira que fizeram antes para a primeira dezena, indicando logo as mãos e os pés dos companheiros ou daquelles com quem fallam. Assim podem chegar até mil, alem do qual já lhes é quasi impossivel continuar, porque

começam a baralhar tudo numa grande confusão, ainda que, com algum trabalho, os termos que possuem se prestam facilmente a maiores combinações. Assim, com este modo de contar, fixando as unidades, representando-as por verdadeiros algarismos vivos tirados da natureza, possuem uma verdadeira linguagem *escripta* ou representativa dos numeros, de que para todas as contagens se servem com a maior facilidade.

Para que os leitores possam apreciar melhor as combinações e os seus processos de numeração apresentamos a seguinte taboa dos numeraes:

1, *ñve* ⁽¹⁾; 2, *bire*; 3, *narro*; 4, *mune*; 5, *hlano* ⁽²⁾; 6, *hlano na ñve* ou *hlano na xhiñve*; 7, *hlano na mambire* ⁽³⁾ ou *na psimbire*; 8, *hlano na manarro* ou *na psinarro*; 9, *hlano na mune*; 10, *xume*; 11, *xume na ñve*, etc.; 16, *xume na hlano na ñve*; 20, *maxume mambire*; 21 *maxume mambire na ñve*; 26, *maxume mambire na hlano na ñve*; 30, *maxume manarro*, etc.;

40, *mune a maxume*;

50, *hlano a maxume*;

60, *hlano a maxume na maxume ñve*;

70, *hlano a maxume na maxume mambire*;

80, *hlano a maxume na maxume manarro*;

90, *hlano a maxume na mune a maxume*;

99, *hlano a maxume na mune a maxume na hlano na mune*;

100, *xume la maxume* ou simplesmente *zana*;

110, *zana na maxume ñve*;

111, *zana na maxume na ñve*;

150, *zana na hlano a maxume*;

200, *mazana mambire*;

400, *mune a mazana*;

900, *hlano a mazana na mune a mazana*;

1000, *xume a mazana*, etc.

Se nos fixamos bem no significado de cada um dos termos representativos dos algarismos, convencemo-nos

(1) Segundo as regras estabelecidas pelos que tem escripto a lingua *bantu*, *ñve* deve ler-se pouco mais ou menos como: *u-uè*, nazalando o primeiro *u*.

(2) Pronuncia-se: *nthlano*, deixando quasi imperceptiveis o *nt*.

(3) *Ma* anteposto ás palavras é a forma do plural de uma das oito classes dos nomes.

logo de que toda a numeração *bantu* se baseia no uso dos dedos das mãos, razão porque só possuem nomes particulares para os cinco primeiros numeros, para a totalidade dos dedos da mão e emfim para dez vezes essa totalidade.

Entretanto, como já disse, servem-se igualmente dos dedos dos pés, para melhor fixar o que vão contando, como faz o taberneiro com o giz no fundo da pipa, amontoando parcellas que no fim irá juntar com mais vagar. E do mesmo modo que elle indicaria uma das parcellas para significar quantos patacos lhe deve o seu freguez, assim o indigena indica muitas vezes os objectos contados mostrando o numero equivalente de dedos.

MOEDAS. — Como todos os povos barbaros e isolados, desconhedores das vantagens das transacções commerciaes por meio dos documentos de valor convencional, a unica moeda destes povos foram desde o principio os rebanhos, principalmente de bois, cabras, ovelhas e porcos. Ainda hoje é essa a moeda que melhor sabem manusear, e não obstante fazerem muito uso das libras, quando vão entregar ao pae ou protector da esposa o preço do seu resgate dizem que vão pagar o *tihomo*, isto é, *os bois*, porque era por um certo numero delles que noutro tempo pagavam as mulheres.

Hoje o gado ainda é entre elles moeda corrente, e ha certos tributos e remunerações ás auctoridades indigenas, que, por um costume immemorial, só se fazem por um certo numero de cabeças de gado. Entretanto, devido ao terrivel flagello occasionado pela peste bovina que tem dizimado até quasi ao ultimo as manadas tanto dos indigenas como dos europeus, os bois passaram a ser mais raros que as libras em Portugal, e foram substituidos necessariamente por outras moedas mais pequenas: cabras, ovelhas, porcos e gallinhas.

Devido ao contacto com os europeus, e sobretudo ás emigrações para o Transwaal, já começam a entrar no commercio indigena as moedas inglezas e portuguezas, com uns nomes muito arrevezados, amassados no inglez, zulo e portuguez, e para elles de um valor ainda muito problematico, o que favorece extraordinariamente a especulação da maior parte dos cantineiros.

Assim teem elles o *pondo*, isto é, a libra, que raras vezes trocam por mais de 20 *schillings portuguezes*, ou sejam 4\$000 reis. Segue-se a *sumblane*, ou seja meia libra, que tem igual sorte no commercio. Depois vem a *quinhenta*, que tambem chamam *mufagoluene*, e esta é moeda portugueza. Tambem são portuguezas o *chelene*, 200 reis, e o *sice penice*, 100 reis, mas com os nomes tirados do inglez. Estas são as unicas moedas que o indigena aprecia, porque são tambem as unicas que servem em terras onde as coisas se vendem por preços exorbitantes.

Ha duas moedas que elles desdenham, não lhes dando o mais minimo apreço, por não terem valor algum no commercio; são a *meia*, 10 reis, e o *drivixe*, ou *muzuruko*, o *vintem*. Todas as outras são altamente appetecidas e procuradas por todos os meios, para logo as irem depôr nas mãos do cantineiro em troco de um pouco de *vinho colonial*.

O europeu dispõe por sua parte de um producto que podemos classificar entre as *moedas* de mais valor, para a troca dos productos indigenas— é o *sal*. Com a troca do *sal*, pode abastecer-se de feijão, milho e outras muitas producções de valor, que, se fossem compradas a dinheiro, lhe custariam o triplo e mais. E os indigenas ficam satisfeitissimos, porque apenas se desfazem do superfluo por um artigo que elles tanto apreciam.

CHRONOLOGIA.—As datas chronologicas entre estes povos não se referem, como entre nós, a um facto culminante que ponha numa certa relação de tempo todos os demais factos succedidos entre elles durante um longo periodo, mas antes a factos mais ou menos notaveis, sim, comtanto que sejam simultaneos á data em questão.

Desta sorte perguntando-lhes quantos annos teem, dizem: «Nasci quando Gungunhana veiu da Musapa», ou «quando subjugou a terra de tal», ou ainda: «quando mandou matar este ou aquelle regulo.» Depois que os portuguezes começaram a devassar o interior, estabelecendo postos por toda a parte, a chronologia dos mais insignificantes successos tornou-se-lhes mais facil. O nome do commandante ou do official encarregado de fazer a cobrança do *imposto de palhota*, é o ponto de

partida para a chronologia dos factos succedidos nessa época. Assim vê-se como é difficil apurar a época de qualquer acontecimento, visto referirem-se a maior parte das vezes a outros igualmente desconhecidos.

Ainda tem outras bases para a contagem do tempo. Quando o *mohimbe* (*aberia cafra*) se cobre de flôr (setembro) estão a chegar as chuvas e é preciso prepararem-se para começar os trabalhos das machambas. As sementeiras começam logo que o *mohimbe* (fructo) attinge o tamanho de chumbo grado, salvo se as chuvas não vieram no tempo costumado. Assim, esta arvore, muito apreciada entre elles por seus fructos, serve de base a muitas chronologias, bem como muitos outros phenomenos observados na vida das plantas e dos animaes.

Quanto á divisão do tempo, que não vae além de um anno, pouco differe da nossa.

O anno — *munhaka* ou *lembe* — tem doze mezes — *nhanga* — que á letra significa *lua*, por ser esta a unidade do anno. Este é o anno economico, e começa pelas sementeiras. A divisão de semanas é de importação ingleza, como inglesado é o seu nome: — *Maviki* — e tem entrado por grande parte do territorio do sul. Os nomes dos dias da semana são indigenas com excepção do domingo. Ei-los por sua ordem: Domingo, *sonto*; segunda-feira, *sumbunuko*; terça-feira, *uazebire*; quarta-feira, *uazetato*; quinta-feira, *uazine*; sexta-feira, *uazehlano*; sabado, *mu*vela*. ⁽¹⁾

(1) O asterisco substitue um *tique* especial que elles exprimem dando um estalo com a lingua no ceu da bocca.

III

INSTITUIÇÕES SOCIAES

1—Casamento

A união dos seres, para a reprodução das espécies e perpetuidade da vida sobre a terra, é tão essencial á existencia e conservação das coisas que nem os seres inorganicos se eximem dessa lei tão universal. O atomo une-se por uma força ou vitalidade propria para formar a molecula, esta para compôr os organismos, os organismos para reproduzirem os seres da sua especie. Assim a poesia da natureza, vivendo e reproduzindo-se, não me parece outra cousa que um canto perenne, um epitallamio universal a essas uniões de que resulta a vida e a belleza da criação.

Ora esse canto é tanto mais harmonioso ao nosso ouvido e mais suave á nossa sensibilidade, quanto mais perfeitamente exprime o nosso estado intimo numa relação analoga. E' por isso que tanta poesia nos envolve quando o sol se casa com a terra, numa manhã de primavera, e preside, como grande pontifice, a esses interminaveis consorcios das avesinhas e das flores, donde resulta a mais doce harmonia do universo, donde se evolvam intensissimas rajadas de poesia que tanto nos embriagam e extasiam. E' que nós resumimos todo esse quadro universal e o identificamos, por assim dizer, com o nosso intimo sentir.

Ora entre os pretos, essa poesia, esse canto, manifesta-se-nos quasi sempre desharmonioso, pouco afinado aos ouvidos do nosso espirito. Nos seus casamentos parece que só existe a poesia dos seres inferiores ou dos inorganicos. Uma força intima, mas quasi material, os impelle á união. Elles quasi não chegam a sorrir para o seu interior, onde se não formam castellos de felicidade espiritual, onde não ha aquellas esperanças doiradas e indefinidas, aquellas doces inquietações, aquellas embriagadoras torturas do espirito, aquelle contínuo agitar-se em convulsões inebriantes, aquelle sonhar illusões e devaneios, que proporcionam á juventude, aos passarinhos e ás flores. os momentos mais felizes da sua existencia, lembranças fagueiras que não se desfazem nunca. Nos pretos *apparentemente* não ha nada disso. São dois organismos que se attrahem com a frieza de marmore, unem-se por simples instincto animal e procriam como se fossem brutos. E' desta forma que podemos apreciar as cousas em presença dos factos individualizados, porque em realidade é a mesma força que une a todos os seres, e a felicidade repercute-se em todos segundo uma certa medida, pois quando fallar dos batuques veremos como por cima de toda essa materialidade ha uma intensa atmosphaera de poesia peculiar e estonteadora, que nós mal divisamos mas que não deixa de ser real.

Fallar do casamento entre os cafres, pode significar duas cousas: que se quer tomar este facto quotidiano como ponto de partida para a mais completa historia de sua vida e costumes, pois toda ella se move em volta deste ponto centrico; ou então a apresentação de um facto interessante, sem querer fazer derivar delle, como consequencias necessarias, todos os actos da vida cafreal e toda a actividade do individuo, da familia e da sociedade. Não tenho duvida alguma em affirmar que assim é, mas não tenho em mim a confiança devida para desse facto fazer derivar logicamente toda a historia de suas instituições, vida e costumes. Para isso não era bastante alguns annos de experiencia, e observações muito rigorosas a seu respeito. Por isso apontarei apenas as circumstancias mais curiosas do facto.

O casamento é a primeira preocupação séria do preto e tambem a que o ha de dominar toda a vida,

por si, por seus filhos e até pelos extranhos, mas o movel principal dessa preocupação é, mais do que tudo, a garantia da subsistencia, a riqueza material.

Muito novos ainda, e talvez sem os instinctos do amor, apezar de nelles serem tão precoces, encontram-se creanças ainda impuberes já com a sua desposada, a quem por mutuo contracto paterno ficam obrigados a presentear na medida de suas posses até ao momento de se unirem matrimonialmente.

O que é mais notavel é a prova suprema a que todos se submettem para conseguir ao menos uma mulher. E' sabida a repugnancia que os pretos teem ao trabalho e a tudo quanto seja transformar a actividade physica em alguma cousa util. Pois bem, como nestas terras não é possivel obter uma mulher sem possuir pelo menos vinte e cinco libras ou o equivalente em gado e outros objectos, preço ordinario deste genero de mercadoria, e como não ha preto que possua em circumstancias ordinarias tão avultado thesouro, obrigam-se a ir ganhá-lo, custe o que custar, ainda a troco da propria vida se tanto fôr necessario. Esta é uma das causas dessas levas innumeraveis que todos os dias emigram para o Transwaal em busca de libras, e onde na verdade as arranjam com certa facilidade, mas á custa dum anno ou mais de immensos trabalhos nas minas. Pois a tudo isto se submettem os pretos com grande alvoroço logo que chegam á idade de casar, se a familia não tem com que lhe comprar a consorte.

Os preliminares dos contractos matrimoniaes entre os pretos são duma simplicidade e insipidez extraordinarias. Elles tambem disfructam das graças do bello sexo, nos campos, nos batuques, em reuniões inesperadas ou intencionaes, mas isso quasi nada influe nos destinos de cada um, porque isso são passa-tempos de toda a vida, já sejam casados ou solteiros, e só quando a muita velhice lhes secca o organismo, se mostram mais ou menos insensiveis ás mutuas caricias. Os casamentos são quasi sempre tratados pelos paes dos nubentes, os quaes são muito faceis de contentar com tanto que o negocio seja rendoso.

Namoro propriamente dicto não ha. A mulher é contractada do mesmo modo que um animal na feira. Ella resigna-se facilmente á sorte que lhe assignalaram, por-

que positivamente não concebe outra condição de vida diferente da que teem todas as da sua raça ou tribu, e ser-lhes-hia tão incomprehensivel a nossa condição social como á primeira vista nos parece incomprehensivel a delles.

Os homens, por sua parte, o fim principal que teem em vista é levar para casa, e chamar-lhe sua, uma moçoila forte, trabalhadeira e cuidadosa de nunca lhes faltar com a alimentação em todo o instante. E' esta toda a sua riqueza, e não é para outras necessidades da vida e do instinto que ella mais falta lhes faz, como logo veremos.

E' realmente triste esta condição servil da mulher, que tem de arcar com todos os trabalhos de casa e do campo, mas ainda assim não o é tanto como nós julgamos, por só repararmos no contraste que ella faz com a mulher europeia. Além disso não é verdade, como muitas vezes se diz, que a mulher africana seja uma simples *escrava*, do seu senhor. Ha muitos desses casos, como tambem os ha por cá, infelizmente, mas a generalidade é precisamente o contrario. O preto estima a sua mulher ou mulheres, ajuda-a e vive bem com ella, sem comtudo lhe prodigalizar, é certo, e aquellas requintadas demonstrações de affecto e deferencia, tão usadas entre nós, e que muitas vezes não passam de mentirosas denguices ou dum proteccionismo aviltante.

E' singular a condição social em que se encontram estes pretos com relação ao casamento. Ha um grande excesso de população feminina sobre a masculina, como já vimos, e comtudo os homens teem as suas difficuldades em arranjar esposa. Como antigamente havia muitos rebanhos, e as mulheres eram pagas por um certo numero de cabeças de gado, nenhuma ficava solteira, porque a polygamia e a facilidade da compra arrumavam a todas. Assim tinha cada qual quantas queria. Hoje não ha rebanhos como dantes, que foram dizimados por varias epizootias, e as mulheres são pagas pelo equivalente em libras, coisa muito vedada aos pretos. Assim, apezar da polygamia, raros teem mais duma ou duas, a não ser os chefes ou regulos, e ha-os que só muito tarde alcançam uma. Dahi a emigração para o Transwaal e outros pontos do litoral, e o ficarem muitas mulheres solteiras toda a vida.

O clima, porém, é ardente e a mulher voluptuosa em extremo. D'ahi a prostituição. Sem uma noção muito clara da propria honra, salvo casos muito excepçionaes, aguilhoadas pelas paixões, é facil comprehender a vida viciosa destes sertões. As *ghela-ghela*, mulheres que se entregam sem preço a qualquer, só para satisfazer a sua insaciavel sensualidade, e em numero bastante crescido, descaradas, mais provocadoras que a rapaziada libertina, á solta pelo matto, no escuro da noite ou das florestas, fazem lembrar bandos de simios sedentos de prazer e volupia. E' porém de notar que deante do europeu não se permitem certas liberdades, e mostram-se até bastante recatadas, salvo se já lhes conhecem os instinctos libidinosos que ahi se desenvolvem extraordinariamente.

Isto que acabamos de ver faz de tal maneira parte dos costumes sociaes dos pretos que ninguem repara em tal, e assim, não obstante nas suas relações sexuaes procurarem geralmente antes a procreação dos entes que os hão de representar, que satisfazer simplesmente uma paixão brutal, nem por isso deixa de haver o que, segundo os nossos principios moraes e sociaes, chamaríamos perversão de costumes, o extremo da devassidão que se observa nas classes inferiores, que em todo o caso creio não chegar ainda á que lavra cá nas mais altas camadas sociaes.

Sendo uma de suas mais altas preocupações serem paes, no sentido rigoroso da palavra, todos mais ou menos procuram ajudar a natureza para chegar muito depressa a esse desiderato, começando de mui tenra idade em si e nos seus filhos o maximo desenvolvimento dos orgãos sexuaes. Com esse mesmo fim praticam geralmente a circuncisão, e as mulheres provocam a rotura do hymen, mal chegam á idade da puberdade. Ha até, segundo me contaram, regiões, onde todas as jovens que chegam a essa idade se juntam cada anno em local determinado, presididas por uma velha, especie de feiticeira, que as vai examinando cada uma por sua vez praticando em todas essa operação com um instrumento caracteristico. Ficam assim consagradas para o matrimonio.

«O periodo da manifestação desse sentido (*o sentido genesico*) é solemnizado por meio de cerimoniaes de ini-

ciação especiaes para cada sexo. Dos 15 para os 16 annos, em regra, todos os rapazes da tribu são circumcidados. Mas este rito é simplesmente civil, originado em necessidade organica e não tem nada de religioso; isto é, não é peculiar aos bantu mahometanos...

«A celebração da cerimonia da circumcisão é acompanhada de varias circumstancias, algumas inoffensivas, mas outras criminosas e repugnantes para os europeus...



26 — Indigenas no traje caracteristico de circumcisos

«Ao chegarem á puberdade tambem as raparigas são recebidas como mulheres por um conjuncto de ceremonias, tendentes em geral a apagar, se por acaso existe, qualquer vislumbre de pudor, ceremonias cuja discripção é impossivel.» ⁽¹⁾ Uma das ceremonias curiosas que usam os indigenas na circumcisão, é affastarem-se para um acampamento isolado, que será guardado por um velho, e no qual os circumcisos levantam umas palhotas em que hão de viver até á completa cura da operação, conservando até á mesma data uns trajes muito curiosos de palha, que elles mesmos arranjam, e que a gravura representa.

Em geral são pouco ciumentos, sobretudo as mulhe-

(1) Ayres d'Ornellas — log. cit.

res, o que não admira, no estado de polygamia em que se encontram. Eu sei dum missionario respeitabilissimo e de character muito austero, que indo estabelecer-se nessas paragens, dirigiu-se logo á povoação do regulo para o cumprimentar e para em certo modo travar amizade com elle e fazer assim mais facil a sua missão. O regulo ficou grandemente lisongeadado com tal deferencia, fez nessa noite um solemne batuque, deu pousada ao seu hospede e com toda a naturalidade lhe offereceu uma de suas mulheres, á escolha, admirando-se muito delle a não acceitar, e quasi offendendo-se com a rêsusa, imaginando-o um espia. Foram precisas muitas explicações para tirar ao potentado negro toda a desconfiança, e fazer-lhe comprehender a moralidade do acto.

Pretos ha que obrigam suas proprias mulheres a provocar adulterio, para depois fazerem *milando* e terem os proventos duma certa indemnisação.

Essa decantada simplicidade de costumes que é uso attribuir aos povos selvagens parece-me que não tem bases solidas. A opinião de outros que os pintam immoralissimos é tambem exaggerada. O facto de andarem descobertos sem se envergonhar, e de tantas cousas deste genero, não prova cousa nenhuma, porque *ab assuetis non fit passio*. Sempre assim andaram e por isso não extranham esse modo de vida. Os que sempre andaram nus, e ainda andam nos mais remotos sertões do interior, não se extranham mutuamente. Os que apenas andam de tanga, e muito curta, como os povos de Gaza, extranhariam e envergonhar-se-iam daquelle mais primitivo estado, assim como as nossas aldeãs não se atreveriam a andar de tanga, nem uma senhora de certa educação trazer a saia curta ou os braços nús. Parece-me uma cousa muito relativa á educação e costumes sociaes de cada povo, e assim tão innocente simplicidade e candura a dos pretos como a das nossas sociedades. Não ha entre elles, é certo, os requintes de devassidão que muito ás occultas geralmente existem no meio dos povos civilisados, mas simplesmente porque essa é uma triste consequencia da civilisação exaggeradamente *requintada*—o favorecer a devassidão, despertar-lhe mais os instinctos, proporcionar-lhe as occasiões e refinar-lhe os processos. A simplicidade dos selvagens consiste talvez mais em serem menos hypo-

critas, mais francos, menos recatados, procedendo em tudo com a maxima naturalidade.

Mas vejamos, que já é tempo, como elles celebram os contractos matrimoniaes. Chegados do Transwaal ou de qualquer outro centro que em troco do seu trabalho lhes proporcionou uma boa somma de libras, dirigem-se logo ao pae ou áquelle que tem a tutella da sua futura noiva. E' a elle que faz as primeiras declarações de amor. O pae ou tutor é talvez tão interessado no negocio como o mesmo pretendente, e por isso pergunta-lhe se tem dinheiro. Se este responde satisfatoriamente recebe logo o seu consentimento e permissão para se declarar áquelle de quem deseja ser esposo. Esta geralmente é livre na escolha; pode ou não dar o seu consentimento. Se lhe agrada a proposta e a acceita, ficam por este meio lavrados os esponsaes, mas aos paes dos noivos compete marcar o dia do casamento. Entretanto, em muitas regiões, começam logo os desposados a cohabitar, sendo não obstante rescindiveis os esponsaes até ao momento da cerimonia matrimonial, se porventura se convencem que lhes não agrada o negocio.

Chegado o dia do matrimonio são convocadas pelos paes dos nubentes tres, quatro ou mais testemunhas, e procede-se á cerimonia do casamento na povoação a que pertence a desposada, onde, desde os esponsaes, ficou habitando o pretendente, ou na propria habitação, esteja ella onde estiver, se acaso já a possuem.

A cerimonia é a mesma para todas as festas cafreaes. Entregue o dinheiro ao pae da rapariga, começa um batuque, onde se dança toda a noite, ao som de varias canções e instrumentos populares, tocados com furioso entusiasmo excitado pelas comesainas e bebidas, que nessa festa se repartem com abundancia por todos os assistentes. As despezas da festa correm ordinariamente por conta dos paes dos desposados e do proprio esposo. Quando tudo está farto de se divertir, retira-se cada qual á sua palhota, indo tambem os desposados para a sua propria. No dia seguinte o esposo, para contentar a sua cara metade, mata um cabrito e continuam numa festa intima durante alguns dias.

E' por este theor pouco mais ou menos que se effectuam todos os casamentos, variando apenas no numero e qualidade dos convivas e na profusão de manjares,

bebidas e duração da festa, tudo em harmonia com as posses dos noivos e de seus paes ou tutores.

Não obstante uma certa liberdade com que são feitos estes contractos, muitas vezes a ambição faz com que os paes ou tutores de uma donzella a entreguem a um esposo com quem ella não sympathisa e então não tarda esta a fugir-lhe logo que encontra um pretendente que lhe agrade. Isto dá azo a um grande *milando*. Citam-se as partes, chamam-se as testemunhas, cujo fim no casamento é precisamente este, de comprovar o contracto celebrado segundo as suas leis tradicionaes, cita-se a ré e os dois interessados na contenda, e procede-se ao juizo perante o regulo. Se o segundo pretendente cobre o lanço do primeiro, isto é, se apresenta mais dinheiro que aquelle que foi o preço da esposa infiel, o pae desta restitue ao primeiro o que delle recebera e fica ainda com o restante desta segunda compra, e quem tem razão é naturalmente o que apresentou mais dinheiro.

Se pelo contrario a rapariga desgostosa do esposo foge para a casa paterna, novo *milando* e de bastante difficil resolução, pois de uma parte está a liberdade da donzella e da outra o dinheiro que o mallogrado esposo deu por ella. Estes e outros factos semelhantes são a causa de perpétuos *milandos*, como se dissessemos *demandas* entre os pretos.

Se de outro modo o esposo por falta de dinheiro não pagou toda a verba estipulada e tarda em pagal-a então é o pae da rapariga que suscita o *milando*, e o rapaz vê-se seriamente embaraçado em tão difficil conjunctura. Se as suas palavras não dão a devida confiança ao sogro, então é o regulo que toma conta da donzella até que o rapaz a acabe de pagar, ou que outro pretendente a venha resgatar pelo preço estipulado, do qual elle será devidamente indemnizado.

Com um velhote nosso visinho deu-se o facto seguinte:

Uma sua filha casada em Manjakase enviuvou e juntou-se com outro preto sem prévio consentimento e contracto com o pae, que neste caso tinha outra vez absoluto direito sobre ella como se nunca se tivera casado. Fez grande *milando*, que durou muitos mezes, e aquella ovelha desgarrada teve de voltar ao aprisco para nova-

mente ser vendida a quem mais desse e a prompto pagamento. Estes *milandos* são os mais complicados e ás vezes difficilimos de resolver, por falta de dinheiro, e passam de paes a filhos durante annos e annos. E' a principal causa dos *milandos*. Estes, como quaesquer outros, nunca se fazem sem dinheiro, e alguns presentes, que ordinariamente constam de meia libra e alguns cabritos de cada uma das partes. Este dinheiro e o de certas multas, bem como o de offertas expontaneas que os pretos lhe fazem, sobretudo quando vem de longes terras onde foram ganhá-lo, é o principal peculio dos regulos e chefes, que, se o não gastam nas bebidas, gastam-no na compra de mulheres com que povoam as suas palhotas, e que é por assim dizer dinheiro a juro, pois de tão grande numero dellas tem sempre muitas filhas, de que mais tarde fazem grande negocio, ou trocando-as com outras para esposas suas e de seus filhos, ou vendendo-as a dinheiro, que é sempre o melhor negocio.

O fim principal do casamento já o dissemos. Um preto que tem uma ou mais mulheres é um preto feliz, tanto mais quanto maior numero possuir. Tem tudo quanto lhe é preciso, porque tem garantida a sua sustentação. A mulher cuida das *machambas*, prepara o terreno, faz as sementeiras, colhe os fructos, arranja-lhe a comida e toma conta de tudo. Os filhos pastoreiam os pequenos e enfezados rebanhos e ajudam as mães, *grandes* e *pequenas*, isto é mães propriamente ditas e madrastas, na cultura dos campos.

Os pretos desta região, não obstante os instinctos de ociosidade que a todos dominam, são comtudo agricultores por necessidade e por indole, e por isso encontram-se muitas vezes ajudando as mulheres nas fainas campestres. As mulheres, porém, são as que geralmente tratam da cultura dos campos.

Nalgumas regiões do norte ha até uma cerimonia muito curiosa na occasião do casamento, e que manifesta bem a quem primariamente cumpre o cuidado dos trabalhos agricolas. Esses dados obtive-os de um preto de Sena, já casado, e que não fez mais que descrever as ceremonias de seu proprio casamento. Consiste em o esposo fazer no momento do contrato matrimonial a entrega de tres *enxadas*: uma ao pae, outra á mãe (da esposa) e a terceira finalmente á propria esposa, que

assim fica sciente dos deveres do seu novo estado. O marido só em caso de força maior contrahe a obrigação de procurar alimentos, ainda que seja pelo proprio trabalho em terras distantes.

Desta sorte têm os pretos garantida a sua sustentação, em geral muitissimo parca, e, portanto de aquisição relativamente facil. Além disso, com a venda de uma ou outra cabeça de gado, e de alguns generos que na occasião lhes não fazem falta, têm tudo quanto é necessario para comprar um pouco de vinho ou qualquer outra bebida alcoolica e embriagar-se, que é a suprema felicidade de um preto e uma das aspirações mais imperiosas desta pobre gente rude e cheia de instinctos meramente animaes.

De maneira que são ainda a mulher e os filhos que lhes proporcionam este prazer brutal, que elles não têm mais que disfructar na mais completa e estúpida ociosidade.

Tem, comtudo, a mulher, um mais alto interesse economico, ao menos provavel, que consiste em dar filhas, que tem sempre venda certa, tornando-se desta forma uma verdadeira fonte de riqueza domestica.

Os pretos, como os antigos patriarchas, sentem uma intima e inexprimivel satisfação em poder contar um ou mais representantes de sua raça, e por isso não soffrem que as paixões se desenvolvam lenta, mas naturalmente, nos filhos, senão que procuram elles proprios, por todos os meios possiveis, desenvolver-lh'as precocemente. Mas, diga-se em abono da verdade, parece que o fim principal em tudo isto não é outro que o poderem contar em volta de si grande numero de descendentes. Ha, porém, uma particularidade que os distingue muito dos antigos patriarchas do velho testamento. Estes, em virtude das promessas do futuro Messias, libertador do povo judaico, desejavam ardentemente e era sua maior gloria ter um ou muitos filhos varões de onde elle podesse descender, emquanto que os pretos o que mais desejam ter são filhas, e por isso é motivo de grandes regosijos e aturadas festas quando em suas palhotas lhes nasce uma filha. E' ella então o objecto de todos os cuidados domesticos, mas todos estes desvelos podem compararse aos que se dedicam aos animaes de engorda para terem mais facil collocação no mercado. Algumas vezes

apresenta-se logo um pretendente a requesta-la para seu filho ainda pequenino, começando logo essa criatura a ser uma fonte de receita para os felizes paes que a possuem.

Devemos acrescentar, em defeza dos pretos, que este acto de vender as filhas não é certamente tão immoral como á primeira vista parece, por mais que repugne aos nossos costumes sociaes. Esse preço é uma especie de indemnisação aos cuidados paternos que lhe foram dispensados, e é mais propriamente um presente valioso com que o noivo concorre para a celebração dessa grande festa, em que toda a familia toma parte, do que a simples paga duma mercadoria. E' um costume antiquissimo e universal entre os pretos, e que antigamente se fazia com varias peças do rebanho, as quaes eram geralmente abatidas no dia da boda em que todos tomavam parte. E cá não dá o pretendente arrhas á noiva? Não é ella muitas vezes o objecto de contratos immoralissimos de cupidez e ambição? Quantos casamentos se fazem pelo dinheiro e não pelo amor? Bem vistas as coisas não temos muito que censurar nos pretos por esse facto que naturalmente nos repugna.

2—Criação e emancipação dos filhos

Attenta a rudeza e selvagismo destes povos, podiamos suppôr que desconhecem os carinhos paternos e que paes e mães seriam desnaturados como feras. Não é assim. O preto tem a mais perfeita noção do amor paternal e as mães adoram os seus filhinhos e por elles são capazes de dar a vida como entre nós succede. A ignorancia, porém, a imprevidencia, o desleixo que lhes é peculiar e a falta de todos os meios de que nós dispomos em abundancia, é que são a causa de seus filhos nos parecerem verdadeiros filhos do abandono, e de os vermos ás vezes padecer contratemplos, torturas tão atrozes, que entre nós causariam a morte e o aniquilamento.

O amor maternal é, para assim dizer, uma cousa tão natural nas pretas, que ainda mesmo para com aquelles que não são seus filhos sabem dispensar, a seu modo, os mais desvelados carinhos, quando os vêem soffrer ou necessitar das suas ternuras. Neste sentido presenciei muitos factos que deveras me sensibilisaram. Ha-os tambem que pela razão contraria se repercutem na nossa alma como a expressão da mais desnaturada ausencia de affecto, mas esses só podem ser attribuidos á falta de previdencia, como tantas vezes observamos nos brutos, onde aliáz é tão intenso o amor maternal. Não admira, pois, que os cuidados na criação dos filhos sejam muito limitados, e em certo modo invariaveis.

Em geral nos ultimos mezes de gestação a mãe é separada do marido, e esta separação dura ordinariamente até á completa amamentação do filho. Este, quando vem ao mundo, começa logo a experimentar todos os rigores do meio em que nasceu, porque roupas e abrigo são, para todos, os mais rudimentares possível. Passados alguns dias depois do parto, a mãe reco-



27 — Como levam os filhos

meça pouco a pouco suas fainas domesticas. O filho acompanha-a para toda a parte e em todos os serviços. Ligado e suspenso atraz das costas da mãe por meio de um panno ou de uma pelle de cabra, que ella aperta por cima dos peitos, passando uma das pontas por baixo do braço direito e a outra por cima do hombro esquerdo, ou vice-versa, alli anda aquella pobre criatura horrivelmente enfaixada, quasi suffocada, e ás vezes queimando-se litteralmente aos ardores dum calor in-

supportavel, sujeita aos mais variados e incomodos movimentos, inevitaveis pelas variadas occupações das mães, que parece nem suspeitarem do horroroso martyrio a que sujeitam essas criaturas apenas de alguns mezes! Muito me confrangeu e ao mesmo tempo me excitou a admiração ver este genero de crueldade tão barbara para com os filhos, que em todo o caso não será senão em relação aos nossos costumes, pois tambem extranhei muito que tão penoso martyrio, que ás nossas crianças causaria a morte num dia, não lhes fizesse arrancar um unico vagido!

Dias inteiros andam estas tenras criancinhas torrando aos abrazadores raios do sol africano, quando as mães os passam no campo cuidando de sua cultura sem nunca os tirar das costas para se alliviam e alliviá-los. Este modo de trazer os filhos pode durar até aos tres ou quatro annos de idade, e ninguem os sabe trazer de outro modo, nem elles procuram outro refugio quando o medo os obriga a procurar a protecção materna.

Os mesmos cuidados que as meninas pretas tem para com suas *bonecas*, indica todos os que ellas observam em suas mães a respeito dos irmãos mais novos, assim como os das meninas de nossas aldeias ou cidades a respeito de suas bonecas demonstram os cuidados que viram ter para com as outras crianças.

As bonecas das meninas pretas consistem em duas pequenas cabaças enfiadas num pau de doze ou quinze centimetros, e ainda de outros modos figuradas, e os unicos cuidados que lhes dispensam consistem em trazê-las bem amarradas atraz das costas um dia todo, brincando e saltando despreoccupadamente como se nesse unico acto consistissem todos os carinhos de uma mãe para com o filho de suas entranhas.

Assim as mães carregam continuamente com os filhos ás costas, ou trabalhem, ou viagem, ou transportem pesadas cargas em longas caminhadas, e até nos batuques executam muitas vezes as mais variadas danças com o filho escarranchado no dorso, como se desde a primeira infancia os quizessem acostumar a tão descompassados movimentos. Para lhes dar de mammar raras vezes os tiram dessa habitual posição e, quando muito, os desapertam um pouco para por baixo do braço mais facilmente chegarem á mamma. Quando vão caminhando, ás vezes com uma pesada carga á cabeça, e os filhos querem mammar, limitam-se a puxal-os para deante, segurando-os com um braço pelo meio, chegar-lhes a teta para traz, que a criança segura bem com ambas as mãos, e assim cuida cada qual da sua tarefa sem se importar de mais nada. Dão-se mesmo casos, ainda que raros, em que não é preciso á criança mover-se donde está. A mamma é suficientemente desenvolvida para passar por baixo do braço e chegar naturalmente á bocca da criança. (V. fig. 28).

As mulheres em geral não teem mais abundancia de leite que as brancas, e ha-as até que não teem o sufficiente para amamentar os filhos, o que não admira, ainda que sejam robustas, pelo excessivo trabalho que teem e fraca alimentação. Assim vão logo acostumando os filhos á alimentação ordinaria, e ha-os que passam todo



28—Typo de peitos excepcionalmente desenvolvidos.

o dia a comer quantas cousas encontram, ainda as mais repugnantes para nós, mas em geral de pouca alimentação.

Devido a isto e tambem a estarem continuamente desapertadas, o ventre desenvolve-se-lhes extraordinariamente e desce muito para baixo do nivel ordinario. Depois, á medida que o organismo se desenvolve e aperfeiçoa o ventre retoma comumente a posição mais natural.

O vestuario das crianças é sempre mais rudimentar que o dos adultos, e isto por uma especie de egoismo inconsciente dos paes. Muitas crianças passam a maior parte da vida quasi completamente nuas. Outras trazem apenas uma fita em volta dos rins. Para os livrarem de maleficios, penduram-lhes ao pescoço, braços e pés, varios amuletos, que elles chamam *remedio (murri)*; um remedio geral contra toda a classe de accidentes que possam sobrevir!

Com uma reflexão pouco mais que rudimentar, não obstante noutros casos mostrarem-na tão desenvolvida, as mães não sabem conjecturar, em grande numero de circumstancias, o que se passa na alma de seus filhinhos. Geralmente dormem com elles até completarem um ou dois annos, ou então deitam-nos em qualquer canto da palhota, em cima duma esteirazinha ou na terra nua, na maior parte dos casos sem a mais simples cobertura, ficando assim expostos ao frio, ou aos calores mais ardentes, e sobretudo aos mosquitos, que infligem e essas criaturas inermes, e que nem sabem defender-

se, as mais terríveis torturas. E não sei que sensibilidade é a destas crianças que no meio de tão horrível tormento difficilmente soltam um vagido, e apenas protestam contra tão cruéis inimigos em contorsões e gemidos quasi silenciosos de resignação.

A imposição de nomes aos filhos tem perfeita analogia com a que usavam os antigos hebreus. De uma circumstancia, de uma coincidência, fazem derivar o nome da criança, que lhe é posto logo depois do nascimento, sem mais pronomes nem appellidos de casta alguma. Outras vezes é-lhe posto outro nome, no decorrer dos annos, por qualquer característico notavel. A uma criança *que nasceu na cosinha*, baptisaram-na com este nome, cujo significado na propria lingua me não lembra. Tivemos um moleque chamado *Kubeta*, cujo significado é: *que leva comida á bocca*, provavelmente porque foi a façanha mais notavel dos seus primeiros dias.

A um dos regulos mais poderosos que dominou nestas terras, ahí pelo seculo xvi, chamavam e ainda hoje chamam *Muenematapa*, que significa *rei dos elephantes*, provavelmente para indicar seu grande poderio e força. *Zichacha* (aliáz *Zihlahla*), quer dizer *matto cerrado e baixo*; não sei a que deve a sua origem. *Muene-mugana*, porém, nome de outro personagem historico, quer dizer: *rei da povoação pequena*, certamente porque não era grande a povoação de que era senhor. Os grandes regulos além do nome proprio tinham geralmente o nome de guerra. Gungunhana era nome de guerra desse personagem historico que se chamava *Mondugaz*.

E já que fallamos da imposição de nomes, não virá fora de proposito apontar alguns dos que elles impõem a todo o europeu que vae para o meio delles, certamente pela necessidade de os distinguir de algum modo.

Um celebre portuguez que por aqui andou muitos annos e que entre outras façanhas conta a de matar dois pretos indefesos, era conhecido em toda a parte pelo nome de *Mamburáia* — *matador de gente!* A Diocleciano das Neves, genio alegre e folgazão, davam o nome de *Muhambakleka* — *o que anda a rir*. A um portuguez altamente collocado numa das cidades desta costa, chamavam *Kabidanküia* — *o que nunca se ageita bem*; a outro *Fongüe-tambara* — *gallo irrequieto*, por andar sempre de um lado para o outro, dando ordens e con-

tra-ordens e mettendo-se em tudo. A um commissario de policia chamaram *Mturu*, nome de um pequeno quadrupede de focinho comprido e de habitos perscrutadores. *Nhakuvatua*—*serpente venenosa*, outro portuguez que entre elles era alvo das mesmas sympathias que o milhafre entre as pequenas aves. Tambem eu fui baptisado, e duas vezes. A primeira com o nome de *Mabalane*—*que tem officio de escrever, secretario*; o segundo de *Panhlane*—*calvo*, por me notarem alguns indicios de calvicie.

Aos dois ou tres annos, quando o filho dispensa para assim dizer os assiduos cuidados maternos, começa logo a viver em meia emancipação; vae para onde quer, percorre junto com outros as povoações e palhotas, come nesta ou naquella com a mesma liberdade como se fosse na propria, passa noites sem ir a casa, emfim é livre. Comtudo, a casa paterna é sempre o refugio mais seguro. Os paes é que nem por isso se preocupam muito com estas ausencias, porque elles tambem assim fizeram; emquanto por lá andam alguma cousa ganham, não ha perigo das más companhias, a futura educação dos filhos nada tem a perder.

Logo que um rapaz pode viver só, o que entre elles succede ás vezes ainda muito antes da idade da puberdade, esse rapaz está para assim dizer emancipado da tutela paterna. Pode criar cabritos por sua conta, ter a sua *machamba*, vender-lhe os seus productos para comprar *kapulanas* para si ou para presentear a sua desposada, construir até uma palhota independente da da familia, e sobretudo ir juntando dinheiro para mais tarde comprar mulher, o que pode fazer em qualquer idade, comtanto que tenha com que a pagar. Exemplos destes ha-os por ahi sem conta.

O que é mais notavel ainda, e não pouco complicado para o expôr com todas as circumstancias, é o seu direito de successão pela morte do pae.

Se este não deixa filhos varões, ou os deixa menores (a menoridade não sei quando acaba; o que sei é que ha ahi muitos rapazes de dez ou doze annos que já são considerados maiores para todos os effeitos), os direitos paternos passam para o tio mais velho dos orphãos, até á maioridade do filho mais velho. Se, porém, ao tempo de morrer, seu filho mais velho é capaz de tomar conta

da herança, é elle o legitimo successor de todos os seus bens e direitos.

A propria mãe do herdeiro fica-lhe tão sujeita como qualquer de suas irmãs mais novas, e só se pode liberar desse jugo casando-se com outro marido. O dinheiro, porém, por que fôr comprada é todo para o filho, herdeiro dos bens paternos.

Pelo que diz respeito ás outras mulheres de seu pae, e portanto suas madrastas, ou *mães pequenas*, póde recebê-las como legitimas esposas ou vendê-las a outros como se fossem suas proprias filhas. Com suas irmãs dá-se outro tanto. São consideradas suas filhas para todos os effeitos. Se sua mãe enviuvou segunda vez, volta de novo a ser propriedade do filho. Os irmãos deste ficam igualmente ao seu cuidado até se poderem governar sósinhos. Todos estes direitos tem tambem o filho mais velho quando o pae se ausenta para longe durante muito tempo. Assim m'ó contaram os mesmos pretos.

Os termos: pae, mãe, tio, filho, irmão, etc., que empregamos, são tomados na accepção propria porque entre os pretos são todos nomes muito elasticos e ambiguos. Assim os maridos successivos de uma só mulher e os irmãos desta com os irmãos de cada marido, são todos *paes* dos filhos dessa mulher. O verdadeiro pae chama-se *pae grande*, os outros são *paes pequenos*. O mesmo vale para as mulheres. A verdadeira mãe é a *mãe grande*; todas as demais: madrastas, tias e segundas tias, são *mães pequenas*.

Este assumpto offerece grandes difficuldades para bem se caracterizar e parece que mesmo entre elles ha ainda regras pouco seguras a este respeito. E' tudo muito arbitrario, muito mal definido, e assim é tambem difficillimo chegarmos ao perfeito conhecimento do verdadeiro grau de parentesco que ha nestas familias.

Não devo omittir um caso muito interessante que se dá entre elles, segundo um preto me contou muito pormenorizadamente. E' este. Quando um individuo compra a mulher com dinheiro que outro lhe emprestou para esse contrato, esta mulher deve uma certa veneração áquelle que emprestou o dinheiro ao marido, e o primeiro filho que ella tiver vai ser moleque desse preto, e por causa do officio caracteristico em que na sua casa se emprega,

toma um nome que em portuguez quer dizer:— *lavador de pratos*. Não sei quanto tempo dura essa condição de serviçal. Se não tiver filhos fica sujeita a ser ella a *lavadora de pratos* emquanto o proprio marido não lhe restituir todo o dinheiro por que a comprou.

Os paes muito raras vezes respondem pelos crimes dos filhos e se o fazem é simplesmente por amor, para os livrar de trabalhos e difficuldades. Entretanto, teem o costume de os defender sempre que podem, de lhes pagar as multas, as mulheres e as dividas, mas os filhos ficam tambem com a obrigação de lhes restituir tudo quanto com elles dispenderam. O mesmo praticam os filhos a respeito dos paes, e assim, a par de muitos exemplos tão feios de falta de amor e piedade filial, de paes a filhos e entre irmãos, o que se nota ordinariamente são os mais bellos exemplos de abnegação, de sacrificio, de amor de uns para com os outros, tendo sempre na devida conta a sua rudeza e ignorancia, a falta de conhecimentos e brandura de costumes contrai-dos de ha seculos que tanto facilitam em nós os mesmos actos de amor da familia.

Os laços do parentesco são entre elles uma coisa tão sagrada que muitas vezes os faz tomar um certo parentesco politico com pessoas estranhas, já seja por benevolência ou por distincção. Antigamente era uma grande honra que elles concediam a certos personagens dando-lhes o titulo de *sua mulher*, e essa distincção era maior se lhe davam o titulo de *mulher grande*, isto é, equiparando esse personagem á sua favorita, á primeira mulher de seu harem. Disso temos um exemplo interessante em Fr. João dos Santos, que nos conta o seguinte caso, falando da caça que se cria na ilha Maroupe situada no rio de Sofala:

«Um anno succedeu que o dono desta ilha, Rodrigo Lobo, fez uma caçada com muitos cafres seus escravos e vassallos, moradores na mesma ilha, e entre muito gado que mataram, juntamente foi morto um leão, (coisa mui defesa em todo o reino de Quiteve, senhor e rei destas terras, como atraz fica dito) vendo-se pois o senhor da ilha com o leão morto e que o rei o havia logo de saber, (porque os cafres nenhum segredo teem e são mui inclinados a dar uma ruim nova) mandou meter o leão em uma almadia e cobril-o de ramos, e poz-lhe

em cima vinte panos e mandou tudo ao Quiteve, dizendo que elle Rodrigo Lobo, sendo mulher d'el-rei e andando fazendo seara para seu marido, o viera acometter aquelle leão, alevantado e descortez para a mulher do seu rei, pela qual razão lhe deu com o cabo da enxada na cabeça, por honra de seu marido, e que ali lh'o mandava morto para que acabasse de tomar vingança d'elle e do agravo que fizera a sua mulher. O Quiteve recebeu o presente e mandou-lhe dizer que fizera muito bem de matar o leão, pois fôra descortez a sua mulher. E desta maneira se acabou esta empofia, que Rodrigo Lobo temia pagar pelo menos com a perda da ilha, e se fora cafre com perder a vida e todos seus bens para a corôa, conforme a lei do Quiteve. Mas como Rodrigo Lobo era grande amigo seu e sabia fallar ao modo dos cafres, por metáforas, buscou esta invenção para contentar ao Quiteve, como de feito contentou, e declarou que a lei que tinha posto não se entendesse em Rodrigo Lobo, sua mulher muito amada.» ⁽¹⁾

Além do titulo de *mulher* dão tambem ou adoptam para si proprios o de irmão, filho ou pae, segundo o grau da pessoa que dá ou recebe esse titulo, ou o grau da honra ou protecção a que esse titulo dá jus. Assim os pretos chamam paes aos portuguezes, quando recordam as suas façanhas contra o Gungunhana, e o beneficio que dahi lhes resultou por os termos livrado dum extraordinario tyrano. Quando nos querem fazer muita honra tambem nos chamam paes nas suas saudações e vocativos, ainda mesmo que elles sejam regulos poderosos. O Gungunhana, esse, ora por medo ora por desdem, chamava irmão ao rei de Portugal, quando a elle se referia nas conferencias com os seus representantes.

(1) Et. Orienta, L. 1. Cap. xx.

3—Realeza

A idéa que fazemos das coisas d'alem mar, e nomeadamente a respeito da vida e costumes dos cafres, é geralmente bem pouco conforme á verdade. Isto deve-se em parte ao mysterio que nos causam as coisas distantes, inacessiveis ao nosso exame, e mais vezes ainda, a falsas narrações, a exaggeros da phantasia com que pretendemos accender a curiosidade nos outros, ou talvez aureolar a nossa personalidade com uma nebulosa de mysterio, e fazer-nos admirar ao longe como actores de comedias extravagantes, extraordinarias, inverosimeis. São em geral as apparencias que melhor quadram á construcção dos castelos das nossas phantasticas chimeras, sobre os quaes pretendemos dominar despoticamente na imaginação de quem nos ouve ou lê.

A respeito do governo, administração e realeza cafreas succede o mesmo que relativamente á sua vida, usos e costumes. Procuremos dar uma idéa, quanto possivel exacta, da realeza e autoridade indigenas.

Em paizes barbaros como este, é raro haver outro direito que não seja o do mais forte. Os innumeraveis regulos espalhados por todas estas regiões, dominando cada um no seu pequeno territorio, como representante da primitiva autoridade patriarchal, e de quem talvez tenha origem todo o povo que lhes obedece, poucas vezes viviam em paz e harmonia uns com outros. A ambi-

ção desmedida de uns e a temeridade de outros, ou a consciencia de sua superioridade, fazia-os muitas vezes impelir ao encontro de sua ambição, essas massas inconscientes que dominavam, as quaes irrompendo pelos campos de seus vizinhos, entregavam-se á rapinagem e ao assassinato como um bando de lobos famintos. Eram luctas sangrentas e continuas mas desordenadas, sem outro fim que a pilhagem, e sempre restrictas entre familias mais ou menos numerosas. Quando, porém, no meio destas desordens sociaes, apparecia um genio guerreiro e de temeridade bastante, tão sanguinario e feroz, que só o seu nome incutisse terror e respeito nos seus vizinhos, então invadia-lhes os seus territorios, obrigava-os a prestar-lhe vassalagem, e essas conquistas rapidas e ás vezes bem renhidas, que se prolongavam emquanto a sorte o favorecesse, assignalavam um profundo rasto de sangue, de rapinas e crueldades. Mas logo que o heroe desaparecia da scena, todo esse poderio se aniquilava, e cada chefe ou regulo recusava pagar tributo, que era o mesmo que proclamar sua autonomia. E' essa a historia de Xaka, Manukose, Mozila, Gungunhana e outros guerreiros que de longe em longe ahi fizeram façanhas memoraveis.

Effectivamente os pretos são todos muito ciosos de sua independencia, e quando não exista um genio que lhes imponha sua vontade despotica, os estados são tantos como as familias, e o grande avô que os governa patriarchalmente é respeitado e obedecido por todos os que de qualquer modo lhes estão ligados por laços de familia, que ás vezes constituem um grande régulado, do qual elle é, para assim dizer, pae, sacerdote e rei, e o arbitro de todas as questões que entre elles se levantem. Este principio de unidade obedecia tambem á necessidade de salvaguardar os seus direitos e a propriedade de seus bens, mulheres e filhos.

Hoje com a nossa dominação lenta e mais ou menos pacifica, que se estende por toda a provincia, acabaram-se os receios que até ahi tinham uns dos outros, e cada membro que constitue familia procura muitas vezes ser o chefe de uma nova tribu, isto é, de seus descendentes que se reuniram em volta de sua palhota.

Entretanto por conveniencias administrativas conservam-se os antigos régulados, mas de autoridade muito

limitada e antes em proveito da metropole, que delles proprios. São pequenos estados sujeitos immediatamente ás autoridades de cada districto ou commando.

Cada régulado é por sua vez dividido entre varios *enganakana*, ou chefes, cujas attribuições se podem comparar ás dos governadores de provincia, e estes por sua vez subdividem-se entre pequenos *enganakana*, que são como administradores de concelho, ou antes como simples regedores duma pequena povoação, pois sua auctoridade apenas se estende a algumas palhotas.

«Em regra podemos dizer que nas tribus primitivas a auctoridade superior á do chefe de familia era nominal na maior parte dos casos. Como cada familia possuia por completo o seu mechanismo administrativo, só em casos excepcionaes o chefe supremo era chamado a intervir, em geral em casos de disputas ou luctas armadas entre essas familias. Em caso, porém, de guerra entre tribus, então o chefe assumia por assim dizer a dictadura, e ás suas ordens todos tinham que obedecer. Despotico em theoria, em regra o poder de chefe soffria muita modificação e era muito atenuado. Junto de cada um funcionava sempre um conselho composto dos *grandes*, isto é, dos que se distinguem pela idade e poderio, dos chefes de familias principaes. Este conselho é ouvido em todas as questões que interessam á tribu. A opinião deste conselho é obrigatorio ouvir e muitas vezes seguir. E como um fugitivo acolhendo-se á protecção de um chefe extranho é sagrado, um regulo pouco popular ou demasiadamente tyrano está sempre exposto a perder os seus subditos. E' outra causa de temperança ao despotismo.

«Mas apezar das atenuantes, o poder dos regulos é muito grande. Julgam sem appelação e em ultima instancia as causas de vida ou de morte, que são em geral as de homicidio, adulterio com alguma das suas mulheres, ou qualquer ultraje a suas pessoas ou familia. Das sentenças dos chefes de familia ha recurso para elle, logo que as partes se não dão por satisfeitas com a resolução da causa. Proprietario de todo o territorio da tribu, só o chefe distribue e cede para agricultura os differentes quinhões ás familias; nestas, isto é, em cada povoação, o terreno cultivado é propriedade commum». ⁽¹⁾

(1) Ayres d'Ornellas. — log. cit.

Hoje, por effeito da sujeição de todo o territorio ao nosso dominio, essas regalias lhes são naturalmente coarctadas, como por exemplo o direito de vida ou de morte, e não é senão como soberano da corôa de Portugal que elle possui as suas terras.

Estas auctoridades são assim pouco mais que ficticias. São, não obstante, de certa utilidade para as auctoridades portuguezas, porque, como bons conhecedores de suas terras, são elles que teem de dar conta das palhotas de seus subditos para a cobrança do imposto, ficando sujeitos a grandes multas e prisão pelas que occultam maliciosamente. Quando são precisos braços para os trabalhos do governo e dos commerciantes influentes, são os regulos e os chefes que os vão buscar e obrigar ao trabalho, sendo suas ordens geralmente respeitadas dos indigenas, e são tambem os chefes os que mais ajudam os agentes do governo na cobrança do imposto de palhota. Estas são as relações das auctoridades indigenas a respeito das da metropole, pois as que existem a respeito de seus proprios subditos são mais intimas, ainda que igualmente limitadas. Estes teem-nos geralmente em grande consideração, não só por serem representantes de seus antigos senhores, senão porque lhes resolvem a maior parte das pequenas questões que entre elles se suscitam; e na verdade os pretos *entendem-se* melhor com as proprias auctoridades, e ainda que para levantar qualquer pleito é preciso gastar sempre alguma coisa, nunca ficarão tão prejudicados como se as tratassem com os *brancos*.

A isto se reduz para assim dizer a interferencia das auctoridades indigenas na administração e governo de seus povos. Estes por sua parte teem tambem certos deveres para com seus chefes. Fazem-lhes presentes em determinadas épocas do anno, dão-lhes as primicias de suas producções e bebidas que fabricam, e tributam-lhes um respeito quasi filial, que, noutras épocas e debaixo dum jugo despotico, se traduzia por um temor supersticioso, quasi por uma adoração. Os chefes, por sua parte, devem as mesmas honras e dadas aos que lhes são superiores. Todas as mais relações sociaes entre os regulos, chefes e povo, são identicas ás do povo entre si.

E' pois muito errada a opinião que geralmente fa-

zemos dos potentados negros. Talvez seja isso devido ao prestigio e façanhas dos que ha pouco nomeamos, ou ás historias que nos ficaram dos antigos reis mouros da costa oriental africana, que por serem africanos facilmente lhes attribuímos uma *côr* que não teem; e com a *côr*, a raça, civilisação e costumes.

Dizia, por exemplo, um desses numa correspondencia para certa revista, narrando as peripecias dum incendio no armazem dum estabelecimento:—No dia seguinte vieram as *damas da côrte* dar-nos o testemunho de seu profundo pesar por esta lamentavel catastrophe.— Outro: —Que entre os muitos alumnos que contava na escola, andava tambem o *principe* e varios *ministros*. Ora para nós, que temos o habito de attribuir grandes prendas e as mais extremadas differenças sociaes a principes, ministros e damas das nossas *côrtes*, é um logro um tal modo de falar, pois em realidade entre o regulo e o mais infimo dos seus vassallos não ha outra differença social, que ser aquelle o *primeiro entre iguais*, ter algumas obrigações mais a respeito das nossas autoridades, ser o juiz nato das questiunculas que entre elles se suscitam constantemente, recebendo em troca certos presentes dos seus subordinados.

A verdade é que, áparte as tão restrictas attribuições que lhes assignamos, os palacios, familia, creados, representação, fausto e luxo dos potentados cafres, em nada se distinguem dos de seus mais infimos vassallos.

Um regedor de nossas aldeias sertanejas, com oito ou dez cabos ás suas ordens, com bastante prestigio para resolver em paz a maior parte das rixas de seus parochianos, absolutamente fallando, tem todas as attribuições da maior parte dos regulos de Gaza. Comtudo, encontram-se ahi alguns cujo prestigio moral podemos comparar ao de nossos administradores de concelho. O *principe*, de que falava o tal articulista, será no nosso caso o filho mais velho do regedor, e os *ministros*, os seus cabos. As *damas da côrte* é que não teem paralelo em casa do regedor, porque entre nós não ha polygamia legal.

Cada regulo tem cinco, dez, doze ou mais chefes, conforme a extensão de suas terras, em que delega parte da sua autoridade, e a administração de parte de seus estados. Estes por sua vez teem varios sub-chefes depo-

sitarios doutra parcella d'autoridade e territorio que administram, mais ou menos limitadamente segundo o genio, preponderancia, e um grande numero de circumstancias, ora locaes e sociaes, ora dependentes das relações com as autoridades europeias.

As terras dum grande regulo podem, pois, comparar-se a um de nossos pequenos concelhos. Ao regulo chamam *hosi*—rei. Cada régulado está dividido em varios districtos, cujas autoridades, subordinadas ao regulo, se chamam *enganakana*. Estes ainda se subdividem em territorios pequenos, que são governados por outros *enganakanas* subordinados aos primeiros, que ás vezes ainda teem outros chefes subordinados, cuja autoridade se estende a duas ou tres familias, apenas, ou ainda só á propria familia, chegando-se, por analyse, desde a monarchia absoluta até ao governo patriarchal primitivo.

Vejamos agora a grandeza dos seus estados. Um dos mais poderosos regulos de Gaza é o Zulo, cujas terras confinam com as de outro não menos poderoso—o Xiahlo, sendo os estados de ambos divididos pelos terrenos da nossa missão.

As terras do Xiahlo são as que melhor conheço. Vêem-se todas da missão. Um homem montado num jumento percorre-as todas em meio dia dum extremo ao outro, tendo o tempo sufficiente de fazer varias observações importantes.

Nós faremos tambem algumas começando pelo Kraal do regulo, composto dumas dez ou doze palhotas construidas em semi-circulo em volta dum grande terreiro em fórma duma eira, tendo pelo meio em desordem palhotazinhas de phantasia, para pombos, para celeiro, estabulos, etc.

Ha ahi muitas *damas da côrte*, isto é, as mulheres do regulo, as filhas e algumas serviçaes, as quaes todas se occupam na cultura do milho, mandioca, etc., na colheita dos generos, na preparação da comida, e em todos os trabalhos domesticos e do campo. Alguns pretos, chefes de familia que habitam mais proximo do regulo são seus *ministros*, isto é, aturam-lhe as suas parlendas, passeiam com elle a esta ou áquella povoação, ou vão transmitir suas ordens aos chefes subalternos. *Principes* conheci ahi dois. Um occupava-se no que todos os preticos se occupam: comer, brincar, guardar o gado e fazer

travessuras. O mais velho, e futuro regulo, tinha, juntamente com os *magaissas*, emigrando para o Transwaal, com o fim de ganhar vinte ou trinta libras para comprar a mulher. A respeito de vestidos, baixelas e todo o mais luxo de seus palacios, não ha a accrescentar um atomo ao que os demais pretos usam. A côrte das autoridades subalternas é igual á do regulo, salvo a differença que a sorte fortuita pode estabelecer entre elles.

Consideradas agora as diversas classes sociaes como constituindo familia—regulos, chefes, e povo—não apresentam a minima differença. Ha, é verdade, entre elles o que podemos denominar ricos e pobres, mas a sua riqueza tambem não tem nada de commum com a que julgamos tal. Para elles o ser rico é possuir muitas mulheres. Os gados são outro genero de riqueza, mas mais secundario. Assim por exemplo quem tem uma mulher já se não pode chamar pobre. Se tem duas ou tres é evidentemente rico; e se tiver dez, quinze ou vinte, é um milionario! Um regulo ou chefe qualquer, por um tal ou qual despotismo que lhe é natural, é quasi sempre do numero dos ricos, e muitas vezes millionario, mas tambem os ha pobres que apenas possuem uma unica mulher, como um que eu conheci.

Quanto a educação, a vestuario, ao que podiamos chamar fausto e luxo, a distincções sociaes de qualquer natureza que sejam, além das que já notei, não existem entre elles nem por sombras, já sejam regulos ou os ultimos dos seus vassallos. As que o outro chamava *damas da côrte*, eram as proprias mulheres do regulo, as que cultivavam o milho e a mandioca, que iam buscar a agua, a lenha, que tinham a seu cargo os misteres mais humildes e trabalhosos, as escravas (permitta-se-me a expressão) convictas e resignadas dum selvagem, socialmente tão despreziveis ou respeitaveis como a mais humilde e desprezivel selvagem do seu sexo, e nem os que elles chamavam *damas da côrte*, nem ellas, nem os seus senhores as teem noutra conta, que se fossem coisas, bens moveis de valor, e não são ellas as que mais lastimam a sua sorte, como mais tarde veremos. Eis o que são os potentados desta região, com suas côrtes, e de quasi toda a provincia de Moçambique e da maior parte da Africa Austral.

O maior regulo não tem metade da importancia, do

prestígio e autoridade dum administrador de concelho, quanto ao governo e administração dos seus estados, e os demais chefes não ganham muito em poderio ao nosso mais infimo regedor de aldeia.

Não quer isto dizer que não tenham apparecido por esses sertões álem, e que não haja ainda, potentados excepcionaes, superiores talvez a muitos monarchas europeus. Os viajantes fallam nelles e a historia regista os nomes de *Xaka*, *Manukose*, *Mozila*, *Gungunhana*, e outros, de poderio immenso, de riquezas fabulosas. Mas esses appareceram raras vezes, e bastou calar o seu nome para todo o seu poderio se desfazer em pó!

O *Zulo*, o *Xiahlo*, o *Xangalase*, o *Siaia*, são grandes regulos e grandes chefes dessa região, e comtudo temos cá proprietarios possuidores de terras mais extensas, e de muito maior autoridade. O regulo mais poderoso, trocara da melhor vontade tudo quanto é e possui, pela sorte dum commerciante mediano, a quem elle proprio sauda com o titulo de *rei*.

«A lei de successão de governo, diz o sr. Conselheiro Ayres d'Ornellas na sua auctorizada *Memoria* já citada, varia das tribus primitivas para as outras. Entre os macuas e nas mais antigas tribus *tonga* succede ao regulo o sobrinho filho de irmã que mais simpatico é aos grandes da tribu. A hereditariedade é na familia e não individual, e temperada pela eleição. Na falta de sobrinho filho de irmã, succede um irmão do regulo.

«Nas tribus, porém, mais civilizadas é diferente a lei de successão. As primeiras mulheres do chefe foram em geral filhas dos principaes grandes de seu pai, ou de chefes visinhos e importantes da sua raça. Muitas vezes a mulher grande só é declarada quando o chefe já está avançado em idade. O filho mais velho da mulher grande é o herdeiro da corôa. Mas os filhos mais velhos de cada mulher (não concubina) de chefe, tem direito a receber alguns dos de sequito de seu pai, e de formar assim uma nova familia, cujo governo lhe era por completo entregue logo depois da iniciação. Acontecia assim muitas vezes que estes chefes secundarios mais velhos que o herdeiro presumptivo, iam augmentando o seu poder e creando adeptos durante a menoridade d'elle. E chegado este á maioridade, era fatal uma guerra, aliás, quasi de obrigação em todas as succes-

sões. Temos em tempos antigos as luctas constantes entre os pretendentes a *monomatapa*; temos modernamente as guerras de Mozila e Maueua, o assassinato de Mafemane pelo Gungunhana, as guerras constantes entre os sucessores de Macombe no Barué; guerras que não pouco contribuíam para enfraquecer o laço, digamos, nacional, originando a formação de novas tribus, a emigração de famílias, e introduzindo novos elementos de confusão entre a já tão confusa historia dos povos africanos.» ⁽¹⁾

(1) Ayres d'Ornellas — loc. cit.

4—Justiça

O preto tem uma noção bastante nitida da justiça em geral, e se elle na maioria dos casos pouco se importa de a transgredir a respeito dos outros, principalmente na esperança da impunidade, não é assim quando são elles os lesados. Sabe muito bem avaliar os direitos de cada um nos casos mais particulares da vida, segundo um código que não está escripto, certamente, mas cujos principios são a base de toda a sociedade, e que, mais ou menos alterado, mais ou menos obscurecido, se vae transmittindo fielmente de geração em geração. O preto não tolera sem protestar, ao menos surdamente, quando o não pode fazer doutro modo, que lhe façam uma injustiça, que pratiquem com elle uma arbitrariedade; mas resigna-se como a uma fatalidade ás consequencias dum delicto qualquer que cometera. Se a ellas se poder escapar pela fuga ou outro arbitrio, não espera de braços cruzados que o castiguem, não, mas os seus protestos não são contra a justiça senão contra os fados que o não protegeram.

Um moleque ou um serviçal qualquer, se é castigado por um delicto que cometteu, ainda que o castigo vá além do que é justo, cala-se. Se, porém, o castigam injustamente, elle parece provocar a justiça do ceu com seus clamores e com a mais concentrada indignação contra o aggressor.

Na nossa missão deu-se um caso característico. Entre os rapazes da escola havia um cujas façanhas de vadiagem e gatunice lhe valeram ser perseguido por quantos o conheciam, tanto europeus, de quem tinha sido moleque, como naturaes, com quem praticava as mesmas façanhas, e nem sequer podia entrar na propria povoação donde andava fugido havia muito tempo. Frequentou a escola durante mais dum mez, comendo e dormindo na missão, como o faziam muitos outros. Entretanto começaram a faltar varios objectos da missão. Coisas de immediato consumo, criação, etc., desapareciam como por encanto. Em certa manhã encontramos a dispensa arrombada e roubados muitos objectos comestiveis. Naturalmente começamos a desconfiar dos serviçaes e ainda de nossos vizinhos. Não se imagina quanto se mostraram offendidos por esta simples suspeita, não obstante acharem-na razoavel ou antes desculpavel, porque todos viam que eramos roubados e ninguem suspeitava do ladrão.

Querem agora ver de que arbitrio se serviram para afastar de si aquella suspeita infamante? Propóseram-se elles proprios espiar cuidadosamente o ladrão, agarrá-lo e castigá-lo exemplarmente. Nós nada soubemos destes projectos senão depois que os poseram por obra.

Effectivamente passados muitos dias, e depois de o encontrarem na ratada sem o poder haver ás mãos, por umas duas vezes, conseguiram afinal o que tanto desejavam para uma justificação cabal de sua innocencia e fidelidade. Uma bella madrugada, ainda muito escuro, sinto uma enorme algazarra, como se uma grande multidão estivesse ajustando contas com uma fera temerosa.

Lembrei-me do que seria, e para impedir verdadeiras barbaridades, a que estes selvagens chegam em casos semelhantes, levantei-me logo e dirigi-me ao sitio do reboliço. Confesso francamente que me vieram as lagrimas aos olhos. Senti a mais profunda compaixão para com o desgraçado. Já vinha de roldão, adeante duma turba multa, desenfreada e cruel, que ahi se tinha juntado como por encanto, que no pobre desgraçado vingava cruelmente a afronta duma simples suspeita que sobre elles pendia. O desgraçado já vinha manietado, com os braços horivelmente apertados atraz das costas, com o

corpo cheio de vergões, por algumas partes deitando sangue, e os seus algozes, num momento verdadeiras feras, não cessavam de lhe dar despiedosos golpes. Elle comtudo nem uma palavra de protesto, nem uma supplica de commiseração! Ao mesmo tempo chegava o meu collega, e, quando o pobre infeliz julgava ir então começar o seu supplicio, qual não foi a sua admiração, e o assombro de todos, quando começamos a reprehender os seus algozes, e a deitar-lhes em rosto a sua cruel deshumanidade!

Ha, porém, aqui um episodio que nos revela bem uma das mais interessantes manifestações de seu modo de entender a justiça. Todos tinham sido lesados, por de todos elles ter havido desconfiança, e por isso todos queriam fazer justiça por suas proprias mãos. Cada um, quando mais não podesse, lhe vinha dar uma pancada, ou ao menos tocar-lhe com a mão, como se isso bastasse para lavar a affronta. Um dos nossos serviçaes, criança dos seus doze annos, que estava com uma perna quebrada e ha muitos dias sem se levantar, não podia soffrer o não se desagrarar pessoalmente, e assim lá veio encostado a um pau arrastando-se até á multidão; dá uma paulada no delinquente, e volta para a palhota desagravado e satisfeito!

Não é, porém, o modo mais usual de por suas proprias mãos fazerem justiça. O regulo e os chefes subalternos são os juizes natos do povo e a elles são submettidos todos os processos. Os julgamentos, o acto de resolver e mesmo de inquirir duma questão, uma demanda, chama-se *milando*, e a primeira instancia a que se recorre é o chefe mais proximo e de menos cathegoria, o *enganakana*, especie de regedor de freguezia. Se alguma das partes não fica satisfeita com a sentença pode apelar para a autoridade immediata, e assim por deante até ao *regulo grande*.

Estes milandos precedidos da offerta de algumas cabeças de gado de cada uma das partes, e do banquete commum, durante o qual se discutem os pontos da questão e outras praxes usadas em taes casos, são uma perfeita reproducção da scena descripta no capitulo XXI do *Génesis*, desde o verso 22 até ao fim, suscitada entre Abrahão e Abimelech por causa de um poço. A polygamia, os contratos matrimoniaes e as cerimoniaes conco-

mitantes, a circuncisão, e outros costumes que apontaremos, são outros tantos pontos de contacto entre os seus costumes e os costumes biblicos.

Descreverei rapidamente um destes *milandos* que observei e que dá perfeita idéa de todos os demais.

Um preto tinha cedido a outro parte da sua *machamba*, para este a cultivar durante certo tempo, o que elle executou fazendo uma plantação de canna doce e bananeiras. Certo dia o proprietario desapareceu, e a familia deste tratou logo de reclamar os seus direitos á dita *machamba* no estado em que actualmente se encontrava. O segundo contestava-lhe esse direito dizendo que a plantação lhe pertencia, e que, portanto, esperasse pela colheita para depois tomar conta do terreno. Os outros não estiveram por isso, fizeram *milando*, e levaram-no ao pequeno *enganakana*.

Cada um dos contendores deu logo meia libra e um cabrito ao arbitro da contenda, formalidade indispensavel para começar o *milando*, que então lhe é exposto pelas partes. No dia seguinte foi convocado o conselho dos grandes, e todo o povo pode assistir ao *milando*, que quasi sempre os deixa participar do banquete. Então foram alguns da confiança do *enganakana*, com os dois pretendentes, á dita *machamba* para melhor examinarem as razões da contenda, trazendo entretanto ao chefe dois pés de canna e duas bananeiras. Abre-se logo a sessão pela morte dos dois cabritos, que outros começam a cosinhar, e vão-se ao mesmo tempo expondo e discutindo as razões que ha de uma e outra parte. Depois bebe-se e come-se e torna-se a beber, e os discursos prolongam-se e animam-se, ha grande algazarra e hilaridade até se engulir o ultimo pedaço de carne e sorver-se o ultimo golo de vinho.

E' então que o juiz dá a sentença. Desta vez foi que os pretendentes á posse da *manchamba* só podessem tomar conta della quando o outro tivesse feito a colheita da canna e das bananas. Era justa a sentença, mas o primeiro não ficou satisfeito e appellou para o tribunal immediato.

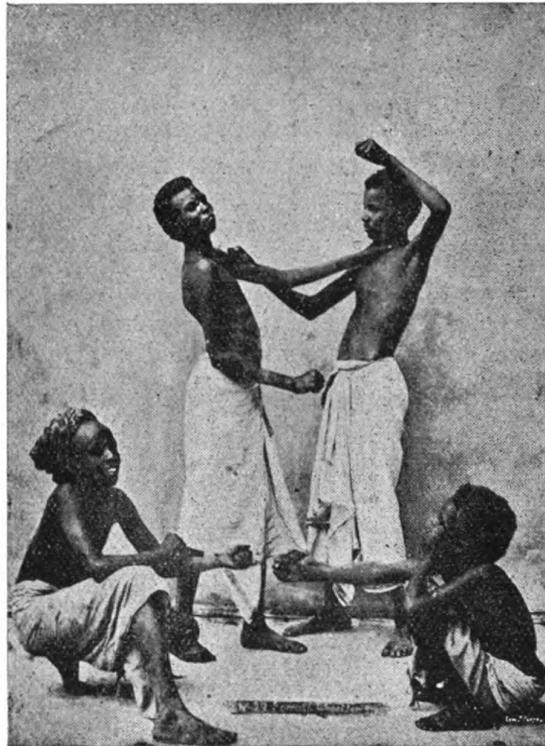
Neste caso repetem-se as mesmas formalidades, e se a sentença ainda lhes não convier podem appellar para o regulo e ainda para o commandante do districto, o que

é muito raro, porque neste caso já as despezas podem ser superiores ao objecto da contenda.

Ha ainda outro modo de resolver as mutuas pendencias, principalmente entre crianças e em questões de mero pondunor ou em desagravo duma offensa pessoal, — é o duello. E' uma das coisas mais interessantes que pude observar entre os pretos. O primeiro que vi foi na Beira, e em Gaza assisti a muitos e lhe puz termo ás vezes com grande difficuldade. Foi uma coisa que me causou verdadeira admiração ver o denodo e sobretudo a cavalheirosa lealdade que em regra guardam as duas partes.

Comtudo é certo que algumas vezes faltam á lealdade, mas isso é raro e é sempre causa de grandes protestos, da parte dos assistentes.

O preto, como muitas vezes se tem dito, ama o ócio, a paz, a quietação, e a isso sacrifica não poucas vezes o seu pondunor (porque tambem elle o possue), bem como innumeradas commodidades da vida que com pouco trabalho podia alcançar. Por essa razão é muito soffredor, e perdôa facilmente as injurias, não digo já dos brancos, a quem tolera as mais inqualificaveis arbitrariedades, emmudecendo a uma unica palavra e ainda mais a um gesto, mas em geral a todos os seus patricios, desforrando-se não obstante com tremendas e interminaveis catilnarias, de mistura com toda a casta de injurias em todas as linguas falladas nessas terras. Neste particular



29 — Duello entre os cafres

as mulheres valem por sete, pois nem aos europeus poupam muitas vezes um furioso ataque de lingua durante meia hora e mais. Entretanto as accusações dirigidas ao *branco* culpado são muitas vezes imputadas a um preto que nada tem com a questão, tal é a efficacia do medo.

Não obstante essa indole pacifica do preto, muitas vezes enchem-se de razões e propõem um duello, que ha de resolver a questão, ainda que ella não tenha relação nenhuma com a destreza ou força dos contendores. Neste particular é tão estulto o duello dos pretos como o dos brancos. Aquelle, porém, tem a vantagem de nunca ser *ad ultimum sanguinem*, e terminar logo que um dos protogonistas se declara vencido. Esta é a sua suprema vergonha e derrota, e ultimo argumento da sua sem razão, e torna-o immediatamente alvo das pateadas e dos apupos dos circumstantes. E' uma das mais deprimentes situações entre os seus compatricios.

Essa declaração pode ser feita ao principio, não acceitando o reptó; no meio da lucha quando se sente vacillar, ou finalmente se o outro o chega a prostrar por terra. A primeira é mais vergonhosa e menos a ultima.

Ha duas maneiras de se bater em duello: a socco ou á paulada. Muitas vezes começam pelo primeiro e acabam pelo ultimo, de mutua combinação, ou vice-versa.

Supponhamos dois pretos que se desavieram. Estão em frente um do outro injuriando-se atrozmente. Temem-se de parte a parte. Estão á distancia de socco, com o pé direito á rectaguarda e inclinados sobre o pé esquerdo. No meio de uma infinidade de injurias de ambos os lados, o mais valente, ou o mais audaz, toca com a mão no peito do seu rival. E' o desafio. Já vi um preto provocar assim o contrario por mais de dez vezes sem que este acceitasse o desafio. São casos raros.

Se acceita começa a lucha. O braço esquerdo, punho cerrado, é o escudo; não faz outra coisa que defender a cabeça dos murros do adversario. O braço direito com o punho igualmente fechado, descarrega tremendos golpes na cabeça e na cara de seu contrario, logo que com o proprio lhe pode desviar o braço que a defendia. A's vezes estão muito tempo dando voltas com o braço esquerdo sem descarregar um só golpe, parecendo a

quem os vê, que se estão divertindo innocentemente. Outras vezes, porém, em occasiões propicias, é um descarregar de murros e um repetir de estalos seccos, que faz horror e até parece que se esmigalham craneos. E' uma lucta renhida, feroz, silenciosa, se não é pelo estrondo de murros com que se brindam mutuamente. Nenhum se queixa, nenhum chora, nenhum vacilla porque esse seria o signal da sua derrota.

Usam sempre de armas iguaes, em identicas circumstancias, nem se aproveitam de incidentes fortuitos para ganhar partido sobre o seu rival. Se cae a *kapulana* a um o outro espera immediatamente, como tive occasião de observar, e só quando aquelle se põe novamente em campo é que recommçam 'as hostilidades. Se um cae por mera casualidade, e outro espera que elle se levante; e se quebra o pau com que se defendia, vae arranjar outro tranquillamente sem que o companheiro o perturbe. E' verdadeiramente surprehendente o requinte de lealdade que nestas contenddas se observa geralmente em todos estes barbaros! Num duello similhante, vi um dos protagonistas aproveitar uma posição desfavoravel que o outro tomou por um caso fortuito. Pois causou grande indignação entre o publico que o reprehendeu ameaçador!

Fartos de lutar á punhada, e sem quererem ainda dar-se por vencidos, ou convencidos de melhor exito se luctarem com outras armas, suspendem o combate e vão em boa paz, e até em camaradagem, procurar as armas que lhes hão de servir no resto da lucta. Cada um arranja dois cacetes: um mais curto e grôso é o escudo, e manobra exactamente como o braço esquerdo no caso precedente; o outro, mais delgado e comprido, substitue o braço direito. E' escusado dizer que a lucta recommença com maior denodo, com mais furia, e só termina em ultimo transe, ficando cada um com a cabeça cheia de enormes *gallos* e a cara a escorrer sangue por todos os lados. A fadiga, o cançasso, o desespero e a dôr, são quasi sempre iguaes dum e outro lado, mas um fatalmente tem de ser o vencido, e o outro só espera que elle comece a chorar, para, por sua vez, afogar em pranto a raiva que o opprime, principalmente se ainda não é homem. Entretanto a deslealdade e a traição serão sempre casos excepçionaes e monstruosos na sua moral social,

já as luctas sejam em publico ou em particular, isto é, diante de alguém ou inteiramente a sós.

Estes duellos são mais frequentes entre rapaziada nova, não sendo comtudo raros entre adultos, que só não são crianças para melhor saberem apreciar a doce ociosidade. E' então costume entre elles de o victorioso vilipendiar o vencido dizendo-lhe: « Eu sou grande, tu és ainda uma criança! *Uena mufanyana, mina mukulo!* »

Apesar de tudo, as brigas traiçoeiras não lhes são inteiramente indifferentes, sobretudo á gente moça, quando se embebeda, que muitas vezes desancam os companheiros á paulada sem previas declarações nem demonstraões de lealdade. Mas, diga-se a verdade, isto é raro, e com um cabrito e uma gorgêta é facil ao queixoso obter justiça do *enganakana*.

5—Crenças religiosas

Para fallar com toda a clareza e precisão duma coisa tão importante como são as crenças e religião dum povo, e povo tão atrasado e até hoje tão ignorado, e cujas manifestações desta ordem são tão reduzidas e quasi imperceptíveis, era preciso para assim dizer revestirmo-nos da sua mesma psychologia, identificarmos com elles, ou então estudá-los a fundo durante annos e annos sob este ponto de vista até nos embebermos bem da sua alma, e consubstanciarmos todo o seu ideal, que tenha alguma relação com o sobre-natural. Eu apenas poderei tentar um esboço dos factos que observamos, apresentar algumas provas negativas de quão escassas são as suas crenças religiosas, aproveitando para isso a experiencia de muitos que teem vivido entre elles durante longos annos, e quaesquer informações directas ou indirectas dos proprios indigenas, e principalmente daquelles que, fallando já o portuguez e estando já mais ou menos educados na nossa religião e nos nossos costumes, as podem dar mais detalhadas, mais distinctas, e, se é possível, mais conformes á verdadeira critica.

Afirma-se geralmente que não ha povo algum sem uma religião qualquer, sem uma forma de culto, sem templos e altares sem sacrificios, sem uma idéa do sobrenatural, mais ou menos confusa, mais ou menos absurda, mas real, constante e universal. E se parece certo,

por circumstancias especiaes, haver um ou outro facto que contradiga aquella affirmação, é certo que o principio geral subsiste, donde se segue ser a religião uma propriedade geral e quasi especifica do homem.

Os cafres não se eximem desta lei. Comtudo, nestes povos que habitam as margens do Limpopo. e talvez por mais dilatadas regiões, é tão imperfeita a idéa do sobrenatural, tão poucas as manifestações de sua religiosidade, que varios missionarios teem chegado a duvidar que tenham realmente uma religião.

Fr. João dos Santos, que em outras coisas é duma credulidade ás vezes pueril, bem desculpavel na época em que viveu, diz na sua classica *Etiopia Oriental*:

«Cuido certamente que a nação dos cafres é a mais barbara e bruta que ha no mundo, porque nem adoram Deus, nem teem idolos a que adorem, nem imagens, nem templos, nem usam de sacrificios, nem menos teem ministros dedicados ao culto divino, cousa que toda a noção de gente tem, pelo instincto natural que os move á religião e culto sagrado, principalmente tendo noticia de outra vida como estes cafres teem, e assim difficilmente se convertem, nem acreditam a lei de Christo, que muitas vezes lhes ensinamos e pré-gamos, nem menos a dos mouros, que de continuo andam misturados com elles e vivem nas suas terras e são quasi como cafres, assim na côr negra como nos costumes, e conversação; sómente sabem confusamente que ha Deus grande a que chamam Mulungo, ⁽¹⁾ mas não lhe rezam nem se encommendam a elle. Quando padecem algumas necessidades ou esterilidades ao rei se soccorrem, cuidando firmemente que elle é poderoso para lhes dar todas as cousas que desejarem e houverem mister, e que tudo pode alcançar dos defunctos seus antepassados, com os quaes lhes parece que falla. Pela qual razão ao rei pedem a chuva, quando lhes falta e todas as mais bonanças de tempos para suas novidades, e quando lhe vão pedir qualquer cousa destas levam-lhe grande presente, o qual o rei aceita, e responde que se tornem embora para suas casas, que elle terá cuidado de satisfazer a sua petição; e tão barbaros são que vendo quantas ve-

(1) Nas regiões de Gaza: *Nkulu-kumba* ou *Nkulu-kulu*.

zes o rei lhes não dá o que lhe pedem, não se desenganam, antes de novo lhes levam novas ofertas, e nestas idas e vindas passam muitos dias, até que vem alguma conjunção de chuva, com que ficam os cafres satisfeitos, tendo para si que o rei não lhes concede o que lhe pedem, senão depois de o terem bem peitado e importunado: e o mesmo rei assim o diz, para os sustentar em seu erro» ⁽¹⁾.

De ente supremo teem uma idéa tão vaga como os termos com que a exprimem. De Inhambane até quasi ao Zambezia chamam-lhe MULUNGO ⁽²⁾.

Disse-me um missionario, que já ahi anda ha mais de dez annos, que Mulungo parece ser o nome dum regulo muito antigo e famoso, um quasi heroe fabuloso de remotas eras, no qual os indigenas não falam senão com um certo respeito supersticioso, contando delle muitas historias maravilhosas. Aos brancos chama'm Muzungo (*homens de Deus*) e recorda-lhes uma raça muito superior á sua, de homens invenciveis, sabendo todas as coisas e quasi semi-deuses. A semelhança de nome e dos conceitos que lhes applicam faz suspeitar se um deriva do outro, bem como os seus attributos.

Nas terras de Gaza, e para o sul, é aos brancos que chamam MULUNGO, e significa o mesmo que Muzungo no norte, e assim talvez seja para estes uma anthropomorphisação a seu modo da idéa de Deus. Pelo contrario, para exprimir o ente supremo, estes mesmos povos de Gaza teem o termo *Nkulu-kumba*. Ora *Kulu*, significa *grande*; *Kumba*, *porco*! Qual seria a origem da applicação do termo, á primeira vista tão paradoxal? Elles não a sabem. Recordará um *totemismo* de cuja origem não ha memoria? Sem um fundo conhecimento de suas tra-

(1) *Et. Oriental*, L. 1.º Cap. ix.

(2) «Mulungo é Deus, nas linguas bantu do ramo oriental. Em todas ellas ha porém a crença n'um Deus Uno, ao qual não rezam talvez por medo e reverencia. Preferem implorar os *mu-zimo* (espíritos dos mortos) para que roguem ao mulungu por elles, da mesma fórma que elles procedem perante os brancos e perante os chefes. O nome generico dado aos brancos, *balunga*, *mu-lungo* quer dizer *gente de Deus*. Segundo Torrend a palavra mu-lungo ou mu-luku não é outra senão *moloch*, e faz notar que se encontra nas tribus que com certeza tiveram antigas relações com os Sabeus.» Ayres d'Ornellas — loc. cit.

dicções, lingua, usos e costumes é muito difficil averiguar a sua origem e explicar satisfatoriamente a sua applicação. E' certo, porém, que hoje applicam esse termo, num sentido muito vago, a qualquer coisa cuja grandeza ou excellencia está fora do commum. Assim um animal muito maior que seus congeneres, uma arvore gigantesca, uma palhota de dimensões desusadas entre elles, são igualmente *Nkulu-kumba!*... Se primitivamente era um *totem*, esta idéa está hoje muito confusa e obliterada. Para particularisar mais a idéa de ente supremo, e ao mesmo tempo para lhes eliminar em certo modo a outra tão pouco propria que lhes recorda a palavra *kumba*, os missionarios teem introduzido a expressão *Nkulu-kulu* (o grande-grande), que os indigenas adoptaram facilmente e que lhes recorda uma idéa mais sublime e alevantada do ser supremo.

A idéa pois que em geral formam de Deus é a dum *quid* superior que preside dum modo abstracto e vago ao destino das coisas, envolvido na mais densa escuridão, e que não intervem no seu governo senão lá muito de longe em longe, e quasi sempre como vingador, e mais nada.

Culto externo propriamente dito é coisa que não se observa entre elles.

Não possuem templos, nem altares, nem idolos nem teem sacerdotes ou quaesquer outros ministros de culto, nem sacrificios, nem outra manifestação alguma que propriamente se possa chamar culto religioso. E' claro que não podemos devassar o que lhes vae na alma, e que elles de nenhum modo nos sabem exprimir. Apenas avaliamos o que se passa externamente e o que cae directamente sob a nossa observação, e essa é a mais completa negação do ente supremo.

A idéa que elles formam da vida futura é igualmente vaga e confusa, e que consiste apenas numa crença muito obscura e parcial da transmigração das almas.

Não longe da nossa missão deu-se o facto seguinte: Uma autoridade portugueza foi á povoação dum regulo, não sei se por acaso se propositadamente, porque nesse dia havia nella grandes festas, como os pretos costumam ter, isto é, muita comesaina, muita bebida, muita brincadeira, muita folia e regosijo. Estava-se no meio da festa quando apparecem duas respeitaveis ser-

pentes envoltas no tronco duma grande arvore que fazia sombra á povoação, talvez que attrahidas pela suave harmonia das marimbas. Muitos dos circumstantes alarmaram-se e queriam dar cabo dos terriveis reptis, não obstante os esforços do regulo para impedir esse cruel intento. Então dirigiu-se o potentado indigena á auctoridade portugueza pondo os dois bichos debaixo da sua protecção, dizendo *que eram seu pae e sua mãe já defuntos*, em cuja honra celebrava aquella festa, e a que elles vinham assistir em signal de complacencia e regosijo. E' escusado dizer que foi dada protecção aos bichos, em cujos corpos andavam perigrinando as almas dos paes do potentado negro. Assim m'o contou um colono que ahi vive ha mais de quatorze annos.

Outro factio. E' muito commum o encontro dos pretos com o leão, e é não menos commum passar á frente o nobre animal sem fazer caso algum do viajante transido de susto. Tambem succede, mas isso mais raras vezes, encontrar-se ao mesmo tempo uma outra fera á qual se atira o leão e a despedaça, ou ao menos dá tempo a que o homem se ponha em salvo. Ora, para o preto, factos destes não se dão naturalmente. Explicam-no pela crença na metempsychose.

Para elles ha duas classes de leões: *leão homem* e *leão-leão*. Este é a fera indomita e cruel, que se atira e despedaça todo o ser vivente, não poupando o mesmo homem. Aquelle, pelo contrario, animado e subjugado pela alma de um preto que nelle procurou guarida, é o protector da povoação e de seus habitantes, tendo por consequente o privilegio de roubar impunemente uma outra cabeça de gado, comtanto que não se torne muito importuno.

Esta crença obriga-os a ter esses bichos em grande respeito, mas que creio não se poder confundir com a adoração, com um culto religioso qualquer. E pelo respeito dos seus antepassados que vivem no corpo do leão ou doutro qualquer bicho, abandonam-lhe muitas vezes pedaços de carne, e até peças inteiras, e outros comestiveis; mas isto, ainda que é um *sacrificio*, não é certamente um sacrificio religioso.

Tudo isto, bem como outras cerimoniaes funerarias, de que fallarei mais adeante, não teem outro fim que conjurar a morte, espantá-la ou torná-la propicia. E' o

que se deprehe de suas rudes explicações, e principalmente das circumstancias que acompanham o facto.

Outra crença teem elles: é a do *xikuembo*.

Mas o que é o *xikuembo*?

E' difficilimo dar uma resposta satisfatoria.

Ha uma desgraça publica ou particular? E' *xikuembo*. Ha um anno de fome causado por um estio extraordinario, ou um preto que caminhava tropeçou numa pedra e quebrou uma perna? E' *xikuembo*. O *xikuembo* é, pois, esse *quid* occulto e indefinido que preside ao mal. Talvez lhe possamos chamar o espirito do mal, e, segundo o que já dissemos da idéa que formam do *Nkulu-kumba* ou *Nkulu-kulu*, creio que é tudo uma e a mesma cousa, ainda que nas mais insignificantes contrariedades da vida é o *xikuembo* que lhe lembra e sempre com extrema aversão e medo supersticioso. Do *Nkulu-kulu* pelo contrario só se lembram... quando lh'o lembram.

O temor supersticioso, continuo e irresistivel que o preto tem pelo *xikuembo*, parece-me absolutamente identico ao das pessoas nimiamente credulas do nosso povo com respeito ás *bruxas*. Os pretos, assim medrosos, sentem como estes um grande pavor no meio da escuridão da noite, e tenho visto alguns, ainda que raros, que para passar duma palhota á outra, no meio duma noite escura, fazem-no precipitadamente, correndo e gritando, tendo primeiro medido bem as difficuldades desde um ponto ao outro e excitando-se a si mesmos duas ou tres vezes. Tinhamos um preto na missão que só era capaz de o fazer acompanhado, e neste caso não havia outro mais afoito do que elle. Por estas e por outras manifestações positivas ou negativas a respeito dessas duas entidades mais ou menos sobrenaturaes, parece haver entre ellas uma distincção qualquer. Comtudo, nem a esta entidade inimiga offerecem sacrificios propiciatorios para lhe applacar as iras, e apenas quando alguma calamidade particular ou commum lhes sobrevem, cuidam então de o amedrontar e afugentar por meio de infernaes algazarras, e ao som horrisono de innumeraveis batuques, que algumas vezes tangem durante muitas noites seguidas, mas isto no caso de haver grande quantidade de bebida que alimente de continuo o febril entusiasmo dos encarregados desta fatigante e difficil empresa. E assim, como elles mesmo exprimem muitas vezes num tom

significativo, e ainda ironico, o *xikuembo* é grande parte das vezes um *pretexto* para essas festas características e tão queridas de todos elles, e a maior ou menor quantidade de bebidas é que determina o menor ou maior numero desses batuques interminaveis que tomam então o caracter de esconjuros.

Nesta crença do *xikuembo*, nas praticas de o conjurar e até numa certa exploração consciente em seu proveito, caracterisada neste ultimo facto, ha realmente muito de commum entre os cafres e o nosso povinho mais ignorante e supersticioso, e o supernaturalismo de *bruxas* e *lobishomes* parece ser identico ao do *xikuembo*.

Em geral são fatalistas, o que é provado de sobra por grande numero de casos lamentaveis que se dão entre elles, como é exporem-se sem receio nos rios e lagôas á voracidade dos crocodilos, dizendo muito senhores de si: *Crocodilo ha de comer preto? Então sempre come, senhor. Se não ha de comer, crocodilo não faz mal a preto.*

A sua moral é tão rudimentar que apenas se cifra nalgumas formulas de moral social. Teem idéas muito nitidas e um conceito bastante perfeito da justiça social, honram o pae e a mãe e respeitam a vida dos outros, ainda mesmo que tenham consciencia da sua impunidade no caso de transgressão. Outros deveres, ou os desconhecem inteiramente ou os teem tão obscurecidos que é como se de facto não existissem. A sansão penal é o unico freio que os impede de commetter toda a casta de crimes de que são capazes.

A que se reduz, pois, todo o codigo moral e dogmatico destes povos de Gaza, e creio que de grande parte dos de toda a provincia? Salvo melhor opinião, toda a sua moral se funda no *instincto social*, e d'ahi não passa: — *amar os paes, ajudar a familia e a tribu, e respeitar a vida do seu semelhante.* Mais nada. As crenças são o que ha de mais vago e restricto num ente indefinido pouco superior ao homem. Culto não o teem, externo ao menos. Manifestações religiosas, relações de supernaturalismo, não existem que se vejam. O feiticeiro não é um sacerdote, é um curandeiro; os fetiches são remedio ou preservativo das enfermidades.

6—Ritos funebres

As cerimoniaes funebres ou *culto dos mortos* é um dos argumentos que não se costumam desprezar, e com razão, quando se trata de provar a religiosidade dum povo, porque effectivamente podem fornecer-nos dados valiosos ácerca da crença duma outra vida, de seus premios e castigos, e portanto dum ente superior que recompense e puna as obras dos homens. Ora estes povos teem um ceremonial até bastante completo e quasi sacramental de ritos funebres, onde pelo menos sobressae a crença da transmigração das almas, e portanto a sua immortalidade e existencia duma outra vida além campa. Percorramos rapidamente esse ceremonial e vejamos qual o fim desses ritos ás vezes tão interessantes.

A morte de um preto é geralmente pouco sentida, ainda que seja do pae, mãe ou de um parente proximo, e isto não só *porque tinha de morrer*, senão porque são bastante fracos os laços que os prendem mutuamente, ainda de paes a filhos e vice-versa, pois neste particular mal se distinguem dos outros animaes. Entretanto a morte de qualquer pessoa causa sempre profunda sensação em todos os membros da familia ainda a mais remota, e tambem entre visinhos do defunto. E' que a morte, que fez aquella victima, não deve andar longe, e por isso cada um corre o perigo de ser ceifado por ella.

E' o que se deprehe de da ultima cerimonia que descreverei e das mesmas confissões dos indigenas.

Verificado o obito procede-se ao funeral. Os irmãos e outros membros da familia vão logo abrir a cova no meio do matto, num logar ou cemiterio ordinariamente reservado para os mortos de cada povoação. Não ha cemiterios communs. Cada povoação, cada palhota tem o seu. A cova é sempre bastante funda, o sufficiente para as hyenas e outras feras não poderem profanar os seus restos mortaes.

Terminada a cova, voltam para casa do defuncto, e, acompanhados de toda a familia e visinhos, transportam o cadaver sem outras ceremonias e enterram-no, não sem sentirem uma grande repugnancia de todos estes deveres de que se não podem dispensar.

E é tal o horror que tem á morte que nada reservam do que estivesse em contacto com o defuncto nessa hora derradeira. Assim levam juntamente para a cova sua esteira ou catre e os miseraveis farrapos de que se servia. Se o defuncto tinha algum panno reservado para sua mortalha, vae amortalhado nelle, senão vae nú como andava sendo vivo, o que é mais ordinario. Diz Fr. João dos Santos que o collocam na cova quasi assentado, com uma panella d'agua e um pouco de milho ao pé para ter que comer e beber naquelle caminho que faz para a outra vida, e sem mais ceremonias o tapam com terra, sobre a cova lhe põem o catre ou esteira em que ninguem toca, e a deixam ficar até que o tempo a faz desaparecer de todo. Nunca me foi possivel verificar estas curiosas circumstancias, que talvez se não dêem entre estes povos algo differentes daquelles que descreveu Fr. João dos Santos.

Depois vêm para casa commentando ou fallando acaloradamente das mais sympathicas ceremonias que se hão de seguir. Antes, porém, procedem a outra bem lugubre, que consiste no *luto* universal de todos os que tomam parte nos funeraes. Digo *luto*, porque este termo propriamente significa *choro*, e é isso o que elles fazem quando de novo se juntam em casa depois do enterro. E' este um costume commum a quasi todos os povos, e ainda entre nós se conservou durante muito tempo por meio das *carpideiras*. Os pretos choram todos em commum a morte de seus parentes, no meio de grande ala-

rido e exprimindo por meio de gestos e mil signaes extravagantes, o seu real ou fingido pezar. Ora é claro que só em rarissimos são verdadeiras, sinceras e espontaneas estas demonstrações de afflicção e dôr, mas, como fazem parte de seus costumes, a ellas se amoldam como a qualquer outra cerimonia,

Ouçamos Fr. João dos Santos: «Os parentes e amigos choram o defuncto oito dias, pela manhã, ao meio dia e ao sol-pôsto; uma hora de cada vez pouco mais ou menos, o qual pranto fazem bailando e cantando em voz alta muitas lamentações e prosas lastimosas feitas ao seu modo, todos juntos em pé, postos em roda, e de quando em quando entra um dos circumstantes no meio da roda e dá uma volta ou duas e torna para o seu logar; e depois que acabam este pranto assentam-se todos em roda e comem e bebem pela alma do defuncto que choravam. Isto concluido vae-se cada um para sua casa. Para este convite contribuem os parentes mais chegados do defuncto» (1).

Estas practicas, segundo me contou um missionario, ainda se executam á letra nas terras de Sofala. Em Gaza é geralmente na casa da familia que fazem os prantos e tomam o banquete pela alma do defuncto, onde, logo que chegam, alguns dos assistentes começam a matar e a preparar algumas cabeças de gado: cabras, ovelhas ou gallinhas, fornecidas pela familia do defuncto e em conformidade com as suas posses. Isto é tudo cosido ou assado e preparado com outras iguarias. Uma vez que o cheiro activo e excitante das carnes se começa a misturar com os soluços dos doridos, cessa a tristeza e renasce a alegria. Começa o banquete. Esse quadro de immensa dôr transforma-se rapidamendamente numa festa. Todos comem avidamente os pedaços que lhes tocam, regando-os continuamente com vinho ou outras bebidas da propria lavra, e entretanto desfazem-se como o fumo as tristezas passadas. Para o maior numero, senão para todos, é esta a parte mais interessante dos funeraes, e é ella, para assim dizer, que dá uma nota de noivado a tão lugubres cerimoniaes.

Quando são funeraes de algum regulo ou de qual-

(1) *Et. Oriental*, L. 1 cap. xv.

quer potentado indigena de certa influencia, e que por conseguinte dispõe de meios sufficientes para fartar a avidez dos concorrentes, estes juntam-se em bandos enormes e todos tomam igualmente parte nas tristezas como nas alegrias da festa.

Com isto, porém, ainda ella vae apenas em meio. Depois do banquete é chamado o *dotôro* ou *yam'souro*, que é o medico desta pobre gente, e que, não obstante revelar ás vezes conhecimentos de medicina natural de grande utilidade, é ordinariamente um refinado intrujão e especulador da ignorancia supersticiosa de seus concidadãos. Em primeiro logar é-lhe offerecido um panno ou *kapulana* branca, e em seguida um banquete especial e uma boa dose de vinho ou bebidas cafreaes. E' então que elle vae preparar uma grande quantidade de *remedios*, que serão distribuidos por todos os membros da familia, sob pena de ficarem debaixo das azas da morte, que, como coruja sinistra pairou naquella povoação. Desta sorte ainda aquelles membros de familia que se encontram nas mais remotas paragens correm logo a buscar o *seu remedio*, que lhe é guardado religiosamente.

E que remedios são esses? perguntará o leitor. São as coisas mais extravagantes que imaginar se pode. Dedos, bicos e pedacinhos de penna de gallinha, pedacinhos de madeira, de osso, de chifre, dejectos de varios animaes, e ainda outras substancias que elles se *envergonham* de revelar. Todas estas coisas ou parte dellas trazem atadas ao pescoço ou em saquinhos, e tanta fé teem nellas como preservativo da morte que por nada deste mundo as deixam.

Tivemos na missão como criado um rapazito, duma povoação a uns vinte kilometros de distancia. Certo dia veio um preto chamá-lo, da parte da familia, com muita urgencia. Quizemos saber a causa daquella viagem até ao seio da familia, e foi muito a custo que nos disseram que lhe tinha morrido ha tres dias um parente e que era preciso ir já a casa para tomar *remedio*, senão que havia de morrer.

Finalmente, como remate de todas estas cerimoniaes, fazem um *batuque*, mais ou menos pomposo segundo as posses de cada um, e assim terminam os officios funerários com mais festa e comesaina.

Os anniversarios são igualmente celebrados com

mais ou menos pompa. Essas festas consistem mais particularmente em beber, beber muito, e comer, e folia de toda a casta.

Falle mais uma vez o nosso Fr. João dos Santos, tão simples e ameno quanto exacto nas informações que nos dá a respeito dos povos com quem tratou. Descrevendo as exequias celebradas cada anno pelo Quiteve, regulo poderoso das terras de Sofala, diz assim:

«Este Quiteve, todos os annos em o mez de setembro, quando apparece a lua nova, sobe uma serra muito alta situada perto da cidade em que mora, chamada Zimbauhé, e em cima della faz grandes exequias pelos reis seus antepassados, que todos alli estão sepultados; e para este effeito leva muita gente comsigo, assim de sua cidade como doutras muitas partes do seu reino, que manda chamar. E a primeira coisa que fazem tanto que chegam acima da serra é comer e beber do seu *pombe* ⁽¹⁾ até que se embebedam todos, e o rei é o primeiro que isto faz (coisa muita costumada e não extranhada entre os cafres) e nestes comeres e beberes continuam oito dias com muitas festas: uma das quaes e a principal de que el-rei usa é *pemberar*, como elles lhe chamam, correndo de uma parte para outra. do modo que em Portugal usam o jogo das cannas. Para estas festas se veste o rei e mais grandes do seu reino dos melhores pannos de seda que teem, ou de algodão, e atam pela testa uma fita larga com muitos cadilhos tecidos nella, como franjas de alcatifas, os quaes lhes ficam pendurados sobre os olhos e rosto, como topete de cavallo, e divididos tanto duma parte como da outra, e todos a pé, remettem uns contra os outros, com arcos e frechas nas mãos fazendo que atiram e pelejam, despedindo todas as frechas por alto, de modo que se não firam, e desta maneira dão mil carreiras e saltos com muitos momos, até que cançam e se não podem bulir, e aquelles que mais aturam no campo esses são os mais esforçados e valentes e ganham o premio que está posto no jogo...

«Depois que o rei tem festejado oito dias, então se põe em feição de chorar os defunctos, que alli estão en-

(1) *Uputzu* em Gaza, bebida fermentada feita de milho.

terrados, no qual pranto juntamente quantos alli estão continuam dois dias ou tres, até que se mette o diabo em um cafre daquelle ajuntamento, dizendo que é a alma do rei defuncto, pae do rei vivo que alli está fazendo aquellas exequias, e que vem fallar a seu filho... Isto concluido vae-se o rei para sua casa com toda a mais gente que alli veio ás exequias, e os cafres louvam grandemente o seu rei, por ser tão bemaventurado, que lhe véem fallar os reis defunctos, que elles teem por bemaventurados, e poderosos no outro mundo e que podem conceder ao rei vivo quantas cousas lhe pedir». ⁽¹⁾

Este fingimento da apparição da alma dos defunctos a um ou outro ser privilegiado, parece ainda existir nalgumas partes do antigo reino do Quiteve, segundo me informou um missionario digno de fé que por ahi andou. Entre os povos de Gaza não me parece haver esta crença, ao menos tão nitida, e as suas cerimonias são mais simples, constando apenas dum batuque ordinario, comida e bebida e muita folia, com alguns lamentos de dó. A época destas cerimonias, da commemoração dos defunctos, não é sempre a mesma, ainda que esperam sempre o apparecimento da lua nova.

O reino do Quiteve, e outros de que nos falla Fr. João dos Santos, eram antigos, poderosos e bem constituídos ao que parece, e assim não admira que fossem mais complicadas, minuciosas e fixas as suas cerimonias funebres, como todos os seus usos, leis e costumes.

Uma das praxes destes povos de Gaza é enterrarem seus mortos sempre junto duma arvore secular ou no meio de tres ou quatro que estejam muito juntas, ficando com a cabeça voltada para o tronco de uma dellas. Depois pregam no pé da arvore um panno branco, maior ou menor conforme podem, o qual não só serve para indicar a morada do defuncto aos parentes que o devem prantejar, mas de signal para se affastarem desse objecto de horror os que acertam de por alli passar. Esse lugar é inteiramente abandonado e a palhota em que morou o defuncto é reduzida a cinzas e tudo despovoado em volta.

(1) *Et. Oriental.* L. I cap. VIII.

7—Feitiçaria

Como já notei, estes pretos teem apenas uma noção muito vaga do ente supremo, e a respeito do culto externo que se possa chamar tal, se existe, não sabemos ainda em que se manifesta. O *Nkulu-kulu*, se para muitos é um ente pessoal, não passa duma especie de grande chefe, incognito e inacessivel, duma tribu desconhecida e longinqua! Que laços os podem ligar a elle, que constituam uma verdadeira religião? Para outros o *Nkulu-kulu* toma uma forma mais ideal. E' uma especie de ambiente, que em todo o caso os não envolve a elles, porque o preto é muito inferior ao branco. Este pode communicar em certo modo com o *Nkulu-kulu*; o preto rasteja um pouco abaixo desse ambiente, cujo limite inferior não toca na terra, da qual o preto não sabe elevar-se porque é ignorante. Este é o conceito que os pretos de si formam, e como o *Nkulu-kulu*, é uma especie de genio benevolente e grande, sim, mas ocioso e dorminhoco, elles nada teem que se preoccupar com elle, porque não o temem.

As contrariedades da vida, a treva da noite, o rugido do trovão, os phantasmas, os phenomenos inexplicaveis, os terrores nocturnos, o silencio pavoroso da solidão, tudo mais ou menos personalisado numa outra entidade, malefica, buliçosa, descortez, o *xikuembo*, emfim, esse é o seu pesadelo, esse trazem-no sempre na memoria como

uma lembrança fatidica, esse é a *alma do outro mundo*, o *lobishomem*, o *duende*, que lhes tolhe os passos, que lhes sae ao encontro em todos os caminhos e em todas as conjunturas da vida, e a respeito delle teem os mesmos terrores e superstições que o nosso povinho das aldeias para com as *bruxas* e *almas do outro mundo*. Contra elle é preciso uma vigilancia continua, um bem provido arsenal de fetiches e amuletos que em todos os casos lhes neutralisem a sua malefica influencia. Isto é relativamente facil, porque o *xikuembo* não é agora para ahi uma potencia invencivel, e cuja travessura um preto qualquer não possa subjugar e desfazer por meio de fetiches escolhidos e apropriados. Aqui está toda a dificuldade, porque os *xikuembos* são infinitos, tantos quantos as mais insignificantes contrariedades da vida, e agarrá-los e encerrá-los a todos numa masmorra não é possivel ao preto. Valem-se, pois, de grande variedade de amuletos, de virtude mais ou menos provada pelo uso de muitas gerações, os quaes são como que a rocha onde se vão desfazer os maleficios desse ludibrio dos filhos das selvas.

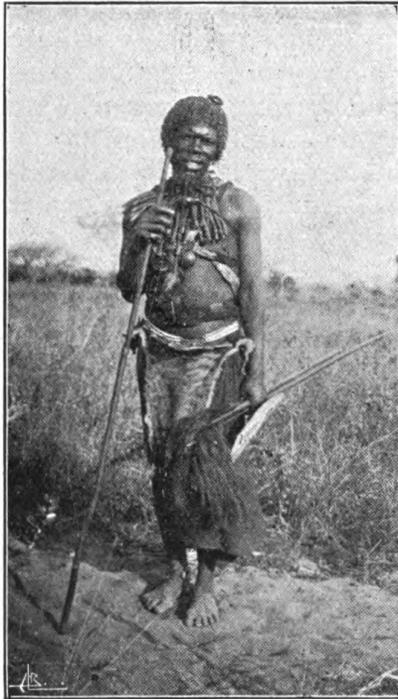
O amuleto, o fetiche, são objectos inteiramente arbitrarios. A sua virtude contra este ou aquelle mal em particular é uma coisa inteiramente convencional e dependente da vontade e applicação especial de quem o usa. Em todo o caso ha certos objectos mais ou menos consagrados pela idade ou pelo uso que teem já virtude incontestavel contra certas e determinadas tramoias daquelle mafarrico. Assim, por exemplo, contra aquelles *xikuembos* que costumam esperar os viandantes á borda dos caminhos ou nas encruzilhadas, para lhes pregar alguma partida, á maneira dos gigantes da idade média que não poucas vezes davam que fazer aos Quixotes do tempo, usam os pretos um pedaço de panno que penduram numa arvore ou estaca, junto das taes encruzilhadas perigosas, e lá o deixam ficar até se desfazer inteiramente, não havendo um só indigena que se atreva a tocar-lhe, porque é elle para assim dizer o pôtro onde está amarrado o *xikuembo* daquelle logar. Entretanto ainda não é a sangue frio que por ali passam, como nos succederia se tivessesmos de passar junto duma fera amarrada a um poste, temendo que ella se soltasse e nos devorasse.

Desta sorte cada preto é um feiticeiro. Elle escolhe os

amuletos que lhe hão de guardar a casa, a fazenda, a saúde dos filhos e a própria, e todas as coisas que lhe são caras. Ha, comtudo, uma casta de gente mais conhecedora das artimanhas do *xikuembo* e dos objectos de mais virtude contra os seus maleficios: são os feiticeiros ou *yam-souro*, que com os seus embustes e até

com a sua sincera credulidade, exploram largamente os seus conterraneos.

O feiticeiro não offerece nada de extraordinario. E' um preto como os outros, da mesma cathegoria social e tão sabio como elles, tendo apenas a esperteza bastante para se impôr á sua consideração, incutindo-lhes um respeito mysterioso por seus processos clinicos, faculdades divinatorias e recursos para resolver varias difficuldades da vida. Assim é elle o sabio, o adivinho, o medico destes povos que lhe chamam, o seu *dotôro* ou *yam-souro* ⁽¹⁾. E' certo, segundo parece, que elle possui o segredo dalgumas plantas medicinaes e de outros especificos, e uma longa pratica lhe dá ás vezes



30 — Um feiticeiro em seu traje typico

bom successo na cura de certas enfermidades, mas em geral não passa dum intrujão, dum mystificador, tal qual as nossas *benzedeyras*, em parte convictas do papel que representam, em parte rindo-se da humanidade que ainda por cima lhes paga os embustes.

(1) Serpa Pinto distingue neste typo tres personagens bem caracteristicos: Cirurgião, adivinho e feiticeiro. Não me foi possivel verificar esta distincção, masé muito provavel que ella exista. Como quer que seja ahi fica tudo quanto pude observar e saber a seu respeito. Entretanto estes dados que na sua quasi totalidade me foram fornecidos pela informação dos indigenas, eram sempre attribuidos a um unico personagem — o *yam-souro*.

A clinica do feiticheiro pode por uma casualidade ser proveitosa a quem della faz uso. Isto succede, por exemplo, quando uma longa pratica lhe permite conhecer logo a doença, bem como a virtude particular de certos especificos. Na maioria, porém, dos casos ella é inoffensiva ou desastrosa. Inoffensiva, pela qualidade dos remedios, que não passam geralmente de infusões d'hervas innocentes, pedrinhas, ossos, gravetos, escrementos de diversos animaes, terra e outras substancias de igual virtude. Outras vezes são fataes os remedios que elle applica, não só pelas qualidades venenosas que muitos conteem, e que alguns indigenas conhecem e sabem extrahir de muitas plantas, entre as quaes um especifico de qualidades muito semelhantes ás da *ergotina*, mas sobretudo pelo erro quasi fatal do diagnostico, pois alem da variola, da siphilis, da lepra e de poucas mais enfermidades, ás quaes applicam indistinctamente os mesmos remedios, só classificam de dois modos todas as outras enfermidades. As enfermidades das visceras e dos intestinos são *Nhoka* (verme, cobra); os outros ataques, sobretudo externos são *Doença*. «*Que sofres? de que te queixas?*» — «*Kuvagua*» «*tenho doença*». E o feiticheiro ou curandeiro tem remedio para tudo, e os indigenas, ainda aquelles que viveram muitos annos no meio civilisado, e que meio civilisados são elles tambem, não confiam facilmente na nossa medicina, e por coisa nenhuma deixam os seus curandeiros. «*Remedio de branco é bom para branco, mas a gente é preto, dizem elles. O medico de preto é yam-souro*».

Do mesmo modo que qualquer clinico, chamado por um doente, pode levar consigo os remedios, se já conhece a doença, assim o *yam-souro*, que só conhece um certo numero de remedios, todos igualmente efficazes para toda a classe de enfermidades, todos leva consigo quando qualquer cliente implora a sua assistencia. Uma machadinha (*xihloka*), uma cauda de bufalo (*xizingo*), algumas pelles, penachos, etc., substituem o thermometro, a lanceta, o auscultador. Variadissimos amuletos e fetiches, ossinhos, bicos e pennas de ave, hervas, gravetos, escremento de certos animaes, etc., são as principaes drogas da sua pharmacia.

Como preliminares da cura matam-se algumas rezes ou aves, á chegada do intrujão; faz-se um banquete de

que elle aproveita a melhor parte, organisa-se um batuque e começa o esconjuro por meio de grande barulho e algazarra. Depois ha varias cerimoniaes grotescas em que elle desempenha o papel principal, fazendo esgarres e gestos horrendos, vibrando golpes no ar com a machadinha, como se procurasse despedaçar os espiritos



31 — Um feiticeiro fazendo esconjuros

do mal, sacudindo ao mesmo tempo as caudas de boi, como se quizesse impedir que de novo se organisassem os seus membros despedaçados. Segue depois o *diagnostico* e a applicação dos remedios que elle já traz de antemão para tal fim. E, ainda que tudo isto é uma farça, não é raro sair-se bem della, já pela virtude propria de certos medicamentos, já pela mystificação, que é sem duvida o seu principal intento. Elle, comtudo, não a reproduz

sempre do mesmo modo. Amolda-se admiravelmente ás circumstancias, ás poses dos interessados, á psychologia dos individuos, ás disposições da assembleia. Nisto está o segredo da sua arte. Em muitas partes usa duma especie de nigromancia ou deita sortes por meio dumas pedrinhas ou conchas, e segundo o que ellas indicam assim procede ou não á cura. Nisto é que o feiticeiro explora mais a seu salvo os que o consultam, pois as indicações das taes conchinhas são inteiramente arbitrarias, e significam sempre o que elle quer que signifiquem. Supponhamos um caso. Chamam-no para ver um doente e dar-lhe

remedio. Se elle é esperto e tem pratica do seu negocio, com algumas duzias de perguntas não tarda a inteirar-se do estado do enfermo e de suas maiores ou menores probalidades de cura. Então deita sortes, e se no seu entender o doente não escapa, as pedrinhas ou as conchas mysteriosas (*kuxe-kuxe*) indicam precisamente que elle ha de morrer. Se pelo contrario elle pensa que a enfermidade não é de morte, isso mesmo indicam as sortes, tomem lá a posição que tomarem, porque os assistentes ignoram qual é a posição que *naquella occasião* indica vida ou morte. O intrujão não é, porém, sempre claro e categorico. A's vezes precisa de repetir a experiencia mais vezes...

O seu poder vae mais além. Na ingenua credulidade dos selvagens elle pode tambem obrigar o ceu a chover e a terra a produzir seus fructos, porque o *xikuembo* é ainda a causa das seccas. Ainda não vae longe, segundo me informou um colono respeitavel, que ahi vive entre elles ha mais de doze annos, que quando havia uma secca, o regulo convocava todo o povo e o feiticeiro para um solemne esconjuro. Este era obrigado a marcar o tempo necessario, cujo limite maximo eram dez dias, para os ceus se tornarem propicios. Este periodo era uma festa perenne, em que se matava muito gado, se comia e bebia á larga, e se dançava e cantava dia e noite sem interrupção. Mas infeliz do feiticeiro se a chuva o não vinha socorrer! O menos que lhe succedia era ser banido da sua tribu e confiscados os seus haveres! Hoje creio que são raras essas festas populares com todo este cerimonial, nem o feiticeiro pagaria tão caro a sua pouca sorte.

Estes typos são ciosos da sua arte, como é natural, e não é sem uma tal ou qual sobrançeria, com termos cabalisticos e gestos mysteriosos que nos fallam, manifestando até um certo arsinho de desdem e vaidade. Mais ao menos venerados pela multidão, fora do exercicio das suas funções não são objecto de mais consideração que qualquer outro selvagem.

IV

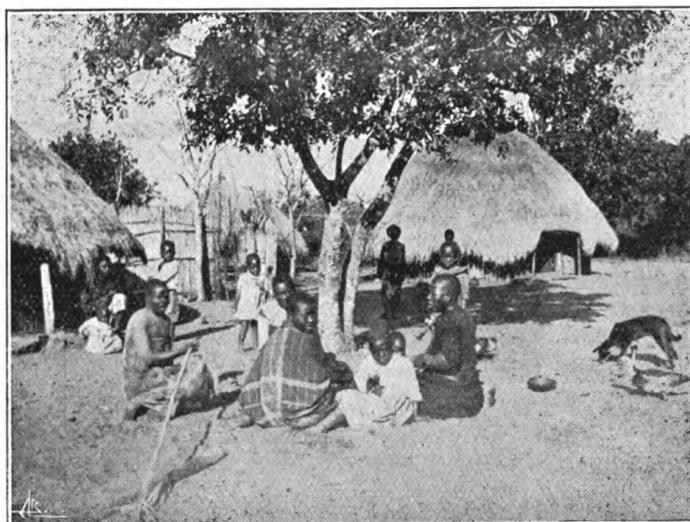
COSTUMES INDIGENAS

1—Aldeias e palhotas

O governo destes povos é primitivamente patriarcal, e os grandes regulos não são mais que o primeiro tronco duma familia, que depois se foi ramificando, subdividindo, formando primeiro uma povoação, muitas povoações, um grande estado e finalmente muitos estados, pequenos e grandes, conforme se iam desmenbrando do primitivo. Os regulos de hoje são representantes e descendentes, a maior parte das vezes, dos fundadores de sua povoação e dos povos que lhes estão sujeitos. Cada povoação tem, pois, naturalmente o seu pequeno chefe, e estas auctoridades vão-se subdividindo á medida que se subdividem as familias, cujo chefe é um pequeno rei, juiz e sacerdote, se assim se pode chamar.

Ora, á medida que diminue a auctoridade dos poderes indigenas e augmenta a dos europeus, libertando-os assim em certo modo dos laços sociaes que os uniam, cada individuo procura para si uma certa realeza, fazendo-se chefe duma nova familia. Para isso é necessario fundar uma nova povoação que em muitos casos consta só de uma ou duas palhotas. Assim os indigenas de todas estas costas, e pode dizer-se, de toda a África

austral, fazem lembrar as formigas que, chegando a época da emigração, sobem todas aos ares, cada uma cae para seu lado e não tardam a surgir novas republicas. As dos pretos, porém, são sempre minúsculas, innumeraveis, mas constando de pouquissimas palhotas. Para isso concorrem tambem outros factores. Uns levantam a palhota num sitio isolado para terem a *machamba* em volta do lar e ser-lhe menos penoso o trabalho. Outros constroem-na no mais profundo das



32— Aldeia indigena

selvas onde ninguem suspeite da sua existencia para mais facilmente escapar ao *imposto*, o que não raras vezes conseguem. O não haver por ahi feras perigosas tambem lhes permite espalharem-se mais á vontade, o que de outra sorte não fariam.

Não se segue por isso que qualquer sitio lhes convenha para a fundação de uma palhota ou povoação. Antes procuram sempre um pequeno bosque bem cerrado e occulto, ou uma arvore gigantesca e frondosa, e ahi, longe de vistas curiosas e ao abrigo das tempestades, levantam as suas humildes vivendas que renovam quando é preciso, ou mudam a seu bel prazer para sitios mais commodos ou escondidos.

As povoações indigenas, de duas e tres palhotas, a

seis, dez ou doze e raras vezes mais, e isso por ser de algum grande regulo ou por outras circumstancias muito especiaes, obedecem todas ao mesmo typo quanto á disposição dos edificios e sobretudo quanto á sua architectura.

Escolhido um bosquesinho fechado e bem resguardado, abrem-lhe um carreirinho muito estreito, tortuoso e abobadado por cima com os ramos das arvores. No interior do bosque fazem um terreiro circular, limpando-o de arbustos e hervas, e deixando apenas as grandes arvores que podem fazer sombra e abrigo.

Tambem as ha mais ou menos ao ar livre, nos descampados e nos montes e sobretudo junto de qualquer pequeno curso de agua ou charco; entretanto, mesmo nestes casos procuram que algumas arvores bem copadas ou pequenos massiços lhes façam sombra e abrigo. Ficam assim menos expostos ás injurias do tempo e aos grandes pés de vento que nessas paragens são frequentes. Em volta destas fazem tambem ás vezes uma especie de cerca de troncos e mesmo de varias plantas verdes ahi plantadas para tal fim, tornando o local ainda mais occulto por meio de trepadeiras gigantescas que plantam junto das arvores.

Escolhido o local começa a construcção das palhotas.

A cupula é a primeira peça a construir, e tambem a mais difficil e artistica, e exige pelo menos dois homens bem exercitados neste genero de trabalho. Depois de arranjam toda a madeira, que consta de duzentas ou trezentas varas delgadas, de quatro a cinco metros de comprido, e umas doze ou quinze mais grossas e curtas para sustentar a cupula, dão principio á obra. Fazem na terra uma cova de um metro de fundo e em forma de pyramide com o vertice para baixo. Dispõem algumas varas fortes em volta e começam assim mais facilmente o vertice da cupula. Já bem amarradas e seguras as primeiras varas e feito para assim dizer o primeiro esqueleto da cupula, tiram-na para fora, voltam-lhe o vertice para o ar, e continuam pondo-lhe varas cada vez mais curtas e em maior numero até á base, amarrando-as todas bem por dentro com cascas de arvores e varias trepadeiras de fibras muito fortes e flexiveis, dando ao todo uma forma perfeitamente circular por meio de arcos feitos das mesmas varas, e bem amar-

rados interiormente a cada uma das varas da cupula. Fica uma pyramide perfeita, de base circular, onde podem ter regularmente quatro a cinco metros de diametro por outros tanto de alto.

Cravam em seguida as estacas mais grossas em circulo, no logar competente, e sobre ellas collocam a



33 — Construcção de uma palhota

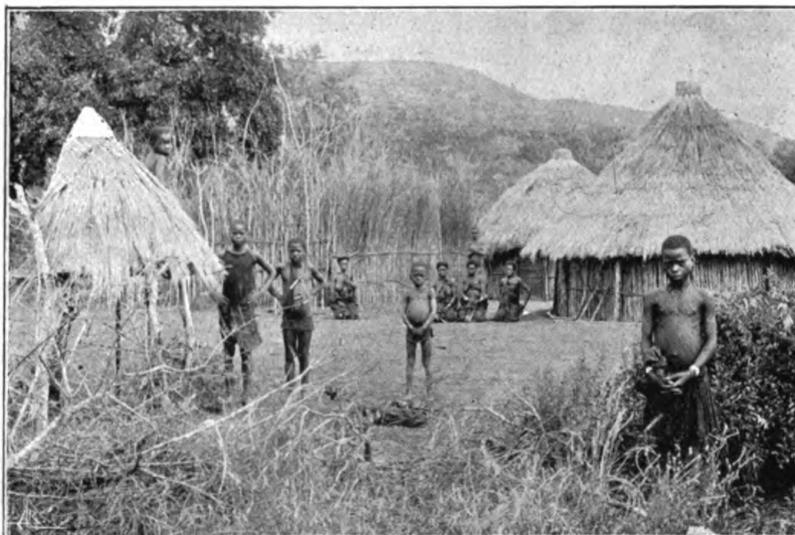
cupula, ficando com meio metro a um metro de bordo para fora das estacas em toda a volta. Junto ás estacas levanta-se uma parede de caniço que chega até á cupula, que depois é *matikada* por dentro e por fora com simples terra amassada com agua. Esta operação é exclusiva das mulheres, que a fazem com a mão, e com verdadeira mestria

e perfeição. O plano da palhota é *matikado* da mesma forma.

E' depois destas operações que se cobre a cupula da palhota. Para isso tecem grandes pannos de *capim*, de que ha muita abundancia por toda a parte.

A maneira como preparam esta cobertura é simples. Trazem do matto trinta a quarenta molhos de *capim* alto que entrançam desta forma: Fazem um pequeno vincillo do mesmo *capim*, estendem-no no chão e collocam-lhe uma mão cheia do mesmo no centro. Passam-lhe uma ponta por cima, deitam-na para o lado opposto e a outra em sentido contrario. Depois collocam outra mão cheia a seguir á primeira repetindo as mesmas operações até ao fim. O vincillo é accrescentado indiffinidamente juntando-lhe em cada volta algumas feveras do *capim* que vão entrançando. Nesta operação trabalham ambas as mãos e um dos pés, cujo dedo maior faz tão rapido e bom serviço como se fosse uma terceira mão. Assim fazem esteiras muito compridas de dez ou quinze

metros e mais, mas só da largura do *capim*, as quaes ficam estendidas no chão até seccar bem, sendo em seguida enroladas em feixes. Para as collocar devidamente, sobe um homem para cima da cupula e começa a estendê-las em toda a volta desde a base até ao vertice, de modo que a camada seguinte cubra a primeira até ao meio, e assim successivamente, como acontece nos telhados de nossos edificios (V. fig. 33). Esta simples cobertura de capim pode durar um anno e mais, e se está bem feita não deixa entrar a agua no interior da palhota.



34—Aldeia com cosinha á esquerda e córte de gado ao centro

Estas ficam ordinariamente assentes em volta do terreiro, e virada para o centro a pequena abertura que lhe serve de porta.

As construídas pelos europeus e para uso proprio, como aquellas em que viviamos, differem daquellas apenas na altura das paredes e da porta e na limpeza interior, coisa de que os pretos não cuidam muito. As destes são sempre muito baixas, com a cupula quasi a tocar na terra, e uma abertura tão pequena e baixa que para entrar na palhota é forçoso rastejar com todos os membros pela terra. Assim se entrava na palhota regia de Gungunhana.

Como esta são a maior parte das palhotas de que se

compõe a aldeia. Cada familia tem ordinariamente duas ou tres, e se a povoação consta de varias familias o numero das palhotas pode diminuir sensivelmente, porque uma mesma palhota pode servir por consentimento mutuo para albergar toda a creançada da povoação, outra para a guarda de varios utensilios, esta para o celeiro commum e outras para diversos misteres.

Ordinariamente tambem ha só uma cosinha no meio da povoação, onde todos se servem do lume á vontade. A cosinha é uma cupula em cima de meia duzia de estacas mais altas que as das outras palhotas, e nada mais. A maior parte das vezes tambem serve de cosinha cada uma das palhotas, no meio das quaes accendem grandes brazeiros que alimentam toda a noite para os preservar do frio, dos mosquitos e tambem para amedrontar as feras onde as ha.

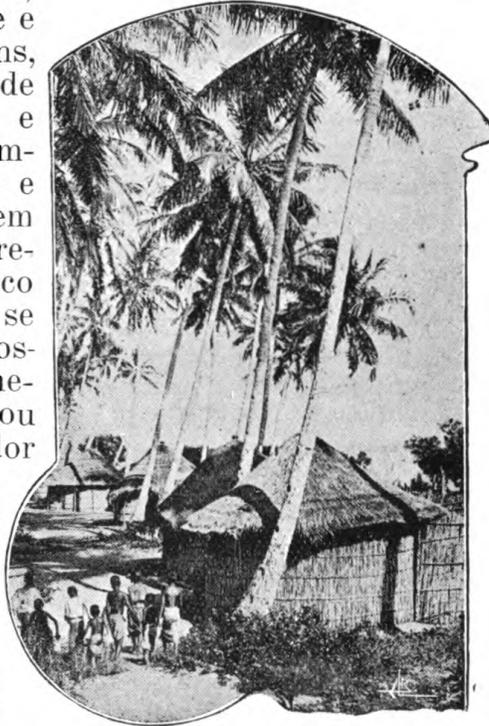
Quasi todas as povoações tem ainda outras palhotas de diversos feitios, de materiaes mais ou menos resistentes, conforme servem de capoeira, estabulos de cabritos e carneiros ou de celeiro. Ha povoações de uma só palhota, e duas e tres familias vivem ás vezes na mesma palhota, sobretudo na occasião de cobrança do imposto, em que todos se accomodam numa, largando o fogo ás restantes para se esquivarem ao pagamento.

Quando um homem passeia á toa pelo matto sem um guia que lhe indique o caminho a seguir, necessariamente se verá a cada momento perdido num verdadeiro labyrintho de carreiros tão estreitos e seguidos como se fossem carreiros de formigas, cruzando-se em todos os sentidos e descrevendo as voltas mais tortuosas e ambiguas. Os mais trilhados vão sempre dar a algum caminho mais seguido, a algum dos raros mananciaes de agua que se encontram por estas paragens, mas quasi sempre ao interior de um bosque cerrado e silencioso, que suspeitaríamos ser algum covil de feras se um fumosinho subtil, coando-se pelas ramadas frondosas do arvoredo e elevando-se indiscreto nos ares, nos não indicasse antes a pacifica mansão de humanas gentes. E' quasi sempre este unico signal que, ao cahir da tarde, nos indica milhares de povoações ainda mais pequenas que as do nosso Minho, mas em numero pouco inferior em alguns sitios.

Existem não obstante algumas povoações respeita-

veis pelo numero de palhotas de que se compõem e pelas muitas familias mais ou menos numerosas que ahi vivem. As povoações dos regulos e dos chefes ricos são geralmente as que conteem mais palhotas e habitantes, não só de outros pretos, que são para assim dizer os seus conselheiros, e os grandes da sua corte e executores de suas ordens, mas pelo grande numero de mulheres que possuem, e consequentemente de um imenso magote de filhos e filhas, que só elles fazem quasi uma povoação. O regulo Zulo, que é o pacifico senhor das terras em que se encontra a nossa missão, possui umas quarenta mulheres, segundo me affirmou um colono antigo e sabedor dos seus costumes, que, com filhos, creados, servidores e outros funcionarios maiores e menores, compõem uma turba imensa.

Outros regulos mais poderosos e possuidores de maiores riquezas, dobram o numero, se podem, porque para os pretos as mulheres representam um grande cabedal, e são o genero de mercadoria mais valiosa e sempre de prompta venda entre elles, comtanto que haja dinheiro. Daqui se pode calcular a enorme quantidade de palhotas que se levantam em volta da cabana do regulo, pois uma tal familia representa um igual numero de outras entidades que vêem naturalmente augmentar a cifra. Ora deve-se notar que um tal numero de habitantes e habitações não é para comparar com as nossas aldeias cuja agglomeração tem outras causas a explicá-la, mas sim ás proprias aldeias cafreas em geral, que ordinariamente não vão além de uma unica familia, mais ou menos numerosa.



35—Grande aldeia indigena

O Gungunhana, que era regulo poderosissimo e muito temido pelas suas crueldades e feroz despotismo, e que consequentemente era o arbitro da vida e das propriedades de innumeraveis subditos, que lhe obedeciam tremendo, só por si possuia uma povoação respeitavel de familiares, mulheres, filhos e serventes de todo o genero, e grandes manadas de bois e vaccas, e innumeraveis rebanhos de carneiros e cabras, e muitas outras riquezas que fariam deslumbrar um dos mais afortunados patriarchas da antiga lei.

O seu mais esplendido kraal foi o de Manjakase onde se estabeleceu definitivamente depois da sua emigração da Mussapa para o sul. Apontarei alguns factos curiosos da vida e costumes do grande regulo e outros de horrivel memoria deste extraordinario despota que me foram contados pelo mesmo colono supracitado.

Ahi tinha elle para cima de trinta a quarenta mulheres. Cada mulher dispunha de uma creada joven que a servia e de um creado que lhe levava as ordens onde ella desejasse. Além desta familia toda e do pessoal ás ordens do grande regulo, e dos seus grandes, havia uma enorme turba de guardas para todos os misteres que podessem occorrer a tantas vontades e tão caprichosas, e immenso numero de outras entidades de menos importancia. Já se vê que só o kraal do Gungunhana, isto é, a sua familia e creados, constava de uns poucos de centenaes de pessoas com quem elle fazia uma despeza enorme na sustentação diaria.

Nesse kraal celebrava todos os annos o grande tyrano uma festa de cerimoniaes horriveis. Juntava os seus conselheiros, os grandes da sua côrte e os regulos principaes, que lhe estavam sujeitos, para assistirem á cerimonia e receberem suas ordens. Fechava então dentro de uma palhota grande numero de creanças impuberes de ambos os sexos, das quaes eram em seguida apañadas algumas á sorte por homens com os olhos vendados. Imagine-se o terror e o desfallecimento destas pobres creanças, sabendo a sorte que as aguardava, que não era outra que o serem degoladas e arrancados os seus corações palpitantes para objecto das superstições do despota! Feito este sacrificio horrivel e monstruoso eram mortos muitos bois, carneiros e outras cabeças de gado, cujos melhores bocados eram cosi-

nhados juntamente com os corações das victimas humanas e devorados pelo Gungunhana e sua comitiva! Depois desta cerimonia horrivel e supersticiosa é que se procedia ao conselho. Isto repetia-se todos os annos.

«O missionario suiso Liengme, diz o snr. Ayres d'Ornellas, garantiu-me que na festa do *inkuaia* o Gungunhana fazia sacrificios humanos.»

Outro exemplo da crueldade do grande regulo: Sempre que suspeitava da infidelidade de alguma de suas mulheres, esta era immediatamente degolada e mais o cumplice. Se, pelo contrario, só este era o culpado, a outra parte ficava incolume. Isto dava logar a grandes abusos, como succede sempre em casos semelhantes. Se algum desejava os favores do Gungunhana ou a vingança de algum inimigo, não tinha mais que accusá-lo de qualquer infidelidade, de que lhe censurara os seus actos ou que dissera mal delle. O despota não inquiria mais. Chamava-o e mandava-o executar, ou então dava ordens aos seus sicarios para o irem executar a sua propria casa.

Uma das penas que elle costumava infligir aos que lhe cahiam em desagrado, fossem elles os regulos mais poderosos sujeitos ao seu imperio, era lançar-lhes elle em rosto as mais tremendas accusações, mandando por fim aos seus executores que o agarrassem e amarrassem entre quatro madeiros compridos e assim o lançassem á lagôa que estava junto do seu kraal de Manjakase. Do mesmo modo eram castigadas as esposas infieis, ou de quem apenas tivesse taes suspeitas, sendo amarrada juntamente com o traidor, que a seduzira ou que simplesmente lhe obedecera.

2.—Occupações domesticas

Entre estes povos rudes, sem commercio, sem industria, quasi sem vida social propriamente dita, além dos *milandos* e de outros pequenissimos actos em que se manifesta de alguma sorte um certo laço social que os une, todas as scenas possiveis da vida propriamente cafreal se representam em cada palhota, no seio de uma familia qualquer, nessa pequenina nacionalidade, tribu ou agrupamento, que se compõe do pae, ou chefe, das mulheres, filhos e parentes que querem estar ao abrigo de seu tecto. De sorte que a vida das palhotas, bem e minuciosamente estudada, daria uma das mais interessantes paginas da historia dos costumes indigenas, mas certamente é esta tambem uma das mais difficeis de estudar, porque entra na vida intima dos pretos, e ainda que elles não são muitos recatados para um grande numero de actos da vida ordinaria, outros ha, de maior interesse talvez, que elles procuram occultar a todo o transe.

Escusado, pois, será dizer que não pretendo historiar com toda a minuciosidade, nem talvez com a natural ordem com que o devia fazer, seus costumes e vida de palhota, mas sim apontar ao acaso um ou outro factio mais interessante.

Como já notei, o preto em geral não trabalha, a não ser em misteres de sua exclusiva competencia, como é

formar o esqueleto da palhota, caçar ou pescar, preparar certas bebidas, às vezes ajudar as mulheres nos trabalhos da *machamba*, preparar e *crestar* as colmeias pelos processos que Saraiva diz usarem os ingleses, no seu tempo, e pouco mais. Fóra disto, comem, dormem, embebedam-se e passeiam de povoação, em povoação, dando e pedindo noticias de todos e de tudo, passando emfim uma vida inteiramente ociosa e estúpida.

Em casa, porém, isto é, na palhota ou povoação, trabalha-se sempre, ha um labutar incessante que indica vida e movimento. Mas quem trabalha são as mulheres, desde a aurora até sol-posto, sempre cheias de desembaraço e actividade, preparando a comida para o chefe e para toda a familia.

Ordinariamente os pretos levantam-se cedo, ao menos segundo tenho observado, e isso explica-se pelo costume que teem de se deitar em volta do fogo que accendem no meio da palhota, já para se livrarem dos mosquitos, já para se preservarem do frio.

Ora, de manhã está a fogueira apagada, e ou frio ou mosquitos não os deixam gosar muito tempo do derradeiro somno da madrugada. Então começa cada qual a tarefa que lhe ha de empregar o dia todo.

Os homens só com o sol muito acima do horizonte é que vão para algum trabalho que os chama; entretanto, e se nada teem que fazer, nem desejam saber alguma noticia, ficam por ali á porta das palhotas, conversando, discutindo e questionando sobre o mais insignificante assumpto, se teem algum companheiro, gastando sempre



36—Mulheres na sua faina diaria.

immensa rethorica e pelo menos metade do vocabulario indigena. E' difficil vê-los conversar de outro modo que não seja declamando e proferindo discursos interminaveis em que as repetições levam metade.

Devemos aqui notar a posição peculiar que elles tomam durante as suas conversações, que é tambem a que tomam nas assembléas publicas, nos *milandos* e em toda a parte em que se devem demorar qualquer parcella de tempo, pois essa é a sua posição de descanso como para nós o estar sentados. Consiste em dobrar totalmente as côxas sobre a barriga das pernas e sentar-se sobre os calcanhares, tendo por unica base assente na terra as plantas dos pés. Com os braços cruzados nos joelhos, assim permanecem horas e horas nesta posição, que para nós seria insupportavel, mas para elles é a habitual e quasi exclusiva. Nos *milandos* ou em qualquer assembléa é assim que se colloca o regulo e do mesmo modo todos os assistentes em semi-circulo. Em certa occasião fui passear á povoação dum chefe nosso visinho e ahi o encontrei presidindo a uma assembléa na posição que acabo de descrever, com a differença de que o chefe e mais uns tres dos seus maiores não tinham as plantas immediatamente pousadas na terra, senão em cima de uns cêpos de uns tres palmos de altura. E' lhes tão natural esta posição que a tomam em toda a parte quasi instictivamente, ainda quando se dirigem a qualquer europeu ou auctoridade que muito temem e respeitam.

As mulheres, pelo contrario, nunca se sentam deste modo. Com os joelhos em terra sentam-se sobre os calcanhares, ou então de lado como as nossas aldeãs.

Fóra desses casos a vida dos homens na palhota resume-se num perpetuo *descançar*, dormir ou curtir as bebedeiras, em cima de uma esteirasita ou no chão, com o ventre voltado para o sol abrazador, maneira como tambem curam febres e outros achaques passageiros e de pouca importancia.

A embriaguez é o mais feliz estado a que um preto aspira continuamente. O preto embriaga-se por luxo, por vaidade, por voluptuosidade, para ser feliz e bem-aventurado durante algumas horas, que elle ordinariamente passa a dormir no maior socego e quietação. E' admiravel o effeito magico que produz no cerebro destes

pobres selvagens a mais pequena gotta de alcool. Desperta-lhes um contentamento inexprimivel, uma alegria tão communicativa e uma satisfação tão completa, que parece estarem inteiramente saciadas todas as aspirações de sua alma e de todas as suas potencias. O preto não sonha senão com a *ku-pusa*—o beber; nisto gasta tudo quanto tem, sem nunca se saciar plenamente.

Entretanto no meio da alegria intima que os inunda no seu estado de embriaguez, é rarissimo encontrar um preto de *mau vinho*, como se costuma dizer; as manifestações do seu estado de espirito são sempre as mais innocentes, e duma expansão toda inoffensiva e acariciadora. E' esta necessidade interior do preto que sustenta o chamado *commercio* de Gaza, onde ha para cima de *duas mil* cantinas, como em sessão camararia o affirmou o sr. Torre do Valle, colono muito antigo e muito conhecedor da vida dos pretos dessas regiões. O vinho que se lhes fornece nessas cantinas é o já sabido *vinho branco para pretos*, que não aproveita senão a meia duzia de fabricantes, ajudando a aggravar o verdadeiro commercio vinicola e concorrendo muito para o nosso desprestigio colonial.

Comtudo, não é só com estes vinhos que elles se embriagam. Grande numero de fructos indigenas e cereaes lhes proporcionam bebidas fermentadas que elles apreciam immenso, e algumas tão alcoolicas *que os fazem logo dormir, e ficam a dormir até ao outro dia*, como elles dizem. As principaes são fabricadas de canna doce, de milho, batata, mandioca, ananaz, mapira, e de varias fructas cafreas, e cujos processos descreveremos mais tarde.

O outro vicio de todos os pretos, sem excepção, é o do rapé, que tomam em grandes quantidades, mas mais compassadamente que os seus collegas da Europa. E' um pó negro miudo e forte, que elles fabricam da herva do tabaco e das folhas do canhamo, que elles chamam *banghe* e que lhe dá um aroma peculiar muito agradável. Todo o preto anda fornecido de um pequeno deposito desse delicioso excitante, e quando faz uso delle todas as mãos dos patricios que o rodeiam se estendem para a caixa á espera do seu quinhão. Este não se deixa esperar. Ha em tudo uma especie de convenção tacita entre os pretos, de não recusar uns aos outros uma pe-

quena parte de suas coisas. Se um preto apanha por exemplo duzentos reis, corre logo á cantina a trocá-los por vinho, porque o dinheiro causa-lhe um peso intoleravel, e atraz delle todos os que sonharam com essa mina. E effectivamente todos participam da boa fortuna do primeiro. Um litro de *vinho colonial*, é uma especie de centro magico, em volta do qual se collocam todos, e do qual participam á vez, cada um o seu golinho. Ninguem recusa pagar este generoso tributo, porque bem sabe que é apenas um peculiosinho que põe em deposito para outra accasião.

O mesmo fazem com o rapé. Se um preto lá ao longe puxa pela caixa, o outro que o viu corre a elle, bate as palmas, e, recebida a pitada, anda o seu caminho sem mais cerimonia, ou então trocam suas impressões. Se estão em reunião, aquelle que primeiro puxa pela caixa já sabe a obrigação que lhe compete: distribue pelos companheiros uma boa pitada a cada um, que lhes vae collocando na palma da mão, e é no fim de todos que elle se serve a si proprio. Nisto todos são generosos, porque todos sabem que para si o são.

Dizendo *caixas* de rapé não garanto a propriedade do termo, pois nisto ha uma variedade infinita de formas, tamanhos e figuras, que não é possivel subordinar tudo ao mesmo nome. Uns usam como deposito uns tubos de metal de diversos feitios; outros pequenissimos frascos, ou canudos de canna, ou capsulas das sementes de varias plantas cafreaes; outros arranjam de madeira, com admiravel paciencia e arte, os depositos mais caprichosos e cheios de curiosidade; outros, finalmente, usam umas caixas de lata, com um espelho no fundo, de que fazem grande commercio *monhés* e *banianes*, que conhecem como ninguem o desordenado *paladar* dos pretos.

O fumo do tabaco ou *banghe* tambem lhes agrada muito, e a mais reles ponta de cigarro que um encontrou, é fumada por todos á vez. As mulheres tambem fumam com a mesma frequencia que os homens, sempre que podem, e uns e outros fumam ordinariamente ao contrario da outra gente, isto é, voltam o lume do cigarro para dentro da bocca, e assim vão saboreando o delicioso aroma do fumo, sem delle perderem a minima parcella.

Os pretos teem, porém, um modo de fumar *mais ca-freal*, e o fazem quasi sempre em sociedade de meia duzia ou mais, em volta de uma boa fogueira,—que muito apreciam. E' interessantissimo, não só pelos utensilios que usam, senão tambem pelas cerimoniaes que o acompanham.

Os utensilios são os seguintes: um pequeno deposito de barro cosido, obra de sua industria, onde põem o tabaco e a folha secca do *banghe*; um tubo, ordinariamente de canna, de tres ou quatro nós, em cuja abertura superior adaptam o deposito de barro, que communica com aquelle por um orificio muito estreito, e finalmente um chifre de boi, bufalo ou antilope. Este é cheio de agua, na qual mergulha a parte inferior do tubo de canna. Um narguilhé primitivo.

Preparado tudo conforme indicamos, um dos circumstantes accende o tabaco e começa a fumar deste modo: segura o tubo com as pontas dos dedos, e com ambas as mãos tapa o melhor que póde a abertura do chifre e começa a chupar o fumo por entre os dedos fazendo-o passar através da agua. Esta operação exige força de pulmões, e o fumista vae chupando, chupando, até engasgar-se com fumo—*até começar a abrir os olhos*—como elles dizem, iniciando logo uma longa série de garganteios e berros descompassados, que só terminam com o esfriar da forte sensação produzida pelo fumo. E' nesta occasião que passam a outro aquella machina de fumo, que vae correndo a roda até chegar de novo ao primeiro, reproduzindo em cada um a mesma sensação e dando motivo ao mesmo repertorio musical que cada qual executa e varia segundo a sua caprichosa e desordenada phantasia.

Assim passam horas e horas numa especie de embriaguez, do mesmo modo que passam dias e semanas na embriaguez do alcool, de que quasi exclusivamente se sustentam, quando o podem haver ás mãos.

As mulheres não me consta que façam uso desta maneira de fumar, que é geralmente praticada pelos homens no centro de suas povoações ou no interior de qualquer palhota.

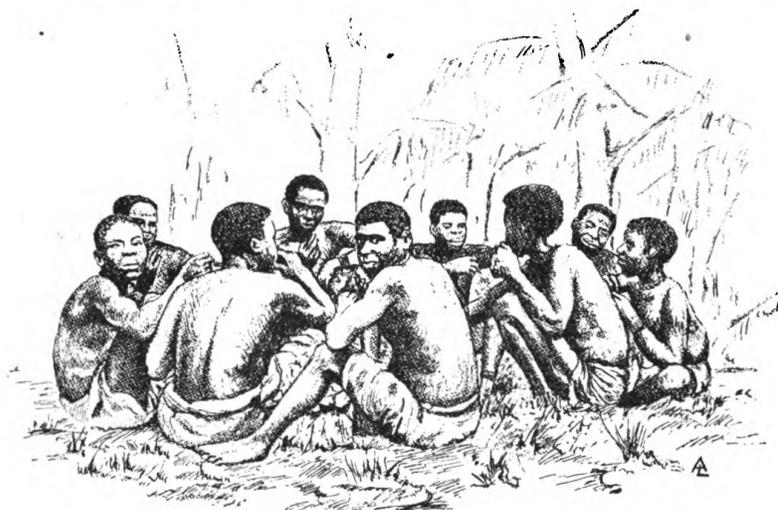
As crianças, ainda as de tres ou quatro annos apenas,



37 — Narguilhé primitivo

tambem gostam, talvez por imitação, de experimentar os odôres do fumo do tabaco, mas aproveitando ordinariamente as sobras dos outros fumistas. Não é raro encontrar um grupo de crianças daquela idade fumando em boa camaradagem, como se fossem pessoas de toda a seriedade.

Outro de seus mais acariciados passatempos é a *ku-xuxa*, que não é outra cousa que aquelle *cavaco intimo* e prolongado de uns com outros, sejam da mesma familia ou não, desde o fim da ceia até altas horas da noite, sobre toda a classe de assumptos que lhes interessem. Não obstante ser a *ku-xuxa* mais estimada aquella hora, nem por isso a desprezam em qualquer outra



38 — Ku-xuxa

ocasião, antes é uma cousa que nunca lhes farta, indo dumas povoações para as outras e aos logares mais concorridos á cata della. Os pretos apreciam talvez mais do que nós esse genero de passatempo.

Acabada a ultima refeição, que é ordinariamente ao anoitecer, juntam-se todos dentro de uma palhota, no meio da qual accendem uma boa fogueira, que é continuamente alimentada por bons madeiros, e collocam-se todos em volta della, conversando, rindo, aquecendo-se, e altercando continuamente, sem jámais afrouxar nem esgotar-se o assumpto de suas tão gratas e interminaveis parlendas. E'ahi propriamente a *arcada* dos pre-

tos, onde se sabem pormenorisadamente todas as noticias, onde se discutem e commentam as questões mais palpitantes, onde a sua curiosidade e eloquencia se aguçam duma maneira admiravel.

As mulheres, tomam não pequena parte na conversação geral, mas sempre dum modo passivo, aceitando o que os mais lhes transmittem, fazendo bastos commentarios umas com as outras, e dando, conforme o assumpto, uma expressão toda caracteristica ás palavras e aos gestos, levando muitas vezes a palma aos demais circumstantes nas suas demonstrações expansivas de contentamento e alegria, reproduzindo-se da maneira mais real as scenas quotidianas das palestras chulas e sem nexos da gente mais reles das nossas aldeias. Ha uma grande concordancia em tudo entre os centros mais caracteristicos dos pretos e os mais atrasados de nossas aldeias sertanejas.

Os pretos que não teem na sua povoação ou palhota meio de satisfazer essa necessidade imperiosa, vão procurá-lo a outras povoações, juntando-se ás vezes desta sorte grande numero delles, fazendo não poucas vezes os seus serões ao ar livre ou debaixo das arvores, mas sempre em volta de uma boa fogueira.

Emfim, fartam-se de dar á taramela, o somno agarra-se-lhes ás palpebras, e cada um procura a sua palhota para dormir, onde tambem encontra uma fogueira, seja verão ou inverno. No primeiro caso para se livrarem mais facilmente dos mosquitos, e no segundo para temperar os rigores do frio a que são muito sensiveis.

A maior parte dos pretos estiram-se pelo meio da palhota, na terra nua e em volta da fogueira. Marido e mulher tem sua palhota ou compartimento áparte. Os filhos ficam com elles até chegar ao seu primeiro periodo de emancipação, que é aos tres ou quatro annos, em que já pouco precisam dos cuidados paternos. O chefe que tem muitas mulheres, tem ordinariamente uma palhota reservada para si e para a companheira da occasião, e outra para as restantes. Nalgumas partes ha palhotas cujo feitio permite morar nella toda a familia. A palhota propriamente dita está no centro da cupula, e é a camara principal, a do chefe da familia. Em toda a volta está a outra camara, maior que a primeira e debaixo do mesmo tecto ou cupula. E' uma especie de va-

randa, onde pernoitam as creanças e as mulheres e onde se guardam varios utensilios. Outros possuem uma palhota para cada mulher, indo elle dormir a qualquer dellas conforme lhe appeteece.

Como vimos, dormem todos estendidos pelo chão, ordinariamente com as costas para cima, e com os braços em cruz servindo de travesseiro. Muitos possuem umas pequenas e finas esteiras, que chamam *sango*, e que são de sua industria, e é em cima dellas que dormem, o que constitue um grande luxo e regalo. Outros teem um farrapo qualquer, o que é sempre uma grande distincção e conforto. Roupas de cobrir o corpo durante a noite não teem outra que os mesmos farrapos com que andam vestidos durante o dia, salvo algum que quer salientar-se entre os seus compatriotas, e que procura imitar os costumes europeus. Essa imitação, porém, não dura ordinariamente senão até se acabar essa peça de roupa com que elles procuraram distinguir-se durante algum tempo. Depois tornam a contentar-se com o enxoval de antes.

Um movel, que não podemos deixar de mencionar aqui, é o *mu*kaméto* ⁽¹⁾, peça muito artistica, que lhes serve de travesseiro e que fabricam com o maior esmero e arte, aquelles que querem apresentar mais luxo, ainda que em detrimento da propria commodidade, segundo me parece.

Effectivamente, esses moveis, semelhantes a um pequeno banco, feito de uma peça unica, diversamente cavado e muito floreado, e um pouco convexo na parte superior onde ha de repousar a cabeça, deve ser muito duro e incommodo, ainda que elles se servem muitas vezes de um madeiro qualquer para o mesmo effeito. Ha-os de duas especies: para uma unica pessoa ou para marido e mulher. E' muito usado entre recémcasados, mas em pouco tempo abandonado como um objecto incommodo. Voltaremos a fallar desse objecto quando mencionarmos os productos da arte indigena.

E' ordinariamente pela meia noite e ás vezes mais tarde que acabam inteiramente os seus interminaveis colloquios, entrando tudo num profundo e pavoroso

(1) V. nota de pag. 85.

silencio. Apenas o imperceptível crepitar das fogueiras no interior das palhotas ou no meio das povoações responde ao pio das aves nocturnas que cruzam o espaço e fendem a densa treva da noite. Só de espaço a espaço lá sáe de uma palhota um preto insofrido, como um phantasma temeroso, e se introduz no matto para responder a qualquer exigencia da natureza, ou para buscar algum tronco de arvore com que alimente o fogo sagrado, que, dissipando a escuridão que os rodeia, afugente ao mesmo tempo o frio, as feras e a peor de todas ellas—o temeroso e infernal mosquito.

3—Refeições

A maior preocupação do preto é sem duvida a satisfação desta necessidade physiologica que se manifesta pela fome. Porque o preto tem sempre fome, nunca está plenamente saciado, e a maior parte dos actos mais sérios da sua vida, como é por exemplo o casamento, não tem outro movel bem definido que não seja o facilitar-se a aquisição de alimentos a toda a hora. As mulheres não se occupam noutra coisa, já trabalhem nos campos, cultivando, semeando e recolhendo os fructos da sua lavra, já na cosinha preparando os comestiveis para todas as horas do dia.

As suas comidas compõem-se das substancias mais variadas, preparadas de todos os modos possiveis. Milho assado, mandioca de todos os modos, farinha, feijão, amendoim cosido ou assado, batata doce, aboboras, os gomos e folhas tenras das aboboras, da mandioca e outras hervas, arroz e varias outras plantas cultivadas e expontaneas. Tudo isto cosido em grandes panellas de barro, misturado com farinha de milho, que é a base de toda a sua alimentação, constitue para assim dizer a alimentação ordinaria dos pretos de Gaza.

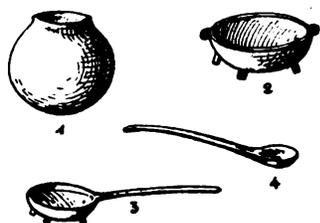
A arte culinaria não é das mais adeantadas entre elles, nem mesmo curam muito de a aperfeiçoar. O essencial é terem que comer seja o que fôr. Condimentos não os conhecem, a não ser o *piri-piri* e o sal, que é para elles um genero de luxo de que só usam raras

vezes. Ha, porém, comidas que não podem levar com sal, como é por exemplo a farinha. Não tendo outro meio de o obter senão por meio dos europeus ou asiaticos, não perdem occasião de o comprar seja por que preço fôr, sendo por isso o sal uma das moedas mais correntes e valiosas entre elles para a compra de varios productos cafreaes de bastante valor. Com um sacco de sal compram-se aos pretos tres e quatro de feijão, milho e outros generos de valor muito superior. Uma das coisas que preparam com um certo esmero, é o que na costa de Moçambique denominam *caril*, de importação asiatica, e que não é outra coisa que uma especie de môlho ou guisado picante que lhes serve de conducto e aperitivo, e que os pretos preparam de modo muito differente dos asiaticos. Na sua confeição entram principalmente as substancias oleosas, gorduras, picantes, carne, peixe secco, amendoim, *piri-piri*, e todas as especies mais escolhidas e agradaveis ao paladar.

Pão não o conhecem, ainda que lhes era facilimo arranjá-lo, visto terem farinha e grandes panellas que lhes podiam servir de fôrno. E ainda que são tão gulosos do que fabricam os colonos, não me consta que tenham sequer tentado imitá-los. De carne, gorduras e todas as substancias animaes são avidissimos, mas a sua extrema preguiça faz que não a provem senão raras vezes, apesar de com grande facilidade poderem obter muita caça e pesca, e mais numerosos e bem nutridos rebanhos, sobretudo de cabras, carneiros e porcos e muita criação de aves. Muito ao contrario do que succede noutras regiões, os povos de Gaza são bastante escrupulosos a respeito da conservação da carne, mas em compensação teem noutras coisas as praticas mais repugnantes. São avidos dos gafanhotos grandes e bem nutridos; comem varias especies de ratos dos campos, entre os quaes sobresa um, que chamam *xiguinha*, de dimensões pouco inferiores ás dum gato domestico. Fazem grandes provisões, nalguns sitios, de gafanhotos e termitas, conservando-as em azeite de palma, e comem as pequenas aves com tripas e tudo, depois de as passar ao de leve pelo fogo. O que teem mais repugnante neste particular é o costume de comer todos os intestinos dos animaes herbivoros e aves, sem os lavar nem sacudir devidamente. E dando a razão disto

dizem que de outro modo não fica a comida saborosa, e assim, quando podem haver ás mãos as tripas de qualquer animal, o tempero da panella nesse dia é uma grande dose de escremento desse animal, que não seja o porco, cujos intestinos lavam então muito bem. Todas estas substancias são para elles um *caril* delicioso, que muitas vezes por gulodice comem logo antes de tudo, outras reservam para sobremeza, para mais á vontade o saborear, mas que geralmente acompanha a outra comida, como qualquer molho entre nós.

Os seus utensilios culinarios são tambem muito re-



39 — Utensilios culinarios: 1—Panella de barro; 2—Tijella de madeira; 3—Idem com cabo; 4—Colher de madeira

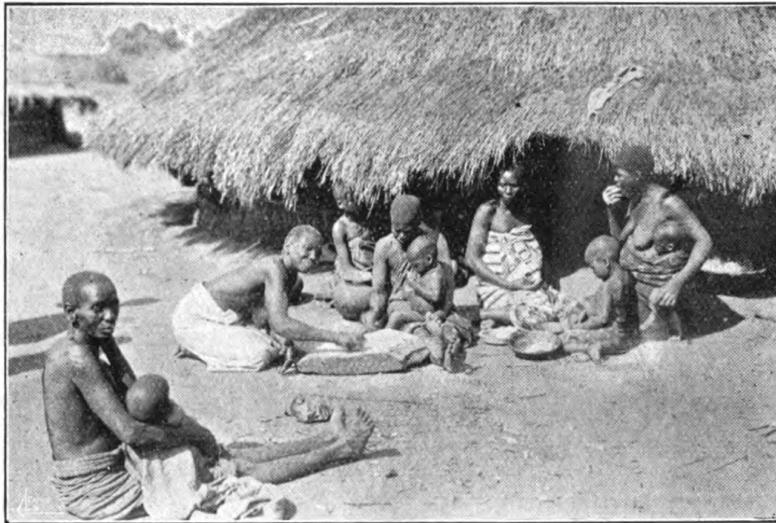
duzidos. Algumas panellas de barro, grandes e pequenas, da sua industria, e outras de ferro, de importação estrangeira, e que estão entrando muito em moda, é tudo quanto possuem para a preparação de seus guisados, que são simplesmente cosidos em agua simples. A variedade destes depende unicamente da variedade dos productos de que podem dispor e de sua mistura mais ou me-

nos complicada. Da comida servem-se ordinariamente na mesma panella onde foi preparada, em volta da qual comem todos em boa camaradagem. Para o mesmo fim servem-se dos cacos das que se partiram, e principalmente de grande variedade de latas, das de conserva, que elles obteem nas suas viagens ao litoral. Nalgumas povoações encontram-se utensilios feitos de madeira semelhantes a pratos, tijelas, travessas, colheres e outros de sua lavra, muito artisticamente trabalhados, de que se servem para nelles tomar as suas refeições, mas que evidentemente vão cedendo o passo e rareando deante das latas de conserva e outros objectos de mais facil aquisição.

Talher é coisa que não conhecem. Usam da faca para dividir as carnes e outros comestiveis, uma especie de colheres para mecher as comidas e mais nada. Para as levar á bocca servem-se da mão, que é tambem guardanapo e estojo completo para tudo. Alguns, por um certo instincto de imitação, ou por vergonha dos europeus, já encontram uma tal ou qual utilidade nos talhe-

res, mas o que é certo é que nem se sabem servir delles nem as suas comidas se prestam muito ao seu uso, e na sua falta servem-se mais vezes de simples folhas das arvores, principalmente da folha da *aberia cafra*, sufficientemente concava e consistente para levar a cabo uma refeição completa.

A sua bebida ordinaria é agua. Se é de pantano, rio ou fonte, limpa ou saturada de lodo e outras immundicies, disso não fazem questão. O que a querem é



40 — Uma familia tomando a refeição

S. o. m. l. e. s. t.

fresca e abundante, sobretudo durante as refeições. É geral o uso de se lavarem no fim das comidas, primeiro a bocca, a cara e algumas vezes os dentes, depois as mãos. Isto mesmo fazem todas as manhãs ao levantar-se. Bebidas alcoholicas, já sejam de sua lavra ou de origem europeia, essas não fazem ordinariamente parte de suas refeições. Constituem um banquete áparte, a qualquer hora do dia, e bem mais apreciado do que qualquer outro por mais esquisito que elle seja.

A maneira como tomam as suas refeições é muito simples a par de muito interessante. Preparado tudo, dentro ou fora da palhota, a familia senta-se em volta das panellas junto ao lume. Uns tiram de dentro um bom quinhão para a tampa da panella, para uma lata,

para um caco qualquer. Outros comem de dentro da mesma panella. Isto é o mais ordinario, sobretudo quando a sua impaciencia lhes não dá tempo a esperar que a comida arrefeça um pouco. Os pequenos dividem-se geralmente dos adultos, e as mulheres tomam tambem ordinariamente o seu logar áparte. Depois, com a mão, com uma folha d'arvore, com uma pequena acha de madeira, comem todos avida e sofregamente. O milho, a farinha, o feijão, o arroz e outros comestiveis que preparam com pouca agua, para ficarem meio solidos, apertam-nos na palma da mão e assim os levam á bocca, simplesmente como os prepararam, ou molhados no *caril* se o teem. Cada refeição dura pouco tempo, e repetem-se duas ou tres vezes ao dia, se ha fartura; se não ha, duas refeições pelo menos são indispensaveis. Isto quanto á refeição commum, porque fora destas horas cada qual toma quantas pode: preparações culinarias as mais diversas, que sobejam dumas vezes para as outras, milho assado, mandioca assada ou crua, amendoim, fructos do matto os mais diversos. Elles teem sempre modo d'improvisar um banquete. Em falta doutros comestiveis tomam um pouco de milho, põem-no de molho durante alguns minutos, torram-no ao lume dentro duma lata e comem-no. O mesmo fazem com o amendoim. A primeira hora da refeição é logo que se levantam, geralmente sobejos da vespera. A segunda é poucas horas depois, quanto basta para a prepararem a um lume intenso. A terceira, que para muitos é a segunda, é ao cahir da tarde, que ás vezes ainda se repete ahi pelas 8 ou 10 horas da noite, á luz de boas fogueiras.

Sendo a comida a necessidade mais bem definida e imperiosa desta pobre gente, é ella tambem o mais forte laço social que os une a todos, sem excepção de tribu, nacionalidade ou raça. Um preto qualquer, venha lá donde vier, seja ou não conhecido, tem sempre a mesa posta em qualquer povoação por onde passa. Comida para elle não se faz de proposito, desconhecem completamente as mais rudimentares etiquetas, mas participa, sem reparos de ninguem, da refeição que os demais estão comendo ou apenas terá de esperar um pouco que aquella se acabe de preparar. O recémchegado, conheça ou não os seus hospedeiros, sauda-os como se

de ha muito os conhecesse — *xáuàne, salve-os Deus* — senta-se e come como se estivesse em sua casa. A unica retribuição, a que não se pode jámais esquivar, é responder a mil perguntas curiosas que lhe fazem, e contar todas as novidades de que tem noticia dos logares por onde passou. Entretanto termina a refeição, o hospede profere o seu — *sâlâne, passem muito bem* — e continua o seu caminho até chegar a outra povoação que o recebe com a mesma hospitalidade. Assim podê um indigena fazer viagens de muitos dias e mezes pelo interior do matto que sempre encontrará a mesa posta e uma palhota para dormir. A igualdade de circumstancias em que todos se encontram, a necessidade que cada um tem da hospitalidade dos outros, nos mais variados momentos da vida, são, a meu ver, a unica razão deste espirito de communismo e igualdade que em todos se nota, pois não ha duvida que o preto é geralmente egoista e interesseiro, cruel e ingrato. Nisso se manifesta como em nenhuma outra coisa o instincto de sociabilidade no homem, pois sendo ella uma reciprocidade de interesses individuaes e sociaes, toma na pratica a feição característica de cada povo ou tribu, segundo as condições especiaes de sua existencia.

4—Misteres da mulher

Já vimos alguns dos actos da vida dos pretos e suas principaes occupaões. Vejamos agora o que faz a mulher.

Esta, encarregada de todas as occupaões domesticas e com a consciencia e intima convicção de sua humilde condição, não pensa mesmo em usurpar alguns momentos de descanso, e seu unico prazer é poder agradar áquelles a quem serve.

Muito antes que o sol venha desentorpecer com seus raios vivificadores os membros lassos do preto ociôso e regalão, já a triste companheira de seus dias lá anda mourejando nos campos em busca da raiz ou das folhas da mandioca, da batata dôce ou das espigas verdes, que constituirão a sua primeira refeição, ou então caminha para o ribeiro, pantano ou charco, a enorme distancia das palhotas, onde, com grandes panellas de barro ou a casca vazia e secca de grandes cucurbitaceas, se vae abastecer de agua para todo o dia.

Depois começa a pilar o milho de que ha de fazer a *massa*, base da alimentação dos pretos.

O pilão é, desta sorte, o instrumento inseparavel da cosinha dos pretos e é nelle que se prepara tudo o que ha de comer e beber, e é exclusivo das mulheres esse trabalho pesado e fatigante.

O pilão que elles chamam *kuni*, consta de um cêpo

de cinquenta a noventa centímetros de altura, por vinte e cinco a trinta de diametro, cavado por dentro até á altura de vinte a trinta centímetros approximadamente, e mais ou menos artisticamente trabalhado por fóra e bem liso e polido por dentro. Dá perfeita idéa deste instrumento o *batuque* de pag. 176. Tem como peça adjuncta um pau de uns dous metros de comprimento por oito a doze centímetros de diametro, arredondado e bem liso numa das extremidades. Este é propriamente o *pilão* e o todo é, para assim dizer, um almofariz em ponto grande.

E' nesse instrumento que as pretas preparam o milho de que fazem a papa quotidiana, depois de o reduzirem a farinha muito fina, tão fina como a que se fabrica nos moinhos ordinarios, e nessa operação gastam manhãs inteiras e todos os intervallos de suas occupações domesticas. E' tambem no *pilão* que trituram as fructas e cereaes de que fazem suas bebidas cafreas, e ahi preparam igualmente a parte especialissima que adicionam á comida, o *caril*, quando se compõe de amendoim ou outras substancias que precisam ser trituradas e moídas.

O trabalho do pilão é bastante violento. As pretas são em geral muito peritas neste exercicio, que podemos chamar culinario e de sua exclusiva competencia, executando com rapidez e perfeição, com o filho ás costas, se o possuem, e ás vezes duas simultaneamente, fazendo cair o pilão á vez como os ferreiros quando malham o ferro.

Muitas vezes me succedeu acordar ainda muito cedo, ao bater importuno do pilão, que ás vezes não descança senão pelo meio da manhã, para recommençar á tarde sua interminavel tarefa. E' um dos mais pesados trabalhos para as pretas, por ser tambem o mais constante e imprescindivel do lar domestico.

Entretanto que umas pilam o milho ou preparam as cousas que se hão de cosinhar, já outras, ou ellas mesmas, num curto intervallo, foram descobrir o lume de baixo da cinza que ficou guardado do outro dia, ou, se por ventura se apagou de todo, vão buscá-lo dentro de uma lata á povoação visinha, onde nunca falta, e começa o fogo a animar aquella povoação ou palhota até ali inerte e meio amortecida.

A um tal apparecimento, a primeira cousa que fazem todos, sem distincção de idade nem sexo, é sentar-se em

volta da fogueira, e aquecer mãos, pés e cara, recebendo com a maxima resignação, sem se desviarem um centimetro de sua primeira posição, as baforadas de fumo com que a aragem os vae brindando continuamente. Ao lume passam elles horas e horas esquecidas, emborralhando-se na cinza, altercando uns com os outros, a toda a hora e em todas as estações, enquanto as mulheres vão preparando a comida, trabalhando no pilão, conversando animadamente umas com as outras ou escutando as narrações dos homens, nas quaes rarrissimas vezes tomam parte, rindo e altercando sobre os mais variados assumptos.

O tempo que não gastam nestes misteres passam-nos nos campos, no amanho das terras, na sementeira e sacha de suas produções, na colheita dos fructos, vigiando e guardando os seus haveres, indo umas vezes buscar lenha, prepará-la e empilhá-la junto das palhotas, outras agua, e ás vezes fazer carretos por conta dos europeus, para ganharem alguns tostões com que possam comprar as suas *kapulanas*, manilhas e missangas e outros adornos de que usam. Ellas, comtudo, preferem que lhes dêem directamente estas cousas, porque o dinheiro raras vezes o gastam ellas; logo que os maridos ou filhos o sonham tratam de o arrebatat para se irem embebedar com elle.

Em todos estes trabalhos as mulheres são muitas vezes ajudadas por seus filhos ainda pequenos, e sobretudo pelas raparigas, que logo de pequenas se vão acostumando aos misteres que mais tarde hão de occupar toda a sua actividade. Os rapazes occupam-se principalmente na pastoreação de seus pequenos e pouco cuidados rebanhos de cabras, carneiros e porcos.

De tarde já as mulheres estão um pouco mais aliviadas das canceiras domesticas, e teem mais ou menos adeantados os serviços para o dia seguinte, principalmente do pilão, e tudo reservado para a ultima refeição que só começam a cosinhar quasi ao sol-pôsto. Passam então uma parte do tempo nas suas palestras umas com as outras, juntando-se aqui e ali aos magotes, como fazem as nossas despreoccupadas e falladoras aldeãs. E assim como estas vão á fonte aos bandos, com muito diversos fins, assim as pretas, jovens e adultas correm aos regatos e aos charcos onde se costumam prover

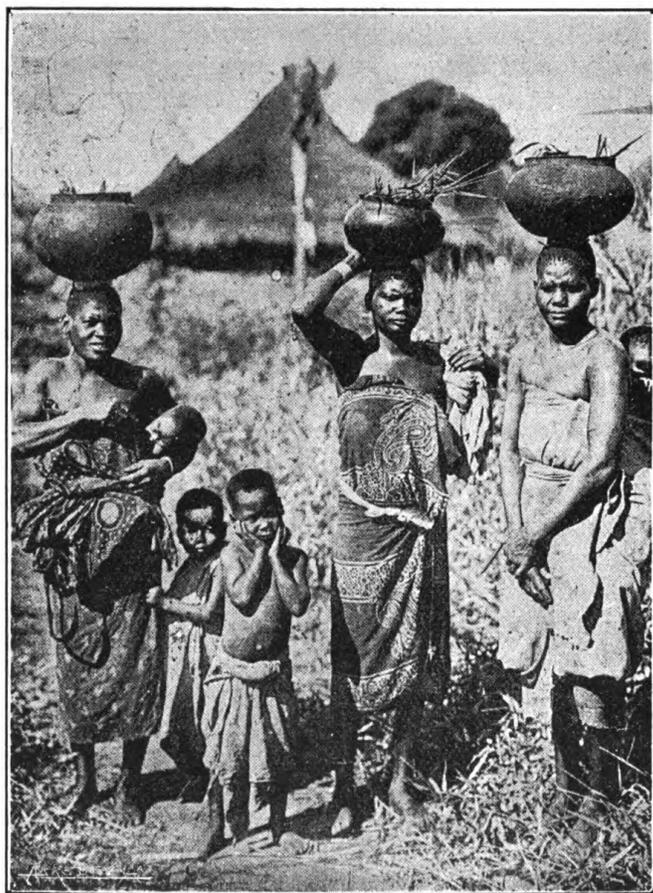
de agua, levando para esse intento, panellas, latas, cabaças e toda a casta de vasilhas em que podem trazer agua para o dia seguinte. E' esta uma scena interessantissima, e no que tem de recreativo e até poetico, é muito semelhante ao que se dá com as raparigas das nossas aldeias quando ao cair da tarde se encaminham para a fonte, cantando, rindo, brincando, conversando animadamente umas com as outras nos assumptos mais variados, contando as suas intimidades, as alegrias e agruras domesticas, assoalhando as vidas alheias, convertendo emfim este trabalho num alegre e divertido pasatempo. Muitas levam até seus rudes instrumentos musicos, e vão-nos tocando a compasso, e cantando a coros e fazendo gestos e movimentos adequados. Entretanto este trabalho é sempre pesado, pela enorme distancia a que geralmente se encontram os immundos mananciaes onde se provéem dagua.

Alem disso um outro fim as arrasta a essa hora aos regatos e aos charcos. E' o banho que raras vezes dispensam sempre que lhes é facil tomal-o. Primeiro enchem de agua os vasos que trouxeram, depois, se estão sós, tiram as kapulanas e deitam-se para a agua como hypopotamos, banham-se, chafurdam, nadam, revolvem-se e refrescam-se com uma avidez de sequioso de tres dias. Entretanto todas se lavam muito bem, esfregando com areia todos os membros e ajudando-se mutuamente naquellas partes onde não podem chegar com as mãos.

Desenvoltas e pouco recatadas como são quando estão sós, não succede assim quando presentem que algum homem as observa, seja elle extranho ou de sua mesma raça. Então nunca se despem totalmente, conservam uma kapulana interior mais ordinaria que sempre trazem para estes e outros casos e teem o maximo cuidado de se não descompôrem durante o banho. Depois saem da agua, cobrem-se com o outro farrapo e só então, voltadas as costas para quem as observa, é que tiram a interior que serviu no banho. Cada povo lá tem os seus habitos. Ellas podem ser verdadeiras bacchantes nos seus bailes e batuques, no interior dos mattos e nas proprias povoações, mas no banho teem sempre grande recato, e fazem uma balburdia ensurdecadora se algum preto as procura espreitar.

Pelo contrario quando são estes que estão no banho

com toda a liberdade de filhos das selvas, e entretanto chega alguma mulher, elles fogem logo envergonhados a esconder-se entre o matto, e se ella chega a percebê-los faz-lhes uma surriada estrepitosa.



41 — Mulheres vindas da fonte

Terminado o banho, quando todas já estão fartas de lutar e brincar com as nymphas destes paizes infectos, tomam os seus cantaros, ajudando-se mutuamente, e eilas a caminho com a mesma alegria e mostras de rego-sijo com que vieram, marchando todas em fila por carreirinhos tortuosos até se irem approximando de suas povoações e palhotas, em que se começam a dispersar

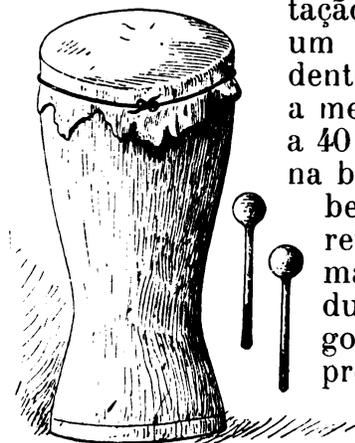
cada qual por seu carreirinho, despedindo-se mutuamente com o seu *sâlâne*—*passem muito bem*—a que outras respondem: *fambâne*—*vão com Deus*—entrando tudo em seguida no mesmo silencio e quietação.

Em muitos outros misteres e occupações se exercitam as mulheres quotidianamente, mas cada uma será notada no seu logar proprio, segundo a ordem que adoptamos.

5—Batuque

Uma das manifestações mais características da vida indígena é incontestavelmente o *batuque*, sempre o mesmo entre todos os povos *bantu*.

Batuque chama-se ordinariamente a um instrumento de musica cafreal, indispensavel em qualquer representa-



42 — Batuque

ção, e que não é outra coisa que um tronco de madeira cavado por dentro, em forma de gral, dum metro a metro e meio de altura, por uns 30 a 40 centímetros de diametro, tapado na boca com uma pelle de boi, muito bem amarrada exteriormente e bem retezada. Tangendo esta pelle, á maneira de bombo, por meio de duas grossas baquetas feitas de gomma de borracha (*Landolphia*), produz um som cavernoso horrivel, como se um prolongado trovão repercutisse estrondosamente, durante horas, no interior das selvas. Esta musica é muito do agrado dos pretos, e é rara a noite em que o fundo das florestas não gema medonhamente sob as gigantes vibrações desse espantoso sussurro!

Batuque, mais propriamente, são as danças e can-

ções indigenas, já ellas se realizem com toda a solemnidade, em que entre todo o povo e as auctoridades indigenas, ou tome uma feição especial de desaggravo, por occasião dalguma secca, já se desenrolem parcialmente em cada povoação ou no seio de cada familia. E' neste sentido que tomamos a palavra *batuque*, de que ha uma extrema variedade, não só porque se distinguem entre si aquelles cujos motivos são diversos, senão porque o povo o reveste das mais variadas formas, o pulverisa, para assim dizer, em milhares de representações distinctas umas das outras. Entretanto ha quatro especies principaes de batuque, conforme o genero de pessoas que nelle podem tomar parte. São estes: *Maxongolu*, ou dança de homens de todas as idades; *Inghinha*, ou dança das mulheres adultas; *Massessa* ou dança das donzellas; *Xilembe* ou dança de todos os sexos e idades.

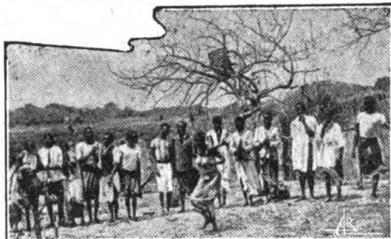
Ha representações que só podem ser executadas por homens, como são por exemplo, as guerreiras, e nesse caso a dança toma o nome de *Maxongolu*. Mas este rigor só se observa nas grandes solemnidades, que podiamos chamar officiaes, pois ordinariamente ou preferem as duas ultimas, *Massessa* ou *Xilembe*, ou não tardam a misturá-las todas, porque a juventude não soffre de bom grado aquelle exclusivismo.

O indigena, por via de regra, está sempre satisfeito, sempre alegre e contente, sem aspirações importunas e insaciaveis que o atormentem dia e noite, pois a sua unica aspiração bem definida é a paz e o ocio, a satisfação das duas necessidades organicas indispensaveis á conservação do individuo e da especie, coisas de que elle disfructa largamente no remanso das selvas. Eterna criança, com a mesma volubilidade de sentimentos e vontade, tão depressa lhe pouza nos labios um amuo de despeito infantil, como se esquece logo do passado, para sorrir desanuviado á mais ligeira caricia. Não os punge a tristeza nem as preocupações que ordinariamente nos mortificam, não sentem jámais uma parcella de remorso, não os atormentam os cuidados da vida, o futuro da familia, os abalos sociaes; esqueceram completamente o passado, para elles não ha futuro, e o presente procuram fruí-lo da melhor maneira possivel.

Por isso o preto anda sempre em festa, sempre can-

tando e repetindo milhares de vezes as suas curtas e monotonas canções, e em vez do arco e da frecha, simbolo dos antigos guerreiros, outro arco o acompanha sempre, o *xitende*, transformado em instrumento musico muito do seu agrado, cujo som faz lembrar o do *berimbau*. E' por isso que resoam em todas as quebradas, como nas collinas minhotas, as mais variadas canções, de mistura com o sussurro dos batuques e as vibrações sonoras de mil marimbas, que por entre as florestas seculares se correspondem e cruzam, como os gorgeios das aves na quadra de seus poeticos noivados.

E' preciso viver entre elles, percorrer as suas povoações, surprehendê-los em toda a expansão do seu viver no fundo dos bosques inacessiveis, para ver e sentir



437—Dança popular ordinaria

toda a felicidade que os rodeia, e que nós tão raras vezes experimentamos, emquanto a Providencia vela por elles como pelas avesinhas do ceu. Quando sobretudo podem dispôr de boa dose de bebidas excitantes, cuja maior abundancia é nos mezes do milho, do ananaz, da canna doce e doutras produccões cafreaes, então essas danças generalizam-se, esses interminaveis cantares, mil vezes repetidos, alguns verdadeiramente geniaes e encantadores, formam como que um ambiente de harmonia por cima das aldeias e palhotas, reboam pelas collinas e quebradas, por entre as vetustas florestas, como um testemunho perenne da inquebrantavel felicidade que os enche e só elles bem comprehendem! A lua nova é o pregão que annuncia o começo duma festa ininterrupta em todos os sertões, que só affrouxa um pouco nas noites em que ella se não digna apparecer aos filhos das selvas, marcando o seu crescimento vagaroso um *crescendo* gradual nessa grande festa da natureza. A nós não nos impressiona logo agradavelmente esta vida que se respira das florestas virgens. Para que sintamos toda a sua poesia, temos de despojar-nos das nossas preocupações de homens civilisados, submergir-nos no seio dum naturalismo vago e inervante, e recebermos como em taboa raza as impressões expontaneas da natureza.

Em qualquer aldeia se pode organizar um batuque. Para isto não ha regras fixas, nem tempo determinado, nem forma especial de convocação, nem numero certo de pessoas, nem escolha de sexos ou idade. Uma ou mais pessoas começam a dançar e cantar, e a atracção especial que este genero de passatempo exerce em todos os selvagens, é o bastante para em poucos momentos fazer crescer a roda. Das povoações visinhas não tarda a apparecer ahí muita gente como por encanto. Então entra a dança num periodo de regularidade. Succedem-se as canções, e já se ouvem as sonoras vibrações dos mais variados instrumentos.

Os grandes batuques motivados por qualquer caso de força maior — a morte ou elevação de um regulo, o casamento dum potentado, a festa particular dum

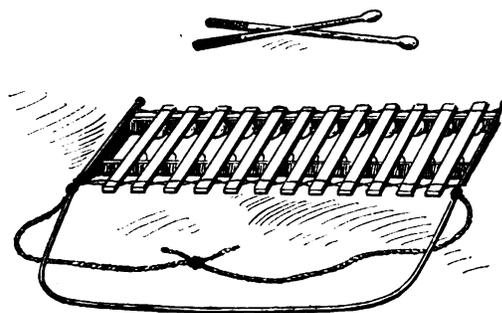


44 — Varios instrumentos empregados no batuque

chefe, as premicias das bebidas cafreas, etc., etc., — esses teem convocação especial do regulo ou chefe, que designa o genero de batuque que se ha de realizar, os instrumentos que nelle farão parte, e outras circunstancias, para os quaes ha ensaios ás vezes muito demorados e difficeis, que chegam a levar mezes. Nestes entra grande variedade de instrumentos musicos, alguns originalissimos e muito interessantes. Vejamos os principaes.

O mais notavel, pela variedade e harmonia de sons e pelo papel que desempenha nos grandes batuques, é a *marimba (imbila)*, de que ha varias especies segundo a escala de que se compõem e o genero de sons que emitem. Tomaremos por typo a que é mais usada entre elles. Compõe-se de 12 teclas dispostas como as dum

piano. Cada tecla, de madeira negra, muito rija e fina, bem trabalhada e polida, mede uns 30 centímetros de comprido por 4 de largura. Deitadas horisontalmente sobre duas travessas de madeira, mas sem lhes tocar, suspensas e unidas entre si pelas extremidades, por meio de correias de pelle de boi, a sua disposição é a mesma que a do teclado dum piano. As duas travessas formam uma especie de caixilho comprido e estreito, com outras duas pranchas collocadas nas extremidades, as quaes, num dos lados, são fechadas por um meio arco. Junto da travessa da rectaguarda, que está opposta ao arco, e debaixo de cada tecla, ha uma capsula espherica, do tamanho duma boa laranja, que é a



45— Marimba

casca vasia dum fructo indigena chamado *sala*. Estas esferas teem um tamanho gradual e bem calculado, desde o tamanho de uma laranja volumosa até ao duma noz, pois não só servem ellas para reforçar o som, senão tambem para produzir cada uma o

numero de vibrações correspondentes a cada nota da escala musical. A bocca, que não é muito larga, está tapada com uma pellicula rija e fina como teia d'aranha, o que dá ao som um timbre mais claro e brando.

«Cada um destes cabaços, diz Fr. João dos Santos fallando da marimba, tem uma bocca pequena feita nailharga, junto ao pé, e em cada fundo tem um buraco do tamanho dum pataco e nelle posto um espelho, feito de umas certas teias d'aranha muito delgadas, tapadas e fortes que não quebram. E sobre todas as boccas destes cabaços, que estão iguaes, e postos em carreira, tem ordenada uma ordem de teclas de pau delgadas, e sustentadas no ar com umas cordas, de modo que cada tecla fica posta sobre a bocca de seu cabaço, em vão, que não chegue á mesma bocca.» ⁽¹⁾

(1) *Et. Oriental*. L. I Cap. x.

As marimbas ordinarias dão geralmente a gama natural da voz humana ou a sua oitava, mais as duas notas ultimas da gama inferior e as duas primeiras da superior. Uma destas, com que me presentearam em Chai-Chai, dava as seguintes notas da gama natural:



ao todo doze notas de *lá* a *mi*. O som é tirado pela pancada secca de duas baquetas, como as dos tambores, cuja esphera terminal é feita da gomma da *landolphia* (fig. 45).

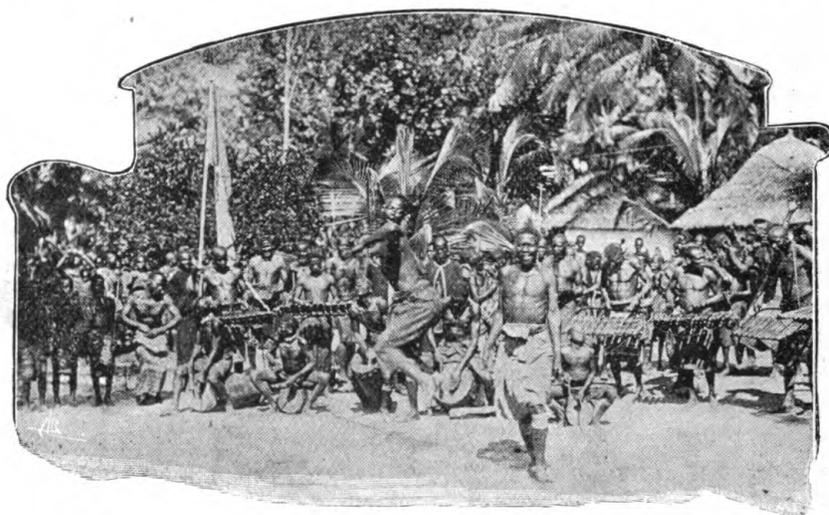
Esta é a marimba ordinaria com que executam a parte cantante de qualquer peça, e que lhes serve de piano no acompanhamento de suas canções e batuques. Ha outras variedades de marimbas, umas de oito notas outras de cinco, ora mais baixas ora mais altas que as da marimba ordinaria, dando as *terceiras* e *quintas* da escala para completarem aquella ou formarem acordes variados, sobretudo nos batuques de maior solemnidade.

Ha ainda um outro instrumento, do mesmo feitio da marimba, mas muito grande e alto, de cinco notas apenas, muito baixas e cavernosas. Faz as vezes do rabeção e o som que emite é formado no ôco de grandes cucurbitaceas vazias adaptadas ao instrumento, que chamam *xikhúlo*. Todos esses instrumentos tocados por mestres, que os ha bem peritos nas canções e musica cafreal, e bem ensaiados como costumam, produzem um effeito deslumbrante, onde apparecem as combinações mais difficeis e variadas, e de uma belleza não vulgar.

O *xikhúlo* é o que mais destôa ao nosso ouvido, produzindo um sussurro parecido ao despenhar de uma grande cachoeira a enorme distancia. As maçanetas que lhe tiram o som, do tamanho de uma boa laranja, são igualmente feitas da borracha explorada pelos cafres.

«Outro instrumento musico tem estes cafres, quasi como este que tenho dito, mas é todo de ferro, a que tambem chamam ambira, o qual em logar dos cabaços

tem umas vergas de ferro, espalmadas, e delgadas, de comprimento de um palmo, temperadas no fogo de tal maneira, que cada uma tem sua voz differente. Estas vergas são nove sómente, e todas estão postas em carreira, e chegadas umas ás outras, pregadas com as pontas em um pau, como em cavallete de viola, e dali se vão dobrando sobre um vão que tem o mesmo pau ao modo de uma escudella, sobre o qual ficam as outras



46— *Maxongolo* acompanhado de cinco marimbas e outros instrumentos

pontas no ar. Este tângem os cafres, tocando-lhe nestas pontas que tem no ar, com as unhas dos dedos polegares, que para isso trazem crescidas e compridas; e tão ligeiramente as tocam, como faz um bom tangedor de tecla em um cravo. De modo que sacudindo-se os ferros e dando as pancadas em vão sobre a bocca da escudella ao modo de berimbau, fazem todos juntos uma harmonia de branda e suave musica de todas as vozes mui concertadas. Este instrumento é muito mais musico que o outro dos cabaços, mas não sôa tanto e tange-se ordinariamente na casa onde está o rei, porque é mais brando e faz mui pouco estrondo.» ⁽¹⁾

Este instrumento nunca o vi na região de Gaza, mas é muito usado de Sofala para o norte. Entretanto indi-

(1) *Et. Oriental*. Id. id.

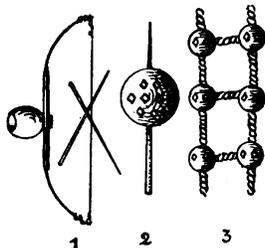
genas de Sofala e Chiloane me asseguraram que elle é originario dos povos do sul. Compõe-se ás vezes de tres ordens de quinze a vinte teclas ao todo, prestando-se a grande variedade de combinações musicaes. Os pretos, comtudo, limitam-se a alguns acordes sómente e harmonias pouco variadas, repetidas vezes sem conta.

Segundo Fetis a marimba foi levada para Africa no seculo xvii pelos portuguezes, que a trouxeram do Oriente, não sendo por conseguinte originaria do continente negro. E accrescenta Ernesto Vieira, no seu Diccionario Musical, que possuem identicos instrumentos os povos de Malaca, Java e Çamatra, e que em todos os paizes orientaes visitados pelos portuguezes são numerosos os instrumentos de laminas que se percutem com baquetas.

O mais caracteristico *instrumental* dos pretos é o que elles chamam *ximbevka*. Compõe-se de 20 a 25 instrumentos diversos, tocado cada qual por um personagem distincto. Cada instrumento chama-se *inhdueba*, e não é outra coisa que um simples canudo de canna. Cada canudo tem o seu tamanho bem medido e calculado, de modo a produzir uma nota determinada da escala musical. Assim o conjunto reproduz perfeitamente mais duma gama completa. A sua execução é originalissima e muito interessante, requer longos ensaios, muita pratica e attenção. Ao executar uma peça qualquer, cada individuo tem o seu canudo applicado aos labios, e só o toca no ponto preciso em que houver uma nota correspondente á que o seu instrumento pode reproduzir. Com alguns ensaios e um pouco de attenção, os pretos reproduzem assim varias peças com grande rapidez e afinação. O effeito musical é pouco agradável, muito monotono pela repetição constante de peças pequenissimas, mas a sua execução é certamente uma das mais caracteristicas e interessantes.

- Nos batuques a valer esta musica é acompanhada de dança, tambem muito particular, executada pelos mesmos musicos, da maneira seguinte: collocam-se todos em circulo, quasi encostados uns aos outros, com um dos lados voltados para o centro, quasi sempre occupado por uma arvore, ou por um simples varapau espetado na terra. Começam então a andar á roda, atraz uns dos outros, executando com as pernas e pés certos

movimentos combinados e em harmonia com o que vão tocando. Em cada uma das pernas, um pouco abaixo da curva do joelho, levam duas enfiadas de guizos, feitos da casca ôca de fructos indigenas, com alguns furos á superficie e sementes rijas dentro. A esses instrumentos chamam *fau*, e pelos movimentos combinados da dança produzem um ruido muito semelhante ao de muitos pandeiros juntos.



47 — 1 xitende. 2 batuta.
3 fau.

Batuque na primeira accepção, *xikhúlo*, *marimbas* de diversas escalas e tons, *inhduéba*, *fau*, *xitende*, eis os principaes instrumentos musicos de qualquer batuque de certa importancia. Muitos outros deixamos de nomear, mais simples, com que se divertem em seus passeios, no caminho das fontes ou sósinhos em suas povoações e palhotas. O que durante dois ou tres dias e noites seguidas convoca todo o povo á grande festa é um enorme chifre de bufalo ou antilope, tocado fortemente por um preto, á maneira de buzina. Não necessitam de outro genero de convocação em muitos kilometros de circuito.

Vejamos agora como executam um grande batuque. Na nossa missão celebraram-se alguns muito solemnes por occasião do baptizado dalguns indigenas. Descreverei um apenas.

No dia aprazado, os pretos começaram a afluir á missão logo desde pela manhã. Ao meio dia já estavam muitos centenaes, alguns milhares talvez, com dois regulos á frente. Estava tudo disposto para o batuque, que havia de representar uma dança guerreira. Quatro marimbas foram postas em linha, as duas de escala natural no centro e as outras aos lados. O *xikhúlo* atraz de todas. Em frente e em semi-circulo postaram-se os guerreiros que deviam executar a dança, em numero de quinze. Dois, perfilados no flanco esquerdo, representavam um chefe e sua mulher. Todos vestidos de seus melhores pannos, e enfeitados de muita missanga e outros adornos, cada guerreiro tinha na cabeça um farto penacho de pennas pretas d'avestruz, e muitos feixes de correias de pelle de boi no pescoço, no braço direito, nas pernas e na cintura. O braço esquer-

do empunhava um grande escudo de coiro cru, e a mão direita uma azagaia authentica, como uma lança de cavalleiro. Em volta dos guerreiros, pelo campo além, estendia-se todo o povo com seus regulos. No centro havia uma especie de *mestre de cerimonia*s que dirigia a dança, dançando elle tambem a compasso, fazendo os signaes com um instrumento caracteristico, especie de *batuta*, (fig. 47-2) composta duma capsula espherica de *sala*, enfiada numa pequena vara duns 40 centimetros de comprimento, com algumas bolinhas dentro á maneira de guizo.

Começa o batuque. O *xikhúlo*, manejado por mão de mestre, rompe um trovão prolongado e cavernoso, e depois dalgumas pancadas mais sonoras e compassadas, rompem todas as marimbas num *passo dobrado* rapidissimo, frenetico, mas sempre a compasso e afinado. Levou uns dois minutos esta especie d'introdução, começando em seguida a dança dos guerreiros, continuando com mais ardor o ruido de todos os instrumentos, dirigindo tudo o *batuta* com grande attenção e habilidade, ao mesmo tempo que deixava transparecer nos labios um sorriso prasenteiro. Os dançarinos faziam um exercicio de guerra perfeitamente ao vivo. Andavam para a frente empunhando a lança e o escudo, simulavam arremetidas ferozes ao inimigo; agora recuavam em ordem, uivavam medonhamente, voltavam á carga com mais furia, furtavam o corpo a seus golpes, fingiam deitar por terra muitos adversarios, calcando-os aos pés, batendo-lhes com os escudos e vibrando-lhes novos golpes! Então desordenavam-se um pouco, corriam como loucos sem direcção, davam saltos e uivos de energumenos! A' voz do chefe tornavam-se a pôr em ordem, arremetiam de novo contra as reduzidas parcellas do adversario, cobrindo-se com os escudos, atravessando-os com as azagaias, e emittindo uns sons do fundo do peito que imitavam o enterrar das lanças no do inimigo! Não paravam um momento, e, ora o chefe, ora a sua mulher, sahiam das fileiras, e seguiam á frente dos guerreiros brandindo a azagaia e incitando-os ao combate! Mas tudo isto era feito a compasso e na melhor ordem, pois todos eram movimentos estudados duma grande representação, tangendo ao mesmo tempo todas as marimbas, durando este primeiro acto uma hora e um quarto sem um momento de interrupção.

Este simulacro duma grande acção biblica, com todas as suas particularidades tão bem combinadas e peças de musica adaptadas, executado com uma perfeição fora de toda a expectativa, parecia transportar-me á realidade, fazendo-me assistir a um combate gigantesco de selvagens indomaveis! Deviam ser assim as suas batalhas passadas!

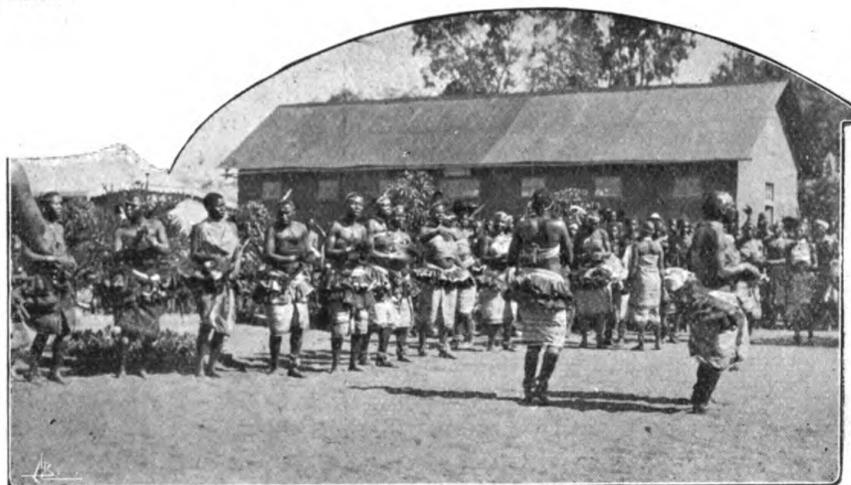
No meio do immenso esforço desta peleja simulada alguns cahiam para o lado, nos pequenissimos intervallos que lhes deixavam livres, prostrados e sem forças, resfolegando como cavallos depois de impetuoso e demorado galope, cobertos de suor e pó. De repente levantavam-se, tomavam seu posto e continuavam com novo ardor. Havia momentos em que todos paravam repentinamente por espaço de alguns minutos, correndo logo as mulheres a limpar-lhes o suor e a dar-lhes de beber. Por duas ou tres vezes, durante o curso da dança, houve um pequeno intervallo de dous ou tres minutos em que duas velhas entravam na arena a executar uma dança particular, e que provavelmente fazia parte da representação. Era notavel por terem os guerreiros neste momento de se voltar de lado, e a cara para fora, de modo que não podessem presenciar a dança das mulheres; e quando algum atrevido procurava observá-las, iam logo outras voltar-lhe a cabeça com as mãos, sendo logo obedecidas e applaudidas pelos espectadores.

No fim deste primeiro acto sentaram-se todos a descansar, e todos os personagens que entraram em scena foram excitar e adquirir novas forças com uma boa porção de *vinho colonial*.

Entretanto outro grupo começava uma nova dança. Refiro-me á que descrevi mais atraz, a *ximbevêka*, executada por jovens de ambos os sexos, e que não levou mais de meia hora.

A seguir começou outra dança, a *massessa*, (fig. 48) em que entravam só donzellas. Para ella vinham já preparadas com seus melhores pannos e adornos vistosos; grandes fiadas de missanga de cores variagadas, braceletes, penteados caprichosos, etc., etc., e sobretudo uns pannos frisados em forma de leque, de 35 a 40 centímetros de largura, presos á cinta á maneira de saia, objecto absolutamente indispensavel ao genero da dança que deviam executar, e que é dos mais caracteristicos e usados pelo

bello sexo dessas regiões. Consiste em movimentos rítmicos e combinados das pernas, braços e ventre, tudo ao mesmo tempo, com rapidez, às vezes com uma espécie de furia de bacchantes. Ficamos então espantados da extrema flexibilidade daquelles membros, sobretudo do ventre e peitos, que ellas deslocam tão bem como nós as mãos ou os pés, e com uma rapidez vertiginosa, tudo acompanhado de cantos característicos, de palmas, de esgares medonhos. E' a esta gymnastica difficil que chamam ordinariamente *dança de ventre*, a qual é muito querida da maior parte dos colonos e de todos os indígenas.



48—*Massessa* executada em Lourenço Marques perante D. Luiz Philippe

Como as nossas danças, as dos pretos são extremamente variadas, não só quando revestem um caracter de solemnidade, senão em todas as pequenas representações que fazem nas suas aldeias e palhotas sem prévias convocações ou convites. Destas, uma das mais usadas, consiste numa roda de pretos de todos os sexos e idades, que ao som de uma canção qualquer mais popular, vão batendo palmas com certa harmonia e sapateando constantemente no mesmo sitio seguindo pouco mais ou menos o mesmo rítmo. Só um dos dançantes sae da roda, em saltos compassados, até ao meio do circulo, e, depois de certos movimentos cadenciados, segue até á parte opposta, pára em frente de um dos da roda, onde continuam ambos os mesmos movimentos.

Depois batem ambos com o pé no chão, seguindo o primeiro para o seu lugar e entrando o segundo na arena, sempre com os mesmos movimentos, e repetindo-se estas manobras indefinidamente.

Os povos que melhor executam toda a casta de representações são os de Zavala e são elles que tomam sempre a parte principal nos grandes batuques que se fazem em Lourenço Marques e noutras cidades, onde se juntam muitos milhares de indigenas todos enfeitados e armados de escudos e azagaias, arcos e frechas, como se realmente fossem dar um grande combate. Ficaram memoraveis os grandes batuques celebrados em Lourenço Marques por occasião das visitas do nosso malogrado principe D. Luiz Philippe e dos Duques de Conaught, em que os de Zavala abriram a festa pela execução do nosso hymno nacional, tocado por mil marimbas e outros instrumentos cafreaes, coisa realmente para se ouvir e dum effeito deslumbrador. A estes dois batuques, nos quaes se gastaram dezenas de contos, concorreram muitos milhares de pretos de todos os districtos da provincia de Moçambique, acompanhados dos seus regulos e chefes.

Fora destes batuques solemnes e de certa responsabilidade, ha uma grande variedade de outros batuques, danças e cantigas populares que bastante analogia teem com as valsas, danças e fados das nossas aldeias e que nas ruas se executam á vontade entre os diversos grupos que para isso se juntam, ao som das primeiras coplas e do bater das palmas que, a compasso, acompanham sempre essas manifestações de alegria. Canções amorosas, mais ou menos expressivas, igualmente cantadas pelos dois bandos, são o thema eterno de seus cantares. Eis uma ao acaso:

Sitiniua kuá iua,
*kobo ⁽¹⁾ loku muka manghe;
Suka Chai-Chai Çu-Marika ⁽²⁾

que em portuguez se pode verter assim:

-
- (1) V. nota da pag. 85
(2) Çu-Marika, corrupção de Lourenço Marques.

Desprezado
 Pela minha amada,
 Buscarei
 Outra patria ao longe;
 Anda, foge!
 Foge para Chai-Chai
 Para Lourenço Marques!

Vinte, trinta, cem vezes, e mais ainda, repetem elles estas e outras canções, sempre com novo entusiasmo, dançando e batendo as palmas a compasso, já a coros, já a vozes, ora num tom alegre, jovial e esperançoso, ora plangente e triste, conforme a indole da canção.

As canções guerreiras sobretudo são dum effeito surpreendente. Elles sabem como ninguem traduzir ao vivo o sentimento do furor bellico, que os devia animar nas suas luctas passadas, em gestos, em manobras estu-



49— *Xilembe* ou dança de todos os sexos e idades

dadas, em sons harmoniosos, suaves, umas vezes, horridos, terriveis, rapidos e selvagens como suas investidas, tirados por mil marimbas e outros instrumentos, que imitam o rugir das feras ou o embate dessas hordas chocando-se num impeto de destruição e morte! Nessas os cantos são raros e respiram sangue; tecem os louvores dum chefe, dum patriarcha afastado, ou annunciam hecatombes de inimigos e a preza de seus despojos! O que, porém, mais resôa no meio das selvas, acompanhando as danças guerreiras, são sons gutturaes, urros prolongados e cavernosos, a imitação do choque de milhares de inimigos sedentos de sangue e rapina.

Fora disso canta-se o amor, o amor livre, sobretudo, (como livres são os filhos das selvas), esse delirio da vida que os traz esquecidos de tudo o que não seja fruil-a quanto é dado a quem desconhece inteiramente as convenções sociaes, a quem não tem jámais outras preocupações que as do momento presente; eis o objecto de seus cantos, de suas danças improvisadas em toda a parte. Os velhos e os jovens, os casados e os impuberes, confundem-se todos nessas expansões incons-

cientes e fortes de corações regados por sangue rubro a escalear. Quasi todas as canções trazem a expressão *ghela-ghela*, e *ghela-ghela* é a mulher livre, a mulher facil e petulante, e *ghela-ghela* são todas as pretas, as primeiras a cantarem-se a si mesmas como que a provocarem os instinctos de quantos as podem ouvir.

Sós ou acampanhados, em pequenos grupos ou em grandes magotes, rapazes ou raparigas, velhos e velhas, em todas as povoações ou no campo, a todas as horas do dia ou da noite, e principalmente ao suave e doce clarão da lua, acompanhados pelas marímbas ou ao estalar das palmas, em estrondosa vozearia ou como quem segreda apenas aos seus pensamentos intimos, como faz a toutinegra, algumas vezes, quasi por descuido, no interior das balseiras, estes cantos simples, pouco variados, acompanhados a vozes em terceiras, quintas e oitavas, e milhares de vezes repetidos successivamente, formam quasi o ambiente destes sertões, e são a nota mais característica e viva, a manifestação mais simpática e aprazível dos povos que os habitam. Esses cantos exóticos, dum rytmio peculiar, quasi sempre nos desagradam a primeira vez que os ouvimos, mas não tarda que lhes achemos um sabor particular, um não sei quê de espontaneidade, de despreocupação infantil, dum entusiasmo nascido da felicidade inquebrantavel de que nem elles dão fé, a qual por vezes se comunica a quem os observa e ouve. Reboando em todas as quebradas e repercutindo-se no fundo das florestas, parece animarem duma maneira particular a natureza que os rodeia, saturando o ambiente dum não sei quê de felicidade inteiramente desconhecida de nós todos os que vivemos no meio dum turbilhão de preoccupações e convencionalismos que elles não conheceram nunca.

Pela simples vista das canções que damos em seguida não é possível fazer uma perfeita ideia da vida que as anima, do tom característico que só elles lhes sabem dar. Entretanto reproduzimos-as a titulo de curiosidade, por serem as mais vezes repetidas entre os povos de Gaza. Não as traduzimos porque o não saberíamos fazer correctamente, nem garantimos que tenham sido perfeitamente reproduzidas, quanto á lettra, pois teremos talvez unido palavras que o não deviam estar, e *vice-versa*, não obstante fazê-las repetir muitas vezes aos indigenas.

Canções indígenas

I

Allegretto

Si - ti - niu oh kua iu - a Si - ti - niu oh kua

iu - a *ko - bo lo - ku mu - ka man - ghe *ko - bo lo - ku mu - ka

piu animato

man - ghe Su - ka Chai - Chai Çu Mar - ri - ka

II

Allegretto

1.º grupo Ghe - la - ghe - la uá ma - to - mo uá ma - to - mo som - ba -

2.º grupo u - hé u - hé

ff meno tutti

va - za ah bu - la - bu - la - so - fa - za en - de - zá uá ma -

bu - la - bu - la - so - fa - sa en - de - zá



Allegro

1.º grupo
Ai - é le Chun-gué - ne

2.º grupo
Ghé-la - ghé-la uá ma

Ai - é lé Chun-gué - ne ah on -
to - mo Ghé-la - ghé-la uá ma to - mo

gá-ta é ma-ve-le kua ti - ma ko-hlo-la Ai é le
ghé-la-gué-la uá ma-to-mo



Mesto

Oh Dam - bi - á óh Dam - bi - á

óh Dam-bi - á áh! *ko-bo ra-ma i ri-den-di ghé-la-ghé-la

6—Jogos

Os divertimentos dos indigenas são muito limitados, e, além de comer, beber e dormir, em pouco mais se occupam que em passear de umas povoações para as outras, fallando uns com os outros a respeito de tudo. Nisto se cifra toda a actividade do preto, e ahi encontra elle toda a sua felicidade. Só nos *batuques* é que se fatigam e cançam gostosamente, e em nada mais. Não fazem exercicios phisicos de raça nenhuma, e nem a criançada sente ordinariamente, como a pequenada das nossas aldeias, essa inclinação peculiar de se pendurar nos ramos, trepar pelas arvores, fazer emfim toda a casta de piruetas que dão força e agilidade aos membros. Começam muito cedo a gostar daquella voluptuosa ociosidade que tanto os caracteriza, e que lhes ha de empregar a vida toda.

Entretanto são elles que se exercitam nalguns pouquissimos jogos, que nem todos são da sua invenção.

Ahi pude notar apenas cinco classes de jogos: *khatih*, *homa*, *ximbviri*, *chuvã* e *makazi*.

O primeiro é, para assim dizer, um exercicio de dardo, e está-me a parecer que devia desempenhar um importantissimo papel na aprendizagem da arte da guerra, em épocas mais remotas.

Os instrumentos do jogo constam de um arco feito de capim, de uns vinte-e-cinco a trinta centimetros de dia-

metro, e de um certo numero de varas delgadas e apenas de metro, que cada um traz consigo para servir de lança ou dardo. Divididos os atiradores em dois grupos, quasi nas extremidades de um campo extenso e desimpedido, um delles atira o arco e fá-lo rodar pelo campo além em direcção ao grupo contrario. Então, á medida que o alvo se aproxima, vae-lhe cada qual arremessando um dardo, que se escapa ou acerta segundo a pratica do atirador. Os mais praticos atiram-lhe em sentido do diametro, e raras vezes perdem um projectil; os bissonhos alvejam-no perpendicularmente ao eixo para assim terem mais probabilidades de bom exito.

Em menos de um segundo é um chuveiro de dardos de cada um dos bandos, ficando ás vezes cravados no alvo meia duzia de lanças, e mais, inutilizadas umas e servindo outras para nova arremettida.

Entretanto o arco é immediatamente levantado e arremessado para o bando contrario, que repete as mesmas proezas, dilatando-se este exercicio durante horas, sempre com novo ardor. A certeza com que todos atiram o dardo e a força com que o despedem, manifesta bem claramente a influencia que teria no bom exito de uma guerra entre elles, este exercicio que hoje é apenas um jogo e divertimento da gente moça.

O *homa* é outro jogo que se parece muito com o da *choca*, *chena* ou *porca*, muito usado pelos rapazes das nossas aldeias, e é possivel que fosse introduzido pelos colonos. Num campo, como para o exercicio precedente, dividem-se os rapazes tambem em dois grupos numerosos. Cada rapaz tem um pau curto, e um pouco recurvo na extremidade mais grossa. Um delles atira para o meio do campo um pequeno toco de madeira, do tamanho de uma pinha e todos começam a dar-lhe paulada, empenhando-se cada um dos bandos em levá-lo para o seu lado, fazendo-o saltar fóra do campo. O que o consegue é que fica victorioso e o jogo começa de novo. Gastam ás vezes horas e horas neste jogo despedindo em cada paulada um som ou uma série de sons gutturaes estridentes e selvagens, levantando nuvens de poeira, abrindo não raro profundos golpes nos membros dos companheiros, que não se revoltam por isso, porque ninguem tem culpa de taes fracassos.

Outro brinquedo delles conhecido, mas pouco usado,

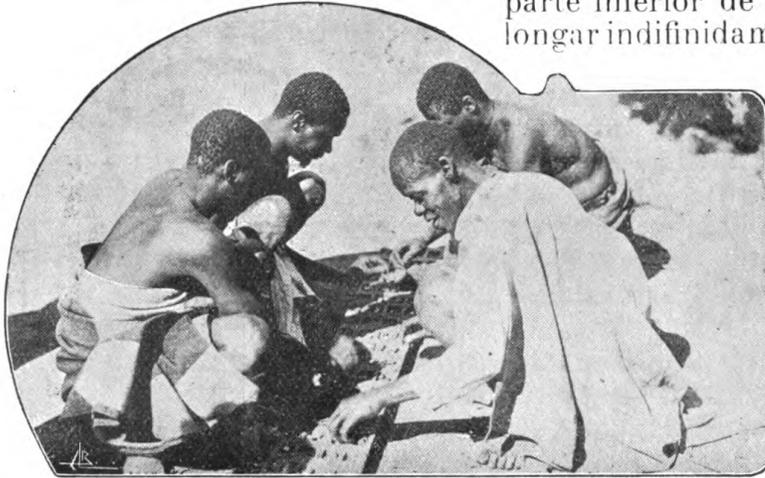
é o *ximbviri*, que não é outra coisa que o *pião* das nossas aldeias. Ha, porém, entre elles uma pequena differença, sobretudo no modo de o deitar.

O *ximbviri* não tem cabeça e falta-lhe igualmente o bico de ferro. O cordão que o faz moer é curto e atado a uma pequena vara em forma de chicote. A outra extremidade enrola-se á parte mais delgada do *pião*, e deita-se a moer tomando o chicote pelo cabo e despedindo-o exactamente como o costumam fazer os nossos provincianos. Então, desde que principia a moer em terra, o jogador vae-lhe dando com o chicote pela

parte inferior de modo a pro-
longar indefinidamente o movi-

mento ro-
tatorio do
ximbviri. E
nada mais.

O *chuvha*
é mais com-
plicado e
tambem de
uma insi-
pidez sem
igual. Qua-
tro filas de
buracos,
cavados na
terra, da
capacidade



50 — Chuvha

de meia laranja, e todas paralelas, formam o taboleiro do jogo. A extensão de cada fila é variavel e póde conter dez, quinze, vinte ou quarenta cavidades. Em cada um dos buracos das duas filas centraes collocam-se tres ou quatro sementes de fructas silvestres, e outras tantas em parte das restantes. Só jogam dois de cada vez.

Um delles começa a mudar as sementes de umas cóvas para as outras, segundo certas regras a que esse jogo obedece. Depois joga o companheiro. Assim vão de combinação em combinação até ao fim, usando de fraude sempre que podem. Quando por estas combinações um dos jogadores occupa todas as cóvas das duas filas que lhe pertencem, com os tentos do companheiro, tem

o jogo ganho. Observei poucas vezes este jogo e nunca pude descobrir-lhe o segredo. Pareceram-me muito arbitrarias as suas regras.

O ultimo jogo é o das *cartas*, que denominam *maka-zi* por corrupção. Podem jogar muitos individuos ao mesmo tempo, nunca em parceiros e empregando dois, tres ou mais baralhos misturados. Eis a maneira que elles teem de jogar as cartas: Collocam-nas todas no meio da roda com as figuras voltadas para baixo. Um levanta uma carta e volta-a na meza. O seguinte levanta uma ou muitas até encontrar o mesmo naipe, que atira para a meza, e os outros successivamente, guardando todas as cartas de differente naipe. O que jogou carta maior pelo valor da figura ou numero de pintas, fica apenas com direito de jogar primeiro que nenhum outro. Os seguintes deitam uma das que já teem, e se é do mesmo naipe, ou biscam novamente até o encontrarem, guardando todas as que apanham. Como o maior naipe que vae para a meza dá direito á primazia na cartada seguinte, é facil ver o interesse que todos tomam em apanhar as cartas de maior valor.

O interesse deste jogo cifra-se todo em combinar bem todas as cartas que se apanharam da meza, e assim, depois de levantada a ultima, todos se dão por victoriosos á medida que as encartam todas. Comtudo, aquelles que se dão por mais peritos fazem o possivel por juntar muitas cartas do melhor naipe para desbancarem o ultimo que as não pode encartar a tempo. Este é o que verdadeiramente fica derrotado. Depois começam de novo.

Não lhes conheço outros jogos.

7—Vestuario e ornatos

O vestuario indigena quasi não merece esse nome. E' tão simples, tão reduzido que quasi se não differença muito da nudez primitiva em que andaram, e na qual ainda se encontram varias tribus do interior em completo isolamento e fóra de contacto directo do europeu. Comtudo, os povos de Gaza, que andam numa constante communição com elle, vão-se modificando de dia para dia, e já hoje se distinguem muito de seus antepassados de ha pouco mais de meio seculo.

Antes da invasão Manukose, avô de Gungunhana, parece que os unicos vestidos nacionaes eram a *mbaia*, especie de tanga de folhas de arvores, e sobretudo das folhas da palmeira *melala*, o que constituia um resguardo apenas indispensavel para guarda da decencia mais elementar.

As mulheres usavam tambem de vestidos muito simples. Uma pelle ou um pedaço de panno suspenso á cintura, e nada mais, era todo o luxo desta gente, então a mais culta e civilisada, pois lá mais no interior havia muitas tribus que não conheciam genero algum de vestido, o que hoje é muito raro. E affirma um auctor que nem por isso havia mais perversidade de costumes; mas esta affirmção não é para muitos senão um *logar commum*, quando se referem aos tempos antigos. Eu não sei conciliar muito bem taes asserções com o que nos diz a historia. Mas vamos adiante.

A chegada dos zulos introduziu um grande progresso no vestuário nacional. Estes resguardavam a decência com o seu *madyobo*, coberturas compactas e bem adaptadas ao corpo, de pelles de cabrito, de macaco e de varios animaes silvestres, que em pouco tempo foram adoptadas pelos naturaes, sendo a *mbaia* inteiramente abandonada. Isto constituia realmente um notavel progresso.

Hoje, devido com certeza ao muito contacto com os europeus, o vestuário indigena apresenta uma grande variedade, conservando não obstante um caracter peculiar.

As mulheres são as que apresentam um vestuário mais uniforme e tambem mais rudimentar. A razão disto é porque a belleza das mulheres deve ser observada em todas as partes do corpo. A belleza que nas mulheres europeias reside muitas vezes nos vestidos e outros enfeites, nas pretas desta região está sobretudo na nudez e hediondez da tatuagem do peito e abdomen. Daqui vem que os seus vestidos compõem-se simplesmente dum panno immundo em volta da cintura e por cima deste quantos pannos riscados e serapintados de mil côres, leves e baratos, poderem haver ás mãos. Esta é a sua riqueza, e duas braças deste panno, do valor de duzentos ou trezentos reis, é a paga ordinaria do trabalho diario de uma preta. A sua maior ou menor riqueza, está no maior ou menor numero de *kapulanas* que posua.



51 — Mulheres em traje festivo nalguns centros do littoral

Nos principaes centros europeus, como Lourenço Marques, Inhambane, Beira, etc., andam mais recatadas, trazendo, alem da *kapulana*, um outro panno grande e largo, com que cobrem as costas e peitos até ao meio da perna. Mas isto é devido a leis especiaes, pois logo que se apanham no matto deitam para o lado esse resguardo que as incommoda. Muitas substituem esse panno adicional por um pequenissimo casaco de chita que apenas lhes cobre os peitos.

Nos homens ha muito mais variedade, e é raro o que não possui, além da *kapulana*, um casaco, ou collete, ou camisola, ou um simples panno, ou qualquer coisa que lhes cubra o tronco. Muitos tambem usam um pedaço de chapéu, um boné extravagante, para a cabeça, mas em geral andam sempre em cabello como as mulheres.

Encontram-se ás vezes certos typos vestidos de um modo tão estranho e phantastico, que com certeza não se encontraria cá no reino um palhaço capaz de inventar ornatos tão comicos e extravagantes! Eis um exemplar: Era um preto de seus vinte annos, desempenado e forte. Calçava meia até ao joelho, de lã branca e muito grosseira. Por cima das meias um par de botas de matto, novas em peça. A *kapulana*, sarapintada de cores muito vivas, tendo pintados mais de vinte instrumentos de cosinha, chegava até á curva da perna. Apertava-o um cinto de couro, de onde pendiam duas bolsas tambem de couro, muitos objectos de missanga, vidrinhos, caixas de rapé, mil bugigangas ridiculas, miudezas de todo o genero. Uma camisola encarnada apenas lhe cobria o peito e os braços até ao cotovello. Por cima da camisola um collete de seda, enfeitado de mil coisinhas de cores e feitios extravagantes. O pescoço vinha carregado das mesmas preciosidades, e na cabeça um chapéu novo, com fita encarnada e enfeitado de plumas vistosas. Com um pau na mão e uma certa magestade no porte, era coisa para ver e admirar. Estes ornatos extraordinarios são sempre temporarios. Quando se acabam só fica a *kapulana*.

Outro exemplar. Era um rapaz tambem novo, baixo e grosso. Levava calção de panno muito grosseiro, botas sem meias nem atacadores e um chapéu na cabeça. Mais nada.

Encontam-se muitos, vestidos á europeia. Mas que figuras tão desazadas! Ha-os que só levam a *kapulana*, outros unicamente um terço ou quarto de *kapulana*. São os menos ridiculos.

Mas onde se pode ver a infinita variedade e extravagancia de coisas com que os pretos se vestem e adornam, é á chegada dessas quotidianas levas de *magaissas* vindos do Transwaal e de Lourenço Marques para o interior de Gaza! Quem não soubesse o que são os *magaissas*, nem quanto esta gente é rude, pacifica e inofensiva, ficaria transido de medo, e estupefacto perante um espectáculo tão phantastico e novo! São elles, sobretudo, que imprimem uma grande variedade de trajés e costumes nos povos do interior.

Uma coisa notavel é a aversão especial que elles teem ás calças. Emquanto se encontram nas cidades e centros principaes do dominio europeu, vestem-nas por imitação, para uma certa approximação com os brancos, que para elles são entes muito superiores a qualquer outra raça, mas logo que chegam ao matto, ao interior de suas florestas e povoações, já ninguem póde supportar essas roupas estreitas e incommodas; deitam-nas para o lado ou véem trocá-las aos europeus por uma *quinhenta* ou por um *xelin*, que, depois da *libra*, são as unicas moedas conhecidas dos cafres destas costas. A *kapulana* é o unico vestuario que elles trazem com certa elegancia, e para executarem suas danças e batuques com a ligeireza que é devida, nada mais proprio como esse vestuario original. Os mulatos e pretos civilizados trocam as vestes europeias pela *kapulana* para, ás escondidas, tomarem parte nos batuques, para que sentem uma attracção muito superior a todas as convenções e conveniencias sociaes.

A *kupulana* sendo posta com uma certa elegancia, comprida e de côres garridas e vistosas, fica tão bem aos pretos, sobretudo aos jovens que, sem exaggero, me parece que não se podia inventar para elles vestuario mais proprio e elegante. Ha, porém, um certo numero de ornatos que usam, principalmente as mulheres, que por sua vez lhes imprimem um cunho de fealdade e hediondez tão repugnante que chegamos a sentir nauseas deante de taes figuras.

Quem uma vez pisou as terras de Africa e se acostu-

mou a ver os pretos em todos os trajés, ou, não sei se diga, em todas as formas de nudez, e ornados de tudo quanto sua grosseira esthetica pôde inventar para desfear a natureza, não lhe causa a minima surpresa as horrendas figuras que continuamente depara nos caminhos, á porta das palhotas e cantinas, nas attitudes mais extravagantes, ou atroando os ares e amedrontando as feras com seus estrondosos batuques, que aos nossos ouvidos tão desagradavelmente sôam a primeira vez que os ouvimos. A gente chega a acostumar-se de tal maneira com toda esta vida, usos e costumes cafreaes, que finalmente nos parecem tão naturaes, e ás vezes tão poeticos e bellos, que a impressão que recebemos pouco se differença da que nos dão os usos e costumes, os cantos e danças do nosso povo aldeão.

Mas quem, desconhecendo inteiramente os povos negros, entrasse a primeira vez por esses sertões dentro, e deparasse com uma multidão de cafres em todos os seus trajés e variedade de ornatos extravagantes, cobrindo-lhes o corpo cheio de pinturas, desenhos e adornos phantasticos, ficaria certamente transido de pavor e susto, parecendo-lhe ver phantasmas e não homens!

A prova do maior grau de civilisação dos invasores sobre os *tongas*, principalmente de Manukose em diante, é o grande esforço que esses povos empregaram para substituir seus costumes grosseiros por outros mais polidos. Mas no conflicto das guerras e nas vicissitudes da sorte, que nem sempre os protegia, viram-se muitas vezes os conquistadores obrigados a adoptar os costumes dos vencidos para de algum modo se confundirem com elles e escaparem ás represalias a que os expunha o direito do mais forte.

Com o andar do tempo foram-se misturando os usos de vencedores e vencidos, e hoje encontram-se reliquias de tres ou quatro civilisações distinctas, de que cada um usa e abusa segundo o seu gosto e vaidade.

Um dos usos mais antigos e que chamam mais a attenção, é a *tatuagem*, anterior talvez á primeira grande invasão, e á qual os conquistadores tiveram de submeter-se por causa da mofa dos naturaes.

A' tatuagem era submettida toda a gente moça, rapazes e raparigas, mas sendo nestas mais exagerada que naquelles.

Eis no que consistia esta operação hedionda e horri-
vel, mas para elles objecto de luxo e ornato principal do
bello sexo:

Levantam a pelle com os dedos e com uma navalha
bem afiada cortam-na de diferentes modos e com pro-
cessos mais ou menos especiaes. Esta ferida, depois de
cicatrizar, forma uma saliencia muito pronunciada, quasi
sempre conica ou imitando um botão. Algumas vezes
repetem a operação durante muitos dias seguidos, ou-
tras só depois de cicatrizar, sempre com o fim de tornar
o enfeite mais saliente e apreciavel, usando outros cer-
tas mezinhas para cicatrizar as feridas e produzir effei-
tos mais radicaes. Estas protuberancias são dispostas
nas faces, na testa, no queixo, e noutras partes do corpo,
em linhas parallelas, em angulos diversos, ou imitando
figuras extravagantes ao gosto e capricho de cada um,
em todas as partes do rosto. Este uso era mais univer-
sal antes da invasão Manukose, e quando um joven pe-
dia uma donzella em casamento, a desposada era entre-
tanto submettida á operação da tatuagem, em que ficava
horrendamente desfigurada, mas então incomparavel-
mente bella e linda aos olhos do pretendente!

Os homens não se apuravam tanto; apenas pratica-
vam uma ou duas series de protuberancias na linha
mediana do rosto, e a maior parte das vezes com o oleo
de caju.

Hoje ainda se encontram muitos vestigios desta pra-
tica hedionda e cruel, mas o que sobretudo está em vi-
gor é a tatuagem no peito e abdomen, no que consiste
a principal belleza e atractivo nas mulheres, segundo
elles dizem. Quando se lhes pergunta porque andam as
mulheres inteiramente nuas da cinta para cima, respon-
dem com a maior naturalidade: «Então como pode ho-
mem saber se mulher é bonita?» E se inquirimos no
que consiste essa belleza e formosura, dizem que nos
golpes e cicatrizes, que nos causam a mais extranha
repugnancia.

E effectivamente na tatuagem do peito e abdomen,
o mais esquisito e bello ornato que uma preta pode
apresentar aos olhos de seus pretendentes, que se ma-
nifesta toda a hediondez desta pratica repugnante. Che-
gam a apparecer com o abdomen inteira e totalmente
crivado de protuberancias do tamanho de azeitonas

gradas, e até mais volumosas ainda, dando ideia de uma calçada feita de cascalho miúdo! Imagine-se que martyrio não será o de uma pobre criatura durante o periodo desta operação tão delicada e dolorosa! Sae-lhes cara a formosura que com tanto empenho procuram! Tão cara como ás formosas europeias o tyrannico e absurdo espartilho!

Uma destas desgraçadas observei eu na occasião da operação, que toda se contorcia e desmaiava com a vehemencia da dôr! Era um espectaculo horrivel, que não pude ver terminar, porque, só vê-lo, me causava afflicção! Era uma rapariga dos seus dezoito ou vinte annos, livida e chorosa, manifestando um soffrimento horrivel, sentada no chão diante de um sinistro e cruel operador, que com uma especie de pequenino cutelo lhe rasgava uma profunda chaga no peito direito. A pobre rapariga, lacrimosa e quasi desfallecida, rodeada doutras mulheres que a procuravam consolar, mostrava-se paciente e resignada, emquanto o estúpido selvagem, com um sorriso alvar nos labios, parecia querer indicar aos circumstantes as suas grandes qualidades de perito operador.

Os zulos, se algumas vezes se viram obrigados a adoptar este costume dos vencidos, foram não obstante sempre intransigentes adversarios duma pratica que de modo algum condizia com os seus proprios usos, muito mais polidos, nem com o conceito que formavam da belleza. Em compensação introduziram no meio dos *tongas* uma pratica que não prima certamente pela elegancia. Consiste em furar á navalha o lobulo da orelha, introduzindo-lhe um pequeno canudo de canna que ahi fica até cicatrizar o golpe. Nesses buracos introduzem depois os objectos mais diversos, alguns muito volumosos, que lhes servem de ornato, e são elles tambem um dos principaes distinctivos do povo zulo. Nas ultimas guerras do Gungunhana havia pela costa muitos indigenas a quem faltava esse signal. Eram objecto de grandes perseguições dos vatuas, e, uma vez vencidos, obrigados a praticar essa incisão. Hoje é ella inteiramente arbitraria, e muitas creanças já apparecem com as orelhas como Deus lh'as deu.

Além da tatuagem e furos nas orelhas usados pelos indigenas para se aformosearem, ainda teem outros mo-

dos de fazer resaltar sua *belleza natural*, tão diversos e caprichosos como os rostos dos individuos.

Comecemos pelo *bello sexo*. Uma *senhora* indigena, que pela tatuagem converteu o abdomen na carapaça de uma tartaruga prehistorica, ou de um *tatú* tem outros meios de se alindar. Possui uma tinta, especie de almagre, oleosa e persistente, com que besunta todo o corpo que fica como *pau Brazil* bem polido e envernizado.

E' usado por jovens e crianças de ambos os sexos, e por todas as que podem, nas occasiões mais solemnes em que se hão de exhibir em publico.

O cabelo curto e encarapinhado é tambem impregnado dessa tinta, tomando a mesma côr. Segue-se então o penteado peculiar dessas cabelleiras embodegadas e repugnantes. Com um ponteiro, um graveto ou mesmo com os dedos, levantam o cabelo todo para cima e dividem-no quanto podem, apresentando assim a cabeça o aspecto de uma grande borla de pedaços de barbante, com um nósinho na extremidade, e de um vermelho térreo muito luzidio. Outras deixam-no correr para baixo, talvez por ser operação mais facil. Além disso prendem aqui e ali no cabelo pedacinhos de pano e de metal, de côres e feitios diversos, ficando então de um aspecto realmente curioso e em certo modo elegante. Os homens tambem as imitam ás vezes.

Os braceletes são um ornamento dos mais usados entre ellas. São grandes argolas de metal amarello, de cobre ou de ferro, que se ajustam tão bem aos pulsos e braços como ás pernas. Encontram-se mulhersinhas tão carregadas desse adorno que até faz admirar como podem com tão pesada carga. Vi muitas que levavam mais de quarenta ou cincoenta em cada perna e igual numero nos braços. Cada argola de dois millimetros de grossura, e todas por cima umas das outras, cingindo as pernas ou os braços, cobrem ás vezes mais de um palmo de extensão e cálculo que cada feixe não deve pesar menos de um kilogramma. Muitas vezes vão arastando com grande difficuldade umas pernas desmesuradamente grossas e já tão pesadas por esses enfeites tão pouco estheticos.

Algumas, por mais pobres e modestas ou menos vaidosas, levam apenas quatro ou seis, e ás vezes só um

destes braceletes, em cada perna ou braço, havendo-as que não possuem mais que um e outras nenhum. Meninas, muito pequenas ainda, também apparecem não poucas vezes carregadas de argolas e braceletes.

Nos dias de festa, nos grandes batuques ou quando ellas pretendem evidenciar a sua formosura, todos esses feixes de argolas são perfeitamente areados e polidos com areia e agua, capazes de reflectir os mais puros raios do sol.

Antigamente todo o joven que se queria casar devia offerecer no dia do matrimonio um certo numero de braceletes aos parentes da desposada. Essa entrega era feita pelos amigos do noivó ou paranympnos, que entravam na aldeia da noiva ao som de uma canção popular, cujo sentido é este:

O que é que discutis com tanto ardor?
Somos filhos da desgraça!
Que é pois o que discutis?
Aqui tendes um annel...
Ide já offerecê-lo
Aos que rasgam nossa pelle.
Oho! oho!

A donzella tomava então o presente e ia dá-lo a seus paes, realizando-se logo o casamento sem a minima opposição.

Os homens também apreciam este genero de luxo, e alguns trazem nas pernas e nos braços bom numero de argolas, mas entre elles não é frequente como nas mulheres. O que cultivam mais são os ornatos da cabeça, no que ha particularidades dignas de se contar.

Antigamente usavam uns discos de metal polido, collocados na cabeça em forma de diadema, e também nos braços a modo de grandes pulseiras; e um objecto destes offerecido pelo chefe aos grandes da sua côrte, era a maior honra que se lhes podia fazer, e um distinctivo especial dos grandes guerreiros e paes da patria.

Hoje está inteiramente substituido por uma especie de coroa ou diadema de cera negra e polida, preso aos cabellos por meio de uns ponteirinhos preparados para tal fim. E' ainda muito usado, principalmente pelos ultimos partidarios de Gungunhana e mais proximos descendentes dos zulos.

A *tonsura*, que elles praticam de varias maneiras, é um dos usos mais generalizados entre estes povos. Uns rapam a cabeça toda deixando apenas uma marrafa na parte superior do frontal, outros deixam a mesma porção de cabello a um dos lados da cabeça rapando todo o restante. Outros talham uma coroa ou circulo absolutamente igual aos dos capuchinhos, barbeando a cabeça por baixo e por cima. Tive occasião de observar esta operação num regulo que veiu com muita de sua gente visitar a nossa missão. Todos sentados no chão, um dos da comitiva começou a frizar a coroa do regulo. Depois, com o sabugo de uma maçaroca de milho, besuntou, não sei com que ingrediente, as partes inferior e superior da cabeça de alcatrão do seu soberano. Feito isto começou a barbear com uma espatulasinha de aço muito afiada, deixando unicamente a coroa muito redonda e bem talhada. Outros praticam esta operação ao contrario, como os frades dum dos ramos dos bernardos, isto é, rapam um circulo de cabello em volta da cabeça conservando o restante.

Tambem os ha que fazem uma coroa igual á dos clerigos, e destes havia perto da missão um preto antigo e venerando como um patriarcha do velho testamento.

Muitas vezes perguntei a mim mesmo qual seria a origem deste uso tão espalhado entre os pretos, e que foi sempre um dos costumes das ordens monasticas da Edade-Media. A razão deve ser a seguinte: Com os conquistadores iam sempre missionarios para catechizar os povos conquistados, e esses missionarios eram ordinariamente membros de alguma ordem monastica. Ora os pretos, como succede com todos os povos selvagens, procuram imitar o que observam naquelles que julgam superiores a si mesmos, e como os missionarios eram os que mais se entranhavam nas suas selvas e mais conviviam com elles, é natural que dos mesmos fossem apropriando alguns costumes, sobretudo aquelles que mais excitavam a sua curiosidade e instincto de imitação. Isto seria talvez a origem das diferentes formas de tonsura usada pelos indigenas.

A tonsura é tambem um signal de luto, e consiste em rapar a cabeça toda deixando apenas uma faixa de cabello, de uns 3 ou 4 centímetros de largura, no

alto da cabeça desde a testa até á parte superior do occiput.

Ainda existem outros modos de tonsurar a cabeça, com fins diversos e mais ou menos significativos.

Usam tambem muito de certos ornatos ridiculos e supersticiosos, com o fim de afugentar feitiços, no que pouco se differençam do nosso povo rude e supersticioso. Collares e pulseiras de crinas de cavallo e da cauda de bois, vaccas e bufalos, feixinhos de pontas de cellulose, imitando chifres ou dentes de animaes, ou simplesmente alguns pedacinhos de canna, pendurados em volta do pescoço e das orelhas, são cousas indispensaveis para os perseverar de certas influencias occultas, nem é possivel persuadi-los da nulla efficacia desses objectos de superstição.

Um dos ornatos mais estimados destes cafres é a *missanga* de que fazem pulseiras, collares e muitos outros enfeites.

Alguns, os mais ricos ou vaidosos, chegam a trazer grandes meadas de continhas de vidro de todas as cores, enfiadas em cabellos da cauda de cavallos e bufulos, ornando com ellas os braços, o pescoço, as ancas, as pernas, o cabello e o vestuario, já sejam homens ou mulheres, principalmente na occasião dos grandes batuques, quando querem exhibir sua belleza e luxo, e quando pretendem accender ou alimentar o fogo sagrado do amor.

Todos esses enfeites compram elles ordinariamente já preparados a seu gosto, que a especulação commercial bem conhece; mas tambem não é raro comprarem a missanga em grandes meadas para em suas palhotas prepararem com todo o vagar mil objectos diversos e ornar outros que deste modo tomam a seus olhos um valor inestimavel.

Entre outros objectos que vi inteiramente cobertos de missanga foram varias cabaças pequenas, de um a dois litros de capacidade, que elles trazem a tiracolo quando podem haver a competente pinguinha que tanto os conforta e anima. A missanga, de quatro a seis cores diversas, em fios delgados e fortes, ou crinas de cavallo e bufalo, constituia um tecido primoroso, cobrindo-lhe toda a superficie em combinações regulares e artisticas, de desenho elegante e agradavel á vista. Este

tecido requer uma grande paciencia porque á medida que o vão executando põem em cada nervura das malhas uma continha, sugeitando-a logo por um nó simples, não ficando um unico intervallo sem contas.

Na Beira, onde os naturaes são um pouco mais civilizados, deram-me uma pena de escrever assim coberta de missanga. Ahi vi tambem varios instrumentos de musica cafreal enfeitados de missanga e conchinhas, tudo tão bem combinado e artistico que era uma maravilha. O principal era um pequeno teclado de laminas de aço, de quinze a vinte notas perfeitamente afinadas, ajustadas a uma peça de madeira finamente trabalhada, que elles tocam com as unhas dos dedos pollegar e indicador, com muita rapidez e harmonia, tendo por baixo do instrumento metade duma cabaça para reforçar o som. Esta é a parte mais visivel do instrumento e é nella que estes artistas executam primorosos trabalhos de bom gosto com missanga e conchas muito lindas e coloridas, agrupadas de diversas maneiras, e aptas a produzir pelas vibrações do instrumento varios sons que modifiquem o principal.

Todos estes cafres fazem muito uso para seu adorno duma especie de trança de fios, duns quinze centimetros de comprido por um e meio de diametro, igualmente coberto de missanga. Trazem-nos pendurados aos vestidos, ás vezes em numero de trinta e mais, mas é mais commum trazerem apenas dois ou tres, suspensos por uma das extremidades, e na outra a casca dura de certas fructas do mato, em cuja cavidade guardam o rapé.

8—Saudações e cumprimentos

Os pretos são geralmente muito cerimoniaes para com os grandes da sua raça e para com os estrangeiros. Alem disso teem, como nós, um grande numero de saudações com que se cumprimentam mutuamente, mas de que não fazem tanto uso como nós, ainda que ás vezes as fazem tão rasgadas, que mais parecem uma solemne ovação que simples cumprimento.

É' communissimo passarem os pretos uns pelos outros, bem como junto dos brancos, sem proferir sequer uma palavra nem um gesto, e isto sem outro motivo que a sua natural rudeza e estupidez, á qual accresce muitas vezes para com os brancos um grande temor que delles teem, e então limitam-se a afastar-se para o lado sem dizer palavra.

O mais usual, porém, é saudarem-se e correspondem-se mutuamente de varios modos e com muitos salamaleques, de que os brancos participam não pequena dóse

As saudações verbaes mais em uso, são: *Xàuâne*—bons dias—á chegada; *Sâlâne, fambâne, mukâne*—adeus, vai-te embora—para se despedir. Quando se dirigem aos regulos ou pessoas de respeito, acrescentam-lhes as palavras *hosi* (rei), *baba* (pai), e se é branco podem substituir estas por *mulungo* (branco), que é termo honorifico. Muitas vezes quem recebe a saudação li-

mita-se a dizer simplesmente: *yá* ou *ipsona*, isto é: *sim*, *está bem*, significando com isto desejar ao interlocutor as mesmas venturas espressas na sua saudação. Outras vezes exprimem este desejo por um som guttural característico, acompanhado por um gesto dos olhos e da cabeça muito expressivo.

Aos grandes regulos, governadores e personagens de elevada cathegoria, a quem querem distinguir dum modo especial, saudam-nos com a expressão *bàéta!* que é a de mais significação e respeito que conhecem. Em taes casos esta saudação torna-se uma manifestação imponentissima, correspondida por milhares de negros que concorrem de toda a parte, os quaes, dividindo-se em duas estensas fileiras, deixam passar o personagem pelo meio, e num unisono colossal retumbam as collinas com seus entusiastas e prolongados *bàétas*, parecendo-nos assistir ao viverio das nossas grandes manifestações populares.

O que é mais interessante nestas saudações são os gestos muito significativos que as acompanham e que não poucas vezes as substituem inteiramente. Em regra todas aquellas expressões que apontamos são acompanhadas dum rapido abrir de olhos, estendendo ao mesmo tempo um pouco a cabeça para deante e produzindo um pequeno som guttural pela aspiração do ar. Tudo isto é simultaneo e rapido.

Quando são homens que saudam a outros de respeito e auctoridade, ou lhes querem tributar essas honras, levantam o braço direito por cima da cabeça ao mesmo tempo que lhes dirigem o cumprimento. do estylo. Outras vezes no momento de dirigirem a saudação ou de a receberem de alguma pessoa de consideração curvam-se um pouco, estendem as mãos para diante e juntam-nas á altura do peito, batendo tres ou quatro vezes uma na outra sem fazer estrondo.

Nas viagens ao matto é muito frequente encontrar grandes bandos de pretos sentados pelas bordas dos caminhos ou junto das cantinas. Então, quando um branco ou auctoridade indigena se chega junto delles, levantam-se geralmente todos abrindo-lhe passagem pelo meio, e, levantando o braço, proferem simplesmente—*hosi (rei)!* Outras vezes é mesmo sentados que dirigem esta saudação. Se, porém, um branco passa armado, ainda que com os intuitos mais pacificos, então é

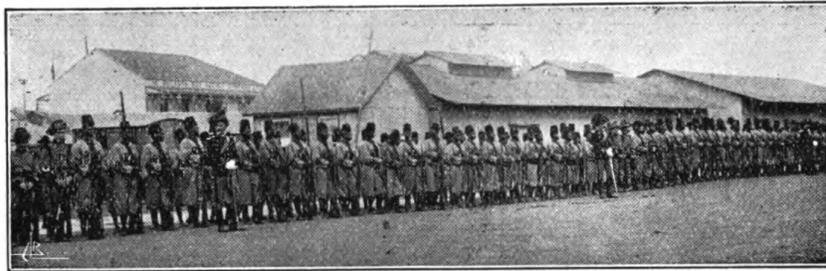
uma verdadeira aclamação, seguida de todos os gestos e formulas de saudação mais humildes.

Uma das manifestações mais interessantes a este respeito é a que elles fazem, quando um branco, por um motivo qualquer, lhes dá vinho ou outra cousa para elles repartirem entre si. E' sabido que uma cousa destas é infallivelmente repartida logo ali entre um grande numero de amigos. Se a dadiva é pequena, ficam contentes certamente, mas limitam-se a agradecê-la directamente a quem a deu. Se é grande e os satisfaz, a cousa corre geralmente de outro modo. Sentam-se todos em volta do objecto, cheios de alvoroço, e é aos quatro ventos que dirigem a saudação, convidando todos os povos das tribus visinhas, ali representadas em cada um dos commensaes, que do fundo de suas florestas dirijam os mais rasgados cumprimentos á magnanima liberalidade do seu bemfeitor. Eis como elles procedem: Acorados todos em circulo, levanta-se o mais eloquente ou o mais fallador, e, num discurso longo e muito emphatico, começa a ponderar o valor da dadiva e por ella deduzindo as virtudes do dante, convidando por isso os circumstantes a dirigirem-lhe os mais rasgados e affectuosos cumprimentos, que elles exprimem logo com um som guttural, uma especie de urro de approvação, cujo conjunto faz lembrar o rugido do leão repercutindo no interior dum subterraneo. Esta é a primeira parte do discurso. No mesmo instante, voltando-se e estendendo o braço para um dos pontos cardeaes, continua abraçado em entusiasmo, pouco mais ou menos da seguinte forma: «Habitantes destas povoações, aqui representadas em muitos de vossos filhos, sauda a liberalidade, a magnanimidade, a bondade do *branco*, do nosso pae e rei!» Immediatamente um urro geral de approvação repercute em todo o auditorio. Isto repete-se até percorrer todos os pontos mais povoados do horizonte, sempre com grande eloquencia e fogo de entusiasmo e uma verbosidade extraordinaria. Acabados os brindes sentam-se todos e começam a repartir a dadiva.

Noutras regiões, principalmente para o norte de Sofala, ha outras saudações peculiares que me parece terem origem em antigos costumes portuguezes introduzidos pelos missionarios ou colonos primitivos. Os principaes são a *continencia* e o *rapa-pé*.

A primeira assimilha-se muito á *continencia* militar, que elles fazem levantando a mão á testa, como os soldados desageitados, tirando primeiro o barrete ou o chapéu os que o usam. Esta saudação é muito generalizada nos territorios da Beira.

A outra é mais interessante e decerto a mais portugueza. Neste caso ou dirijam ou correspondam á saudação procedem sempre do mesmo modo. Param e *rapam* com os pés o solo, primeiro com um e depois com o outro, acompanhando cada movimento com uma pequena inclinação. Quando recebem qualquer coisa que lhes agrada é tambem deste modo que a agradecem. E' muito usada pelas pessoas mais idosas e ainda por todos os mais conservadores ou que teem tido menos contacto com os europeus.



52 — Columna de soldados indigenas

9— Emigração e principaes misteres dos emigrados

E' muito notavel a extraordinaria emigração, ainda que temporaria, da maior parte dos povos da nossa provincia para os trabalhos das minas do Transwaal. Principalmente desde as alturas de Inhambane para o sul, e em tanto maior percentagem quanto mais proximo estão do Transwaal, todos os dias embarcam levas e levas de pretos para o seu *Brazil*. As regiões de Inhambane e Gaza são as que dão maior contingente desses obreiros voluntarios. Pela barra do Limpopo sahem todas as semanas regularmente de seiscentos para cima, e entram quasi outros tantos já de volta das minas. Das partes do norte chegam todos os quinze dias muitos centenaes delles. Numa viagem que fiz da Beira para Lourenço Marques, só no pequeno vapor costeiro que nos levava iam nada menos de mil e duzentos indigenas para as minas, e este movimento é constante durante todo o anno.

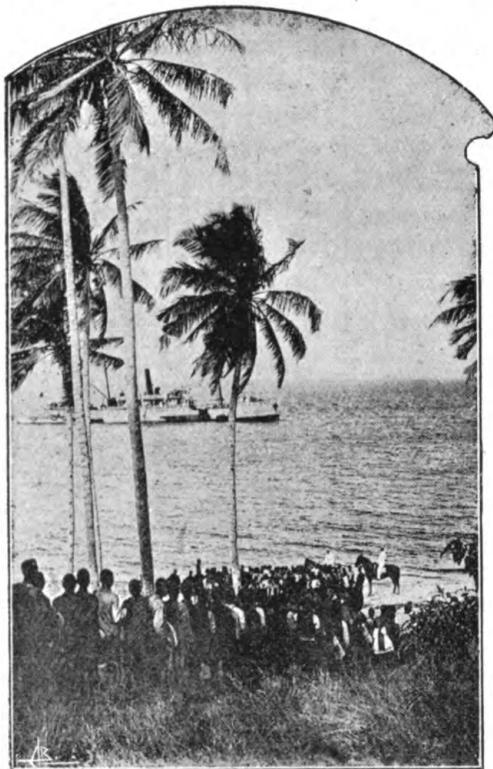
A sua permanencia nas minas, por mutuo contracto entre os dois governos interessados, ⁽¹⁾ é regularmente de um anno, podendo ser tambem de seis mezes, dois annos ou mais conforme a vontade mais ou menos *expressa*, dos pretos.

(1) Quando isto escrevemos ainda não existia o novo contracto luso-transwaliano de que tanto se fallou nas camaras e na imprensa.

Para os recrutar ha espalhados por toda a provincia grande numero de *acampamentos*, com funcionarios inglezes bem pagos, com direitos muito amplos, de que não poucas vezes abusam descaradamente, os quaes por sua vez teem ás suas ordens um certo numero de engajadores, inglezes, portuguezes ou de outra nacionalidade, que os vão attrahir e buscar ao matto, muitas vezes por processos pouco honestos e humanos.

Entretanto é preciso dizer que a grande maioria dos emigrados corre ao Transwal por sua liberrima vontade, attrahidos pelas libras que lá hão de juntar, á custa dos mais rudes sacrificios, é certo, e não raro da propria vida debaixo do entulho das minas, mas que a perspectiva de um futuro descançado e feliz adoça e sua-visa.

O jornal de cada operario anda por umas tres libras ao mez, alem do sustento quotidiano, sendo ao mesmo tempo obrigadas as companhias engajadoras a tratá-los com humanidade e indemnizar á familia a perda dos que acabaram desastradamente nas minas. Estas clausulas, porém, são facéis de illudir por muitos e variados processos. ⁽¹⁾ O principal é logo na fronteira dos respectivos territorios, onde as auctoridades portuguezas fazem



53 — Embarque de *magaiissas*

(1) Quando terminava a impressão deste livro havia já saído á luz a magnifica obra de Francisco Mantero — *A Mão d'Obra em S. Thomé e Príncipe* — brilhante resposta ás calumnias dos chocolateiros inglezes, onde se mostra bem claramente a diferença de tratamento dado aos pretos por inglezes e portuguezes.

ás inglezas a entrega desses rebanhos de humanidade inconsciente. Ao fazer-lhes o recenseamento, aquellos inglezes, cheios de febril actividade, não esperam que os pretos digam o seu nome, o chefe a que pertencem, e a povoação da sua naturalidade, um por cada vez. E' um barulho, uma desordem indiscriptivel que muito lhes convem, e sem perda de tempo lá vão escrevendo num inglez indecifrável uma baralhada de nomes como elles os intendem, numa confusão tal e com uns sons tão desconhecidos, que afinal é impossivel em qualquer tempo verificar a identidade dos recenseados. Outras vezes são elles que lhes põem os nomes, como se fossem gado de feira, e os pretos, que geralmente preferem ser conhecidos por um pseudonymo qualquer, ficam



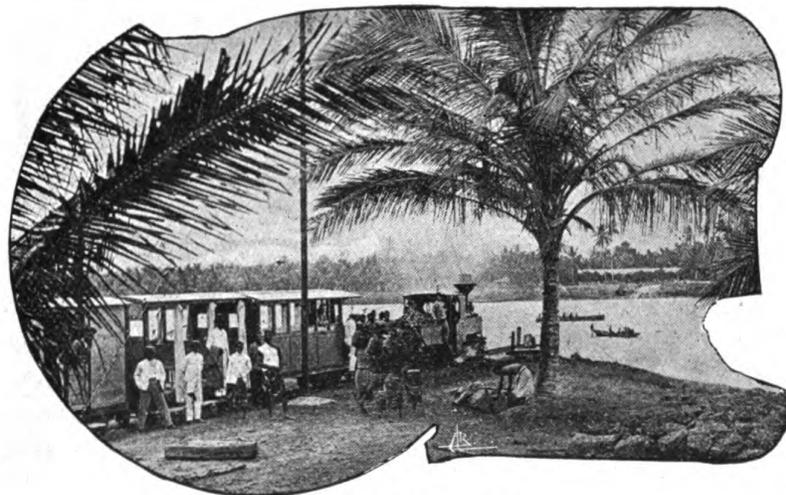
54 — Transporte em *maxila*

satisfeitos com essa nomenclatura arbitraria e nem sequer sonham quanto ella lhes será funesta. Esta ás vezes é a dos numeros, como se pratica com os soldados, e assim nunca chega uma leva de *magaissas* que entre elles não venha algum *Faifetine*, um dos nomes que melhor sôam aos ouvidos destes pretos.

O facto dá-se, e, se nunca pude observar todas aquellas particularidades, muitas vezes as ouvi contar a varios colonos que as teem presenceado, e que dellas teem pleno conhecimento.

Daqui resulta que de cem pretos que foram para as minas, dez ou vinte não apparecem mais, ou só appare-

cem muito depois de findo o praso do contrato, e as familias que os perderam não podem ser indemnizadas, por não concordarem com as suas as informações dos registos, e tudo isto é lucro para as companhias que se servem delles, porque poupam cada anno alguns milhares de libras. E esta segurança junto ao desprezo que os inglezes votam pelas raças inferiores, apesar do seu decantado humanitarismo e do grande interesse que tomam pelos que estão ao serviço das outras nações, faz que muitos desapareçam para sempre sem mais responsabilidades para quem as tomou, e tão serias, em força dos contratos que existem e dos mais simples principios humanitarios. Para os recrutar tambem usam, sempre que podem, de processos pouco lisos, porque



55 — Carregadores indigenas

o preto, emfim, só quando serve aos outros é um homem como nós, (os inglezes) senão superior; fóra diso é um animal que não merece commiseração! Quantas vezes eu vi alguns daquelles senhores, a quem um preto puxava no seu *rikshaun*, descer do carrinho e atirar com o dinheiro para o chão sem sequer se dignar olhar para o repellente filho das selvas!

Um portuguez é geralmente mais humano e a sua philantropia mais sincera e sublime; serve-se do preto, mas paga-lhe com bôa cara, entrega-lhe o dinheiro na propria mão e não se sente humilhado por isso! Só é de

lastimar que um ou outro degenerado forceje por imitar aquelles, para se inculcar como mais intellectual e menos *selvagem!* Eu prefiro ser do numero dos *selvagens* que descem até ao selvagismo das raças inferiores para as levantar e ennobrecer.

Contaram-me em Chai-Chai, que offerecendo um en-gajador algumas libras a certo commerciante para este lhe ceder alguns pretos que tinha ao seu serviço, e embarcá-los subrepticamente para o Transwaal, o dito commerciante não oppôz a minima difficuldade. Chamou os seus serviçaes ao vapor dizendo-lhes que iam descarregar mercadorias. Elles foram, como era natural, mas tanto que entraram no vapor este levantou ferro e aproou a Lourenço Marques de onde deviam partir para o Transwaal. Isto entre negreiros de sinistra memoria está muito bem, mas que o façam pregoeiros da liberdade, fraternidade e progresso, é simplesmente revoltante!

Em todo o caso é possível que se exaggerem um pouco as coisas, e que não sejam, como se diz, tão tristes as condições dos pretos nas minas, porque, sendo elles tão inimigos dos maus tratos e tão communicativos com seus irmãos, ha muito tempo que teriam desviado bastante essa corrente de emigração, pois em todos os recantos dos sertões se sabem logo todos os pormenores da sua vida no *estrangeiro*, á medida que vão chegando. Comtudo, esse movimento migratorio tende antes a subir, o que tambem se explica pela necessidade sempre crescente que os indigenas teem de dinheiro, á medida que se vão civilisando, não só para a compra das mulheres, mas para a aquisição de varios objectos de luxo e regalo que até aqui desconheciam. As vias principaes que ligam a barra do Limpôpo com o interior teem assim um movimento espantoso de infinitas levas de indigenas, que vão e véem num fluxo e refluxo permanente, retumbando as selvas com suas canções populares de tristeza e saudade, quando vão, ou de esperança e regosijo, quando chegam. E' uma nota característica destes pobres negros. Amam as suas selvas, os seus batuques, a vida remansosa de suas aldeias e palhotas, o ceu que os viu nascer; mas a necessidade os obriga, e assim vão, tristes, mas cantando, na esperança de um futuro risonho e descansado.

E' a este povo fluctuante que chamam *magaissas*, e são elles actualmente a unica riqueza de Gaza, a unica fonte de receita e sustentaculo das *duas mil e tantas* cantinas que pejam os seus sertões.

Effectivamente o Transwaal é o verdadeiro Brazil dos *magaissas*, e estes, quando de lá voltam ás suas terras, são todos ricos e opulentos senhores. Senão vejamos.

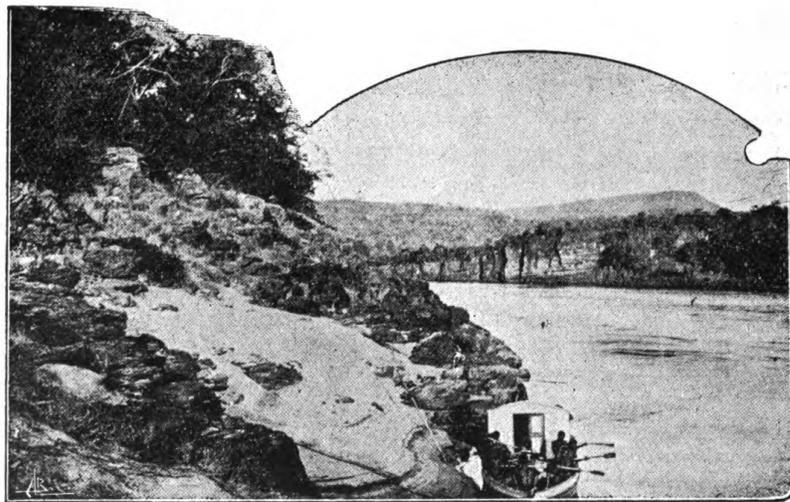
Um preto, nas minas, ganhando tres libras por mez, tem no fim de um anno trinta e seis libras livres de encargos. Metade pelo menos torna para as mãos dos inglezes e de quantos commerciantes encontram até ás suas terras, em troca de pannos, lenços, missanga, uma infinidade de miudezas que os fascinam, e que lhes impingem á má cara, havendo assim commerciantesinho estabelecido nos caminhos dos *magaissas*, que, por varios processos que apontarei noutro logar, tira grandes lucros e chega a juntar fortunas rasoaveis.

Ficam, pois, desoito ou vinte libras que ainda chegam para muita coisa. Dôze ou quinze libras, alguns cabritos, pannos, brinquedos e grande parte da mercadoria que trazem, que é bem avaliada por elles, é o preço de uma mulher. O resto é para festas e folias do casamento, as quaes duram emquanto resta o ultimo *musuruko*. Até ahí é um brasileiro no meio dos seus concidadãos, e anda sempre rodeado de amigos junto das cantinas; depois desce á cathegoria que de direito lhe pertence, mas fica sendo chefe de familia e ainda mais rico que dantes, porque tem tantas propriedades quantas appetee, e sobretudo quem trabalhe e cuide de tudo o necessario á sua sustentação e perpetuo ocio de bemaventurado. Para elle findaram, com o casamento, todos os trabalhos e cuidados da vida: agora começa o descanso e lôgro della. E' essa a grande preocupação da juventude e o maior incentivo que os leva ao Transwaal, não raro duas e tres vezes, para assim augmentarem cada vez mais as suas rendas; porque um preto em casa da familia, tendo mães e irmãs que o sustentem, é apenas remediado; tendo uma mulher, é rico; com duas ou tres e mais, se fôr possivel, é um millionario dos sertões.

Das conveniencias ou inconveniencias que para o nosso dominio resultam desta emigração pouco sei. Quem menos sympathisa com ella são aquelles a quem

muitas vezes faltam operarios para seus trabalhos particulares.

Attentas, porém, as circumstancias actuaes de Gaza, sem explorações agricolas nem mineiras, sem nenhum ramo de actividade que empregue os braços dos indigenas e sem outra fonte de receita que o dinheiro dos *magissas*, a emigração parece-me bastante vantajosa para todos. Por uma parte os pretos acostumam-se a ver mundo, ao contacto dos progressos da civilisação, chegam mesmo alguns a instruir-se nas escolas inglezas do Transwaal e a tomar um certo interesse pela vida; afazem-se ao trabalho, introduzem certos melhoramen-



56— Marinheiros indigenas

tos nas suas terras, á imitação do que viram fazer lá fóra, começam a estimar o luxo, a seu modo, bem entendido, mas que é sempre um incentivo de progresso. Por outra parte dez mil pretos que, durante um anno, cheguem do Transwaal, ainda que só tragam dez libras cada um, são *cem mil* libras que se espalham rapidamente nestas terras e que vão infallivelmente parar ás mãos dos commerciantes, dos operarios, da fazenda publica, pelo imposto de palhota, pelas licenças das cantinas, pelas multas e ainda por outros meios. O que é para lamentar é que tudo isto esteja mais ou menos abandonado ao capricho de exploradores muitas vezes

venaes e faltos de consciencia, e servir não raro aos inglezes de fazerem formidavel propaganda contra o nosso dominio.

Os emigrados não vão só para as minas. De toda a provincia affluem em grande numero aos centros principaes de actividade europeia. Todas as cidades do littoral estão cheias desses homens para todos os serviços. Os principaes misteres em que se occupam são os de criados de casa (*moleques*), carregadores, marinheiros e soldados, havendo-os que se empregam na tracção das pessoas nas ruas das cidades em carros especiaes.

Os pretos em geral teem notavel habilidade para os arranjos domesticos, depois de um breve tirocinio. Dão bons padeiros, optimos cosinheiros, lavam e engomam roupa com grande perfeição, trazem uma casa limpa e bem arrumada, servem á meza com muito acerto. São, é certo, muito descuidados na limpeza propria; se não andarem bem vigiados, embebedam-se sempre que podem e não teem o menor escrupulo de roubar quantas coisas encontram, principalmente de comer ou beber. O ponto é podê-lo fazer impunemente.

Em toda a parte os europeus e asiaticos occupam grande numero de mulheres indigenas nos serviços domesticos, mas em geral não é este o fim principal para que as levam para casa. Os moleques são geralmente recrutados entre os jovens de dez a vinte annos.

Os adultos pelo contrario empregam-se mais ordinariamente no tráfeço das cidades e dos portos de mar. As mercadorias, o carvão, tudo o que exige mais força e muitos braços no serviço quotidiano dos portos, é da competencia dos carregadores. Só o porto de Lourenço Marques dá que fazer a muitos milhares que, a maior parte das vezes, são trazidos das suas terras por intermedio dos regulos e chefes indigenas.

Na marinha tambem se emprega um grande contingente de indigenas, não só nos serviços mais pesados e



57— Moleque levando a comida para o patrão

humildes dos navios costeiros, mas em especial como remadores, timoneiros e patrões de todas as embarcações de pequena cabotagem. Os *macuas* principalmente teem aptidões excepcionaes para a marinha.

Como soldados não podem sobresaír muito, porque nem são geralmente escravos da disciplina, senão por medo, nem teem grandes aptidões para as manobras da táctica. Comtudo, além do contingente de soldados recrutados (Vide fig. 52), ha muitos voluntarios, e todo este contacto com outros povos e com outra civilização não póde deixar de os ir modificando a pouco e pouco, e fazendo substituir, ainda que muito lentamente, os seus pelos nossos costumes.

Um outro mister dos pretos em quasi todas as cidades desta costa oriental é a tracção de carros onde condu-



58 — Rikshauw

zem as pessoas de uns logares para outros. A esses carrinhos chamam-lhe *rikshauw*, que, segundo me disseram, vieram do Egypto. São carros muito leves, de duas rodas e dois varaes puxados por pretos. Ordinariamente vão dois a cada carro, um atraz e o outro aos varaes. Em

Lourenço Marques ha muitos centenares delles e é onde passeiam mais ordinariamente os europeus. Os pretos que os puxam caminham sempre a trote, excepto nas ladeiras muito ingremes, vendo-se algumas vezes numa só rua mais de uma duzia, correndo em todas as direcções, mas tão suavemente que nem se sentem. O que puxa aos varaes leva uma campainha que toca a todo o instante para avisar os transeuntes, que logo se retiram para os lados. O preço destas carreiras são uns 200 reis por kilometro, pouco mais ou menos. Os lucros, é claro,

são para os donos dos carros, que ás vezes formam companhias, e os pretos que em tal mister se occupam chegam a arruinar a saude.

Estes usam quasi sempre um uniforme especial e caracteristico. Os de Lourenço Marques vestem ordinariamente um calção de panno branco até ao joelho, uma blusa até á cinta, e um barrete encarnado na cabeça, de feitio especial e muito usado em toda a costa, principalmente pelos indigenas empregados do governo ou de qualquer modo ao serviço publico. Nas colonias inglezas do Cabo o seu vestuario é mais caprichoso e phantastico, trazendo ordinariamente na cabeça um barrete especial com dois pequenos chifres de boi (fig. 58).



59 — Os carros da Beira

Na cidade da Beira, cujo piso é de areia, os carros são modificados; teem quatro rodas, que andam sobre rails, que existem em todas as ruas, fazendo uma rede completa em toda a cidade. O uniforme e condição dos pretos que nelles se empregam é a mesma (fig. 59).

E' evidente a influencia que este contacto dos povos negros com os europeus exerce sobre os seus habitos, costumes, instituições e até na propria lingua. Não falarei das modificações que de dia para dia se vão accentuando mais, principalmente no vestuario, nas suas relações sociaes e individuaes, no seu modo de encarar a vida, nas suas aspirações a respeito do futuro.

Apenas notarei o que se passa com respeito á lingua. Sobretudo entre aquellas tribus que, por suas mais frequentes emigrações ou pela maior proximidade teem um contacto mais directo com as colonias europeias, a lingua é já um mixto de cafre com todos os idiomas fallado snestas costas, principalmente o inglez.

Não só são inglezes quasi todos os termos que significam um objecto de origem europeia, mas até muitos dos que significam coisas genuinamente cafreaes. Entretanto aquelles são tão transtornados que difficilmente podemos adivinhar a sua origem.

Assim *xipune* (colher), *foloko* (garfo), *xitimela* (embarcação), *makia* (chave), *bokiso* (caixa), e outras, são genuinamente inglezas. Pelo contrario *mapau* (pão), *maparato* (prato), *macomandante* (commandante), *xicola* (escola), etc., são de origem portugueza. As linguas árabes e indianas, cujos povos que as fallam, ha tantos seculos ahi vivem no meio delles, tambem teem deixado muitos vestigios, assim como de seus costumes e instituições.

Os pretos, por sua parte, são muito vaidosos de fallar uma lingua estranha, mas como teem tanta difficuldade em fallar as europeias estudam com mais esmero a de uma tribu longinqua e que elles teem em maior conta.

AGRICULTURA INDIGENA

1—As machambas

A propriedade dos indigenas é extremamente limitada e por vezes pouco definida. Além das mulheres, dos farrapos com que se cobrem, das suas pouquissimas produções, e da palhota que renovam quasi cada anno, os pretos nada mais possuem. As terras, as mattas, os prados, os rios, lagôas e fontes, tudo é commum, pertencem ao estado, de que o regulo ou chefe é a encarnação mais ou menos viva e effectiva. Por isso não ha entre elles capitalistas, assim como não ha verdadeiramente pobres, nem mendigos. Como as mulheres são a sua verdadeira riqueza, o maior ou menor numero dellas é que define o maior ou menor grau de prosperidade de cada um, mas nem essa riqueza comporta qualquer fausto, nem mais preponderancia social. O preto vive só para o dia presente, e assim é naquelle dia mais rico, quem mais e melhores alimentos grangeou, e o pobre que delles carece nesse dia assenta-se á mesa do rico como em familia, o qual no dia seguinte pode igualmente necessitar daquelle. Esta é a sua organização social pelo que toca á propriedade publica e particular.

As terras ninguem as quer senão só quanto basta para lhes produzir a alimentação quotidiana. Quando

as necessitam vão ter com o regulo ou chefe, que lh'as concede e lhes reconhece a sua posse, enquanto as cultivarem e explorarem, senão podem ser passadas a outros que as requeiram. Logo que um preto toma assim conta duma terra trata de a cultivar convertendo-a numa *machamba*.

Vou pois fallar das *machambas*, descrevendo em seguida os processos usados na cultura das principaes producções que arrancam ao solo, na criação de gado e ainda noutras industrias ruraes. Effectivamente a agricultura, no sentido mais lato, é o principal caracteristico da actividade destes povos da grande região do Limpôpo, que, como já mais de uma vez temos notado, são essencialmente agricultores, e todos os recursos á vida lhes vêem exclusivamente dessa arte admiravel chamada *agricultura*, unica que tem o poder de transformar a terra em pão, em carne, em tudo quanto o homem necessita para a sua alimentação e vestuario, e sem a qual todas as outras artes e industrias seriam absolutamente estereis e inuteis para a humanidade, como as moedas que só teem valor enquanto representam *pão* e *vestido*, perdendo, pela falta destes, todo o seu valor e passando á cathegoria de *documentos apocriphos*. Eis porque todos os povos primitivos desconhecem as *moedas*, as *letras*, no sentido de hoje, porque ignoram as vantagens que ellas trazem ás grandes transacções commerciaes, para só apreciarem no seu devido valor os productos do solo, as criações e transformações agricolas, que teem, sobre as precedentes, a vantagem de fazer felizes ao maior numero, sem fazer millionarios, nem juntar nas mãos de poucos, sommas consideraveis. Assim terão sido certamente durante seculos os povos desta região em geral, tão fertil e productiva, gosando de abundancia e felicidade nas multipas producções do solo, com o minimo de trabalho, e na criação de innumeraveis e bem nutridos rebanhos, que, em todas estas planicies e collinas, encontram sempre pastagens exuberantissimas e interminaveis. A tradição ainda está bem viva a respeito da grande riqueza destes povos em gado sem conta, nas grandes manadas de bois, nos rebanhos innumeraveis de carneiros e cabras, que, de envolta com os grandes herbivo-

ros selvagens, cobriam essas ininterruptas campinas verdejantes do valle do Limpôpo.

Referindo-me á industria agricola dos pretos desta região começarei pelas operações mais geraes de preparação do solo, a que chamam *ku-ri-ma*, que comprehende o desbravamento das mattas, a arroteia do solo, as ultimas operações e preparação do terreno, os trabalhos da sementeira, etc. O terreno submettido a estas operações é uma *machamba*, e equivale ás nossas fazendas, granjas, quintas, herdades, etc.

A indolencia e aversão ao trabalho (já o temos notado) é um dos caracteristicos especiaes dos pretos em geral. As mulheres, verdadeiras escravas, convictas e resignadas na sua condição social, são por conseguinte aquellas sobre quem pesam todos os trabalhos domesticos e do campo. As *machambas* e as diversas culturas indigenas estão inteiramente ao seu cuidado. Ora, se nos meios e processos empregados na extracção dos productos do solo, poucos ou nenhuns progressos se podiam esperar de povos em realidade tão barbaros, quanto mais estando todas as operações culturaes ao cuidado exclusivo da mulher, sobre quem pesam to-



60—Mulher cultivando o solo

das as responsabilidades da familia! E' ella que arroteia os campos, cultiva e prepara as *machambas*, semeia e dispensa todos os cuidados ás culturas, colhe os generos e os prepara para o consumo da familia.

O chefe é o administrador e o fiscal de tudo, e, quando muito, escolhe o terreno para a cultura e derruba as plantas selvagens, se se trata de uma floresta secular, e só em casos excepçionaes acompanha as mulheres nas laboriosas fainas do campo, querendo desse modo manifestar-lhes uma especial complacencia. Assim é impossivel por si proprios melhorarem os processos agricolas, tanto mais que as suas necessidades são limitadissimas, e mais que sufficientes para as necessidades da vida os fructos que a terra lhes dá com pouquissimo trabalho. Não tendo pois estimulo nenhum a augmentar e melhorar continuamente os productos do solo, nem aspirando a outra coisa que á mais imperturbavel e voluptuosa ociosidade, o progresso não tem razão de ser entre elles.

Entretanto o contacto com os europeus tem-lhes feito modificar um quasi nada seus processos agricolas, que elles ás vezes procuram imitar na esperanza de, com menos trabalho, alcançarem maiores lucros. Assim tambem se vão introduzindo algumas culturas antes em absoluto desconhecidas, o que prova que elles não são inteiramente refractarios ao progresso e ao aperfeiçoamento de suas industrias. O que faria se elles tivessem outros estimulos mais valiosos da parte dos governos a que estão sujeitos, como seria uma administração mais desinteressada e favoravel aos interesses indigenas, a ajuda e protecção ás suas industrias, estabelecendo-se mesmo premios especiaes aos que apresentassem melhores productos em exposições que se deveriam promover! Tenho a certeza de que todos lucrariam immenso, governantes e governados, e doutra sorte o progresso ha de ser tão lento que se tornará imperceptivel.

Apesar de tudo, estes povos, habitadores da grande região do Limpôpo, são exclusiva e eminentemente agricultores entre todos os da súa raça, e bem o provam nas muitas e grandes machambas que possuem, na criação de rebanhos, na extracção de bebidas de quasi todos os fructos cultivados e bravios, e em muitos outros productos do solo, de que vivem exclusivamente.

Para isso concorre certamente, não só a riqueza e fertilidade do solo, mas também a grande densidade da população, que não lhes permite sustentarem-se facilmente com os productos naturaes das selvas, obrigando-os a procurá-los no seio da terra que não é nada escassa para quem lhe dispensa algum trabalho e cuidados. Por outra parte as bellissimas e uberrimas pastagens que não teem fim, são um manancial inexgotavel do alimento que mais apreciam, nos numerosos rebanhos em que sempre foram tão ricos, mas que hoje vão diminuindo bastante por causas que indicaremos mais adiante.

O valle de Limpôpo, tão extenso como fertil, foi sempre o centro de attracção dos povos invasôres, sobretudo desde a invasão *bantu*. Naturalmente devia também ser ella a primeira região agricola mais seriamente explorada e daqui irradiaria para um e outro lado do Limpôpo. em toda esta região, a grande arte agricola.

Hoje a agricultura estende-se por todos os commandos de Gaza, M'Chopes e na margem direita do Limpôpo, onde as florestas teem sido derrubadas sem piedade e substituidas por innumeraveis machambas e campos cultivados sem conta.

A região agricola do Limpôpo divide-se naturalmente em duas partes—*Bilêne* e *Tavêne*.

O *Bilêne*—as terras baixas, a região dos pantanos e das lagôas—que constitue propriamente o valle do Limpôpo, é uma extensa planicie de alluvião, acarretada durante muitos seculos pelas aguas desse grande rio, que, em numerosas curvas, a percorre desde a sua origem até ao mar. O seu solo é essencialmente productivo, e tão inexgotavel como o das Lezirias do Tejo, cujos elementos fertilisadores lhe são continuamente renovados pelas cheias. Essa terra basta ser semeada e mondana continuamente de hervas ruins, que todos os dias se renovam de uma maneira espantosa, para produzir tudo em abundancia. Tem comtudo um grande senão estas terras. Compondo-se na maior parte de argila preta, de uma tenacidade extrema, difficulta immenso toda a casta de grangeios, e torna absolutamente necessarias, para as plantas não morrerem, as mais repetidas régas em temporadas de estio, operação sempre difficil onde não ha a mais insignificante queda de agua.

As inundações, que não são raras, também causam muitas vezes graves prejuízos.

O *Tavêne*, pelo contrario—a região das montanhas—requer em geral mais trabalho para dar produções menos abundantes e por vezes inteiramente falhas, pela falta de agua ou dos principios nutritivos indispensaveis ao desenvolvimento das culturas. Estes terrenos são geralmente siliciosos, muito pobres de argila, de cal e azoto. São entretanto muito fundaveis, homogeneos, regularmente humosos, e, quando o tempo lhes corre favoravel, produzem bem milho e outras novidades durante alguns annos seguidos, sendo depois abandonados e substituidos por outros. Desta sorte, percorrendo um pouco a região, não se vêem senão machambas abandonadas, a par de outras actualmente cultivadas, o que facilmente se conhece pelos innumeraveis renques de ananazes que as dividem em grandes canteiros de forma caprichosa, agora cobertos de capim e plantas selvagens, que bem denunciam a pobreza do solo pelos caracteres de sua vegetação rachitica e infezada.

Esta pobreza de terreno faz que o cultivem em maior escala, de onde vem também a mais rapida destruição das florestas. Observando desde um ponto elevado um panorama qualquer, é facil descobrir, por entre o arvoredo que ainda resta, o sitio das machambas actuaes ou já abandonadas, pelos troncos de arvores seculares branqueados pelo tempo, e que estão ali indicando os processos de cultura cafreal, em que, para fazer uma nova machamba, arrazam uma floresta inteira, deitando fogo a essas arvores gigantescas que não poderam derubar por falta de instrumentos, e que desse modo ahi ficam, ainda depois de mortas, attestando a sua antiguidade e fortaleza, bem como a impotencia e ignorancia de seus assassinos.

Por aqui se vê como transformam as florestas em machambas. Para isso escolhem ordinariamente as meias encostas mais ferteis, os valles e sobretudo as bordas dos pantanos e regatos, mas nunca se afastando muito das proprias cabanas. Então é uma derrota lenta e desordenada, mas radical. Com poucos e fracos instrumentos vão cortando arbustos e capim, e derrubando e esgaçando todas as pequenas arvores a cujos ramos e copa podem chegar. Ficam apenas a dominar aquelle

estendal sem limites nem contornos definidos as grandes arvores gigantescas e seculares. Passados alguns dias chega tambem a sua vez. Juntam então lenha e capim em grandes medas em volta das arvores que não poderam derrubar e, deitando-lhes fogo, reduzem tudo a cinzas. Esta operação tem para elles duas vantagens: fertilizar o terreno e fazer desaparecer, ou simplesmente seccar, essas grandes arvores que deixam de affrontar as culturas, ficando não obstante de pé até que a podridão e os temporaes as derrubem como esqueletos inertes e sem vida.

Limpa a terra e reduzido tudo a cinzas procede-se á cava (*kurima*), propriamente dita. Esta é relativamente facil no *Tavéne*, offerecendo ás vezes difficuldades quasi insuperaveis no *Bilêne*. A enxada cafreal, (*wikomo*) (fig. 61-5), é muito caracteristica, e se foi de primitiva invenção indigena, hoje é da industria quasi exclusivamente allemã, ainda que acomodada aos usos indigenas.

Estes servem-se dellas, pegando com a mão direita no cabo, deitando a terra para traz por um e outro lado. Entretanto, ou esteja limpo o terreno, ou façam simultaneamente a capinagem, o que é mais commum, principalmente nos annos que seguem aos primeiros trabalhos de desbravamento ao mesmo tempo que com a mão direita cavam a terra, a mão esquerda ou agarra adiante o capim que vae ser cortado ou escolhe no terreno as raizes, gramineas e gravetos, que vae deitando para traz em paveas.

Estes trabalhos de derrubamento de florestas e matagaes, bem como a arroteia que se segue, são ordinariamente feitos durante os mezes de inverno, de maio em diante, para que, quando chegarem as chuvas de novembro e fevereiro, tenham tudo preparado para começar as sementeiras regularmente. Tudo isto se faz o mais proximo possivel das palhotas, e, se por ventura tiveram de procurar ao longe um campo, por lhes ser impossivel arranjar outro mais proximo, então não tardam a mudar para lá a palhota com todos os seus haveres, que não são muitos.

Desta sorte a população está tão dispersa como as proprias machambas, ainda que não sejam ellas a causa principal dessa dispersão, não havendo nenhum chefe de familia que não cultive uma ou muitas, algumas de

grande extensão, mas das quaes não tiram a quarta parte dos productos que podiam tirar, pela imperfeição de todos os cuidados que lhes dispensam. Essas machambas, uma vez concedidas pelo regulo, ficam pertencentes áquelle que primeiro as cultivou e só por mutuo contracto reconhecido pelo regulo, ou simplesmente pela vontade deste, podem ser trespassados a outro possuidor. Os colonos a quem foi dada a concessão de terrenos no meio destes sertões, e que querem viver em harmonia com os pretos, respeitam igualmente as suas leis e costumes, não desapossando arbitrariamente os donos de qualquer machamba, mas entendem-se com o regulo, mostrando-lhe a necessidade que teem de tal ou tal terreno. Elles que estão acostumados a todas as arbitrariedades e teem a consciencia da inutilidade dos seus direitos e reclamações, ficam assim muito lisongeados, mandam logo chamar o antigo proprietario e por mutua combinação faz-se o negocio em muita paz, mediante um pequeno donativo a titulo de pagamento.

Assim, quando nos estabelecemos na missão do Chai-Chai, não foi sem consentimento do regulo que nos apropriamos de varios terrenos baldios, e á medida que necessitavamos doutros que tinham seus possuidores, dirigiamo-nos ao regulo e davamos tres ou quatro *quinhas* ao dono da *machamba* com que ficavam todos muito contentes, indo logo para a cantina beber á saúde e prosperidade de *mulungo*.

As operações culturaes, nas machambas, são quasi identicas para toda a casta de culturas e todas se reduzem ás que aponteí. Estrume não o empregam em nenhuma cultura, e ainda que possuem bastante, porque ha grande numero de rebanhos, deixam-no accumular nos curraes durante muitos annos, causando enorme prejuizo ao gado e não lhes servindo para nada. Sentem mesmo uma certa repugnancia em consumir os fructos criados com estrume, pois sendo tão pouco escrupulosos em tudo, nisto são-no exaggeradamente. O unico adubo subministrado ás plantas é o que provém da cinza das queimadas que se renovam todos os annos.

A terra é cavada simplesmente a cinco ou seis centímetros de profundidade, muito antes das chuvas, se é a primeira arroteia, e immediatamente antes, isto é, em novembro, se já foram cultivadas em outros annos.

Os tapumes ou sebes são uma coisa que raras vezes omitem para guarda das culturas. Os ramos da *abertia cafra* são os mais geralmente empregados, e com vantagem, por causa de seus numerosos ramusculos transformados em fortes aculeos. Empregam ainda outros meios, mas principalmente circumdando totalmente as culturas com renques espessos da planta do ananaz, com que quasi todas as machambas se extremam de suas visinhas.

Depois das sementeiras e plantações, um dos grangeios que nunca faltam a qualquer cultura, é a sacha, absolutamente indispensavel á total suppressão daservas ruins, que nestas terras mais ou menos humosas, sob um clima quente e humido, nascem e se desenvolvem rapidamente e como por encanto, ameaçando afogar qualquer cultura á nascença. Nas terras do *Bilêne*, sobretudo, o mais leve descuido nesse sentido é a morte e o aniquilamento de uma cultura. Após uma chuvada sobrevém uma nova camada de vegetação espontanea e daninha, exigindo logo uma nova sacha. Entretanto os indigenas não dispensam ordinariamente mais de duas sachas a cada cultura, o que não é sufficiente para a maior parte dellas.

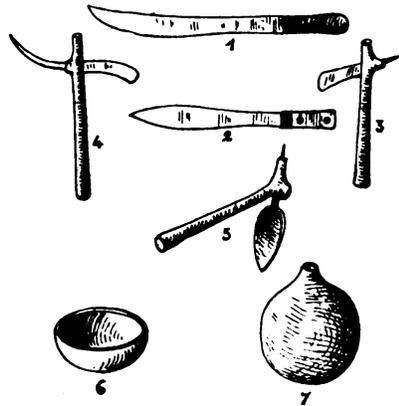
Terminada a colheita, ficam as terras inteiramente abandonadas ás plantas nocivas, que em pouco tempo são verdadeiros matagaes capazes de empobrecer o terreno mais fertil. Assim a cultura indigena é a mais de pauperadora e fatigante, ainda das melhores terras, quanto mais das que de si são já tão pobres. Este systema de cultura deve ser já muito antigo nestas e noutras regiões, e por isso se vêem ainda vestigios de antigas culturas em florestas já bem desenvolvidas, e que pelo menos devem contar meio seculo e mais, e assim os maus effeitos desta orientação vão de cada vez tornando-se mais evidentes. Já se vê que não nos referimos ao valle do Limpôpo propriamente dito, não porque usem ahi outros systemas de cultura, mas porque são inexgotaveis os seus thesouros de fertilidade.

O elemento mais indispensavel para estas terras produzirem alguma coisa é a chuva, e a abundancia das colheitas mede-se pela das chuvas. As sementeiras e todo o desenvolvimento das culturas são feitos debaixo de chuvas frequentes e abundantes, que vêem nos mezes

de novembro a fevereiro, coincidindo com a quadra de maior calôr, donde provém o mais rapido desenvolvimento de todas as culturas.

Por isso andam elles sempre com mil cuidados em aproveitar todas as chuvadas, semeando em cada uma dellas uma parte da sementeira total que tencionam fazer, para que, se umas falham, não falhem as restantes.

Portanto, se as chuvas faltam, ou cáem em pouca abundancia, as terras altas, sem uma gota de agua, não



61 — Instrumentos agricolas — 1, 2, Facas de cortar ramos darvores; 3, machado; 4, idem dos feiticeiros; 5, enxada cafreal; 6, peneira; 7, cabaça para transportar agua.

produzem absolutamente nada, e então a fome não tarda a percorrer todas as povoações com incrível rapidez, deixando um rasto de morte, porque os pretos, não cuidando jámais do dia de amanhã, não podem contar com os mais insignificantes recursos para os momentos de crise, pois o que teem é para agora e para todos. Esta indole e pratica especial de communismo é que

se torna então uma providencia para elles, porque, se numa região ha fome, a maior parte das victimas refugiam-se nas terras mais proximas onde são soccoridos sem difficuldade alguma. Assim succedeu em 1907, por occasião das grandes inundações do valle do Limpôpo, em que as culturas foram destruidas, vendo-se os habitantes do valle na necessidade de fugir para os montes até que o rio baixou.

Os instrumentos agricolas de que mais usam, alem da enxada cafreal (*xikomo*), são o machado (*hlihloka*), grandes facas e cutelos, como grandes alfanges; para deposito e transporte de generos, possuem grandes cabaças, tinas feitas de grandes cascas de arvores, cestas, alcofas, açafates e outros utensilios todos da sua industria.

Entre as plantas valiosas que os pretos derrubam vandalicamente, na conquista duma nova machamba, são dignas de especial menção a *landolphia florida*, Ben-

tham, o ebano (*royenia pseudebenus*, E. Meyer), o pau ferro (*milletia cafra*) e o sandalo.

A landolphia cresce espontanea por toda a parte especialmente nas florestas que teem sido mais poupadas. Vê-se que era facil a exploração em grande escala desta preciosa planta productora da melhor borracha desta costa. E' certo que algumas tentativas se tem feito neste sentido, e existe ahi um proprietario que em certos annos tem extrahido alguns centenaes de kilos de borracha das borracheiras espontaneas de uma sua concessão, mas isto não passa de ensaios, tendentes mais a um lucro immediato das plantas que ahi nasceram ao acaso, que ao desenvolvimento de uma industria das mais productivas e rendosas.

Os pretos são, para assim dizer, os unicos que fazem uma insignificantissima exploração desse producto valioso, tanto para seu uso como para vender a um ou outro colono por um punhado de sal ou meio litro de *vinho colonial*. Já se vê que isto não é incentivo bastante para ao menos aproveitarem o producto das borracheiras que se encontram pelo matto, pois que a sua extracção leva tempo e trabalho. Assim é insignificantissima a borracha que os indigenas colhem para vender aos colonos, e estes pouco caso fazem da sua exploração.

Os indigenas em geral só colhem a borracha para usos particulares. Pelo pouco apreço em que teem esta producção pode calcular-se o pouco cuidado que empregam na sua extracção. Golpeiam as plantas sem nenhum criterio, e em qualquer época do anno, e aparam a borracha em qualquer objecto, a qual depressa coagula, servindo-se della em seguida. A planta serve-lhes de vincilhos para a construcção das palhotas, fazendo assim cada anno um destroço enorme nessa preciosa liana. O sandalo, de que me afirmaram existir alguns massiços respeitaveis, mais para o interior, tem a mesma sorte, que é tambem a do *pau ferro* e a do *ebano*, cujo valor os indigenas desconhecem.

E não admira. Os indigenas, selvagens e ignorantes, cuidam apenas das necessidades presentes, e não podem adivinhar o valor destas e doutras riquezas que os cercam. Nós é que tinhamos obrigação de não ignorar o valor das coisas que possuímos e de não entregá-las ao

desmazelo e aos caprichos da ignorancia. Não seria muito difficil ás auctoridades saber as riquezas e produções do territorio que administram, e ainda menos viagiá-las impedindo a sua destruição, mas antes promovendo o seu desenvolvimento, e até industriando e incitando os indigenas na sua exploração racional, garantindo-lhes uns certos interesses, no que todos tinham a ganhar, se não já, num futuro mais ou menos proximo. Infelizmente os interesses immediatos teem sido a grande preocupação de todos, com detrimento dos verdadeiros e solidos interesses da patria.

2—Cultura dos cereaes

MILHO.— Sendo o milho a base da alimentação indigena, a sua cultura é tambem a que lhes merece maiores cuidados.

A preparação do terreno, quasi identica para todas as culturas, e que já foi descripta no anterior capitulo, começa em novembro, com as primeiras chuvas, e pode terminar em fins de janeiro.

As chuvas são sempre acompanhadas de grandes calores, o que favorece extraordinariamente a germinação e desenvolvimento das plantas. Por isso os indigenas aproveitam logo as primeiras da quadra quente, fazendo a primeira sementeira temporã, que lhes dará em pouco tempo farta colheita de espigas que utilizam enquanto cuidam das seguintes. E' feita com grandes intervallos e para prevenir em certo modo as crises de chuva que sobrevenham.

Passados uns quinze dias, fazem outra nos intervallos da primeira, depois outra e outra, sempre que o tempo lhes corra favoravel, isto é, sempre que haja abundantes chuvas, de sorte que, em annos excepcionalmente favoraveis, chegam a semear durante cinco ou seis mezes e mais, e ao tempo que fazem as ultimas sementeiras já teem colhido as primeiras. Tem duas grandes vantagens este processo que elles usam: a primeira proporcionando-lhes continuamente, por grande espaço

de tempo, maçarocas verdes, sufficientemente criadas, que elles comem assadas e que muito apreciam; a segunda é poderem contar sempre com uma ou mais colheitas, senão com todas, por falta de chuva ou qualquer outro desastre.

Entretanto a época principal da sementeira do milho é em dezembro, quando as terras estão já bem passadas da agua, salvo se as grandes chuvas antecederem ou ultrapassarem a época em que ordinariamente costumam vir.

A sementeira é executada da maneira mais simples. Com a enxada cafreal, com uma estaca, ou apenas com a mão, são abertos uns pequenos covachos, á distancia de metro, ou mais, em todos os sentidos, nos quaes lançam a semente, cobrindo-a logo com terra. Quando ella está nada, faz-se uma segunda sementeira, depois uma terceira, e assim successivamente, nos intervalos das primeiras para a colheita ser tambem perenne e ininterrupta. Em cada covacho põem duas a tres sementes, que, depois de nascidas, ou são transplantadas para os sitios mais falhos, ou as deixam vegetar todas juntas, que é a pratica mais seguida.

A sacha raras vezes a omittem, e é geralmente feita duas vezes, consistindo em cortar as hervas e revolver a terra muito atrapalhadamente.

Alem destes cuidados rudimentares, o milho tem de ser bem vigiado e guardado da sagacidade dos macacos, que começam a fazer nelle grande estrago á medida que o grão se vai desenvolvendo na maçaroca. Extensos campos de milho são ás vezes totalmente destruidos ao menor descuido, não só pelo que elles comem, mas sobretudo pela razia que fazem em milhares de maçarocas, ainda no principio de seu desenvolvimento, que inutilizam barbaramente. Um homem ou uma simples creança, gritando e correndo atraz deste bando de malfeitores, é quanto basta para os intimidar e afugentar.

A colheita começa logo pelas espigas verdes que os indigenas apreciam muito, levemente assadas ao lume. Desta maneira gastam uma grande parte da producção total, e outra é-lhes roubada pelos visinhos.

Entretanto o milho chega a seu completo estado de maturação, A colheita começa definitivamente quando o grão está bem secco. As mulheres é que fazem a colhei-

ta. Vão para os campos com os seus cestinhos, açafates, alcofas, etc., e começam a apanhar salteadamente as espigas mais maduras e ahi mesmo lhes tiram as camisas, levando-o já limpo para casa. Outras vezes lá mesmo lhe separam o grão com todo o vagar, sendo em todas estas operações ajudadas pelas suas visinhas e amigas, tornando-se-lhes assim mais facil este penoso trabalho que dura mais de dois mezes. A' medida que trazem o milho vão logo collocá-lo no celleiro e acondicioná-lo devidamente para se conservar bem durante o anno. Estes celleiros são muito engenhosos e proprios ao fim principal, que é conservar o grão em bom estado. O mais caracteristico tem o aspecto de uma palhota, cuja parte principal é a cúpula. Levantada sobre estacas de metro e meio a dois metros de altura, bem vedada de todos os lados, sobrepõe-se a um tecto especial que lhe apanha toda a base. Este tecto é ordinariamente composto de varas delgadas e sem nós, muito bem entrançadas e formando uma rede de pequenos orificios, que, não deixando passar os grãos, permite serem continuamente bem arejados, o que, em clima quente e humido como este, é absolutamente indispensavel á sua conservação. Usam tambem para celleiro a propria palhota onde dormem e vivem, e em que numa grande parte dos dias do anno accendem o fogo para se aquecerem e cosinhar. Neste caso o tecto de que fallamos está adaptado á propria palhota, com uma pequena abertura por dentro em forma de alçapão. Esta disposição não lhes impede de viverem perfeitamente nas palhotas, pois em qualquer caso entram sempre de rastos e nella passam a vida sem nunca se pôrem em pé direitos.

Nesses celleiros guardam elles o milho já escarolado, mas mais ordinariamente ainda junto na maçaroca, que em muitos casos ainda conserva a camisa.

SORGHO.—O sorgho, (*andropogon sorghum*, do nosso grande botanista Brotero) é muito cultivado entre os indigenas, mas não tanto como o milho. A preparação do terreno, a época da sementeira e as demais condições que se requerem para o milho, são tambem as exigidas para o sorgho. Este, porém, é geralmente semeado em alfobre, e já deve estar nascido e com uns 8 a 12 centímetros de altura quando vêem as primeiras chuvas.

Logo que estas chegam procede-se á plantação definitiva na machamba previamente preparada. Arranca-se então com todo o cuidado uma boa porção destas plantas e vão se dispondo em carreiras paralelas num pequeno



62—Sorgho

covacho que é logo tapado com terra fresca. Ficam ordinariamente distantes uns dos outros uns dois palmos e quando muito tres. A plantação tem de ser renovada logo d'ahi a alguns dias, porque falham sempre muitas plantas.

Entretanto, uma vez agarrados á terra, o seu desenvolvimento é rapido, attingindo os colmos uma altura média de dois e meio a tres metros. Produz grandes paniculas, e semente mais grada e abundante que o nosso *milho painço*, não exigindo dos pretos mais cuidados que uma ou duas sachas, grande limpeza de hervas ruins, sobretudo emquanto as plantas estão pouco desenvolvidas. Vegeta bem nas terras mais pobres e resequidas, e aguenta facilmente as grandes

estiagens a que o milho não resiste.

Em julho e agosto já as paniculas, voltadas para a terra pelo enorme peso do seu fructo, se encontram perfeitamente sazoadas e é então a sua colheita. São cortadas e acarretadas aos feixes para junto das palhotas, onde duas ou tres résteas de sol africano acabam de as pôr na conta de serem encelleiradas nos mesmos depositos e com os mesmos processos que indicamos para o milho.

Para o utilizarem levam as paniculas ao pilão, onde as sementes se separam todas com grande facilidade. Muitas vezes guardam-no já limpo e preparado para consumo.

O sorgo e o milho preparam-se de varios modos para o consumo ordinario, e de ambos extraem os indigenas uma bebida muito apreciada, que denominam *uputzo*, *pombe*, etc., conforme as regiões.



63—Malhando o sorgo

A forma mais ordinaria de consumo destes dois generos é em *papas*, muito duras e sem sal, depois de bem reduzidos a farinha. Nesta região é o alimento que mais apreciam, apesar do seu sabor peculiar a fermento crú que as torna desagradaveis ao nosso paladar. Essa azedia é causada pelas manipulações especiaes para os converter em farinha. Antes de ser pilado é posto de molho em agua durante algumas horas. A farinha, naturalmente molhada, é posta a seccar ao sol e depois novamente pilada. Com estas operações desenvolve-se a fermentação, que lhe imprime esse mau sabor que elles não notam. Junte-se a isto a falta de sal, que elles regeitam totalmente nesta preparação culinaria, apesar de o apreciarem tanto em qualquer outra.

A segunda applicação mais commum do milho e sôrgo consiste simplesmente em ser cosido em agua, como

o arroz, tendo por unico condimento alguma farinha ou oleo de amendoim, salvo quando entram como parte integrante em variadissimas preparações culinarias cafreaes.

O grande valor do milho e do sorgo entre todos estes povos da costa oriental africana, não provém só de serem generos alimenticios de primeira ordem, mas por poderem convertê-lo numa das bebidas que mais apreciam—o *uputzo*. O processo é identico para ambos, e, se a bebida proveniente do sorgo é mais apreciada, é certo que só em rarissimos casos delle se extrae exclusivamente.

Em primeiro logar o milho é reduzido a farinha no pilão, como se fosse para uso culinario. Entretanto põe-se de molho uma outra pequena porção de milho até começar a germinar. Este é em seguida posto a enxugar e igualmente reduzido a farinha muito fina, e constituirá o fermento que ha de converter tudo em bebida.

A primeira farinha, que representa um grande trabalho das mulheres, é cosida e convertida em *papas*, exactamente como se prepara para comida dos indigenas. Passam-na depois para grandes panellas de barro e guardam tudo nas palhotas onde a massa começa a sofrer uma rapida fermentação. Ao fim de um dia, e ás vezes menos, misturam-lhe, por meio de uma colher ou de um pedaço de madeira, a farinha da segunda operação, que accelera e conclue rapidamente a fermentação já começada. Ao fim de doze a vinte horas toda a massa está convertida em liquido e capaz de se beber. Alguns costumam coá-la antes, e é assim que ás vezes os europeus fazem uso dessa bebida cafreal, e que não tem entre elles poucos adeptos e admiradores. Eu tambem a provei. Tem um picante caracteristico e é fresca e agradável.

Mas os pretos em geral não se importam com essa operação tão secundaria. Terminada o fermentação já elles estão em volta das panellas com quantos visinhos, amigos e conhecidos poderam encontrar, para vir tomar parte nesse grande festim. Cada um bebe, saboreando voluptuosamente as delicias dessa incomparavel ambrosia, sem tirar a bocca do pucaro; meneando o corpo, a cabeça e os olhos, como se estivessem dominados da mais deliciosa sensação.

Ninguém faz o *uputzo* para beber sósinho, pois toda

aquella intimidade, aquelle diffundirem-se os corações e as palavras como a mesma bebida, aquelle todo emfim que só ali é possível e em mais parte nenhuma, isso é que constitue a felicidade mais appetecida do indigena, ainda que ella dure um só momento. Ali brinda-se á saude dos presentes e ausentes, amigos e inimigos, dos chefes e dalgum colono de mais respeito, que não raras vezes é por elles convidado, como eu proprio o fui em certa occasião pelo chefe duma povoação.

As mulheres, se participam de uma ou outra gotta dessa e doutras bebidas, não tem parte activa nessa festa intima que lhes proporciona um dos mais felizes momentos da vida, não obstante representar o seu amargo trabalho de muitos dias, para num momento se evaporar.

Quando os annos são muito fartos em milho, estas festas repetem-se todos os dias, e os batuques duram toda a noite, faça luar ou não. O *uputzo* não embebeda facilmente, mas dá aos indigenas a embriaguez do mais delicioso bem estar. Tendo fartura dessa bebida nem se lembram de comer, e já os tenho visto passar em casa dos amigos ou na propria, bebendo e falando desde o nascer ao pôr do sol, sem se fartarem, nem jámais dizem — basta.

ARROZ.— Pouco uzado na região de Gaza a sua cultura é tambem menos esmerada que em Inhambane e Beira.

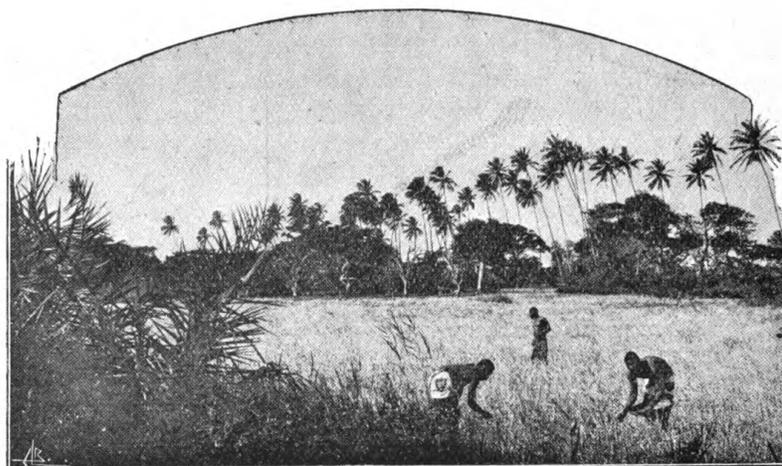
As primeiras operações são quasi as mesmas que as dispensadas na cultura do sorgho. Preparam uma pequena machamba (alfobre) em boa terra e enxuta, mas perto da água. A terra é bem revolvida e limpa de todas as raizes e hervas ruins. Em seguida semeia-se o arroz a lanço, e cobre-se ligeiramente com terra miuda.

Quando as novas plantas attingem um palmo, começa a plantação definitiva nos pantanos e terrenos alagadiços, mais ou menos limpos de hervas, e onde se presume que as futuras aguas não afoguem inteiramente a plantação. A distancia média entre cada planta regula por trinta centímetros.

Os filhos, que as plantas não tardam a deitar em grande numero, servem para novas plantações ou para repovoar as primeiras, umas e outras muito irregulares

como o são as chuvas e o nível do terreno que os indígenas não sabem modificar adaptando-o á cultura. Os cuidados ulteriores que lhes dispensam limitam-se a algumas sachas e a guardál-os dos passaros.

Maio e junho é a época da colheita, que se póde prolongar mais ou menos segundo a maior ou menor extensão das chuvas.



64—Colheita do arroz

Os indígenas fazem-na ordinariamente pé por pé, á medida que vão sazonzando, mettendo-se nos pantanos enterrados até aos joelhos. Esta difficil tarefa é de todos os dias, durante ás vezes tres ou quatro mezes, e nunca menos de dois, conforme as chuvas forem mais ou menos regulares.

Entretanto, á medida que vão colhendo as espigas maduras, vão-n'as pondo a seccar ao sol, em cima de esteiras muito finas fabricadas com juncos dos pantanos, operação necessaria para a mais facil separação do arroz. A debulha das espigas é feita pelas mulheres, que as collocam entre duas esteiras e as trituram esfregando uma na outra com as mãos e com os pés. Depois sacodem a palha ao vento e guardam o grão em sacco, cestos, cabaças, panellas ou em celleiros apropriados. Para o usarem, debulham-n'o no pilão, operação facil quando o arroz está bem secco.

Com o arroz fabricam uma bebida para elles muito

apreciada. O que é preciso é haver muita fartura desse cereal.

O processo é sempre o mesmo. Pila-se a quantidade de arroz que se deseja, até o transformar em farinha, cóze-se como a farinha do milho para o mesmo fim, guarda-se a massa em grandes panellas e deixa-se fermentar. Para esta ser mais rapida, mistura-se-lhe uma pouca de farinha de sorgho, preparada como a que se emprega para acelerar a fermentação do *uputzo*.

Ao fim de um dia já se póde beber. Alguns misturam-lhe uma certa quantidade de assucar para o tornar mais doce e agradável. E' bebida pouco alcoolica e usada principalmente nas regiões onde se cultiva o arroz em grande escala.

3 — Cultura das principaes leguminosas

FEIJÃO.—São muitas as variedades de feijão cultivadas pelos indigenas, algumas de grande valor economico e alimenticio. Alem das variedades do typo do *feijão fradinho*, a que sobretudo merece todos os cuidados dos cultivadores indigenas é um dolico muito vigoroso, muitissimo rustico e productivo, e conhecido com a denominação vulgar de *feijão cafreal*.

São plantas de uma grande robustez, alastrando a terra toda até grande distancia com seus vigorosos braços cheios de ramificações secundarias. O pé é constituido por uma raiz perpendicular, que entra pela terra dentro a mais de 50 ou 60 centimetros de profundidade, diversamente ramificada. Tanto nesta como em todas as raizes secundarias se encontra uma extraordinaria multidão de tuberosidades ou verrugas, camaras onde vive em simbiose grande numero de bacterias productoras de materia azotada, á custa do azoto do ar que as circumda, e de que a mesma planta se aproveita para seu maior desenvolvimento. E' pena serem estas terras do *Tavêne* tão pobres dos outros elementos que seriam necessarios á completa assimilação do azoto, segundo a lei do minimo de assimilação.

A haste ramifica-se ordinariamente em quatro ou cinco braços, que chegam algumas vezes a ter quatro ou cinco metros, e cujas ramificações secundarias chegam a cobrir toda a area deste raio.

Medra perfeitamente nestes terrenos pouco férteis, sequeiros e areentos dos planaltos vizinhos do Limpôpo. Aguenta as chuvas persistentes e exige muito calor. As flores, reunidas em grande numero num só pé, vingam pela maior parte, dando cada feijoeiro um numero consideravel de vagens, cada uma das quaes pode conter quinze até vinte e cinco grãos. Uma planta robusta e de fructificação regular pode produzir 600 a 800 grãos.

Estes são pouco maiores que o nosso feijão frade, de um roxo escuro pouco distincto, cosendo-se muito bem apenas com uma fervura de alguns minutos.

A casca é um tanto aspera e dura, mas separa-se muito bem do pericarpo, que, bem cosido, faz um *puré* delicioso.

Semeiam-no juntamente com o milho, a uma distancia regular uns dos outros. Em abril já começam a produzir boas vagens muito tenras e sem fios, mas de que os indigenas fazem pouco uso. De meados de maio em diante já está sazonado e começa a colheita, que é feita pelos mesmos processos, sendo armazenada a produção nos mesmos celeiros que usam para o milho.

Uma grande parte do feijão cultivado pelos indigenas é vendido aos coloniaes, que muitas vezes compram duas e tres saccas desse legume por uma de sal, ficando assim quasi de graça um genero carissimo e que nas colonias é tão necessario para a sustentação dos serviçoes indigenas.

TIGONGO.—E' outra leguminosa por elles muito cultivada e cuja semente e flores não se distinguem dos do *feijão cafreal*, em seus caracteres essenciaes. Não é especie trepadora, antes a haste ramifica-se em forma de rede á superficie da terra, da qual se levantam grande numero de peciolos, de doze a quinze centimetros de altura, coroados por tres folhas secundarias como as do feijão. O aspecto geral da planta é o dum pé de malvas de jardim. As suas flores, em grande numero, depois de fecundadas, voltam-se para o solo, debaixo do qual se desenvolvem e criam as vagens, muito parecidas com as do amendoim, contendo igualmente dois a tres grãos sómente. Cada planta, em boas condições, produz cem a cento e cincoenta sementes.

A sementeira é feita na occasião e do mesmo modo

que a do feijão commum, tendo os cuidados ulteriores de cultura e colheita os mesmos que os dispensados ao amendoim. Muito apreciado pelos indigenas para diversas preparações culinarias, a sua cultura é geralmente muito limitada por ser de mais fraca producção que as outras especies de feijão.

AMENDOIM.—E' esta uma das producções mais estimadas dos indigenas, por lhes fornecer boa quantidade

de oleo muito apreciado, e assim a sua cultura é tambem uma das mais esmeradas. Para isso escolhem geralmente uma terra areenta e leve, mas de boa qualidade, que limpam muito bem de hervas e raizes.

Depois em dezembro e janeiro, procede-se á sementeira. Fazem-se pequenos covachos em toda a extensão do campo, distantes entre si um ou dois palmos em todos os sentidos, e colloca-se em cada um o maximo



65— Amendoim (*Arachis hypogaea*, L.)
— Planta completa. Flôr, ao lado. Em baixo o fructo, fechado, e aberto.

duas sementes bem escolhidas, cobrindo-as muito bem com terra leve e fina. Nestas sementeiras são os indigenas muito parcios, porque o amendoim é para elles tão precioso, que só na esperança de uma boa remuneração lançam algumas sementes á terra.

Estas nascem todas dentro de quinze dias. Os cuidados que então lhe dispensam não são muitos, porque em verdade são pouco exigentes. O essencial são algumas sachas, limpeza muito esmerada de hervas nocivas, e pouco mais, com que elles não lhe faltam.

O fructo, umas pequenas vagens semelhantes ás do grão-de-bico, e onde se criam ordinariamente duas sementes, desenvolve-se debaixo da terra, mas á superficie, para onde se dirigem as flores depois da fecundação. A's vezes para mais facil desenvolvimento da semente usam chegar-lhe alguma terra como fazemos ás batatas. Em maio e junho já o fructo está sazonado, e começa a colheita, que se faz arrancando as hastes e escolhendo os fructos á mão, já venham pendurados dos ramos ou fiquem enterrados á superficie do solo.

O amendoim é utilizado de varios modos: cosido, torrado, crú e principalmente como condimento, já seja reduzido a farinha já transformado em oleo.

Tem para isso dois processos principaes. No primeiro é bem moido e prensado até deitar todo o oleo que é muito. O segundo é o mais usado. E' bem pilado e reduzido a farinha. Em seguida é fervido em agua muito limpa durante algumas horas e separado por decantação.

O azeite é muito bom e conservam-no perfeitamente em grandes panellas e outros vasos, e serve-lhes não só para condimentar os seus guisados, mas vendem-no tambem em grande quantidade aos orientaes, sobretudo aos *baniães*, quasi de mais restrictas necessidades que os mesmos indigenas.

O bagaço ou restos que resulta das operações citadas é por estes igualmente aproveitado nos mesmos usos culinarios que o amendoim.

Tambem fabricam grande quantidade d'azeite, igualmente apreciado. e pelos mesmos processos que o do amendoim, das abundantissimas sementes duma meliacea muito commum em toda a provincia, (*trichilia emetica* ou *mafurreira oleifera*), arvore de grande porte, e de que ha varias especies, todas productoras de muito e bom oleo, que os indigenas empregam tanto na culinaria como para untar o corpo, quando o possuem em abundancia.

4—Tuberculos e raizes

BATATA DOCE.—A batata doce, (*Ipomaea batatas* Poiret) é um genero importantissimo na alimentação indigena, e por isso muito cultivado na região do Limpopo. O principal consumo que della fazem é em varias preparações culinarias, mas nalgumas partes, em annos de fartura, ou sempre que possam dispor de uma certa quantidade destes tuberculos, preparam com elles uma bebida pouco alcoolica, segundo me affirmaram alguns indigenas de Inhambane.

Para a sua cultura escolhem geralmente as bordas das machambas mais proximas dos pantanos ou charcos, que lhes possam garantir um certo grau de humidade durante todo o anno.

Cavam uma faixa de terreno junto á agua, a dez ou doze centimetros de profundidade, esmiuçando-o bem e catando-lhe todas as hervas e raizes que vão amontoando á superficie. Estes preparativos são feitos immediatamente antes da plantação, como allias succede com todas as culturas, isto é, logo em seguida á ultima colheita de milho, durante os mezes de junho e julho.

O modo de plantação usado pelos indigenas em geral é o mais facil e rudimentar que é possivel. Meia duzia de pernadas, ás vezes de dois e mais annos de vida precaria, num solo pobre e por vezes abandonado, é o que lhes basta para formar uma plantação desta convol-

vulacea. Cortam essas pernadas em varios pedaços de quinze a vinte centímetros cada um e vão-nos collocando em pequenos covachos abertos com a enxada ou simplesmente á mão, á distancia de uns oitenta a noventa centímetros uns dos outros em todos os sentidos, e algumas vezes mais ainda. Em seguida chegam-lhes terra miuda e fresca até formar um grande monte em volta da planta, que fica quasi inteiramente coberta. Estas plantações em geral nunca são regadas, já sejam feitas junto dos pantanos em terra fresca, já em terreno sequeiro do *Tavêne*. Esta é a pratica mais geral.

Em terra ordinariamente mal cuidada, sem adubações nem cultura propria, os tuberculos são geralmente enfezados, lenhosos e dum sabor por vezes detestavel, o que não impede de constituirem um dos mais valiosos recursos dos indigenas, que

umas vezes os colhem antes do tempo, outras um anno e mais após o seu completo desenvolvimento, que em

casos especiaes de tratamento e cultura podem attingir nesse clima de quinze a vinte kilos de peso, e geralmente de dois a seis kilos, mas que os naturaes raras vezes obteem com peso superior a um kilo.

A bebida de batata doce, segundo me indicaram indigenas de Inhambane, prepara-se do modo seguinte:

Depois de bem cozidas são esmagadas e raladas até formarem papa. Esta deposita-se em grandes panellas, onde fica a fermentar durante dois dias, depois de se lhe misturar uma certa quantidade de farinha feita de outras batatas seccas e bem piladas. Essa farinha constitue uma especie de fermento que accelera a operação.

INHAME.—O inhame (*Dioscorea glabra*, Roxburgh), apesar de suas grandes qualidades nutritivas, de sua extraordinaria producção e de se dar tão bem nos pai-



66— Batata doce, planta completa

zes quentes, é geralmente pouco explorada pelos indígenas. Comtudo alguns o cultivam com tanta felicidade, que em certa ocasião nos foram offerecer um á missão com 1 m. e 54 centímetros de comprimento, 37 centímetros de circumferencia e 10 kilos de peso!

A sua cultura não é difficil, mas exige terreno fertil, humido e muito fundo, como se pode suppor por seus



67—*Dioscorea batatas*

enormes tuberculos que se desenvolvem em sentido vertical. Os indígenas, tão economicos nos cuidados que dispensam a suas culturas como pouco exigentes do seu resultado, tornam sua cultura ainda mais facil, proporcionando-lhe não obstante bom terreno, que na região não falta sendo escolhido. Rico e fundo junto dos pantanos, é tão fresco quanto se deseja. Para a plantação os indígenas reservam mais ordinariamente a parte superior do tuberculo, que plantam em viveiro ou já definitivamente no local determinado, pratica mais geralmente adoptada por elles. Em geral pegam bem, havendo com elles algumas precauções. Para os

indigenas a época da plantação é quasi em todo o tempo.

O espaço entre cada uma das plantas é muito irregular, ficando ora muito separadas ora muito proximo umas das outras, não lhes permittindo desenvolverem-se regularmente. Adubações não lh'as proporcionam, nem lhes favorecem o crescimento dos ramos por meio de estacas.

Comtudo não faltam as sachas e a supressão de hervas ruins.

A colheita ordinariamente não deve ser feita antes de dois ou tres annos, no fim do periodo de vegetação. Os cafres raras vezes esperam tanto tempo. A maior parte das vezes fazem a colheita logo ao fim de um anno, de principio de julho em deante, época em que termina a sua vegetação. Assim é fraca a producção, e cada tuberculo pode nestas condições ter um palmo

de comprido, o que já não é pouco, como tive occasião de observar mais de uma vez.

MANDIOCA.— Esta producção é uma das mais importantes para os indigenas, por constituir grande parte da sua alimentação ordinaria. Fazem a plantação da mandioca em qualquer terreno e sem preparação alguma cultural, ordinariamente um pouco antes da rebentação (junho e julho), e muitas vezes durante todo o anno, aproveitando para esse fim qualquer pedaço de caule que enterram simplesmente no solo.

Em todas as machambas mais ou menos cuidadas e mesmo em pleno mato, sitio de antigas machambas, se encontra grande quantidade de mandioca, que vae dando raizes mais ou menos apreciaveis sem cuidado algum da parte dos pretos.

Cada planta pode dar logo no fim de um anno tres ou quatro raizes aproveitaveis, que serão substituidas por outras se essas forem supprimidas sem offender a planta, ou continuarão a crescer e engrossar se as deixarem para outro anno. Quando as raizes teem mais de um anno os pretos preferem as mais delgadas, e em geral apreciam-na pouco nos primeiros mezes da renovação da seiva, que começa em agosto.

Para colher as raizes poucas vezes arrancam a planta, mas separam-nas do pé cavando-lhe em volta com a mão ou com um simples pausito, tornando a cobrí-lo com cuidado para produzir novamente no anno seguinte. Este cuidado chegam-no a ter aquelles mesmos que as vão roubar á machamba alheia, certamente para poderem lá voltar de novo.

Como disse, a mandioca constitue para os indigenas um genero alimenticio de primeira ordem. Comem-na crua á maneira de castanhas, com que muito se parecem no gosto, na consistencia e alvura, depois de lhe tirarem a casca muito grossa que está depois da epiderme. Tambem a comem em grande quantidade assada e cosida, como se fossem batatas, mas o principal consumo culinario é em farinha, preparando-a ao pilão e cosinhando-a exactamente como farinha de milho. E' muito substanciosa, mas adocicada de mais.

Da mandioca extraem duas bebidas que muito apreciam: uma é semelhante ao *uputzo* e fabrica-se do mesmo

modo que elle; a outra é a aguardente, cujo processo d'extração descreveremos noutra logar.

PRODUCCÕES HORTICOLAS.— Os productos da horticul-tura indigena são tão escassos como mal cuidados. O que mais cultivam são *aboboras*, *cebolas*, *tomates* e *piripiri*. Das aboboras fazem variadas preparações culinarias, aproveitando-lhes tambem os seus rebentos e flores para os mesmos fins. A sua casca, com um pequeno orificio no alto, e bem limpa de pevides e miolo, constitue grande parte dos vasos e utensilios domesticos, usados sobretudo para depositos d'agua, de legumes e cereaes. Semeiam-nas geralmente nos campos de milho, muito distanciadas uma das outras, onde se desenvolvem rapidamente e produzem alguns fructos apreciaveis.

As cebolas são igualmente muito apreciadas dos indigenas, não só para preparações culinarias senão como aperitivo duma boa dose de suas bebidas predilectas. Como raras vezes produzem semente os indigenas propagam-nas por meio de seus bolbos que em grande numero se desenvolvem em volta de cada pé.

Os tomates, que utilisam de varios modos, após uma primeira sementeira tornam-se quasi expontaneos, mas sempre de inferior qualidade.

Outra planta de grande voga e muito apreciada pelos indigenas para varios usos culinarios é o *piripiri*, especie de pimento que, segundo me parece, é variedade ou especie proxima do *capsicum longum*, de Candolle. A planta é herbacea, de muitas e delgadas ramificações e perennal. Os fructos, sempre muito abundantes, são pimentos perfeitissimos, mas muito pequenos e dum picante mais forte que o das malaguetas. E essa qualidade é que precisamente lhe dá um valor especial, não só com respeito aos indigenas mas aos asiaticos, que delle se servem para condimentar as comidas e especialmente o *caril*.

Os indigenas plantam o *piripiri* em volta das palhotas, tendo apenas o cuidado de lhe fazer algumas regas até agarrar bem á terra e supprimir-lhe as hervas que o podiam afogar. Como dá muito fructo durante todo o anno e no curso de muitos annos, em geral possuem poucas plantas, e não cuidam muito da sua multiplicação, porque elle por si mesmo se multiplica.

5—Arvores e outras plantas fructiferas e industriaes

Muitas são as arvores de fructo, cultivadas umas pelos indigenas, outras apenas exploradas por elles, pois que se propagam e fructificam expontaneamente nas suas florestas e machambas. Fallando dalgumas mencionaremos as suas particularidades mais notaveis e os cuidados especiaes que lhes dispensam os indigenas, já seja na sua cultura ou simplesmente na colheita e aproveitamento de seus fructos.

COQUEIRO.—Existem, sobretudo nas regiões visinhas, numerosos e extensos palmeirae, que, por seus variadissimos productos, são incontestavelmente as plantas mais preciosas e ricas dos tropicos. Fr. João dos Santos, na sua Etiopia Oriental, já dellas tinha feito a mais bella e minuciosa descripção, cujos pontos principaes vamos aproveitar, por serem de palpavel actualidade, para illustrar o que houvermos de dizer dos coqueiros. O seu fructo natural são os cocos, que podem chegar a sessenta em cada cacho, e estes em numero de dez ou doze, como diz o illustre dominico. Ora os cocos, segundo o seu grau de desenvolvimento, constituem uma bem variada colecção de productos comestiveis e industriaes. Alem da água que conteem, muito boa e saudavel, a qual se emprega como o leite em varias iguarias, quando os cocos ainda são tenros, a sua noz pode comer-se crua, em

caril, em variadíssimas preparações culinarias, ou transformada em azeite depois de secca (copra). A casca dura que a cobre é aproveitada em varios utensilios de muita utilidade e adornos. Do espadice ainda tenro, cortado em bisel em época propria, tiram a sura que se pode preparar de varias maneiras, de modo que dê uma especie de vinho muito apreciado, vinagre, assucar e mel. Cada espadice pode dar dois, tres litros e mais de sura, tendo o cuidado de lhe renovar os cortes, que vão gotejando durante muitos dias, em vasilhas convenientemente dispostas sobre a palmeira. Cada um daquelles quatro productos depende da maneira especial de preparar a sura, que se deixa simplesmente fermentar, para o vinho; e em seguida azedar, para o vinagre; evaporar a maior parte da sua agua, para o mel; e finalmente cristalisar, para o assucar. Os palmitos novos tambem são muito apreciados na culinaria como legume. As folhas e casca das palmeiras tambem são aproveitadas para coberturas das palhotas, para a confeição de cardas e de varios tecidos e ainda para outros misteres; e, para que nada se perca desta preciosa planta, até dos troncos se servem para madeira, lenha, e em algumas partes na confeição de cascos de pequenas embarcações, e assim, diz Fr. João dos Santos, o casco do navio, mastro, velas e cordas, e as mercadorias que nellas se embarcam, como são copra, cordas de cairo, azeite de coco, vinho estilado, a que chamam nipa, assucar, a que chamam jagra e tambem muitos cocos frescos, de cuja agua bebem em toda a viagem, tudo são productos do precioso coqueiro. De sorte que da palmeira colhe-se: cocos, palmitos, vinho (*sura*), vinagre, assucar, mel, azeite, agua e leite, madeira, carvão e lenha, cordas, vellas para embarcações, tecto para as cabanas, e até roupa para se vestirem!

Para formar um palmar semeam os cocos inteiros, ordinariamente todos juntos, em terreno humido, e enterradas á superficie da terra. Depois de nascidos, e quando o palmito attinge dois ou tres palmos, é que os passam para logar definitivo.

Quando das palmeiras adultas vai apontando o espadice, começa a faina agradavel da extracção da sura, para o que praticam uns golpes a machado pelo tronco da palmeira, até aos ramos, de modo a formar uma escada

(fig. 35 e 53) pela qual sobem ajudados por umas cordas que atam á palmeira e ao proprio tronco. Esta quadra é das melhores para os pretos que se embebedam cada dia emquanto dura a colheita da sura.

CAJUEIRO.—O cajueiro (*anacardium occidentale L.*) é uma planta muito estimada dos indigenas dalgumas regiões, não só pelo *fructo*, constituido pelo pedunculo e semente ou castanha, senão principalmente pela bebida que fabricam daquelle, e que denominam *ximbalau*. Ha regiões muito povoadas de cajueiros, formando até pequenos bosques, onde a sua propagação é espontanea. Assim os pretos estimam-nos muito, protegem-nos e defendem-nos de toda a causa de destruição. Onde, porém, exigem mais cuidados o cajueiro é bastante raro. Nesta região de Chai-Chai ha poucos e infesados, pela incuria dos pretos, que não se dão ao trabalho de os plantar e cultivar.

O cajueiro é uma arvore do porte das nossas pereiras mais bem desenvolvidas, muito enramado, de folhagem compacta, dum verde escuro bastante carregado, que algumas vezes se muda em amarello-córado ou levemente alaranjado, principalmente nas folhas e rebentos novos. Tem as folhas alternas, e as flores reunidas em paniculas terminaes muito ramificadas. Estas são polygamas e muito estereis, não se formando em cada inflorescencia mais de dois ou tres fructos bem desenvolvidos. Por fructo entendemos, está claro, não só a castanha, mas principalmente o pedunculo, que é a parte geralmente mais aproveitavel para os indigenas.

As flores são pequenas e dum amarello verde desbotado. As cinco divisões de calice alternam com outras tantas da corolla. Os estames, que formam uma linda coroa em volta do ovario, são em numero de dez e estão reunidos pela base de seus filetes. O ovario é unilocular, dum só ovulo livre, e um só estame é geralmente fertil.

O fructo propriamente dito é uma pequena castanha reniforme, quasi do volume duma fava. E' muito oleosa, vesicante e corrosiva, podendo, segundo alguns entendidos, substituir as cantharidas.

Depois de torradas ao fogo, que lhes volatilisa a essencia vesicante e corrosiva, são muito apreciadas por

seu sabor fino, semelhante ao do pinhão. Devem ter muito valor na confeitaria, onde podem com muita vantagem substituir as amendoas. São, porém, bastante indigestas. Os pretos triturando-as no pilão, extrahem-lhes o azeite do mesmo modo que ao amendoim, ao *kungo* e á *mafurra*, o qual, por suas propriedades corrosivas, lhes serve para avivar e dar maior extensão aos golpes da tatuagem.

Usam-no também para outro processo especial de tatuagem, que consiste em formar com elle diversos arabescos na cara e noutras partes do corpo, por sua propriedade corrosiva que lhes empola e entumece a carne, e lhes torna a pelle mais negra que a sua côr natural.

Comtudo a parte principal do cajú, sobretudo para os indigenas, não é a castanha, mas sim o pedunculo, que por hypertrophia toma o volume duma pera mediana, sobre comprida, de côr de rosa, amarella, ou raiada de uma e outra, segundo as variedades. E' esponjoso e muito sumarento, e o suco que contem é dum sabor agradável, um pouco acido e adstringente. E' desse suco que os pretos fazem o *ximbalau*, que se pode beber tanto em mosto como fermentado. Para isso esmagam-se esses pedunculos em grande quantidade no pilão e a massa que d'ahi resulta espreme-se com as mãos para grandes cabaças ou panellas.

Esta bebida é também muito apreciada dos brancos, que a preferem geralmente em mosto, constituindo um bom refresco, e substituindo até em muitos casos a melhor cerveja. Os pretos pelo contrario preferem-na depois de fermentada, porque dá mais *força*, segundo elles dizem. Também o utilizam chupando-lhe directamente o suco, e esse é o modo ordinario de o *comer*.

A casca do cujú é muito rica em tanino. A madeira tem pouco valor e não se deve confundir com a madeira denominada *acajú*.

A sua propagação faz-se por meio das castanhas, que conservam por muito tempo as suas faculdades germinativas. A transplantação não dá bom resultado. A planta quasi sempre morre, se não houver com ella extremos cuidados.

MANGUEIRA.—A *mangifera* de Linneu é uma arvore vigorosa e corpulenta, podendo em poucos annos adqui-

rir a altura de 12 a 15 metros, muito abundante de ramos e folhas, chegando, por uma sombra espessa, a impedir totalmente a vegetação debaixo da sua cópa.

As suas flores estão reunidas em grandes panículas terminaes, de flores muito numerosas, amarellas e muito pequenas. Cada ovário tem um unico ovulo.

O fructo é do volume de um pecego grande, regular, de forma quasi ovoide, um pouco achatado dos lados e muito carnudo. Tem um caroço duro e achatado no mesmo sentido do fructo, coberto de filamentos muito resistentes, perpendiculares á superficie, diminuindo gradualmente desde o centro á periphéria da pôlpa comestível. Verde-escura antes da maturação, a manga toma, quando madura, uma côr entre o roxo e o amarello num fundo verde, que lhe dá um bello aspecto.

Os indigenas começam a utilizar as mangas muito antes da sua completa maturação. Tem então um sabor particular de therebintina que se vae modificando e tornando muito agradável com o tempo.

A manga é um fructo muito pezado, chegando cada uma a 300 ou 700 grammas. Encontrando-se reunidas em cacho, e em grande numero em todos os ramos, estes chegam a vergar até ao chão ao peso de centenaes de kilogrammas.

Os cuidados culturaes requeridos pela mangueira são em geral bastante limitados. Dá-se perfeitamente em todos os terrenos, mas agradam-lhe de preferencia as terras fundas e as argilo-siliciosas. Com alguns cuidados é facil fazer derivar a sua extraordinaria força vegetativa em fructificação mais abundante e aperfeiçoada, pois a mangueira tende muito para o estado selvagem e bravoio. E' por isso que se fazem dellas bellissimas arvores ornamentaes de boa sombra e aspecto agradável.

A sua propagação faz-se por meio dos caroços, que nascem muito bem em qualquer terreno. A transplantação não dá bom resultado, porque o seu systema radicular consiste quasi exclusivamente numa grande raiz pivotante profunda e perpendicularmente cravada no solo. Por outra parte não ha grande necessidade de as transplantar, visto ser tão facil propagá-las por semente.

Ao fim de cinco annos já começam a dar fructo, que continua a ser abundante e regular.

Para o norte é muito abundante e muito explorada pelos indigenas, que a usam não só como fructa, senão tambem como bebida, que extraem pelos processos ordinarios já indicados.

Nalgumas partes de Inhambane, Sofala e em geral para o norte da provincia, possuem os indigenas em volta das povoações e palhotas verdadeiros bosques de mangueiras, quasi no estado bravo, que se vão propagando espontaneamente, dando, pela grande quantidade de arvores, abundantissimo fructo que chega para todos á vontade. E' em janeiro que as mangas começam a sazonar, e durante dois ou tres mezes, até ellas se acabarem de todo, ha um periodo interminavel de fartura e regosijo para os indigenas, que são summamente gulosos do fructo e ainda mais da bebida que delle extraem.

PAPAYEIRA.— A papayeira, (*carica papaya, L.*), é uma planta de talhe mediano, 4 a 6 metros, de caule simples, terminando por um *bouquet* de folhas longamente pecioladas, divididas em sete ou nove lobos sinuosos, irregularmente denteados. O peciolo chega a ter 80 centímetros de comprimento. O caule pode ter algumas vezes ramificações secundarias, sobretudo se foi quebrado em pequeno. Entretanto esse caracter é muito raro e nunca chega a produzir ramificações de ordem terciaria. As flôres são alternas e é sobre a sua inserção no caule que tem origem flôr e fructo.

E' planta dioica, havendo não obstante exemplos de plantas masculinas darem um ou outro fructo, e outras femininas possuirem flôres portadoras de pollen. Comtudo esses casos são raros.

As flôres masculinas estão reunidas em grandes cachos de talos muito longos. São gamòpétalas, de cinco divisões, e de cinco a dez estames cada uma. A corola é de um verde amarello quasi indefinido, espargindo em volta, a grande distancia, um aroma muito pronunciado e agradável. São muito abundantes em cada planta, e basta uma destas para a perfeita fecundação de milhares do outro sexo.

As flôres feminimas encontram-se reunidas em cachos de tres, cinco, sete e raras vezes mais, em eixos muito curtos de 10 a 15 millímetros de diametro quando o fructo plenamente desenvolvido. Todas podem ser

fecundadas, mas rarissimas vezes vingam todos os fructos.

Este é uma grande vagem, como um pequeno melão, pegada ao caule pelo pé, que não chega ás vezes a ter 1 centimetro de comprimento. Estando muito proximas umas das outras as folhas da papayeira, e na inserção de cada uma, um dois, tres e mais fructos, o seu numero total é ás vezes consideravel, e como existe entre elles uma rigorosa escala desde os fructos maduros da ultima ordem de folhas até ás flôres da primeira, e sazoadando successivamente uns atraz dos outros, a colheita chega a durar mezes, dando cada dia um a tres bellissimos exemplares. Com uma duzia de plantas e alguns cuidados, póde ter-se, durante quasi todo o anno, o fructo com certeza mais valioso e apreciavel destas regiões, pelas razões que logo diremos.

O fructo, de um verde carregado antes de maduro, torna-se pouco a pouco amarello ou ligeiramente alaranjado até á perfeita maturação. Tem uma unica cavidade e um numero consideravel de sementes. A parte comestivel é formada por um pericarpo quasi da mesma espessura do do melão, com que tem grande similhaça na forma exterior e interior, na collocação e quantidade das sementes, no pericarpo, etc. A polpa, de um amarello alaranjado bastante carregado, é muito doce e perfumada, de um sabor peculiar e exquisito, um pouco enjoativo ao principio, mas summamente agradavel e estimado por todos quantos o chegam a provar meia duzia de vezes. Come-se da mesma forma que o melão, servindo tambem para doce e conserva em vinagre. Este magnifico fructo não só é bem supportado pelo estomago, mas, possuindo um certo poder digestivo, é recomendavel o tomar algumas talhadas depois das principaes refeições, para favorecer a digestão. Isto é devido a um principio activo que possui em grande quantidade, chamado *papeína*, e que obra como a *pepsina*. E assim em vez de pepsina emprega-se a sua seiva com grande resultado e tambem como *antihelmintico*. São estas propriedades, a par das qualidades que apontei antes, que lhe dão um valor superior ao de qualquer outra producção deste genero, nestas regiões, onde tantos agentes concorrem para o mau funcionamento do estomago.

Uma papayeira em boas condições póde dar fructo indefinidamente durante a sua curta existencia, mas ordinariamente só produz com vantagem até ao quarto ou quinto anno. Depois deste periodo requerem ser renovadas, o que não é difficil.

As sementes, muito miudas, de um pardo-escuro pouco definido, de forma oval pouco regular e muito enrugadas depois de seccas, nascem muito bem emquanto novas e conservam durante alguns annos o seu poder germinativo. Os individuos que produzem são regularmente metade de cada sexo, que só se differenciam pela flôr que vem ordinariamente logo ao fim de um anno, começando desde então a dar fructo com toda a regularidade.

Segundo De Candolle a papayeira é originaria da America, d'onde foi transportada para a Asia e Africa. E' pouco exigente, dando-se perfeitamente em todas as regiões intertropicaes. Nos climas frios fructifica pouco, devendo provavelmente ser creada em estufa, pois na região do Limpopo, em sitio bem abrigado, tenho observado que não se desenvolve nos mezes mais frios, que são de junho a setembro.

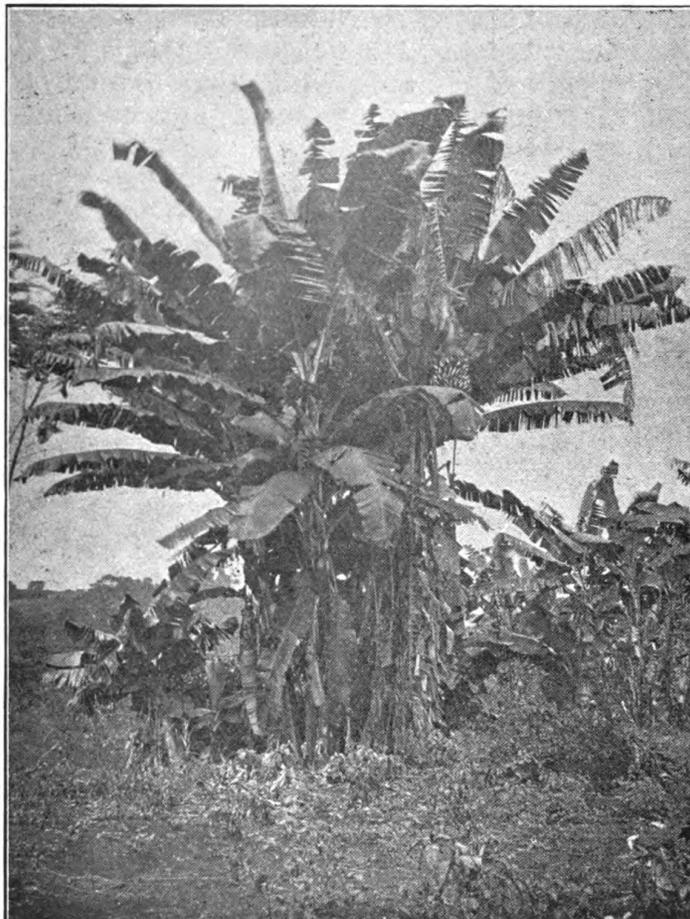
Semeiam-se em alfobre e transplantam-se para o logar definitivo logo que attingem 15 a 20 centímetros, supportando mal esta operação com maior desenvolvimento.

Nos terrenos areentos, como na nova cidade da Beira, onde o piso é todo areia, as papayeiras dão-se perfeitamente, encontrando-se ahí exemplares nada inferiores aos creados nos melhores terrenos e nas mais favoraveis condições que se podem desejar.

Sendo impossivel distinguir os sexos na occasião da plantação, esta faz-se com maior numero de individuos que os que devem ficar definitivamente, tendo depois o cuidado de arrancar todos os individuos machos com exclusão de dois ou tres para centenaes de femeas. A brisa e os insectos encarregam-se de realizar seus poeticos consorcios.

BANANEIRA.— Indigenas e europeus tem na bananeira uma das melhores producções da natureza, não só pela finura e riqueza do fructo mas pela grande facilidade de as crear nesse clima em volta dos pantanos

e charcos, sempre de terrenos profundos e fertilissimos como lhes convem. Entretanto os indigenas tem ensaiado e ensaiam continuamente a sua cultura em toda a parte o mais proximo possivel de suas povoações e palhotas, sobretudo para ficarem assim mais seguras e livres da



68 — Bananeiras

cubiça dos larapios, mas o resultado é quasi nullo não só porque se não desenvolvem devidamente, senão porque em geral fructificam pouco e mal.

Para o preto a cultura da bananeira não merece mais cuidados que a de qualquer outra producção. Limitam-se a plantar aqui e alli, em sitio mais ou menos

proprio, alguns rebentos dos que todos os annos se levantam em grande quantidade em volta dos individuos adultos, e uma vez constituída a plantação deixam-na multiplicar e desenvolver á vontade. Assim cada anno se vão multiplicando extraordinariamente, formando massiços fechados que, dentro de alguns annos, constituem uma verdadeira floresta de bananeiras do mais pittoresco e lindo aspecto.

Os indigenas apanham as bananas quasi sempre ainda mal sazoadas fazendo-as amadurecer ao fumo, para o que as penduram no interior das palhotas onde

fazem fogo para este e outros effeitos. Elles parece não acharem grande differença nos resultados deste processo barbaro, pois comem-nas com a mesma avidéz, e muitas vezes ainda sem esta operação; mas para nós perdem todo o seu valor e tornam-se um objecto verdadeiramente detestavel e improprio para o consumo. Não só perdem todas as suas qualidades aromaticas e assucaradas, mas adquirem ainda um sabor peculiar nauseabundo e repugnante.



69 — Vendendo bananas e outros fructos

Desta sorte conseguem os indigenas conservá-las por muito mais tempo, pois colhendo-as já sazoadas é preciso consumi-las logo para não se estragarem em poucos dias.

Nesta região começam a amadurecer ahi por fevereiro, sendo a maior abundancia em março e abril, porque o crescimento da planta, desenvolvimento e maturação do fructo faz-se successivamente durante alguns mezes. Em maio e junho ainda ha grande fartura de bananas,

e em geral apparecem durante todos os mezes do anno alguns cachos maduros.

Os indigenas cortam ordinariamente a bananeira por baixo, na mesma occasião de apanhar o fructo, servindo-se de suas folhas seccas para cordas e outros usos de pouca importancia.

ANANAZ.—Originario da America, o ananaz (*Bromelia ananas*, L.) foi levado para a Africa talvez pelos marinheiros fazendo viagem pelo Brazil. Hoje póde dizer-se inteiramente aclimatado em Africa, e os seus meios de propagação são ainda agora entre os indigenas os que talvez primitivamente serviram para o levar até ás mais remotas paragens do interior.



70— O ananaz

Sua grande rusticidade e resistencia ás grandes séccas, ainda mesmo fóra da terra durante muitos mezes, e os muitos e faceis meios de disseminação permittem que essa bella planta se propague quasi espontaneamente pelo interior, sem outro cuidado dos indigenas que o de deixarem cair na terra as sementes e os rebentos que corôam o fructo. Percorrendo por diversos motivos grandes extensões do litoral, levam naturalmente para o interior essa bellissima fructa que encontram em abundancia por toda a parte. As sementes que dellas escapam e outros restos que abandonam por onde passam, e principalmente em volta de suas povoações, são o bastante para a conquista pacifica e radical pelo interior dentro dessa producção tão apreciada

e de que os pretos não teem outro cuidado senão o de colher os fructos.

Existem aqui duas variedades principaes, uma de fructo alaranjado e outra de fructo branco, todos muito aromáticos e doces, muito summarentos e de um sabor delicado e exquisito, quando bem criados e perfectos. São summamente apreciados por todo aquelle que os chega a provar, e creio que para a generalidade não haverá muitas fructas superiores nestas costas de Africa.

Fructificam perfeitamente em todos os terrenos, ainda os mais sáfaros, comtanto que não lhes falte ar e luz. Abandonados no meio do matto e dentro das florestas, tornam-se quasi selvagens e não fructificam. Comtudo, se em qualquer tempo os desaffrontarem e lhes proporcionarem aquelles dois elementos essenciaes á vida, commecam logo a produzir regularmente, como tive occasião de observar.

Os pretos não lhes dispensam cuidados especiaes de cultura, e quasi só os plantam em volta das machambas e ao longo dos caminhos para servirem de sebe e tapume, pois nem desse modo deixam de dar abundante fructo, que cada qual colhe á sua vontade, chegando á farta para todos. Fructificam bem logo ao fim dum anno depois da plantação. Em dezembro apparecem os primeiros fructos sazonados, cuja posse é muito disputada, e em janeiro, fevereiro e março a fartura é tanta que o seu delicioso aroma espalhando-se no ambiente, faz-se sentir a grandes distancias.

Na época de mais fartura costumam os indigenas ir vender grande numero delles ás povoações e feitorias europeias, podendo arranjar-se meia duzia delles por 100 ou 200 reis. Quando elles valem bom dinheiro é dos mezes de abril em diante, em que são muito raros, podendo cada um custar aquelle preço.

Esses dois mezes de fartura são uma época privilegiada para os indigenas, que não só comem á vontade dessa bellissima fructa que se perde em quasi todas as machambas, mas pela grande abundancia de bebida muito apreciada que della extraem com a maior facilidade.

Para isso esmagam-nos bem no pilão, expremem-nos, e filtram-lhes o sumo algumas vezes. A quantidade de bebida que produzem é enorme, a qual é consumida

logo em môsto ou depois de uma rapida fermentação. E' fresca e agradável, e muitos europeus apreciam-na bastante.

CANNA SACHARINA. — Esta planta vegeta muito bem e quasi espontaneamente em todos os pantanos desta região, e os indigenas estimam-na muito, não só para mastigar e chupar-lhe o suco, mas sobretudo para extrahir uma bebida muito apreciada de que tambem distilam aguardente. Para a plantação, que é de maio a agosto, servem-se dos caules partidos aos pedaços, e das extremidades verdes, que enterram aqui e alem, naquelles extensos brejos, depois de lhes suprimir toda a vegetação espontanea. A canna pega muito bem, cresce rapidamente e chega ao seu completo desenvolvimento ao fim dum anno, em que pode attingir dois metros d'altura e mais.

Começa então a colheita e a sua transformação em bebida ordinaria e em alcool. Para lhe extrahir o succo tem uns engenhos de madeira, muito simples, onde vão empilhando a canna e esmagando-a á força de braços, empregando continuamente durante a operação vinte ou trinta homens que se vão revezando constantemente. A canna fica perfeitamente esmagada e espremida, e o succo é aparado em vasilhas enterradas no solo abaixo do nivel da superficie. Estes engenhos ouvem-se muito longe quando trabalham, e por mais que os occultem no fundo das florestas ou no meio dos pantanos inacessiveis, por medo das perseguições dos cantineiros, os indigenas, por um instincto especial, ahi se juntam aos magotes para participar daquelle nectar cujo só cheiro a todos embriaga. Tambem se juntam ahi verdadeiros enxames de abelhas, afogando-se aos milhares nos depositos de succo saccharino, sendo ás vezes origem de grandes desastres para os pretos que as engolem sem reparo, pela sofreguidão com que vão ingerindo quantidades immensas desse liquido em que não podem ter mão.

Ordinariamente todo o liquido que extrahirem num dia, é consumido ali mesmo entre o dia e a noite, por todos os convidados e não convidados que foram attraídos só pelo cheiro. Quarenta, cincoenta, cem e ás vezes mais negros ali estão um dia todo trabalhando e be-

bendo, fallando e fazendo immensa algazarra e repetindo continuamente as libações até á ultima gotta, saindo dali todos a cair de bêbados, ou ficando toda a noite a curtí-la no proprio local ou nos caminhos que conduzem ás suas respectivas palhotas.

Para transformar este liquido em aguardente possuem uns alambiques muito primitivos mas de optimos resultados. Consistem elles em duas grandes panellas de barro, de sua industria, e num simples cano de espingarda convenientemente montados. Tres panellas mais pequenas, de fundo para o ar, ou simplesmente alguns fragmentos de outras que se quebraram, formam uma especie de trempe sobre a qual collocam uma das grandes panellas que serve de caldeira. A outra emborcam-na por cima da primeira a fazer de capete. Num pequeno orificio praticado entre ambas adaptam um cano de espingarda, barram-lhe bem as juntas, e eis um alambique muito rasoavel, usado pelos indigenas de toda a costa e com o qual fabricam grande numero de alcooes. Com um fogo moderado e certo, conforme lhes tem indicado a experiencia, estes alambiques nada deixam a desejar. Para o cano se não derreter teem o cuidado de o refrescar constantemente com agua fria. E' por este processo que fabricam toda a casta de aguardentes de muitos e variados fructos das suas florestas, mas sempre com as maiores precauções para se livrarem das perseguições dos cantineiros, que algumas vezes lhes deitam fogo aos canaviaes e engenhos e os obrigam a pagar grandes multas, pela concorrência que, com os seus productos, fazem ao seu commercio de *vinho colonial* e outras mixordias tão nocivas aos organismos do indigena como as aguardentes e outras bebidas da sua industria.

Alem das fructeiras mencionadas outras ha perfeitamente florestaes que lhes dão productos valiosos para comer e fabricar diversas bebidas.

Seja a primeira a ABERIA CAFRA, grande arvore de 5 a 7 metros de alto, e outro tanto de diametro na copa, muito enramada e de folha perenne. Estas são coriáceas, elípticas, de pequenas dimensões, de um verde luzidio bem destacado, reunidas nos ramusculos em trempe os quaes se alternam constantemente dois a dois.

Seus ramos, em grande numero, crescem indefinidamente em sentido do comprimento, arqueando ao mesmo tempo para a periphéria. Os ramusculos succedem-se regularmente tres a tres, pelo mesmo systema das folhas, desenvolvendo-se gradualmente desde a base dos ramos. Estes ramusculos abortam geralmente antes que termine o periodo vegetativo, transformando-se em grandes e fortes aculeos. Por isso tornam-se de grande utilidade para sebes e tapumes, tanto das culturas como das mesmas palhotas e para defeza dos gados.

A aberia é dioica e apétala, e o calice é composto de cinco peças tomentosas. O ovario é unilocular com varios grãos. O fructo assimelha-se e uma nêspera, mas de um corado mais caracteristico. São em geral muito abundantes, podendo uma arvore regular possuir uns vinte e cinco mil, que podem baixar a um terço ou quinto ao approximarem-se da maturação. Crus teem um sabor acido, mas agradável, e os indigenas comem-no com gosto, e delle extraem uma bebida muito inebriante mas não muito apreciada. Propaga-se espontanea e extraordinariamente. Gosta das terras siliciosas e resiste ás seccas mais prolongadas.

O CANHO (*Sclerocarya caffra?*) é outra arvore estimada dos indigenas pelo seu fructo. De folhas compostas e alternas reunidas nas extremidades dos ramusculos, assimelha-se muito á pereira em todas as suas phases annuaes.

As flores são pequeninas, de calice gamosepalo de cinco divisões. A corolla tem cinco pétalas distintas, regularmente dispostas, de côr de rosa. Os estames são em grande numero, inseridos sobre o calice, formando uma linda corôa em volta do ovario. O fructo, carnudo, é similhante a uma pequena pera, com duas ou mais cavidades interiores, que correspondem a duas ou mais carpellas livres. As sementes são gradas e muito duras, servindo-se dellas os naturaes para *empedrar* o piso das palhotas, misturando-as com barro.

A fructa, comestivel, é boa e agradável. Os pretos estimam-na muito, e extraem della, pela fermentação, uma bebida das mais apreciadas entre elles.

O canho propaga-se bem por semente, a madeira é pouco aproveitavel. Floresce em setembro e o fructo está sazonado em janeiro.

O NYUEBO é outra arvore communissima nestas florestas e cujo fructo é muito estimado de todos. E' arvore de grande porte, cheia de grossas ramificações desde a base, quasi parallelas ao eixo principal. Tem a folha miuda e á primeira vista assimelha-se um pouco á austrialia. Tenho encontrado alguns exemplares caducos de mais de metro e meio de diametro. E' bellissima madeira para construcções, muito rija e difficil de trabalhar, mas resistindo perfeitamente aos ataques das termitas. Esta qualidade dá-lhe um grande valor numa região onde nada resiste a esse terrivel inimigo do homem. Essa arvore encontra-se em abundancia por toda a parte, porque na devastação das florestas são poupadas pelos indigenas por causa do fructo.

Este é constituido por grandes cachos de bagos brancos, como os das uvas, com que se parecem na disposição e forma. São doces, agradaveis e muito apreciados.

TABACO.— Todos os indigenas cultivam o tabaco, tanto pelo fumo como para o tomarem em pó de mistura com as folhas do canhamo. A sua cultura é feita em terrenos novos e bem ferteis, para que elle possa tomar todo o desenvolvimento que lhe é proprio.

Um anno antes da plantação esse terreno é bem capinado, e cavado em seguida muito esmeradamente, sendo enterradas profundamente todas as plantas annuaes e outros detritos vegetaes, e não queimados como costumam fazer para outras culturas. Esse capim apodrecendo restitue á terra alguns principios fertilisantes e torna a terra mais fofa e leve, o que elles reputam muito favoravel ao desenvolvimento do tabaco. Ordinariamente nunca fazem duas culturas successivas no mesmo sitio por a terra se esgotar muito com uma tal producção.

A sementeira é feita em alfobre bem preparado, limpo e gradado. A semente que teem ainda guardada nas cápsulas e espigas da planta, é espalhada no alfobre em grande quantidade, e coberta apenas com ramos de arvore, ordinariamente de *aberia cafra*, que é excellente para impedir a entrada de animaes que a possam damnificar. A semente nasce bem e desenvolve-se rapidamente. Logo que attinge coisa de meio palmo começa a planta-

ção definitiva na arroteia já indicada, que é novamente cavada e bem gradada. Abrem então os covachos á distancia de tres a quatro palmos em todos os sentidos, sem nenhuma ordem nem symetria, e fazem a plantação como se costuma com outras plantas annuaes. Ordinariamente esperam uma occasião de chuvas abundantes. No caso contrario vêem-se obrigados a fazer algumas régas até as plantas agarrarem bem á terra.

O tabaco é planta muito robusta e em pouco tempo adquire um grande desenvolvimento, avassalando toda a vegetação espontanea e depauperando a terra extraordinariamente. Ao fim de um anno tem adquirido seu completo desenvolvimento, e os indigenas começam logo a colheita antes de perfeita a maturação, reservando apenas as plantas necessarias para a semente e cujas folhas são depois igualmente aproveitadas. Outras vezes fazem a colheita successivamente á medida que o vão utilizando, mas geralmente colhem-no todo de uma vez para mais facil manipulação.

Cortam-no então por baixo e levam-no para as palhotas onde o collocam á sombra durante alguns dias entre duas boas camadas de feno. Depois tiram-lhe todas as folhas aproveitaveis, dispondo-as em grandes rolos de metro a metro e meio de altura por 12 a 15 centímetros de diametro, adaptando-lhe um involucro de feno, e é assim que o põem a seccar ao sol durante muitos dias, tendo o cuidado de o livrar de chuvas e cacimbas até estar bem secco. Então é todo desatado, disposto em camadas parallelas em esteiras ou camadas de palha e exposto á cacimba durante uma noite. Em seguida é enrolado novamente como a principio, ficando as folhas adherentes umas ás outras. Torna-se a pôr ao sol até se evaporar completamente toda a humidade e guarda-se. São estas as principaes manipulações do tabaco, segundo as informações dos indigenas. Fica então apto para se usar.

O pó prepara-se das folhas, depois de bem limpas de todas as nervuras, sendo então postas ao fogo em cacos ou latas, onde são igualmente torradas as folhas do canhamo que juntam ao tabaco depois de bem triturado e moído. Este pó, tão fino como o simonte, é aromatico e muito picante, mas negro como carvão.

A's vezes os indigenas vão vender estes rolos de ta-

baco ás povoações europeias, os quaes lhes rendem em certos casos 1\$200 a 2\$000 réis, e muito mais lhes valeria se soubessem procurar mercado ou os instruissem nestes e noutros ramos de exploração agricola e industrial.

RICINO. — E' planta de muito valor para os indigenas, pelo muito oleo que produzem suas sementes, e que lhes serve de protecção contra o frio, untando todos os membros com elle; muito empregado na lubrificação de machinas e tambem na medicina, tem para os indigenas uma certa importancia pelo emprego que lhe dão.

A cultura do ricino é feita geralmente em volta das palhotas, desenvolvendo-se perfeitamente em toda a casta de terrenos. E' planta geralmente de pequenas dimensões, muito productiva e pouco exigente. Uma vez semeada desenvolve-se depressa supplantando facilmente a vegetação espontanea. No primeiro crescimento os indigenas tem o cuidado de lhe supprimir as hervas ruins, subministrando-lhe algumas sachas. Depois abandonam-o completamente.

Conserva o caule sempre verde, dá fructo durante alguns annos seguidos, variando muito em quantidade e qualidade de uns annos para os outros. Quasi todos o cultivam para uso particular.

Depois da semente attingir sua perfeita maturação é apanhada quasi grão a grão e levada para as palhotas para ser reduzida á oleo. Eis o processo que usam para a sua extracção: Esmagam-na perfeitamente no pilão até ficar reduzida a farinha bem fina. Põe-se depois a ferver com agua em grandes panellas durante muitas horas até o oleo subir todo á superficie. Entretanto vão-no separando para outros vasos á medida que se vae purificando, até não ficar senão os residuos da semente ou bagaço. Esta operação é feita com grandes colheres de pau da industria dos indigenas.

Ordinariamente este oleo não sae perfeitamente purificado á primeira fervura, sendo assim difficil a sua conservação. Então dão nova fervura ao oleo só e separam-no com muito cuidado para que não leve gotta de agua nem residuo algum das sementes. Depois guardam-no em cabaças, panellas e outros vasos, e neste estado póde conservar-se perfeitamente durante um anno e mais sem se corromper.

KUNGO.—E' outra productora de fino oleo mas de applicação culinaria. De caule sarmentoso, de vinte a trinta metros de comprido e diversamente ramificado, é a mais bella trepadeira que se encontra naquellas regiões, e plantado ao pé duma arvore alta e bem copada, não tarda a cobrí-la completamente, formando o mais lindo tecto. Encontra-se em algumas povoações indigenas formando os mais frescos, elegantes e pittorescos caramanchões que se pode desejar. Produz fructos do volume e feitio de um melão mediano, de que os indigenas não fazem uso. O que elles aproveitam são as sementes, em grande quantidade. São quasi circulares, bastante achatadas e com um diametro de 25 a 30 millimetros. A amendoa é protegida por um involucro muito rijo. Torradas ao fogo são muito saborosas.

Para a extracção do oleo os indigenas separam-lhe a amendoa da casca e depois de a moerem bem no pilão, praticam exactamente como na extracção do oleo de ricino. E' muito apreciado dos indigenas e os orientaes tambem fazem delle muito uso.

6—Animaes domesticos, caça e pesca

E' antiquissima entre estes povos a criação de gado, figurando em primeiro logar o gado vaccum com que pagavam os grandes debitos, o qual, juntamente com outras especies, era seu unico dinheiro, como ainda hoje lhe chamam. «O dinheiro do preto, dizem elles, são os bois, as cabras, ovelhas, porcos, etc.» Os bois eram o preço corrente das mulheres, quando elles ainda prosperavam nestas terras. Hoje, que já existem pouquissimos e que o contacto com os europeus tem modificado bastante seus usos e costumes, as mulheres são compradas por um preço equivalente a vinte e cinco libras cada uma, termo médio. Comtudo ainda agora se expressam como antigamente com respeito aos termos do contrato, e assim dizem: «Vou pagar *tihomo*,» ou: «ainda não paguei *tihomo*.» *Tihomo* são bois, ainda que actualmente significam com este termo o dinheiro que lhes custou a mulher ou mulheres.

No tempo de Gungunhana ainda existiam entre os indigenas grandes manadas de bois e o proprio Gungunhana possuia muitos rebanhos de milhares de cabeças. Hoje, porém, que a terrivel peste bovina impera em todas estas regiões oriental e austral, e ainda mais alem, fazendo estragos assombrosos, os indigenas teem abandonado quasi completamente a criação do gado vaccum, e apenas um ou outro se occupa dessa industria tão

contingente, sem nunca se abalançar a grandes explorações.

Entretanto ainda não foi absolutamente radical esse abandono, pois encontram-se de longe em longe alguns pequenos rebanhos, insignificantes reliquias de um passado verdadeiramente prospero neste genero de exploração.

Estes pequenos rebanhos talvez devam sua existencia a estarem muito isolados, em pontos mais ou menos inacessiveis, onde certamente nunca entrou a peste bovina, sem comtudo deixar de haver casos em que de um para outro momento desaparecem todos como por encanto.

Actualmente, comtudo, já não teem as mesmas applicações que tinham antigamente. Dantes, ou fossem producto de criação ou de troca, eram sempre consumidos pelos proprios indigenas nas occasiões das grandes festas ou nos banquetes ordinarios dos grandes; hoje, como o dinheiro tem applicações mais variadas e faceis, são ordinariamente vendidos aos europeus pela taxa média de 10 libras.

Agora são os porcos, ovelhas e, sobretudo, cabras que constituem uma exploração mais regular entre elles. Pelo grande desmaselo e abandono em que os tem, não seria, porém, digna de mencionar-se esta industria, se não fosse por concorrer para o conhecimento de seus usos e costumes, e sobretudo de suas tendencias agricolas em todos os ramos de exploração do solo. Por outra parte esta incuria não faz uma excepção á regra.

As abundantes e bellas pastagens que ha em toda a parte, o pouco trabalho que esta industria exige, e os grandes e optimos recursos que lhes fornece, deviam ser um estimulo para seu aperfeiçoamento progressivo, e comtudo não é assim, pois da mesma maneira que seus antepassados os abandonavam a seus proprios recursos, assim elles hoje cuidam desses enfezados rebanhos, sem lhes prestar os mais insignificantes cuidados de hygiene e alimentação regular. O indigena que deseja possuir um rebanho trata de arranjar duas ou tres cabeças femeas, junta-as com os pequenos mas numerosos rebanhos de seus vizinhos, e não tarda a crescer o rebanho prodigiosamente.

Os estabulos são a cousa mais impropria que se pode

imaginar. Um cerrado do feitio de uma palhota, com sua competente cupula, de estacas fortes, com 4 a 5 metros de diametro, é um curral para trinta ou quarenta cabeças de gado, se tantas existem. A porta é ordinariamente uma pilha de madeiros entre quatro estacas, que todos os dias são tirados e postos um a um á entrada e á sahida do rebanho. Em sitios onde se temem as investidas das feras, o que é muito frequente lá mais para o interior, onde as hyenas, os chacaes, o leopardo e o leão rondam os estabulos com assiduidade, estes são reforçados com varias ordens de ramos e troncos da *aberia cafra*, bem ligados entre si, o que os torna inquistaveis fortalezas. Que a agua, o calôr e as ventanias ahi penetrem livremente, isso pouco lhes importa, e admiram-se muito quando vêem um europeu cuidar do maximo conforto de seus gados e animaes domesticos.

A limpeza dos estábulos é uma coisa inteiramente desconhecida para elles. Todos os dejectos e urinas dos animaes ahi se accumulam durante annos, attingindo ás vezes uma altura de meio metro e mais. Duas pequenas manadas de bois que vi nestas proximidades, nos estábulos, estavam constantemente enterrados mais de 25 centimetros em dejectos quasi liquidos. A's cabras e ovelhas succede outro tanto em todas as povoações. Além disso, não temendo os indigenas as investidas das feras nestas regiões mais visinhas, deixam chegar os estábulos ao ultimo grau de caducidade, sendo constantemente invadidos pelas chuvas, estando assim os animaes habitualmente a nadar na immundicie mais pestilencial. Assim, e com tantos outros contratempos, não admira que haja tanta mortandade nos rebanhos indigenas e que tão raras vezes se encontre um exemplar perfeito. E' só quando o estabulo se desfaz todo em ruinas que elles melhoram a situação dos animaes, removendo as immundicies, para o levantarem de novo ou indo estabelecê-lo em sitio diverso.

Da incuria tão caracteristica destes póvos provêem pessimos inconvenientes. Esses estábulos, sempre no meio das povoações, são permanentes focos pestilenciaes, não só para os gados senão tambem para todos os habitantes.

A alimentação dos rebanhos, apesar das pastagens

serem abundantísimas, não é mais esmerada que os outros cuidados que lhes prestam. Todos os rebanhos de uma povoação e ás vezes de varias povoações visinhas se juntam em sitios mais ou menos determinados, onde os pastores, quasi tão numerosos como o rebanho, tenham divertimento certo e a seu gosto. Se o tempo é bom o gado espalha-se pelas planicies até á hora do recolher e vem ordinariamente farto. Quando, porém, succedem dois ou tres dias de chuva, ou o frio convida os pastores a ficarem á roda da fogueira, o que é frequentissimo no meio das duas estações, então os rebanhos morrem de fome, infezam e definham a olhos vistos. Nestas circumstancias nem liberdade teem a maior parte das vezes dentro dos curraes, pois é costume muito generalizado prenderem-nos todos por uma mão a pequenas estacas cravadas na terra, dispostas por todo o pavimento, de modo que chegue uma para cada cabeça.

Agua nunca a dão a classe alguma de animaes, excepto aos bois, o que em certo modo se justifica pela enorme distancia a que, pela maior parte, as povoações se encontram de qualquer manancial, e o muito trabalho que lhes custa o irem-na buscar para os indispensaveis usos domesticos.

O gado caprum é o que está mais espalhado por toda a parte, e ainda que seus rebanhos raras vezes passam de trinta ou quarenta cabeças, como não ha ninguem que não possua algumas, o seu numero total avulta bastante. As ovelhas não são tão numerosas, talvez porque são mais sensiveis á falta de hygiene e é maior a sua mortandade, e assim tambem é mais reduzida a sua exploração. Os porcos tambem são muito numerosos, e, apezar de ser grande a sua mortandade, os indigenas nem por isso abandonam a sua criação pelo muito que apreciam as carnes gordas.

A trichina e a matakanha infestam de tal maneira todo o gado suino que se torna difficil na região de Gaza encontrar um unico exemplar perfeitamente são, e só com extremos de cuidado se pode preservar um ou outro de tão nefastas epizootias, que se alastram espantosamente pelo grande abandono a que votam todas as coisas e pela promiscuidade em que andam todos os rebanhos. A matakanha ataca igualmente as gallinhas,

ovelhas, cabras e bois, os quaes teem seu maior inimigo nas carraças (as transmissoras do *piroplasma bigeminum*) de que chegam a andar litteralmente cobertos.

Todos os indigenas são avidissimos de alimentação animal e é com um prazer voluptuoso de canibaes, que elles mastigam quasi crús os pedaços de gordura mais nauseabundos, chupando avidamente as medulas dos ossos e devorando com soffreguidão todos os residuos de qualquer animal. A carne de porco é para elles a mais predilecta, por isso mesmo que é a mais gorda, e quando em certas épocas do anno sacrificam algum, convidam todos os parentes e amigos para participarem dessa grande festa dum só dia. Morto o animal cada commensal corta o seu quinhão, que é apenas aquecido no lume e devorado logo sem mais preambulos nem cerimoniaes. Em poucas horas tudo desapareceu.

Uma das coisas mais bem aproveitadas dos animaes domesticos, depois da carne, são as pelles. As de cabra e sobretudo de cabritos de menos de seis mezes são tambem as mais estimadas.

Aquellas servem para diversos usos e para vender, e estas fazem parte de seu vestuario. Para isso supprimem-lhes as partes correspondentes ao ventre e cabeça, seccando-as e preparando-as bem em seguida. Servem-se dellas pendurando-as pelas mãos á cintura, uma por traz, outra por deante, com as pernas suspensas para um e outro lado, considerando isto um objecto de luxo. Muitas mulheres tambem possuem uma grande pelle bem secca e flexivel, que lhes serve para amarrar os filhos atraz das costas enquanto são pequenos.

Preparam-nas da maneira seguinte: Esfolado o animal, raspam bem o interior da pelle de todas as fibras e gorduras que lhes ficaram adherentes. Depois estendem-nas na terra, com o pello para baixo, e pregam-nas em toda a volta com ponteiros de madeira. Cobrem-nas de cinza e calcam-nas bem com os pés no meio e nas extremidades, deixando-as ao sol até ficarem bem seccas. Muitas vezes as suas caçadas não teem outro fim que a obtenção de pelles, de que fazem offertas valiosas aos regulos e a algum colono de respeito, que por ellas lhes dão uma certa remmuneração.

As gallinhas são muito apreciadas e exploradas pelos indigenas, principalmente por lhes dar muito menos tra-

balho e cuidado a sua criação que quaesquer outros animaes domesticos. Acostumadas a recolher perto das palhotas nas arvores que as rodeiam, deixam-nas andar á vontade pelo matto onde põem os ovos, criam os filhos e se sustentam como no estado natural, dos recursos que ahi encontram em mais ou menos abundancia, multiplicando-se e desenvolvendo-se rapidamente. Assim é difficil acostumá-las á capoeira, é em geral preferivel deixá-las á solta, onde a falta de hygiene não se faz sentir tanto.

O caracteristico especial das gallinhas cafreaes é o amor pela liberdade, e o seu captiveiro, desde que nascem até á morte, é apenas nominal. De dia percorrem o matto até grandes distancias, fartando-se de sementes, vermes e insectos, e á noitinha procura cada uma o seu logar predilecto para passar a noite, na arvore ou arvores que a primeira vez escolheram em volta da povoação.

Entretanto é lindo ver pelo matto um bando de pintainhos acompanhados da mãe, que solicita lhes procura o alimento e os defende de seus numerosos inimigos. E' principalmente de setembro a dezembro que elles soffrem uma perseguição cruel e encarniçada de grande numero de milhanos que aqui véem passar a estação e nidificar. Esfaimados, percorrem continuamente as povoações, espreitando desde as alturas a presa que se esconde entre a folhagem, e fazendo-se annunciar quasi sempre por um pio sinistro. Neste momento toda a criação corre a esconder-se nos pontos mais inacessiveis. Elles difficilmente perseguem a criação adulta; os pintainhos são sua presa predilecta. Logo que os descobrem baixam de repente descrevendo uma curva e arrebatando os que podem sem pousar no chão. E' então que as gallinhas mães, meio selvagens, mostram uma tactica extraordinaria illudindo o inimigo, ou batendo-o com pasmosa destimidez. Observei muitas vezes estas luctas desiguaes, e a gallinha ou fazia perder ao milhano a pista dos pintainhos, que desapareciam como por encanto, como fazem os perdigotos, até a ave carniceira se ausentar e a mãe os chamar, ou então oferecia-lhe batalha corajosamente. Esta ultima scena observei-a duas vezes. Quando appareceu o milhano os pintos não tiveram tempo de fugir e a mãe tratou de os

defender com bravura, luctando peito a peito com o abutre, o qual, refugiando-se numa alta árvore que estava proxima, ahi mesmo foi batido e vencido pela galinha, que num rapido vôo se transportou a mais de quinze metros de altura para afugentar tão cruel inimigo!

Nesta época é necessario uma extraordinaria solitudine para guardarem os filhos que, não obstante, são dizimados em grande numero. Sempre criados na solidão começam logo a ser muito desconfiados, e sempre que os encontramos no matto é vê-los esconderem-se em toda a parte, ou dando grandes vôos atraz da mãe, ainda quando os remigios lhes começam apenas a apontar.

Os indigenas fazem bom negocio entre os colonos europeus com a criação e seus ovos. Estes nunca os vendem por menos de vintem cada um, e nunca vendem menos de cinco por ser o tostão a moeda mais pequena que conhecem.

As gallinhas tambem tem o preço fixo de 200 réis, salvo se é um exemplar excepcionalmente desenvolvido, pelo qual pedem ordinariamente uma *quinhenta*. A galinha, ainda que depressa farta, é um recurso valiosissimo para todo o colono que se dirija muito para o interior, e por 200 reis não são caras. Quem fôr pontual no pagamento tem sempre carne com fartura, do contrario os indigenas fazem *grève* e então só á força se lhe podem tirar.

As gallinhas ordinariamente só o são no nome. Os indigenas, muito peritos na castração dos gallos, fazem-na muito cedo quasi a todos, conseguindo assim vendê-los por gallinhas. Com ellas celebram elles os banquetes mais modestos entre familia, assim como com os outros gados as festas mais ruidosas.

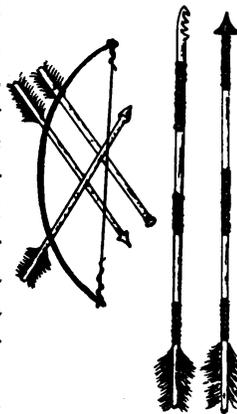
A criação de pombos merece um cuidado especial dos indigenas, que lhes preparam umas palhotas, muito pequenas e bem feitas, com dez a doze divisões internas, onde nidificam, collocadas sobre uma grande plataforma.

Os cães são tambem uma mania dos pretos que lhes consagram um grande carinho e affecto. Todos desejam possuir o maior numero possivel, e quando apparece uma ninhada de cachorros, são dez vezes mais os seus

pretendentes, e nem um só é sacrificado para bem dos demais.

Apezar do affecto que lhe consagram trazem-nos no maior abandono, a cair de fome, cheios de enfermidades e apresentando um aspecto repugnante. Entretanto não ha exemplo, que eu saiba, de um unico caso de raiva, que seria realmente um desastre em clima tão favoravel ao seu desenvolvimento e com tão poucos recursos sanitarios contra esse horrivel flagelo.

CAÇA E PESCA.— Qualquer destas industrias, tão característica dos povos primitivos, é actualmente pouco explorada pelos indigenas de Gaza, apezar de serem muito povoadas de peixe as aguas do mar que os banha, e de muita e variada caça os seus campos e florestas, como vimos a pag. 24. A incuria e preguiça innatas, que tanto os caracterizam, a pouca necessidade que tem desse recurso, e talvez uma especie de obliteração proveniente do estado social particular em que vivem ha muito, já convulsionados pelas guerras intestinas, já numa especie de transição para uma outra ordem social, que lhes tem sido imposta pelo meio europeu, depois de sua completa pacificação, explicam sufficientemente, segundo me parece, estas e muitas outras apparentes anomalias.



71 — Arco e setas de caça

A pouca e insignificante caça que fazem ás rôlas e outras aves, umas vezes por meio de laços e armadilhas, outras com pequenas frechas apropriadas a esse fim, quasi não passa dum divertimento da gente moça, e só occasionalmente é que perseguem e apanham alguma lebre ou cabrito montez, após uma demorada e ruidosa montaria de gente e cães.

Nas regiões do norte são mais dados á caça e, ora a tiro, ora com azagaias e setas, não é raro abaterem bom numero de antilopes, gazelas e muitas outras especies cornigeras que abundam no paiz. As hyenas, os hyppopotamos, os leopardos, os mesmos elephantès e leões, são algumas vezes objecto de suas caçadas, mais ordinariamente em laços e armadilhas que frente a frente.

A necessidade de se defenderem destes potentes inimigos é que muitas vezes os obriga a fazer-lhes guerra de extermínio. Já Fr. João dos Santos na sua Etiópia Oriental descreve alguns meios muito engenhosos de que elles se valem para caçar as feras. Um de que ainda hoje se servem, e com vantagem é este. Junto dos curraes ou povoações frequentadas pelas feras, deitam no chão o gral dum pilão, que faz de almofariz, previamente furado no fundo. Introduzem neste buraco os canos duma espingarda carregada de bala ou chumbo grosso. Atam-lhe aos gatilhos um cordão forte, de um modo engenhoso, e fazem-no passar igualmente pelo buraco onde vêem sair os canos da espingarda. A este cordão atam uma perna de cabra, um cabrito pequeno ou qualquer outro engodo, que fica dentro do almofariz, junto á boca da arma.

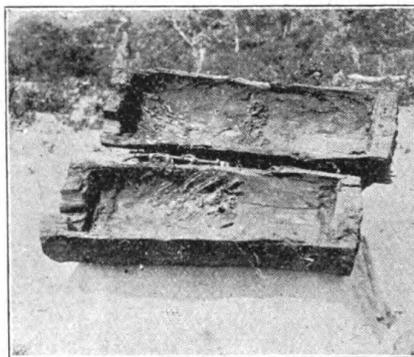
Quando a fera volta á povoação é esta a sua preza mais facil. Para isso introduz a cabeça ou as patas na cavidade do pilão, e, no momento de arrebatá-la, o cordão puxa os gatilhos, a espingarda dispara certa eira na cabeça ou peito da fera, que alli fica estendida e exanime ou vai morrer a pequena distancia. E' rarissimo escapar a este estratagem, a não ser que a desconfiança lhe faça desprezar o engodo.

Uma das feras mais perseguidas dos pretos são os macacos, não só pelo nenhum risco que offerecem, mas principalmente para defeza de suas culturas, principalmente de milho e dalgumas fructas, e ainda para lhes aproveitarem as pelles que muito estimam para vestuario e adorno. Fazem tambem grandes montarias aos ratos, sobretudo a uma especie de grandes dimensões, a que chamam *xigüinha*, e que constituem para elles um alimento predilecto.

A pesca não lhes merece mais cuidados e actividade que a caça. Nas lagôas apanham de longe em longe algumas variedades de peixe á linha, a camaroeiro ou á rede, o qual vendem aos europeus ou aproveitam na propria sustentação, já fresco, já secco ou defumado. No mar fazem algumas vezes uso das *gambôas*, que em marés regulares podem prender muitas arrobas de pescado. E' pratica mais usada nas regiões do norte que em Gaza.

APICULTURA.—Não será descabido dizer aqui algumas palavras acerca da apicultura entre os cafres, pois é uma das industrias que mais exploram por toda a parte, não só por causa do mel, mas pela cera que lhes serve para muitos usos e tambem para vender aos colonos.

A região é muito rica de abelhas, predominando sobretudo a *apis cafra*, que em numerosos e bem povoados enxames percorrem todas as florestas e collinas de dezembro até março. Buscam ordinariamente as cavidades dos troncos velhos, onde se reproduzem e fabricam grande quantidade de mel, que os indigenas aproveitam, afugentando primeiro as abelhas por meio de fogo. A propriedade destes ricos depositos é do dono da *machamba*, em cujas arvores as abelhas se estabeleceram.



Os indigenas não desconhecem totalmente a apicultura. Os mais experientes collocam grandes panellas de barro, de 20 ou 30 litros de capacidade, nos logares onde suspeitam que passarão os enxames, e de entre tantos lá fica um ou outro. Se o collocaram em cima de uma arvore e o sitio é proprio, ahi o deixam ficar, senão passam-o para outra ou para um charco qualquer, onde o equilibram devidamente, ficando assim mais livre dos ardores do sol e das incursões dos insectos, principalmente das termitas e de algumas especies de formigas muito gulosas.

Outros arranjam grandes *cortiços* de cascas de arvores, com uma unica abertura para cima, e os suspendem nos ramos das arvores, onde ficam mais resguardados da *formiga branca* ou termita, o flagello mais para temer nestas paragens.

Os unicos cuidados que teem com as abelhas, depois de estabelecidas em qualquer dos trez generos de colmeias que mencionamos, é vigiá-las para que não sejam destruidas por mil inimigos que as procuram. Depois vem a *cresta*, muito mais radical que a da nossa velha

72—Cortiço feito do tronco de uma arvore, vasio e aberto

apicultura, e que em nada differe do que a principio apontamos.

Espantam as abelhas por meio do fogo, despejam a cavidade de mel e cera, e vão á procura de novo enxame que substitua o primeiro.

O mel, muitissimo mal preparado, muitas vezes misturado com a criação e outros objectos estranhos, é empregado em varios usos culinários e tambem medicinaes.

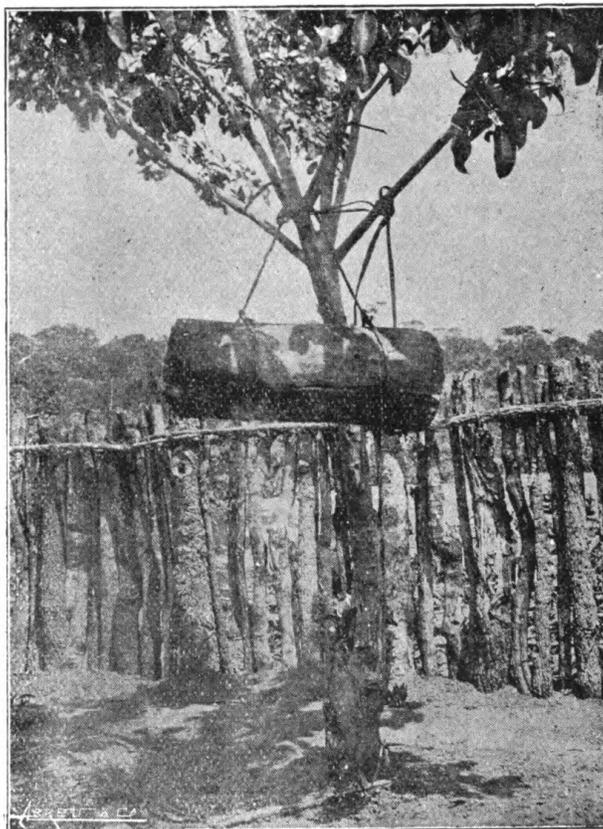
Uma outra productora de mel que me chamou particularmente a attenção foi uma colonia do *melliponas* ou *moscas do mel* cuja colmeia era constituida por uma cavidade redonda situatla no centro da terra, de uns 30 centimetros de diametro, toda construida de uma argamassa muito consistente e impermeavel á agua e á acção do *muchem* (*formiga branca*), segundo me disseram os pretos. Parece que tinha sido feita pelo molde das panellas indigenas que tantas vezes lhes servem de colmeias. Suas paredes tinham 12 millimetros de grossura e terminava a modo de funil, até acabar no pequenissimo orificio que já vimos. Disseram mais os pretos, que estas abelhas tapavam este orificio quando se viam atacadas pelos insectos ou invadidas pelas chuvas, o que me não parece verosimil, pela falta de ar que logo se faria sentir.

A cavidade, entre a criação, cera e mel, estaria occupada em metade de sua capacidade, quando muito, e os favos dispostos da maneira seguinte: a um dos lados, agarrados ás paredes da cavidade estavam os depositos do mel. Não tinham semelhança nenhuma com os favos das nossas abelhas. Bastante grandes, contendo tres a quatro centilitros de mel, as células não obedeciam a nenhuma lei geometrica, e a sua forma mais ordinaria era a dum figo de tamanho regular. Cada uma destas células ou depositos estava separada de todas as outras por um cordão de cera, curto e grosso, permittindo que as abelhas os visitassem todos livremente. A cera era bastante negra, e o mel muito claro, liquido e saboroso. O mel depois de coado deu para cima de meio litro.

No centro ficavam as células de incubação, de forma hexagonal e dispostas como as das nossas abelhas. O numero de ovos e nymphas não passaria de duzentos e, quando muito, trezentos. Esta disposição dos depositos

de mel e favos da criação dava a entender que aquelles chegariam a occupar todas as paredes interiores, rendendo então uma grande quantidade de mel.

As abelhas neutras, são mais pequenas que as nossas, mais escuras e airosas. Não assim a abelha mestra.



73 — Cortiço com enxame, suspenso de uma arvore

Maior e mais grossa que a nossa abelha vulgar, é amarellada e parece nada ter de commum com as companheiras. Entretanto é muito solícita do bem estar da prole e não ha nada que a faça retirar de cima dos favos de incubação, visitando cada uma das células com infinitos carinhos.

As melliponas são absolutamente inoffensivas, não teem aguilhão para se defender nem atacar. Seria de grande alcance qualquer experiencia que tivesse por fim

domesticá-las ou com ellas obter hybridos em cruzamentos com as abelhas communs, que seriam certamente mais trataveis e faceis de manusear, o que trazia grandes progressos á apicultura.

Os pretos creio que não teem feito o mais pequeno progresso na industria da criação e exploração das abelhas. Logo que encontram um enxame no tronco duma arvore deitam-lhe fogo para o afugentar e levam todos os favos de criação e mel. Para crestar as colmeias artificiaes acendem um grande archote de palha e vão-nas defumando até que todas as abelhas se ausentem para longe em busca de outro abrigo.

Criação e mel, tudo é espremido e aproveitado, e a cera é empregada na confeição de corôas e diademas muito caracteristicos e usados pelos antigos sequazes de Gungunhana, ou vendida aos europeus por modico preço.

Duma pequena colmeia á antiga, em que um dos meus collegas da missão do Chai-Chai experimentou a criação das abelhas (*apis cafra*), tirou elle ao fim de um anno 6 litros de bom mel, o que prova quanto seria facil e proveitosa a apicultura racional e bem dirigida nessa região privilegiada sob o ponto de vista apicola.

VI

ARTES INDIGENAS

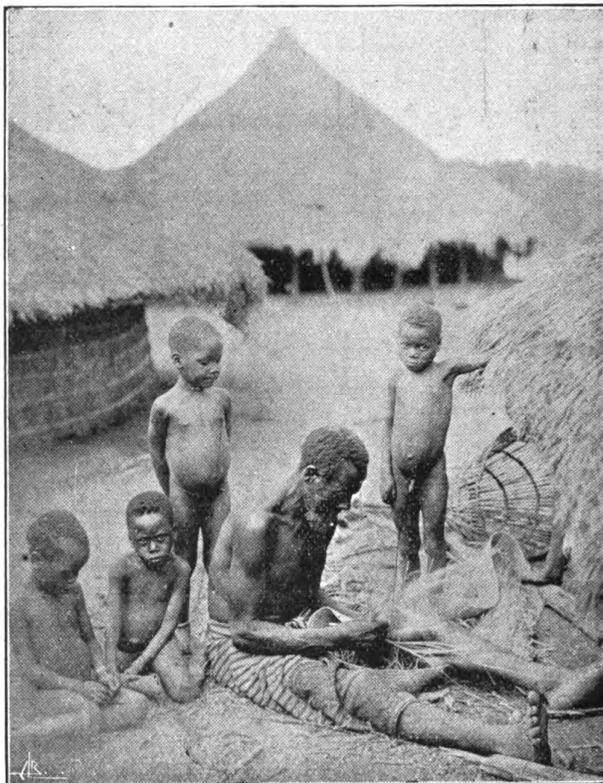
São muitas e variadas as manifestações artisticas que nos revelam os povos de Gaza, muito rudimentares, é certo, mas que não deixam de ter um valor real muito significativo, e são uma prova eloquente do muito que delles se pode esperar, uma vez que se explorem devidamente as suas tendencias especiaes. Em numerosos artefactos elles nos revelam aptidões não vulgares para tudo quanto são trabalhos de arte, alguns de perfeição irreprehensivel, e outros que nos revelam genios mais que rudimentares. Descreveremos alguns que nos darão uma pequena idéa de quanto poderão progredir nas artes, ao contacto com os povos civilisados.

TECELAGEM.— Antigamente, segundo refere Fr. João dos Santos, os cafres faziam tecidos grosseiros de algodão. Hoje, ao menos os de Gaza, não conhecem essa industria, devido talvez á introducção de pannos baratos e vistosos de importação europeia, e que elles preferem a qualquer outro vestido. Assim, ainda que imprpropriamente, os seus tecidos consistem em esteiras, açafates, cabazinhos, e outros utensilios, que fabricam das fibras de varias plantas. Os principaes são: o *sango*, o *nzava* e o *xiunzo*.

Sango.— São esteiras finas e de pequenas dimensões

que lhes servem para nellas se deitarem, para sobre ellas seccarem os grãos, a farinha depois de preparada no pilão, de porta ou forro das palhotas, de escabelo e meza de jogo, e para muitos outros usos. Estas esteiras teem geralmente metro e meio de comprido por uns oitenta centímetros de largo.

Os juncos gigantes dos pantanos, bem seccos ao sol ou á sombra, segundo o effeito que delles pretendem, são a materia prima do *sango*. Algumas vezes pintam-nos de diversas côres muito vivas e fixas, conforme os matizes que lhes querem dar. Essas tintas preparam-nas elles proprios de diversas substancias vegetaes e mine-raes, de que não pude ter noticia circumstanciada. Das folhas do ananaz e de diversas palmeiras extraem fibras muito finas e consis-



74 — Indigena tecendo um *nzava*

tentes com que tecem cordões proprios para unir entre si os juncos e formar a esteira. Com estes cordões atravessam perpendicularmente todos os juncos, no sentido da largura da esteira, ficando assim occultas no interior dos juncos, e a esteira mais perfeita e duradoira. Nalgumas partes usam de materia prima mais fina e delicada, como a *raphia*, e tingem as bordas das esteiras com muitos desenhos e arabescos elegantes e variados. Os colonos

compram aos indigenas muitas destas esteiras pela modica quantia de 200 ou 300 reis, para com ellas forrar as suas palhotas e vivendas.

Nzava.—E' um cabazinho de um a tres litros de capacidade muito usado dos indigenas para transporte de cereaes, legumes, etc. As folhas bem seccas duma palmeira muito espalhada na região (*phoenix reclinata*, Jacquin), são divididas em tiras muito delgadas e quasi sempre pintadas de vermelho, verde ou preto, para darem ao objecto um conjuncto de côres symetricas e agradaveis. O tecido é semelhante ao dos chapéus de palha, com a differença de que os *minzava* ⁽¹⁾ compõem-se de uma peça unica, excepto a aza, que é feita de fibras de diversas plantas e ajustada aos dois cantos do cabazinho, um pouco achatado á maneira de uma alcôfa, e um pouco estreito na bocca.

Do mesmo modo fazem tabaqueiras, charuteiras, que vendem nas povoações europeias do littoral, pequenos relicarios, que trazem ao pescoço e onde guardam muitas substancias e fetiches diversos.

Xiunzo.—E' outro utensilio de uso domestico, da capacidade de cinco a dez litros, havendo-os, comtudo, de mais avantajadas dimensões. Fazem-nos da maneira que cá fazemos cestos de ripas de castanho, empregando ora as folhas mais fortes de diversas palmeiras, ora ripas de madeira finamente espalmadas a machado e canivete. Os bordos são guarnecidos de um arco de madeira um pouco mais grosso e bem trabalhado, com muitos lavores de phantasia abertos á navalha e ferro em braza, o qual dá idéa de um arco de peneira. As fendas tapamnas com diversos ingredientes mais ou menos resistentes á acção da agua, entrando em sua composição a serradura de madeira.

Ha-os de feitio de meia laranja, com outro igual a servir de tampa, que com seus relevos e arabescos de côres vivas e variadas dá perfeita idéa de certos balões venezianos.

E' objeto de grande utilidade para os indigenas. Serve-lhes de cesto de transporte e deposito de quasi todas

(1) *Minzava* é forma plural de *nzava*.

as suas produções, e principalmente de ciranda e joeira para limpar os cereaes e legumes, de peneira para ir separando a farinha miuda da mais grossa que é novamente posta no pilão, seja de milho, mandioca, amendoim, arroz ou de outra qualquer produção. Acompanha sempre as mulheres quando vão ao campo, do mesmo modo que as nossas aldeãs se fazem acompanhar do seu cabazinho.

Alem destes ha ainda grande numero de outros objectos que elles preparam

das folhas das palmeiras, das fibras de variadissimas plantas, de muitos liames que se criam espontaneos nos seus bosques, mas que seria longo enumerar.



75—Mulheres com seus *xiunzo* á cabeça

MARZENARIA.—Onde os pretos revelam talvez mais aptidões artisticas é na marcenaria, com que produzem grande e variado numero de trabalhos ás vezes reveladores dum genio não vulgar. A's vezes exercitam-se em pinturas rudimentares, e como exemplo de escultura possui uma cabeça de preto, feita de madeira por um indige-

na de Gaza, de linhas tão correctas e verdadeiras, que melhor a não faria, anatomicamente falando, qualquer artista vulgar. Entretanto os seus principaes trabalhos são de ordem mais pratica, e destes apontaremos alguns apenas.

Almadias.—São barcos grosseiros cavados em troncos de arvores gigantescas e de dimensões muito variadas. Chegam muitas vezes a ter dois metros de diametro e cinco ou seis de comprimento e mais.

Para os cafres, que não se aventurariam facilmente a longas viagens pelo mar largo, essas embarcações rudi-

mentares prestam um grande serviço, não só para a pesca de peixe, esponjas, ambar, coral e conchas que se faz em muitas partes da costa, mas ainda para o insignificante commercio e troca de productos indigenas com outras tribus e com os europeus estabelecidos nas margens dos rios nas regiões mais remotas. Algumas almadias transportam cargas extraordinarias. Numa em que um meu collega fez viagem na costa de Sofala iam, alem de onze negros, uma carregaçao de trezentas gallinhas e muitos outros objectos. Uma outra viu elle que levava para um porto distante grande numero de saccas de milho. Por aqui se pode avaliar a grandeza dessa embarcaçao de um unico tronco, quasi tão denso como a agua em que fluctuava.

Estas raras vezes se arriscam a grandes travessias no mar largo, pois voltam-se muito facilmente ao embate das ondas. As suas viagens, quando no mar, são sempre muito junto á praia, e por isso muito demoradas. Assim vão muitas vezes da Beira a Sofala, seguindo sempre a costa, gastando muitos dias com grande trabalho e fadiga. Nos grandes rios, onde tenham commercio regular com outras tribus ou povoações, chegam a gastar mezes.

Estes vehiculos não tem vela nem quilha e raras vezes possuem um leme, que nem sempre é obedecido. Os remos são umas pasinhas curtas e bem trabalhadas, com as quaes tres, quatro, oito ou dez homens as vão empurrando sem as firmar nos bordos da almadia, e são ellas que geralmente fazem as vezes de leme.

Na região ao norte do Zambeze constroem igualmente barcos pequenos como almadias, mas de cascas de arvores gigantescas, nos quaes navega ordinariamente uma só pessoa e, quando muito, duas, com uma carga igualmente pequena e muito leve. São chatos e compridos, compondo-se ordinariamente de varias peças bem cosidas e ligadas entre si, o que não impede de fazerem muita agua que é necessario tirar constantemente. Em tão pequenas e frageis embarcações passeiam, pescam e divertem-se nas margens dos rios e nas praias mais bonanças em busca de conchas, esponjas e varias producções polipeiras e coralinas, que depois véem offerecer nesses mesmos esquifes ás embarcações que demandam seus portos.

Com este mesmo material e quasi pelos mesmos

processos arranjam uma especie de tinas de pequenas dimensões que lhes servem para muitos usos domesticos. Essas cascas tiradas da arvore com muita precaução, chegam a ter dois e tres metros de comprido por um e meio a dois de largo. São fortes, elasticas e muito impermeaveis. Dobram-nas nas quatro extremidades, comprimem-lhes bem os cantos e deixam-nas seccar. Com estas vasilhas vão as mulheres buscar agua, servindo mais geralmente de deposito em casa para agua, legumes e outras producções, e sua capacidade é ás vezes de tres a quatro hectolitros. Ha palhotas e povoações que possuem grande numero destas vasilhas e têm-nas em muita estimação por lhes serem de grande utilidade.

Mu*kamelo. ⁽¹⁾— E' um objecto de talha que lhes serve de cabeceira e que elles trabalham com muita minuciosidade e perfeição. E' objecto muito estimado sobretudo dos jovens recém-casados, não porque seja comodo e proprio para o descanso, mas por luxo e moda, e além de algumas esteiras, pannos, armas, panellas e missanga, é a sua unica mobilia.

Ha-os para uma unica pessoa ou para casal. O primeiro tem uns 25 centimetros de comprimento por uns 15 de altura. O segundo compõe-se de dois inteiramente iguaes e talhados na mesma peça.

A fórma mais geral que lhe dão é de um banco de quatro pernas, com suas travessas e infinitos floreados em baixo relevo; outras vezes assimilha uma meza de pé de gallo, com a superficie um tanto concava ao geito da cabeça. Todas as partes de que essa peça se compõe, os seus floreados, figuras allegóricas, rendilhados, sombreados, geralmente em baixo relevo, é tudo cavado numa peça unica, tendo ás vezes a discripção em talha de episódios perfeitamente caracteristicos e a proposito do uso que lhes dão.

Outro objecto importantissimo, onde se revelam mais claramente as suas aptidões artisticas, é a marimba e suas congeneres, de que já fallei noutro logar, não só pela execução esmeradissima da obra, mas ainda pela justeza surprehendente das leis da acustica.

(1) V. nota da pag. 85.

Entre outros objectos de marcenaria podemos ainda contar grande numero de utensilios culinarios, como são uma especie de tigelas, travessas, *colheres* e *garfos*, para mexer e preparar a comida (pois não fazem uso delles para a levarem á bocca), copos com aza e lavores muito artisticos, tabaqueiras de variadissimos typos, uma especie de relicarios onde guardam muitas mézinhas, cabos de varios instrumentos e hastes de azagaias, tudo muito bem trabalhado e cheio de miudezas de talha.



Os *batuques* (instrumento musico) e o pilão, com as demais peças que os acompanham, são outros tantos objectos que exigem muito trabalho e onde quasi sempre empregam toda a sua habilidade. As suas *nonga* (bengala), ponteirinhos de osso, madeira e chifre, e mil objectos de utilidade e adorno são todos objectos de arte de marcenaria e pintura.

CERAMICA.— Na ceramica não estão mais adiantados que os povos da idade da pedra. Os exemplares que nos oferecem são a perfeita reproducção dos que se encontram nas estações de periodo neolithico. O typo principal é a panella de barro, que chega até ao prato mais grosseiro por uma série de graus quasi imperceptiveis.

O numero e tamanho destes utensilios depende do numero da familia e do genero de alimentos mais comuns ou de outros empregos a que se destinam. Cada familia possui o maior numero que póde. Vi algumas povoações de vinte ou trinta almas que não tinham menos numero de panellas de todos os tamanhos. Outras vezes possuem apenas uma ou duas por escassez do material ou difficuldade da mão de obra.

As panellas mais pequenas podem ter apenas um litro de capacidade, e as maiores vinte, trinta e mais litros. Ha-as ainda maiores, de um ou dois hectolitros, mas o seu uso é differente. São talhas para agua, azeites e depositos de generos.

A fórmula geral da panella é a espherica, inferiormente arredondada, um pouco alongada na parte superior, tendo a bocca pouco mais de metade do diametro do bojo, com as bordas pouco salientes, sem azas nem ornatos. A grossura das paredes é proporcional ao tamanho, sendo de uns 12 a 15 millimetros para uma de 10

a 12 litros, excepto nos bordos que são mais delgados. O material é a argila preta e mais plástica que encontram e que é muito abundante nas terras de alluvião do valle do Limpôpo. São de industria puramente ca-freal e feitas segundo os processos mais rudimentares.



77—Fabricação de panellas de barro

Eis com procedem. Juntam uma boa quantidade de barro escolhido, e começam a formar á mão o objecto que desejam, que nem sempre é a perfeita reproducção daquelle que representaram na ideia.

Depois de formado o fundo vão levantando as paredes, alisando-as por dentro e por fóra com a mão molhada em agua, dirigindo-lhes a curvatura e proseguindo até ao fim.

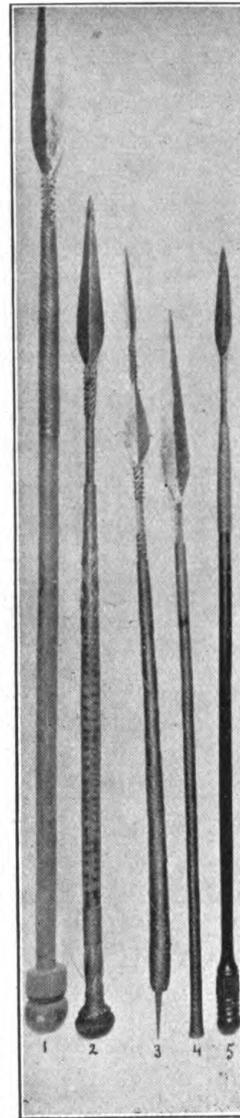
Para cada fornada não fazem ordinariamente mais de duas ou tres vasilhas, e ás vezes uma só, gastando algumas semanas nesta empreza difficil.

A cozedura é ali mesmo onde as fizeram. Juntam muita lenha grossa e miuda, dispõem-na em volta e por cima e deitam-lhe o fogo, que vão sempre alimentando com extremo cuidado até a loiça apparecer bem cozida. Elles teem muito cuidado em graduar o fogo desde o principio até sua maxima intensidade e depois até sua extincção, para que uma transição rapida lhes não inutilise tanto trabalho.

A loiça fica quasi sempre cosida em excesso, muito negra, mas forte e dura-doira, salvo quando vão de mistura com o barro algumas pedrinhas, que são, a maior parte das vezes, a causa de se quebrarem em pouco tempo.

Fazem igualmente uma especie de tijelas e grandes tijelões de cinco a dez litros de capacidade, e que não são outra coisa que as mesmas panellas apenas levadas até meio. De barro quasi não fazem outros objectos, salvo um pequeno vaso que lhes serve para tomar o fumo do tabaco.

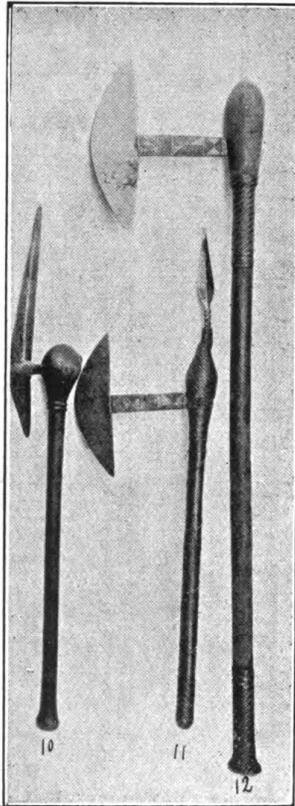
ARMAS E SEUS USOS. — Os cafres da região de Gaza, essencialmente pacificos, e mais inclinados a agricultar os campos que a guerrear seus visinhos, tornaram-se, desde a captura de Gungunhana, mais inoffensivos que mansos cordeiros. As armas que possuem são, pela maior parte, reliquias de passadas turbulencias, em que andavam sempre mettidos pelo ardor bellico e sede de rapina de um ou de outro caudilho excepcional, e que elles guardam quasi religiosamente como memoria dos heroes seus antepassados, mas de que hoje se não servem a não ser con-



78 — Differentes typos d'azagaia

tra as feras, ou como insignia e adorno, ou ainda como instrumento util nos serviços domesticos ou do campo.

As suas armas principaes são: azagaias, machadinhas, frechas, grandes alfanges, facas de matto, uma especie de moca muito pesada e curta cheia de pregos



79 — Machados de guerra

na extremidade inferior que é grossa e espherica como uma grande laranja, e, como accessorio, uma rodela ou escudo de coiro crú, bem guarnecido de tiras do mesmo coiro para lhes dar mais consistencia, de forma eliptica, ás vezes de mais de um metro no sentido do maior diametro. Este serve-lhes para defender o corpo dos golpes do inimigo, e trazem-no enfiado no braço esquerdo, manejando as armas com o direito.

Os alfanges e facas de matto parece serem muito recentes no meio delles, de introdução europeia e mais para o serviço dos campos que para a guerra. Assim tambem muitos delles possuem espingardas, quasi sempre de systema antigo, evidentemente introduzidas pelos europeus e de que só se servem contra alguma fera que lhes invada o territorio, ou na destillação de suas bebidas, servindo-se dos canos das mesmas. Em geral teem boa pontaria, mas essa arma causa tanto terror á maior parte por seus

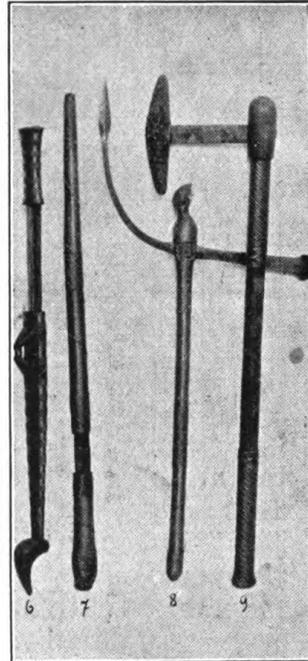
effeitos surprehendentes, que só com muita difficuldade se atrevem a tocar-lhe, temendo que ella seja o involucro do terrivel *xikuembo*, uma especie de encarnação do espirito diabolico e malfazejo. Para dispersar uma turba immensa de pretos bem armados basta apontar-lhes uma arma de fogo, ainda que elles tenham a certeza de que não tem bala. O seu panico e terror são indescriveis.

As outras sim, que são armas propriamente cafreas,

e algumas terríveis, como é a azagaia, que certamente devia representar um papel importantissimo nas antigas guerras destes barbaros.

A azagaia é nem mais nem menos que uma pequena lança de arremesso. A haste raras vezes attinge mais de um metro. E' de madeira muito rijá, quasi sempre um pouco carbonizada para maior consistencia, de dois centímetros de diametro. A lamina é de ferro ou aço temperado, perfeitamente da forma de uma lança ordinaria, não tendo, porém, geralmente, mais de dez a doze centímetros de comprimento e dois ou tres na maior largura. E' muito afiada na ponta e nos dois gumes. Inferiormente tem uma aspa comprida e forte que se crava na haste, sendo alem disso amarrada uma á outra por forte tecido de fio de ferro ou cobre.

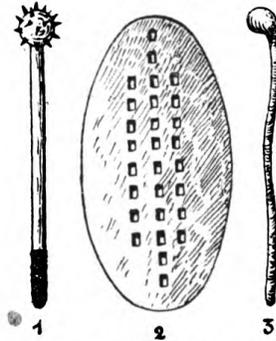
Ignoro se os cafres desta região fabricam as suas azagaias, como fazem mais para o norte e para o interior. Ahi teem elles as suas forjas, bigornas de pedra, martellos ordinariamente tambem de pedra, foles rudimentarissimos feitos de pelles de cabra, e outros utensilios absolutamente indispensaveis a esse mister. Numa viagem que um meu collega missionario fez pelo interior do mato até quasi a Rodésia encontrou varias destas officinas, onde os pretos trabalhavam principalmente em azagaias, que para os povos mais visinhos da costa teem a celebridade que em tempos tiveram entre nós as toledanas. E por isso os moleques que o acompanhavam, e que eram quasi todos das regiões da Zambezia, ahi ajustaram um certo numero dessas armas que deviam pagar á volta, o que effectivamente fizeram, levando cada um algumas de diferentes tamanhos, ás quaes não cessavam de tecer os maiores elogios. O serem os do interior mais peritos nestas artes rudimen-



80 — Machados e clavas de guerra

tares que os do littoral, deve-se principalmente á facilidade que estes teem de se fornecer dos mesmos objectos e de outros melhores por via dos europeus que ahi teem commercio, e que em tudo procuram explorar os seus gostos e inclinações.

Os pretos servem-se da azagaia, ou combatendo com o inimigo corpo a corpo, á maneira de lança, ou



81 — 1: Clava; 2: Escudo de coiro crú;
3: Outro genero de clava

arremessando-a ao longo contra o alvo. Este creio que foi sempre o modo mais commum e terrivel de combate, pela certeza da pontaria, como vimos, fallando dos seus principaes jogos. Hoje só poderão fazer guerra aos animaes bravios. Fora destes casos excepçoes, a azagaia é antes um objecto de luxo que elles trazem como nós uma bengala.

As machadinhas propriamente cafreaes teem pouca importancia como arma de combate; teem, porém, algum valor para outros usos e como manifestação de arte. Suas laminas são muito compridas e estreitas, enfiadas num cabo curto e muito artisticamente trabalhado. Ordinariamente servem-se delle no corte e talhe das madeiras, e ainda para derrubar arvores de grande diametro, no que levam ás vezes semanas e mezes. Similhanças a estas ha outras machadinhas mais fracas (*xihloka*), de que os feiticeiros usam na cura das enfermidades, cortando com ellas o ar, como ainda por cá se pratica com a tesoura e outros instrumentos para talhar o *quebranto* e *mau olhado*.

Uma arma ainda muito em voga é o arco e a flecha. O arco é de madeira muito forte e consistente, aparelhado com muito esmero e perfeição. Ha-os de mais de dois metros de comprido. A corda é ordinariamente de coiro crú de boi, bem entrançado, e tambem as ha de certos liames muito rijos e de outras fibras. As flechas constam de tres peças. A farpa, de pau durissimo e carbonizado, aguçada na ponta e com varios dentes de serra, não é possivel arrancá-la da ferida sem a rasgar. Depois segue-se a haste, de canna ou pau muito leve, de um metro ou pouco mais de comprido, com

uma penna larga na extremidade inferior para a dirigir no ar. Devia ser terrível esta arma sobretudo quando lhes envenenavam a ponta; contudo parece fazerem melhor pontaria com a azagaia. Hoje apenas lhes serve para atirar aos passaros e pouco mais.

A moça, de que falei, cheia de pregos na esfera que a termina, devia ser uma arma terrível nas luctas corpo a corpo; hoje parece ser objecto de luxo e insignia de muito poucos.

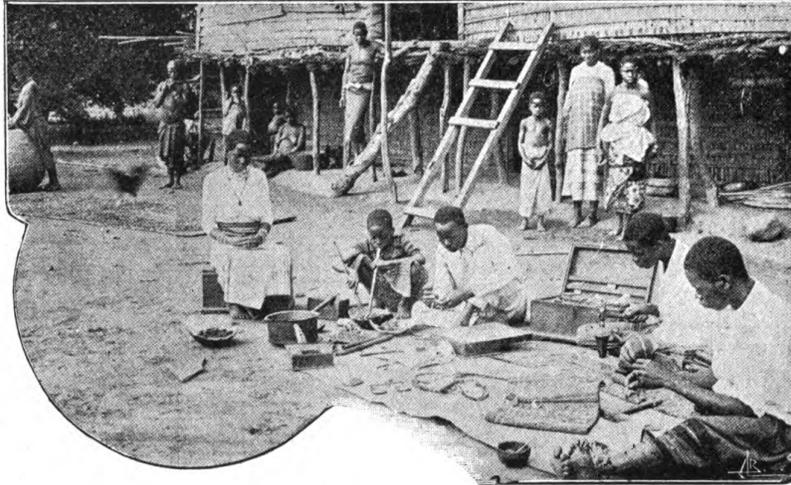


81 — Pulverizando minerio

O que é notável é que todas estas armas que em tempos remotos deviam espalhar o sangue e a destruição por toda a parte, actualmente são quasi todas empregadas exclusivamente em varias operações agricolas ou na caça, e a sua mesma forma se vae modificando e adaptando aos novos usos, á medida que os pretos se modificam em seus costumes e instituições.

Antigamente os negros extrahiam muito ouro de suas abundantes minas, sobretudo nos antigos reinos de Quitêve e Monomotapa, mas parece que lhes servia para trocar aos arabes e depois aos portuguezes por outros productos da sua estimação. A maneira como elles extrahiam o ouro era por meio de lavagens, separando-o da terra onde se encontrava em grande quantidade. Hoje não sabem ainda outro processo, salvo os que o tem aprendido ao contacto com os europeus. E' de pre-

sumir, pois, que nunca tenham sabido aproveitar o ouro como adorno, sujeitando-o aos caprichos da arte e do bom gosto. Hoje encontra-se entre elles, principalmente nas regiões do norte, muitos joalheiros, mas não ha duvida que essa arte lhes foi communicada princi-



83— Joalheria indigena

palmente pelos mouros e orientaes, de mãos delicadissimas para as obras mais finas e perfeitas da ourivesaria, não obstante suas ferramentas serem quasi sempre poucas e grosseiras. Os pretos tambem executam com suas mãos grosseiras, mas de tacto finissimo, os brincos mais primorosos em todas as suas minuciosidades, substituindo com uma paciencia de santo os instrumentos mais indispensaveis aos seus collegas civilizados.

VII

POVOS EXOTICOS

E

SUA INFLUENCIA NO MEIO INDIGENA

Ha mais de onze seculos que a Africa Oriental se encontra sob a influencia muito directa de povos mais ou menos civilizados. Os primeiros que nella se estabeleceram foram os arabes, de cuja emigração falla o snr. Conselheiro Ayres d'Ornellas nos seguintes termos: «739 annos depois de Christo, pouco mais dum seculo depois da Hegira, um grupo de islamitas batidos, os *Emozaidas*, deixavam a Arabia sob o commando de Zaid, neto de Ali, e estabeleciam-se na costa oriental d'Africa. Mas as luctas religiosas ainda ali continuaram entre elles e foram pouco a pouco retirando-se para o interior e misturando-se com os indigenas.»

«Cerca de 930 outra leva de arabes sob o commando de sete irmãos fundava *Moguedchou* (Magadoxo) e pouco depois *Bravua* (Brava) fugindo ás perseguições do Sultão de Baharem. Setenta annos depois o filho dum sultão moiro de Schiraz fundava Quiloa e os arabes estabeleciam-se em Sofala d'ahi a cousa dum seculo. Já então tinha Quiloa o predominio sobre os outros estabelecimentos da Costa, e á fundação da feitoria de Sofala seguiu-se bem depressa a de outra no interior de Monomatapa; assim o monopolio do commercio do oiro ficou seguro em Quiloa até que nós a expoliamos delle.»

Data pois do seculo oitavo o primeiro estabelecimento dos arabes na costa oriental africana, e chegam até Sofala ahi pelo fim do seculo onze. A denominação que ainda hoje lhes dão os indigenas, de *monhé* (*mue-nhe, proprietario, patrão, senhor*), é uma prova mani-

ifesta da antiguidade e prioridade do seu estabelecimento entre elles.

A causa principal que impelliu os arabes para as costas da Africa Oriental, foram, como se vê, as luctas e perseguições religiosas, mas elles bem depressa se tornaram audazes conquistadores, mais pela politica e penetração commercial que pela força das armas. O seu espirito de tolerancia, filho das recentes perseguições, a necessidade de



84— Monhés de origem europeia

se firmarem num paiz estranho e hostile, ardendo ainda em continuas revoltas, e de estender o seu commercio no meio dum povo que lhes mostrava desde as suas selvas abundancia de ouro e marfim, constrangeram-nos a adoptar para com o negro uma politica de tolerancia, de liberdade e paz; obrigaram-nos muitas vezes a imitar e a prefilhar até as suas institui-

ções, as suas leis, usos e costumes, e principalmente a sua lingua, não cuidando por outra parte de os forçar a seguir a religião de Mafoma, que afinal nada iria accrescentar á fé daquelles selvagens.

Perfeitamente casados com os povos conquistados, quasi identificados com elles, desde ha muitos seculos, os arabes já não faziam, pela maior parte, uma differença muito marcada dos indigenas, quando as nossas conquistas se começaram a desdobrar por todas as partes do Oriente. Nos costumes, na religião, nas instituições e organização social, approximavam-se muito das tribus africanas. A côr já mal os distinguia, a lingua era a mesma, e o sangue que lhes corria nas veias nem era inteiramente arabe nem totalmente africano. A mestiçagem era manifesta, desde o sangue até ás ultimas manifestações intellectuaes e sociaes.

Mais tarde, com o progresso das novas conquistas, vieram tambem estabelecer-se no meio dos negros africanos numerosas colonias indianas, *banianes*, (*commerciantes*), sobretudo, que não tardaram, por sua vez, a identificar-se com o meio onde haviam de desenvolver toda a sua actividade. Mais tolerantes ainda que os mahometanos, os indios não fazem propaganda alguma de suas ideias; cuidam do seu commercio, vivem em paz com os indigenas, não tomam interferencia alguma nos seus negocios, respiram e assimilam o ambiente moral e social em que se encontram.

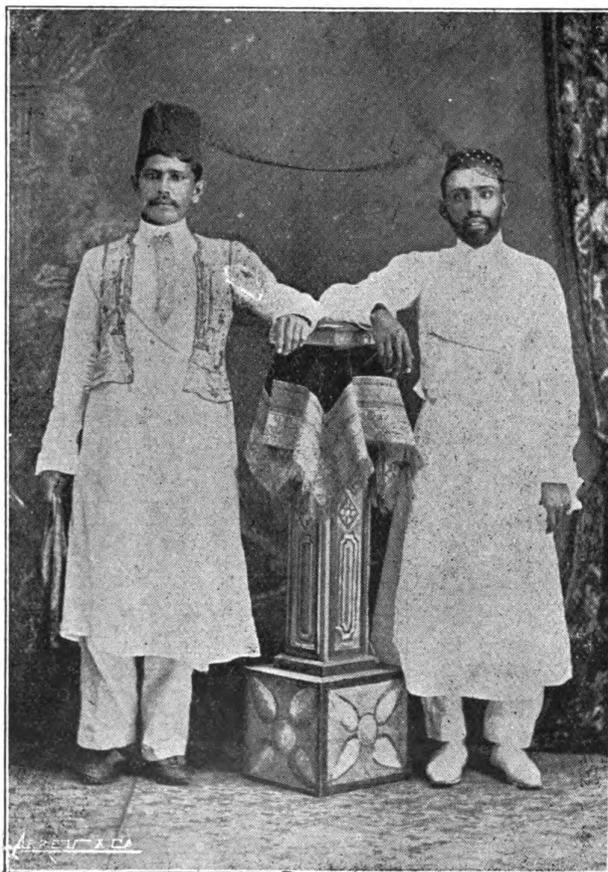
Ora, se estes diferentes nucleos de povos, incontestavelmente superiores em tudo, se fundiram em grande parte com os indigenas selvagens, pela força irresistivel do meio em certo modo fatal, e pela absorpção do maior numero, e até por uma certa necessidade da sua organização social, com quanta mais razão não assimilariam os indigenas uma grande dose daquella civilização que os deslumbrava, daquelle esplendor que durante seculos lhes feriu a curiosidade, sendo elles tão propensos a imitar aquillo que observam nos povos que reputam superiores?

E na verdade, quem estudar de perto e comparar todas as manifestações de vida, dos povos puramente selvagens, com as daquelles que durante mais tempo viveram em contacto com aquelles povos, e quasi identificados com elles, não só encontrará logo uma differença

notavel, mas terá occasião de registrar numerosissimos vestigios principalmente da civilização arabe. A culinaria e a indumentaria, os contractos matrimoniaes, as idéas religiosas e a lingua fizeram progressos palpaveis. As artes, a agricultura e o commercio ainda hoje se resentem da influencia arabe, sobretudo nos paizes do norte. A religião do Profeta ainda é observada por muitas tribus e povos da Africa Oriental, e alguns preceitos do

Korão fazem parte do seu código religioso ou simplesmente social.

Os dialectos indigenas sofreram grandes modificações, existindo mesmo desde o Zambeze ao Guardafui uma *lingua franca*, em que vinte e cinco por cento do seu vocabulario é arabe corrompido, segundo o testamento do snr. Conselheiro Ayres d'Ornellas, o qual accrescenta que «*a influencia arabe simplificou-lhe a grammatica,*



85—Monhés d'origem asiatica

e deu-lhe uma dicção copiosa, apta para exprimir quasi todas as idéas com precisão e clareza.»

Vejamos agora num esboço rapido os principaes caracteristicos e o modo de vida dos differentes povos que teem vivido em contacto mais permanente com os

indigenas, o que nos ajudará a fazer um juizo mais exacto da sua influencia no meio indigena.

MONHÉS.—De origem arabe, mas com laivos de sangue persa, indiano ou africano, segundo a sua origem proxima, o *monhé* de hoje é talvez mais colono temporario que indigena, não obstante, em suas relações com o meio, seguir perfeitamente as tradições dos seus maiores. Os seus caracteres typicos são approximadamente os mesmos em todos. Altura regular, rosto comprido, nariz aquilino, traços correctos, côr morena, cabello d'azeviche, membros delgados e flexiveis. De genio bastante servil e adulator, em serviço duma cupidez insaciavel e mesquinha, são duma psychologia notavelmente acanhada e dum moral muito degenerado. Astuto e de grande esperteza para o pequeno commercio, desenvolve uma extraordinaria habilidade na escamoteação de quantas pequenas moedas sonha no bolso dos indigenas.

O seu vestuario é todo caracteristico. Uma calça larga, ordinariamente de panno branco e ligeiro, de linho ou algodão, uma especie de habito talar, ou grande camisa, do mesmo panno, que desce até abaixo do joelho, um collete muito curto e estreito, sem botões, bordado a galão, ás vezes de seda e muito rico, eis todo o seu vestuario. Na cabeça trazem um pequeno bonet, um grande turbante ou o bonet caracteristico dos turcos e outros orientaes. O seu calçado são geralmente umas sandalias muito ligeiras, e não usam meias.

As suas habitações, pequenissimas e immundas, sem ar nem luz, verdadeiras luras repelentes onde habitam grande numero de pessoas, são sempre nos sitios mais escusos, mais retirados e esquecidos, o que tudo fazem por uma sordida economia. Juntamente com infinita variedade de mercadorias amontôam os moveis domesticos, os catres, e durante a noite é no pavimento, nos balcões, por cima das mercadorias que dormem padrões e creados.

Fanaticos pelo Profeta, mas não fazendo propaganda das doutrinas do Korão, são muito hospitaleiros, e ninguem lhes bate á porta a quem não offereçam logo do seu tabaco, do seu chá, uma refeição frugal e um canto da casa para passar a noite.

BANIANES.—Assim se chamam os indios, budhistas de religião, que se apartam do seu paiz para exercer o commercio. Raça muito inferior á precedente, são geralmente baixos de estatura, de cabeça pequena, formas arredondadas, linhas pouco definidas, de olhos pequenos, pretos e vivos, nariz pequeno, um pouco achatado e sem expressão, côr muito trigueira e baça, e aspecto languido e efeminado. De espirito concentrado, como quem procura desde já identificar-se com *Nirvana*, são duma psychologia muito acanhada e dum senso moral inferior ao dos *monhês*. Indolentes e apaticos, passam os dias num extraordinario recolhimento, absortos numa contemplação de ascetas consumados, já em limitadissimos movimentos no interior de suas espeluncas, já sentados dum modo muito particular e grutesco nas bordas dos balcões ou no estreito peitoril das janellas.



86—Banianes gentios junto á sua deuzza

São duma sordidez sem igual, e as doutrinas de Budha tanto lhes prohibe matar a vacca, objecto dum culto particular, como o microscopico parasita que lhes atormenta o corpo. O seu vestuario é muito original, como se pode vêr nas fig. 86 e 87. A cabaia, sobretudo, dá-lhes um tom caracterisco inconfundivel. E' uma especie de

lençol de tela branca, com que envolvem o tronco, prendendo adiante uma das pontas a um cinto e a outra atrás, depois de a passarem por entre as duas pernas. Com este vestuário original e commodo para paizes quentes mal conseguem tapar a nudez das partes inferiores do corpo que se descobrem a qualquer movimento.

As suas habitações são ainda mais hediondas que as dos monhés, em sitios mais escusos e abandonados, geralmente no meio do matto, sem ar, nem luz, nem limpeza de casta alguma, verdadeiros focos de insalubridade e immundicie. Empregam-se nos mesmos misteres que os *monhés*, e sendo tão frugais e de tão limitadas exigencias, contentam-se facilmente com o mais pequenino lucro, que com toda a suavidade arrancam aos indigenas a troco de mil bugiarias. A sua alimentação consta de arroz e alguns outros productos vegetaes.

As substancias animaes são-lhes inteiramente vedadas, exceptuando o leite, por não conter germe de vida. São muito pacificos e soffredores, sendo por isso não raras vezes victimas de doestos e oppressões da parte de colonos deshumanos e crueis.

Alem do commercio, muitos se empregam tambem noutros misteres, já em trabalhos mechanicos ou manuaes, como na ourivesaria e joalheria, já em pequenas industrias que elles exploram com a maior constancia comtanto que deixe algum pequeno lucro. Uma das industrias que alguns exercem é a de prestidigitador e domador de serpentes, com que vão ganhando a vida



87 — Vendedor de manilhas

á custa dos curiosos. Em certa occasião vi um destes espectaculos em que entravam em scena duas enormes serpentes, uma das quaes a *naja* ou *cobra capello*. O domador deixava-se morder pelo venenoso e mortifero reptil, e, fingindo uma grande dôr, esfregava a mão com um ingrediente qualquer para nos fazer acreditar na maravilhosa virtude do especifico. Mas, segundo me disseram, a mordedura destas serpentes não é mais perigosa que a de qualquer reptil inofensivo, pois que lhes foi previamente arrancado o farpão que inocula o veneno.

De muitas outras partes orientaes ha maior ou menor numero de colonos na provincia, como por exemplo os *bathiás*, os *canarins*, os *chinezes*, que se occupam na agricultura e em varios officios, e muitos outros que seria longo enumerar.



88 — Domador de serpentes

BOERS.— Foi em 1652 que se estabeleceram no Cabo as primeiras colonias hollandezas, augmentadas, passados 33 annos, com cerca de trezentos calvinistas que a intolerancia dos francezes expulsou da patria. Amigos da liberdade e da independencia, a sua organização social foi desde o principio verdadeiramente patriarcal. Cada qual possuia e cultivava a sua grande quinta, onde sustentava numerosos rebanhos, e deste modo cada familia era para assim dizer uma nacionalidade. As grandes vicissitudes porque passaram, por amor á sua independencia, é que mais vezes os unia como um só homem, para combater já os inglezes, já as phalanges desordenadas dos potentados indigenas. Todas estas circumstancias especiaes em que se encontraram, lhes impunham como um dever patriotico, como uma necessidade indeclinavel,

a sua aproximação dos indigenas, de quem haviam mister para tudo, até para a conquista pacifica do solo.

Foi assim que os Boers começaram logo por atrair a si os indigenas, a associá-los á sua causa, a iniciá-los num certo progresso, no aperfeiçoamento da cultura do solo, na aprendizagem das artes, num modo de vida em fim mais conforme ao grau de civilisação em que elles proprios se encontravam. Os indigenas que os rodeavam estabeleciam deste modo uma escala de transição entre o povo selvagem e o Boer civilisado, que por sua parte não deixou de assimilar uma certa dose de usos e costumes indigenas.

A sua influencia como meio civilisador do indigena, ou antes como modificadora de suas instituições, usos e costumes, numa escala mais ou menos progressiva, é manifesta, como igualmente se deprehe de das *Memorias* de Kruger.

Esta influencia pode dizer-se que se estende em toda a Africa Austral desde o Cabo até ao Congo e aos Lagos. Effectivamente, cansados de tantas e tão repetidas perseguições, muitas familias se internaram a pouco e pouco pelos sertões dentro, estabelecendo-se em toda a parte a infinitas distancias uns dos outros. Após a ultima guerra anglo-boer, centenaes de familias abandonaram o solo patrio, e se internaram no continente negro entregues a Deus e á ventura, mas livres como os filhos das selvas. Muitos vieram estabelecer-se no valle do Limpôpo, e noutras partes da provincia, e vivem pela maior parte uma vida errante, já quasi esquecidos da civilisação, absorvidos em parte pelo meio indigena, falando a sua lingua, praticando os seus costumes, cafrealizados emfim quasi totalmente e dando-nos o exemplo frizante do mais notavel retrocesso.

Destes uns cultivam a terra e pastoreiam os seus re-



89—Colono chinês

banhos, outros occupam-se de carretos para as partes mais remotas do interior, em seus carros classicos, puxados por numerosas juntas de bois ou jumentos e onde muitas vezes transportam familia e haveres.

Qual seja a influencia exercida pelo Boer na modificação do indigena, é facil adivinhá-lo, attenta a imprescindivel necessidade que teem um do outro. Mas é certo tambem que essas pequeninas sementes de civilização, comquanto se não percam de todo, pouco hão de avultar no *mare magnum* do meio indigena.

CRUZAMENTOS.—Uma das consequencias de tanta variedade de povos, pela maior parte celibatarios ou pouco escrupulosos da guarda da fé conjugal, collocados num meio onde o sentido genesico se refina duma maneira notavel, e onde tudo concorre para facilitar as relações sexuaes de colonos e indigenas, são os cruzamentos, donde resulta um grande numero de mestiços das mais variadas procedencias. Estes productos híbridos, que alguns julgam um elemento destinado a substituir em certo modo o indigena, intellectual e moralmente, um termo medio entre o selvagem e o homem civilizado, creio que nunca poderão corresponder á sua esperança optimista.

Sob o ponto de vista de aperfeiçoamento de raças julgo serem mais prejudiciaes que vantajosos estes cruzamentos. E isto tem facil explicação. O colono é geralmente um typo mais ou menos degenerado physica, physiologica e até moralmente. Homens que vivem constantemente numa lucta desproporcional pela vida, affectados de impaludismo mais ou menos renitente e de toda a casta de doenças venereas, fructo de muitos abusos e excessos, cortados do alcool, com o organismo enfraquecido e debilitado por multiplas causas, que certamente valia bem a pena estudar, cruzando com mulheres em pouco melhores condições do que elles, a sua prole apresenta geralmente taras indeleveis da mais pronunciada degenerescencia, principalmente physica e physiologica. O cruzamento das raças europeias com as raças africanas, só podia dar productos robustos e em todo o sentido melhorados, em condições muito diversas. Os mestiços são por via de regra tão estupidos como os selvagens, e de instintos talvez um pouco in-

feriores aos delles. Physicamente são debeis, franzinos, cheios de humores morbidos e pouco saudaveis. Por outra parte ha mestiços em cujas veias corre o sangue das mais diversas raças. O sangue de todas as nacionalidades europeias mistura-se em proporções variaveis ao sangue do indú, chinez, mourisco, puro arabe, abexim, americano e de todas as raças e tribus africanas.

Ha mestiços que por successivos cruzamentos voltam ao puro branco europeu, e outros por via opposta chegam ao negro retinto dos filhos das selvas, com todos os seus caracteristicos physiologicos e anthropologicos. O que não pode deixar duvida é o resultado



90— Algumas bellezas indigenas ao serviço dos colonos

mais que negativo destes cruzamentos, pois muito longe de concorrerem para melhorar a raça negra, antes a degeneraram e deterioram.

Quanto á influencia civilisadora do colono europeu, quando ella tem um alvo bem definido, e assenta em principios scientificos, baseados no perfeito conhecimento dos povos que se devem civilisar, e se pretendem ajustar, não a uma civilisação já feita, mas á capacidade do povo que se quer elevar a essa civilisação, o seu valor é duma ordem muito superior a todas as influencias que vimos apontando. Infelizmente nós ainda não comprehendemos esses principios, ainda não começamos a civilisar o preto. E' certo que nunca o poderiamos elevar á altura da nossa civilisação. Nem o preto tem capacidade para tanto, nem o meio lh'o permittiria; mas com os nossos processos civilisadores, com meia duzia de missões espalhadas em vastissimas provincias, e com outros tantos colonos adventicios, que ahi vão apenas de corrida grangear alguns meios de subsistencia, para vir gastar na metropole, absolutamente indifferentes,

portanto, ao progresso daquelles povos, a civilização do indigena adeantará tanto em quatro seculos futuros como o que adeantou noutros tantos que passaram desde a conquista. Ha, é certo, alguns indigenas civilizados, mas isso teem-no conseguido casualmente, á força dum contacto permanente e muito longo com o meio europeu. Mas são esses capazes de legar a seus descendentes a mais pequena parcella de civilização e progresso? Uma vez desamparados do colono ou do missionario, ou misturados na grande massa das populações selvagens, tudo se evaporou, não restam vestigios de civilização! O selvagismo manifesta-se logo em toda a sua pureza, o novo selvagem nem já se lembra que esteve entre um povo civilizado! Só a acção constante, methodica, racional, que durasse seculos, duma população colonial capaz de absorver em certo modo a população indigena, e que se visse obrigada a interessar-se pelo levantamento intellectual e moral do selvagem, seria capaz, não certamente de os fazer comprehender perfeitamente a civilização, mas de lhes desbistar grande parte do seu selvagismo, de os tornar uteis a si, á patria e á humanidade. Esse papel não sei se nos estará reservado, tão pouco nos interessa o primeiro dos deveres dum povo colonial.

FIM

INDICE

	PAG.
Prologo	5
I — EM VOLTA DO CHAI-CHAI	11
1 — Aspecto da região	11
2 — Flora e fauna	21
3 — Meteorologia.	36
II — Os povos DE GAZA.	41
1 — Esboço historico dos povos bantu	41
2 — Raças e caracteres	54
3 — Accidentes da vida indigena	68
4 — Lingua, numeração, moeda e chronologia	75
III — INSTITUIÇÕES SOCIAES.	87
1 — Casamento	87
2 — Criação e emancipação dos filhos	99
3 — Realeza	108
4 — Justiça	117
5 — Crenças religiosas	125
6 — Ritos funebres	132
7 — Feitiçaria	138
IV — COSTUMES INDIGENAS.	145
1 — Aldeias e palhotas	145
2 — Occupações domesticas	154
3 — Refeições	164
4 — Misteres da mulher	170
5 — Batuque	176
6 — Jogos	194
7 — Vestuario e ornatos	198
8 — Saudações e cumprimentos	210
9 — Emigração e principaes misteres dos emigrados	214
V — AGRICULTURA INDIGENA	226
1 — As machambas	225
2 — Cultura dos cereaes	236
3 — Cultura das principaes leguminosas	246
4 — Tuberculos e raizes	250

	PAG.
5 — Arvores e outras plantas fructiferas e industriaes .	255
6 — Animaes domesticos, caça e pesca	274
VI — ARTES INDIGENAS	287
VII — POVOS EXOTICOS E SUA INFLUENCIA NO MEIO INDIGENA .	301

ILLUSTRAÇÕES

FIG.	PAG.
1—Aldeia do Mutundo	5
2—Escola d'Artes e Officios	8
3—Banda da Missão da Beira	9
4—Capella da missão de S. José de Mongué.	10
5—Plano da missão do Chai-Chai	11
Propriedade agricola de David Cagi	13
6—Curiosos examinando um crocodillo apanhado no rio Limpôpo	16
7—Edificio da camara municipal de Gaza (Chai-Chai).	19
8—Trabalhos agricolas no Chai-Chai	20
9—Exemplar da flora	22
10—Floresta devastada.	23
11—Hyppopotamos	24
12—Corvo malhado de branco	25
13—Ninho de tecelão	26
14—Um bufalo	27
15—Uma caçada aos crocodilos	28
16—Môrro construido pela salalé (formiga branca)	32
17—Carta da grande região onde se espalham as raças <i>bantu</i>	42
18—Guerreiro zulo	44
19—Fortaleza de S. Caetano de Sofala.	48
20—Macequece	49
21—Vatuas. Antigos soldados do exercito colonial	55
22—Typo da Africa Central	59
23—Typos da <i>raça bantu</i> , pertencendo particularmente á familia <i>vatua</i>	61
24—Uma preta branca	72
25—Principaes dialectos da lingua <i>bantu</i>	76
26—Indigenas no traje caracteristico de circuncisos	92
27—Como levam os filhos	100
28—Typo de peitos excepcionalmente desenvolvidos	102
29—Duello entre os cafres	121
30—Um feiticeiro em seu traje typico	140
31—Um feiticeiro fazendo esconjuros	142
32—Aldeia indigena.	146
33—Construcção de uma palhota	148
34—Aldeia com cosinha á esquerda e córte de gado ao centro	149
35—Grande aldeia indigena	151
36—Mulheres na sua faina diaria	155
37—Narguilhé primitivo	159
38—Ku-xuxa	160
39—Utensilios culinarios	166

FIG.	PAG.
40—Uma familia tomando a refeição	167
41—Mulheres vindas da fonte	174
42—Batuque	176
43—Dança popular ordinaria.	178
44—Varios instrumentos empregados no batuque	179
45—Marimba	180
46— <i>Maxongolo</i> acompanhado de cinco marimbas e outros instrumentos	182
47—Xitende, batuta e fau.	184
48— <i>Massessa</i> executada em Lourenço Marques perante D. Luiz Philippe.	187
49— <i>Xilembe</i> ou dança de todos os sexos e edades	189
50—Chuvha	196
51—Mulheres em traje festivo nalguns centros do littoral	199
52—Columna de soldados indigenas.	214
53—Embarque de <i>magaissas</i>	215
54—Transporte em <i>maxila</i>	216
55—Carregadores indigenas	217
56—Marinheiros indigenas	220
57—Moleque levando a comida para o patrão	221
58—Rikshauw	222
59—Os carros da Beira.	223
60—Mulher cultivando o solo.	227
61—Instrumentos agricolas	234
62—Sorgho	240
63—Malhando o sorgho.	241
64—Colheita do arroz	244
65—Amendoim (<i>Arachis hypogæa</i> , L.)	248
66—Batata doce, planta completa	251
67—Dioscorea batatas	252
68—Bananeiras	263
69—Vendendo bananas e outros fructos	264
70—O ananaz.	265
71—Arco e setas de caça	281
72—Cortiço feito do tronco de uma arvore, vasio e aberto	283
73—Cortiço com enxame suspenso de uma arvore	285
74—Indigena tecendo um <i>nzava</i>	288
75—Mulheres com seus <i>xiunzo</i> á cabeça	290
76—Copo de madeira	293
77—Fabricação de panellas de barro	294
78—Diferentes typos d'azagaia	295
79—Machados de guerra	296
80—Machados e clavas de guerra	297
81—Clava, escudo de coiro crú e outro genero de clava	298
82—Pulverizando minerio.	299
83—Joalheria indigena.	300
84—Monhés d'origem europeia	302
85—Monhés d'origem asiatica.	304
86—Banianes gentios junto á sua deuzia	306
87—Vendedor de manilhas.	307
88—Domador de serpentes.	308
89—Colono chinez	309
90—Algumas bellezas indigenas ao serviço dos colonos	311

ERRATAS

Não são numerosas nem graves as incorrecções que, por lapso de revisão, ficaram impressas n'este livro; no entanto aqui se corrigem aquellas que ao fim da obra podemos notar.

Pag.	Linha	Onde se lê	Leia-se
7	3	5 de maio	1 de maio
9	25	avenida D. Amelia	avenida D. Carlos
21	14	corpalento	corpulento
31	12	Lavera	Laveran
45	32	Como dos caracteres	Como um dos caracteres
45	35	misturados	mistura dos
47 e 48		Mauena	Maueua
51	21	destas cafres	destes cafres
51	31	perconceitos	preconceitos
120	35	manchamba	machamba

